

ISSN 1413-9243

TEXTOS NEPO

41

Campinas, Setembro de 2002

*Estar Aqui, Estar Lá ...
uma cartografia da vida entre
o Brasil e os Estados Unidos*

GLÁUCIA DE OLIVEIRA ASSIS



Reitor
Prof. Dr. Carlos Henrique de Brito Cruz

Vice-Reitor
Prof. Dr. José Tadeu Jorge

Pró-Reitor de Desenvolvimento Universitário
Prof. Dr. Paulo Eduardo M. R. da Silva

Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários
Prof. Dr. Rubens Maciel Filho

Pró-Reitor de Graduação
Prof. Dr. José Luiz Boldrini

Pró-Reitor de Pesquisa
Prof. Dr. Fernando Ferreira Costa

Pró-Reitor de Pós-Graduação
Prof. Dr. Daniel Joseph Hogan

Coordenadoria de Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa
Prof. Dr. Eduardo Guimarães

Coordenador do Núcleo de Estudos de População
Prof. Dr. José Marcos Pinto da Cunha

FICHA CATALOGRÁFICA

Assis, Gláucia de Oliveira.

Estar Aqui, Estar Lá ... uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos / Gláucia de Oliveira
Assis. - Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, jun.2002.
170p.

(Estar Aqui, Estar Lá ... uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos, TEXTOS NEPO 41).

1.Emigração Brasileira - Estados Unidos . 2.Governador Valadares-Migração. 3.Brasil. 4.Estados Unidos.
I.Título. II.Série.

Índice para catálogo sistemático

1. Emigração – 301.328
2. Migração – 301.328

Publicações Nepo/Unicamp

Roberto Luiz do Carmo

E-mail: publica@nepo.unicamp.br

SÉRIE TEXTOS NEPO

TEXTOS NEPO é uma publicação seriada do Núcleo de Estudos de População da Unicamp, tendo sido criada em 1985 com a finalidade de divulgar pesquisas realizadas no âmbito deste Núcleo de Estudos. Apresentando uma vocação de cadernos de pesquisa, nestes seus dezessete anos de vida foram publicados quarenta e um números – incluindo este – relatando trabalhos situados nas áreas temáticas correspondentes às linhas de pesquisa do Nepo.

Desde então, esta publicação vem sendo distribuída para instituições especializadas na área de Demografia, ou mesmo dedicadas a áreas afins, no País e no exterior, além de ser objeto de constante consulta no próprio Centro de Documentação do Nepo. Essa distribuição é ampla, abrangendo organismos governamentais ou não governamentais – acadêmicos, técnicos e/ou prestadores de serviços.

José Marcos Pinto da Cunha
Núcleo de Estudos de População
Coordenador

Roberto Luiz do Carmo
Núcleo de Estudos de População
Coordenador Associado
e Responsável pela Série

RESUMO

A emigração de brasileiros para os Estados Unidos é um fenômeno recente. Esta pesquisa, de natureza qualitativa, procurou analisar a emigração valadarenses para os Estados Unidos. O objetivo geral foi compreender como emigrantes vivenciam a experiência migratória e por que Governador Valadares transformou-se no ponto de partida para os fluxos de migração para os Estados Unidos. Para tanto, as narrativas dos emigrantes foram tomadas como ponto de partida para a análise do que denominei subjetividade no processo migratório. Os dados que emergiram das cartas e entrevistas apontam para a cultura migratória como uma explicação pertinente para a “conexão USA” associada à rede de relações estabelecida entre os dois lugares. Os dados também evidenciaram modificações nas relações familiares e de gênero, sugerindo que o processo migratório rearticula relações gerando uma transnacionalização no plano da afetividade. Desta forma, o trabalho ao reconstruir a trajetória do emigrante, através dos “relatos de intimidade” evidenciou que outros fatores, juntamente com os fatores de ordem econômica, concorrem para a decisão de migrar e fazem a história deste fluxo. O trabalho ainda analisa o fluxo de Governador Valadares no contexto das migrações internacionais a partir do conceito de transnacionalização, onde os emigrantes estabelecem múltiplas ligações entre a sociedade de emigração e a sociedade local.

ABSTRACT

This ethnography about brazilian emigrants in the United States analyses the lives trajectories of the emigrants from Governador Valadares, in the state of Minas Gerais to Boston, in state of Massachussets. The valadarenses' experiences at Boston have demonstrated through the emigrants' narrative – letters, photographs, and interviews – of multiply relations between Governador Valadares and the USA. The data emerged from the letters and interviews demonstrated an existence of the “culture of out-migration” in Governador Valadares as an important explanation for the “USA Connection” associated to the network established between the two places. The data also made evident the changes in the family and gender relationships, suggesting that the migratory process rearticulates this relationships. This study, therefore evidences that other factories, along with the ones of economics nature, contribute for the decision of migrating and make the history of this flow.

Sumário

Introdução

Metodologia

Estar Lá e Estar Aqui

*Os Emigrantes e suas
Narrativas*

*Os Brasileiros nos Estados
Unidos – Alguns Dados*

Considerações Finais

Bibliografia

Anexo

ESTAR AQUI, ESTAR LÁ... UMA CARTOGRAFIA DA VIDA ENTRE O BRASIL E OS ESTADOS UNIDOS¹

Gláucia de Oliveira Assis²

I - INTRODUÇÃO

O Brasil, que até meados deste século atraiu milhares de imigrantes em busca de uma vida melhor, depara-se na década de 80 com o inverso da situação - a emigração dos brasileiros para os Estados Unidos, Japão e Canadá. Segundo dados da Polícia Federal, cerca de 1,25 milhão de brasileiros deixaram o país - e não voltaram - entre 1985 e 1987 (Sales, 1991).

Nas décadas de 60-70, muitos brasileiros emigraram para o exterior. Alguns forçosamente tornando-se exilados políticos da ditadura militar³; outros como trabalhadores imigrantes temporários nos Estados Unidos. Embora diferente do exilado político, que vive a condição de “expatriado sem lugar” (Costa, 1990) e não podia retornar quando desejasse ao país, havia, em ambos os casos, a perspectiva da volta. Neste contexto, estas migrações podem ser classificadas como temporárias.

Esta característica temporária da emigração, bem como a pequena relevância numérica deste fluxo, inicialmente não chamou a atenção nem das autoridades brasileiras nem de estudos acadêmicos, pois o Brasil não possuía tradição emigratória. Ao contrário, desde o final do século XIX, atraindo imigrantes europeus como parte da política governamental de povoamento do país e de substituição de mão-de-obra escrava por uma mão-de-obra branca⁴ e mais especializada.

¹ Este estudo constitui a dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 1995.

² Antropóloga. Doutoranda em Ciências Sociais do IFCH/Unicamp. Professora da Faed/UEDESC. Participante da equipe do Projeto “Redes sociais nas migrações internacionais”, coordenado pela Dra. Teresa Sales e desenvolvido no NEPO/UNICAMP.

³ Sobre a memória do exílio e a condição do exilado como aquele que não pode voltar à sua terra natal, ver Costa et alli (1980).

⁴ É importante ressaltar que esta característica da imigração também se traduzia numa estratégia de branqueamento da população. Jeffrey Lesser, em palestra proferida no PPGAS, 1994 - nos relata o caso de tentativa de imigração de negros americanos que não eram vistos como “bons imigrantes” sendo negado os seus pedidos para entrada no país.

A imigração internacional para o Brasil ocorrida do final do século XIX até as décadas de 1940-50, tanto por suas implicações econômicas, socioculturais e políticas, quanto pelo impacto demográfico que causou, constituiu-se em objeto de vários estudos.

Estes imigrantes vieram através de programas do governo brasileiro ou de companhias particulares de imigração para trabalhar, fazer poupança e retornar. Entretanto, acabaram permanecendo nas colônias agrícolas como os japoneses, alemães e italianos ou nos centros urbanos como os portugueses, judeus, sírios e libaneses. Uma vez que estes imigrantes não retornaram aos seus países de origem, suas vidas e histórias foram vasculhadas pelos próprios descendentes ou pesquisadores como demonstram os estudos de Seyferth (1990), Fausto (1991), Sakurai (1993) e Bassanezi (1994)⁵ sobre migração italiana, alemã, portuguesa, japonesa, sírio-libanesa.

A emigração de brasileiros tornou-se uma questão relevante, quando o que era um movimento esporádico para o exterior transformou-se num fluxo migratório. Em meados da década de 80, fomos surpreendidos por notícias de vários turistas brasileiros “barrados” pelos erviços de migração, em aeroportos internacionais dos Estados Unidos e de Portugal, pela suspeita de que poderiam vir a engrossar os contingentes de imigrantes ilegais nestes países.

Outro dado relevante é o movimento de retorno de descendentes dos imigrantes que vieram para o Brasil, nos séculos XIX e início do XX, para os países de origem. No caso dos descendentes dos japoneses - nisseis e sanseis - existem firmas de recursos humanos japonesas que abrem escritórios no Brasil especialmente para contratar candidatos para trabalharem no Japão chamados Dekassegui (Mori, 1992:137).

Além das conseqüências demográficas, este novo fluxo da população brasileira coloca-nos questões referentes às complexas relações que se estabelecem entre aqueles que emigraram e aqueles que permaneceram quando o projeto de “*ir para América*” se torna parte da experiência de vida das pessoas.

Diante desse novo movimento, as primeiras tentativas de mapear e compreender este fluxo na academia classificaram os emigrantes como “exilados da crise” - uma alusão aos exilados políticos da década de 70 - que para fugir da crise econômica brasileira estariam sendo “obrigados” a migrar, como demonstrado por Sales (1991;1992), Goza (1992) e Margolis (1989; 1992; 1994). Estes artigos

⁵ Neste trabalho, a autora faz um mapeamento acerca dos estudos realizados sobre imigrantes no Brasil destacando como estes são heterogêneos e cheios de lacunas privilegiando mais uma etnia do que outras - como os italianos, por exemplo - com ênfase no período de migração de massa (1890-1930) e no Estado de São Paulo. A partir destas limitações, a autora procurou reunir dados dos diversos fluxos buscando traçar um panorama comparativo do processo e das correntes migratórias no passado brasileiro.

enfaticavam a emigração como única saída para a crise econômica que assolou o país na década de 80 - a chamada “década perdida”⁶. Na imprensa o fenômeno é tratado como algo exótico, pois não somos um país de tradição de emigração e as notícias⁷ evidenciam as aventuras e desventuras de brasileiros nos Estados Unidos.

Diante desta novidade, a emigração de brasileiros para o exterior, nos perguntamos: quem são estes emigrantes? Por que deixaram o país? Neste sentido, sempre que se recupera a memória da imigração, historiadores, antropólogos e sociólogos se perguntam: por que estes e não outros? Como, em situações de penúria similares, alguns indivíduos partem e outros ficam? A história da imigração, não é apenas daqueles que partiram, mas também daqueles que ficaram.

Ao procurar compreender este fenômeno, Governador Valadares, cidade situada na região leste do estado de Minas Gerais, converge nossas perguntas, estimula nossa curiosidade sugerindo questões e histórias. Devido ao grande fluxo de valadarenses para o exterior, principalmente para os Estados Unidos, a emigração extrapolou as vidas dos emigrantes, passando a fazer parte da vida cotidiana da cidade. Segundo os próprios valadarenses⁸ “*todo o valadarense tem duas bicicletas e um amigo ou parente na América*”. Além disso, não é raro encontrar duas senhoras conversando num supermercado sobre os filhos que estão nos Estados Unidos - se casaram ou não, como vai o trabalho, os dólares - como se emigrar fosse uma experiência “natural”, como se os Estados Unidos não fossem a 8.000 milhas de distância.

⁶ Segundo Sales (1992:60), a emigração seria o fruto mais amargo de nossa “década perdida” - denominação dada por economistas à década de 80 devido a queda dos indicadores econômicos - pois entramos na economia mundial pela porta dos fundos fornecendo trabalhadores imigrantes ilegais que fugiam da crise econômica. Goza (1992) afirma que jamais se imaginara que um país que entre 1940-1980 cresceu a taxa de 7% ao ano e o PIB real per capita aumentou em torno de 4% (Economist, 1991), experimentaria um êxodo maciço para outros lugares.

⁷ A mídia brasileira trata os emigrantes como exóticos, apresentando uma visão que contribui para a criação do mito em torno de Governador Valadares que se expressa nos títulos das reportagens: “Aventureiros sobrevivem de subemprego nos Estados Unidos” (Diário Catarinense 16.05.93), “Filhos aventureiros são o orgulho da cidade” e “A invasão dos Brasileiros” (Zero Hora 16.05.93), “Brasileiro tem agora a fama de exportar conflitos sociais” (World Mídia, Folha de São Paulo, 1991), “Uma corrida aos dólares - Joaquim “Jackson” Araújo é um dos 40 mil valadarenses que perseguem o Eldorado nos Estados Unidos” (Isto é/Minas Gerais 14.04.93). As reportagens mostram fotos da cidade onde a rodoviária é apontada como a única saída para a pobreza, em contraste com o sucesso da volta dos emigrantes, onde aparecem casas e apartamentos novos e modernos. Estas reportagens trazem algumas informações desconhecidas sobre o número de emigrantes nos Estados Unidos, a localização da cidade e suas características sócio-econômicas e, segundo os valadarenses, contribuem para que se crie uma visão distorcida acerca do emigrante e do próprio valadarense merecendo, por isso, uma reportagem numa revista local - GV News de março de 1994 -, que critica algumas informações e preconceitos gerados pelos jornais e revistas.

⁸ Esta é uma afirmação jocosa dos habitantes da cidade que, ao associarem emigrantes e bicicletas estão apenas se referindo a dois dados do cotidiano das famílias: a cidade ainda no período da mica tinha muitas miqueiras cruzando a cidade de bicicleta e este costume ainda permanece hoje devido à natureza plana da cidade. Da mesma forma, a emigração faz parte da vida de parcela da população.

Conhecida nacionalmente como “Valadólare”⁹ Governador Valadares atraiu atenção da imprensa e sugere a busca de explicações para este fenômeno. A parte mais visível deste processo está no “boom” da construção civil, no crescimento do número de agências de turismo que funcionam como bancos, na dolarização da economia local. No plano das relações sociais, este processo colocou pessoas que nunca emigraram em contato com a realidade da emigração, fazendo com que os emigrantes e suas famílias estruturassem a vida entre dois lugares.

No caso de Governador Valadares, duas questões se colocam como importantes para compreender esta migração. A primeira: por que esta cidade tornou-se ponto de emigração? A segunda: o que acontece com os sujeitos e famílias que vivenciam esta experiência?

Como já foi salientado, uma das primeiras explicações para este fenômeno apontam para a conjuntura econômica do país como uma das causas deste fluxo. Embora sabendo que os fatores econômicos estão presentes na decisão de migrar, ao colocar-me estes questionamentos procurei descentrar o foco das análises macroestruturais e centrá-lo nos atores sociais deste fluxo. Meu principal interesse era evidenciar como o processo migratório (re)articula as relações sociais, particularmente as relações familiares e de gênero, pois são os valadarenses nos Estados Unidos e suas famílias no Brasil que vivenciam e compartilham desse drama de partir, esperar e retornar.

Afinal os valadarenses, assim como outros imigrantes foram “fazer a América”. Entretanto, como parte dos “novos” fluxos internacionais de mão-de-obra inserida numa “nova ordem” do capitalismo mundial, fazem parte de um mundo de fronteiras cada vez mais tênues, no qual a ligação entre o local e o global se processa de forma cada vez mais rápida e interrelacionada. Neste sentido, percebi também um caráter transnacional neste fluxo, o qual abordarei no referencial teórico.

A SUBJETIVIDADE NO PROCESSO MIGRATÓRIO: OS EMIGRANTES, SEUS DESEJOS, SENTIMENTOS E AFETOS....

Uma vez que havia definido que privilegiaria os atores sociais perguntava-me: como chegaria à vida de pessoas que não estavam mais em Governador Valadares e que desejava “fazer falar”? Foi durante o curso de Relações de Gênero, que duas questões começaram a se delinear como possíveis direcionamentos desta pesquisa - as relações de gênero e a subjetividade no processo migratório.

⁹ Denominação dada a cidade na década de 1980 devido aos dólares que impulsionaram a economia local.

Neste momento, o que denominei subjetividade no processo migratório relacionava-se aos sentimentos dos emigrantes e suas famílias: a esperança quando da partida, as decepções e dificuldades de adaptação à nova terra, a saudade, o trabalho, suas relações afetivas, o desejo da volta.

Como captar estes sentimentos? Ao escolher as cartas, o fiz inspirada na proposta de Grossi (1993:225-226), de analisar a subjetividade no trabalho de campo através da leitura de diários, cartas e outros relatos dos etnógrafos. Estes textos não oficiais foram considerados pela autora como “documentos à margem por relatarem as angústias, os desejos, as dificuldades que envolvem o trabalho de campo. Segundo a perspectiva desta autora, tais relatos constroem um outro texto acerca da experiência subjetiva do antropólogo em campo denominando-os, “relatos de intimidade”.

As cartas escritas para a comunicação pessoal podem também ser analisadas como relatos de intimidade, à medida que os emigrantes ao escreverem aos seus amigos e parentes o fazem de forma quase confessional, revelando projetos, decepções, alegrias e tristezas do projeto de “fazer a América”. Desta forma, revelam aspectos subjetivos da experiência migratória permitindo reconstruir o que estou denominando, de subjetividade no processo migratório. Na tentativa de aproximar-me ainda mais das reflexões da autora e fazer um “mergulho na subjetividade”, procurei ainda explicitar minhas próprias implicações de valadarense pesquisando o familiar, como será apontado adiante.

Portanto, ao tomar as narrativas dos emigrantes como o ponto de partida para investigar a subjetividade no processo migratório, esboçou-se em que direção iria este trabalho. Embora considerando que as motivações econômicas são evidentes quando analisamos a decisão de migrar, me propus a refazer a trajetória do emigrante, interpretando o significado subjetivo desta experiência para todo o grupo, ou seja, tanto para aqueles que partiram, quanto para aqueles que permaneceram no Brasil.

O projeto era ambicioso, mas como conseguiria as cartas, como iria analisá-las? Ainda em 1992, escrevi à minha mãe explicando-lhe o projeto e pedindo-lhe para ver se conseguia algumas cartas entre pessoas que conhecia, imaginava que seria difícil, mas a idéia me parecia original e achei que valeria a pena tentar.

No momento em que as cartas começaram a chegar até minhas mãos, constatei que estas poderiam guiar-me na análise, pois descreviam minuciosamente a experiência de migrar. Através delas fui elaborando o que denominei: uma cartografia da emigração.

As primeiras correspondências vieram de Governador Valadares sendo coletadas entre amigos, vizinhos, parentes. Estas cartas levaram-me de volta à cidade, para reencontrar e estranhar uma experiência que faz parte do cotidiano da cidade - a emigração de valadarenses para os Estados Unidos. Tais correspondências se assemelham aos relatos de viagem, pois contam o cotidiano da vida num outro lugar levando-nos a uma viagem imaginária.

O emigrante, embora não seja um viajante do século XVIII e XIX, assim como este, experimenta o deslocamento no espaço e no tempo que caracteriza o ato da viagem. Nesta viagem o emigrante vivencia o estranhamento diante de costumes, normas e valores diferentes - outra cultura. É a vida constituindo-se num outro lugar que vai ser o assunto de suas cartas. Neste sentido, as cartas e outras narrativas como fotos e vídeos tornam-se relatos, registros da experiência migratória¹⁰, pois contam, àqueles que permaneceram no Brasil, a vida na “América”. Portanto, criam um imaginário coletivo da vida na “América”, imaginário que será compartilhado tanto pelos que partiram quanto por aqueles que ficaram.

Numa de minhas próprias viagens suscitadas pela pesquisa, a bordo de um avião, encontrei o depoimento de um viajante brasileiro, famoso pela ousadia dos seus deslocamentos, que falava justamente sobre a importância dos relatos. Para Amyr Klink (Revista Ícaro, 1993) os relatos de viajantes, desde a *Iliada* e a *Odisséia*, nos encantam porque estas narrativas são como a consumação da aventura de conhecer “o outro”. Para o autor, se não houvesse o relato esta aventura de descoberta não existiria. Neste trabalho as cartas fazem esse registro, relatando as aventuras e as dificuldades vivenciadas pelos viajantes contemporâneos na busca de “fazer a América”.

Para resgatar esta experiência através dos relatos, Thomas e Znanieck (1984), Monteiro (1985) Baily e Ramella (1988) foram as referências básicas para análise das cartas. Estes autores forneceram-me orientações teóricas e metodológicas possibilitando-me reconstruir a experiência

¹⁰ Para dar uma dimensão da carta como relato, cito a caso particular de uma fita cassete enviada para Mantenópolis, cidade do interior do Estado do Espírito Santo. O emigrante havia saído diretamente de sua roça e emigrado para o Canadá. Em sua fita destinada ao pai e à mãe (que embora não seja citada, “*É também para ela*”, observação contida na fita) são relatadas todas as situações vivenciadas pelo emigrante o estranhamento com outra língua, com o frio, com o patrão português, com os homens usando brinco, o desejo de voltar, a saudade, o enamoramento de uma “Pretinha Lisa” que fala enrolado. A fita é toda intercalada de uma música sertaneja que diz “quanto mais o tempo passa mais aumenta a vontade de deixar esta cidade e voltar para o interior”. É um relato comovente da experiência de alteridade pois, a própria fita é intercalada dos relatos da vida na “América” com as recordações do “cheiro de mato, de passarinho cantando na janela, de bosta de boi”. Na fita vem a recomendação para passá-la para todos os amigos de Vitória (ES) e Governador Valadares (MG) e foi assim que este relato chegou às minhas mãos. Ao ouvi-la fiquei imaginando o impacto desta fita na fazenda entre os peões, os familiares e amigos, o que confirmou a importância das cartas e outros relatos como dado da experiência subjetiva da migração.

subjetiva dos atores a partir dos documentos pessoais - cartas, diários, fotos - tomados como narrativas da migração e assim elaborar uma cartografia da migração.

A partir da leitura e análise das cartas, a emigração foi se revelando um projeto econômico, familiar e afetivo que envolve homens e mulheres, pais e filhos, maridos e esposas, namorados e namoradas explicitando o lugar de homens e mulheres neste processo. Neste ponto, analisar como se re-estruturam as relações familiares e de gênero com ênfase na experiência subjetiva contida nos relatos de homens e mulheres, pais e filhos, maridos e esposas, amigos que vivenciam este processo foi o recorte escolhido para compreender os dois mundos - os Estados Unidos e o Brasil - ligados por experiências compartilhadas entre os emigrantes e seus familiares. Portanto, resgatar a subjetividade no processo migratório, e assim revelar como os atores sociais vivenciam este processo, é o objetivo geral deste trabalho.

Neste contexto, percebi que falar de subjetividade no processo migratório implicava em um olhar engendrado (Grossi, 1992), ou seja, como homens e mulheres descreviam e viviam esta experiência. Afirmar que foi uma escolha engendrada não significa que antropólogos não tenham realizados estudos sobre cartas (os que disponho são realizados por antropólogos homens), mas quero apenas ressaltar que o fato de ser mulher e, segundo atribuições do gênero feminino em nossa sociedade, estar voltada para as questões do privado, da afetividade, da intimidade influenciaram para que buscasse outros fatores que, juntamente com o fator econômico, explicassem o fenômeno.

Portanto, o fato de ser mulher e compartilhar do universo do gênero feminino, conhecer valores, acompanhar a mudança dos mesmos, participar das redes familiares foi decisivo no meu “olhar” sobre o objeto. Por isso, embora inicialmente não desejasse discutir relações familiares e de gênero no processo migratório, estas questões perpassaram o trabalho. A medida que a pesquisa foi se desenvolvendo, compreendi que falar de subjetividade, era também falar destas questões que as cartas, relatos e minhas próprias experiências suscitavam.

O presente estudo estruturou-se em cinco partes que delinearão as trajetórias dos emigrantes brasileiros na “América”. Nesta introdução, analisei a questão da emigração brasileira para os Estados Unidos, a partir da cidade de Governador Valadares. As questões abordadas, que ao longo do trabalho foram discutidas, centraram-se na compreensão de porque Governador Valadares transformou-se num ponto de partida para emigração no final dos anos 80, quais as características desse fluxo e qual o impacto desse movimento nas relações familiares e afetivas para os emigrantes e suas famílias.

No item II, realizo uma descrição do trabalho de campo e uma reflexão metodológica sobre os vários momentos da pesquisa: a escolha das cartas como recorte metodológico, as viagens a campo e a subjetividade de uma valadarense pesquisando um fenômeno que faz parte de sua experiência.

No item III, refaço a trajetória do emigrante. Inicialmente no “Estar aqui” realizo uma etnografia do lugar, Governador Valadares, com dados sobre a história da cidade e um histórico das migrações dos nos 60 procurando estabelecer as ligações com a emigração na década de 80. Neste ponto, passo a relatar o “Estar lá “, a vida cotidiana nos Estados Unidos.

No item IV, realizo a cartografia da vida entre dois lugares procurando reconstruir a experiência subjetiva do emigrante a partir da análise de suas cartas tomadas como relatos de intimidade. A análise das cartas foi complementada por depoimentos dos próprios migrantes realizado nos Estados Unidos e, em alguns momentos, por e outras narrativas acerca dos emigrantes (vídeo, fotos e peça teatral).

No item V, discuto aspectos teóricos acerca das migrações contemporâneas procurando compreender como os novos fluxos da população brasileira se inserem no contexto das migrações internacionais. Para tanto, recorri ao conceito de transnacionalização que traz um enfoque pertinente, à medida que considera os emigrantes como vivendo em duas temporalidades a do país de destino e a do país de origem. Uma vez discutida esta questão mais geral, procurei apontar algumas reflexões sobre a temática de gênero, migração e família.

II - METODOLOGIA

ETAPAS DO TRABALHO DE CAMPO

O trabalho de campo, assim como a vida dos emigrantes, dividiu-se em dois lugares. As viagens foram importantes para reconstruir as trajetórias de vida dos emigrantes. O quadro que se segue apresenta este percurso da pesquisa.

Etapas	Local	Período	Atividades
I - Coleta e análise das cartas e outros registros	Florianópolis / Gov. Valadares	Mar-Ago/93	Leitura e análise temática das mesmas
II - Trabalho de campo	Gov. Valadares	Mai-Jun/93	Entrevistas destinatários e emigrantes Dec. 60
III - Pesquisa nos Estados Unidos	Nova York, Boston, Newark	Set-Out/93	Entrevistas/Observ. vida cotidiana Estados Unidos
IV - Conclusão do Trabalho	Gov. Valadares	Jan-Fev/94	Dados complementares

Na primeira etapa foram coletadas as cartas dos emigrantes¹¹ e coletados outros registros como fotos e vídeos que contavam a experiência migratória. Na segunda, no trabalho de campo realizado em Governador Valadares foram coletadas informações complementares às cartas e dados que contribuíssem para a elaboração de um histórico do fluxo.

Na terceira etapa, durante o trabalho de campo nos Estados Unidos contatei os emigrantes dos quais dispunha cartas e a partir deles com outros emigrantes valadarenses. E, finalmente na quarta etapa, retornei a Valadares para complementar os dados obtidos no trabalho de campo nos Estados Unidos.

A ANÁLISE DAS CARTAS

As cartas constituíram-se no primeiro dado significativo acerca da experiência subjetiva dos valadarenses nos Estados Unidos. Sendo coletadas por minha mãe, geralmente cada carta era

¹¹ Os nomes que aparecem nas cartas e nas entrevistas são fictícios. Com relação as cartas, adotei ainda o critério de chamar todos os homens de José e todas as mulheres de Maria, conforme consta nesta metodologia, visando diferenciá-los de outros depoimentos.

acompanhada de uma cartinha com sugestões de pessoas a entrevistar ou que poderiam fornecer as cartas. Selecionei o trecho abaixo para demonstrar como as cartas chegaram até minhas mãos.

Governador Valadares 31.10.93

Querida Gláucia,
Ontem conversei com algumas colegas minhas sobre sua tese e tenho várias cartas prometidas. Tem uma que coleciona todas, de seus 2 filhos, em uma gaveta. Pedi a ela que escolhesse as mais substanciais sociologicamente e me desse. Ela prometeu-me que na 3 feira trará. A FULANA, faxineira de Alpercata, também vai trazer-me as da irmã. Uma outra amiga disse-me que seu filho chegará em novembro e sua trajetória é sacrificadíssima com passagem pelo México, prisão e tudo que tem direito e se propôs a você entrevistá-lo. Se quiser mande um formulário para a entrevista que eu faço para você (...) antes de colocar esta carta no correio vou passar na casa da CICLANA... para pegar as cartas que a mãe dela prometeu e aí vou enviá-las logo para você dar início ao seu trabalho. (...)

A partir das cartas, tornou-se possível fazer um mapeamento das trajetórias dos emigrantes, bem como a localizar suas famílias em Governador Valadares. A cada carta recebida pelo correio, com cartas de emigrantes destinadas às suas famílias, aquelas vidas que traziam começaram a ser delineadas, tornaram-se presentes

Além de revelarem o cotidiano na “América”, as cartas aproximavam temporalidades. O depoimento de um dos destinatários, cujo irmão está há 23 anos nos Estados Unidos, evidencia esse caráter de re-ligar, tanto as cartas quanto dos telefonemas e destaca a importância particular das cartas para aqueles que as recebem:

“Atualmente nós estamos com um telefonema por mês, mas tem vezes que a gente dá dois ou três. Ele liga mais do que eu, mas eu preferia que ele escrevesse ao invés de telefonar. Sei lá, você ouve a criatura muito bem, você fala seus problemas, mas, é uma coisa muito rápida eu tenho carta aí que tem 10, 12, 15 anos aí eu mexo com elas e sinto aquela mesma emoção ...A carta traz um pouco dele. A propósito disso eu recebia cartas de um sobrinho, ele escrevia mal e coisa mas, eu gostava muito da maneira dele escrever e um dia, a esposa dele começou a escrever aí, quando eu recebi a carta eu disse Ihh... E escrevi-lhe dizendo que ele não levasse a mal que a letra estava bonita e o português melhor, mas que eu queria aqueles garranchos mesmo porque nos erros eu via a cara dele, quando ele recebeu minha carta a esposa dele disse – ‘seu tio não me conhece e já não gosta de mim’ - mas não era isso entende?” (hist. IV, 50 anos possui um irmão há 23 anos nos Estados Unidos)

As cartas trazem esta emoção - a possibilidade de tornar presente alguém que está ausente, de trazer notícias... saudades... alegrias e tristezas relatos do cotidiano vivido. Conforme Baily e Ramella (1988:04), "as cartas sendo privadas - escritas para comunicação pessoal de um indivíduo específico com sua família - servem de ligação vital entre emigrantes, suas famílias e amigos na terra natal e representam o limite da experiência migratória".

No total foram coletadas 90 cartas, de 12 emigrantes- 06 homens e 06 mulheres. A idade média é de 34 anos e encontram-se a pelo menos 02 anos nos Estados Unidos. Todos trabalhavam na época que emigraram, em geral no setor de serviços; o nível de escolaridade é o ensino médio, encontrando-se apenas duas mulheres com curso superior completo. Os homens solteiros emigraram sozinhos e atualmente estão casados, os emigrantes casados deixaram as mulheres, mas em alguns momentos de sua permanência nos Estados Unidos levaram suas esposas para dar uma força. As mulheres emigraram, em sua maioria, para acompanhar os maridos ou namorados, mas é importante destacar também se encontram nesse universo mulheres que migraram sozinhas para se tornarem independentes. Em ambos os casos, a presença significativa de mulheres indica que há, em relação à primeira leva de emigrantes, uma ampliação do fluxo feminino.

As cartas foram selecionadas pelos familiares, que enviaram-me o que julgavam interessante para a pesquisa: portanto, o número de cartas por emigrante é diferenciado. Para evitar distorção nos dados, o critério que utilizei para inclusão das cartas foi a seleção das mesmas por temas abordados desde que esses temas contribuíssem para revelar momentos da experiência migratória. Assim, pude incluir na análise, tanto as 40 cartas de um único emigrante que relata um longo período de emigração, quanto uma única carta de uma emigrante, por relatar o retorno aos Estados Unidos depois de tentar viver no Brasil.

Devido a esta disparidade numérica de material coletado, optei por reuni-las em unidades temáticas. Assim, foram extraídos trechos recorrentes das cartas que expressavam os vários momentos da experiência migratória - desde a partida do Brasil até os vários retornos . Os trechos selecionados possibilitaram a elaboração de uma narrativa coletiva dessa experiência a qual chamei - o imaginário da imigração.

Tal forma de apresentação dos dados, tem também o objetivo de preservar a identidade dos informantes, pois as cartas me foram entregues com muitas recomendações sobre o seu valor afetivo e o cuidado para que as pessoas não fossem identificadas. Outra medida tomada para assegurar o

anonimato dos informantes foi trocar os nomes por nomes fictícios. Brincando um pouco com a nomeação, escolhi nomes compostos, assim todas as cartas escritas pelos homens foram assinadas por José (Antônio, Arthur, Augusto, Carlos, Mário, Felipe, Júlio) e as mulheres por Maria (Conceição, Débora, Marta, Aparecida, Cândida, Lúcia) ficando assim, assegurada a não identificação das pessoas.

O que me permitiu ter acesso às mesmas foi a rede de relações que disponho na cidade, sendo eu uma nativa de Governador Valadares. Os relatos individuais espalharam-se nos tópicos temáticos constituindo uma grande cartografia dos sentimentos, ações e relações dos emigrantes.

Foi realizado um fichário de todas as cartas contendo nome, pseudônimo, número de cartas e o destinatário. A primeira parte da análise consistiu em fazer a leitura de todas as cartas e colocá-las em tópicos temáticos. Após este trabalho de síntese, destaquei os temas mais recorrentes nas cartas de homens e mulheres emigrantes.

A leitura das cartas demonstrou um encadeamento de temas que foram distribuídos em dois grandes núcleos temáticos :

- A vida cotidiana nos Estados Unidos: onde aparecem os relatos sobre as primeiras impressões, o trabalho, a moradia, os bens adquiridos nos Estados Unidos, as dificuldades e os projetos de fazer a “América”, os planos de retorno, as possibilidades de legalização, os momentos de lazer;
- As relações com o Brasil - onde aparecem referências a saudade dos familiares e da vida no Brasil, as relações afetivas e orientações sobre questões da vida cotidiana em Governador Valadares. As variações deste encadeamento temático podem ser atribuídas às diferenças de destinatário.

Os subgrupos que apareceram dentro destes grandes núcleos temáticos constituíram-se nos temas que foram selecionados para a análise. A análise temática realizou-se seguindo as etapas de Bardin (1975). Após a leitura flutuante, onde entrei em contato com as 90 cartas, realizei a separação das cartas em tópicos. O objetivo foi codificar as informações extraídas das mesmas segundo a unidade de registro e contexto que se constitui na unidade de significação. Para tanto, procurei identificar nas cartas temas-eixo ao redor do qual o discurso se organiza e o acontecimento, no caso o recorte, são as unidades de ação . A determinação do tema que é a unidade de registro, possibilitou a categorização cujo critério para este estudo é o semântico, uma vez que trabalho com categorias temáticas.

Acerca dos narradores algumas observações devem ser feitas para auxiliar quando da leitura das mesmas. As cartas são escritas em um estilo muito afetivo, tanto por homens quanto por

mulheres, e nota-se muitos erros de português que, às vezes, dificultam a compreensão das narrativas. Por isso, realizei algumas correções com objetivo de garantir a compreensão dos trechos selecionados e na medida do possível, mantive os textos originais.

Os erros de português foram o primeiro indicativo da classe social dos emigrantes, partindo do princípio que alguns erros evidenciam um baixo nível de escolaridade característicos de extratos de classe média baixa ou classes populares. As cartas também contribuem para desmitificar algumas impressões sobre os emigrantes brasileiros, demonstrando a diversidade da emigração para os Estados Unidos. Informações preliminares acerca dos emigrantes classificam-nos como de nível médio de escolaridade, de classe média, homens jovens e brancos. As cartas, embora sejam um dado apenas qualitativo, sugerem que este universo é mais diversificado apontando para o crescimento do número de mulheres, o alargamento da faixa etária e diversificação da classe social.

Partindo destas cartas, elaborei pequenas trajetórias de vida que foram complementadas pelos familiares com os quais conversei. É importante destacar que as informações que estas famílias me ofereceram constituíram-se em histórias orais que, juntamente com as outras fontes, podem contribuir para elaborar a história da emigração. Foram contatados 04 familiares, os pais de José Mário e Maria Lúcia, Maria Marta, Maria da Conceição, Maria Débora e José Augusto.

As cartas muitas vezes vêm acompanhadas de fotos, ou fitas de vídeo que também se constituem em narrativas acerca da experiência migratória. Neste ponto Moreira Leite (1993:129-130) nos fala de um imaginário cambiante que os retratos de famílias imigrantes ajudam a criar, para tanto analisou as fotos das famílias de imigrantes na São Paulo de 1930. Estes imigrantes do início do século quando percebiam que não voltariam a terra natal procuraram trazer os parentes, os vizinhos com a finalidade recriar ou manter suas identidades, no caso de alguns, foram atraídos com retratos, em que vestiam roupas domingueiras, para lhes causar impressão de prosperidade e bem-estar.

Da mesma forma, ao observar tanto em Governador Valadares como nos Estados Unidos, a importância que os emigrantes e seus familiares davam às fotos, evidenciou-se que juntamente com as cartas elas constroem este imaginário cambiante da vida nos Estados Unidos atraindo assim amigos e parentes para o projeto de “Fazer a América”.

As fotos e fitas coletadas entre os parentes constroem significados da vida na “América”, uma vez que revelam situações cotidianas: trabalho, lazer, casamentos por procuração etc. Os familiares, durante as entrevistas, mostraram-me com orgulho o sucesso do filho ou filha, esposa ou

esposa, amigos pais ou mães fazendo das fotos um testemunho de que “estão bem” na “América”. Os registros das fotos são indicativos deste bem-estar. Algumas fotos foram gentilmente cedidas pelos emigrantes e suas famílias.

O programa “Conexão USA”, produzido pela TV Rio Doce também foi submetido à análise. O programa foi exibido durante o ano de 1992 até meados de 93, em Governador Valadares, e o objetivo era contar a vida do emigrante brasileiro nos Estados Unidos. As matérias foram idealizadas e realizadas por dois jornalistas locais, que emigraram para os Estados Unidos para contar a história dos emigrantes semanalmente na TV. Estes programas foram utilizados para complementar textos e análises que emergiram das cartas pois, uma vez que centravam-se nos valadarenses, muitas imagens e depoimentos confirmavam ou complementavam as mesmas.

Para complementar os relatos também foi incluída a peça teatral “O Último que Sair Apague a Luz” (Piazzarolo e Grupo Insistente Cia., 1985), uma comédia de costumes que retrata a experiência migratória - o sonho, a partida, a chegada, e o desejo da volta - o texto se assemelha a uma grande carta que sintetiza sentimentos coletivos. A peça, encenada em 1985 por um grupo valadarense, representa uma reflexãoêmica sobre esta experiência e por isso foi tomada como narrativa. É importante ressaltar que, tanto o programa quanto a peça teatral, foram utilizadas como dados complementares aos tópicos temáticos retirados das cartas, dialogando com estes em alguns trechos da trabalho.

ESTAR AQUI - O TRABALHO DE CAMPO EM GOVERNADOR VALADARES

A partir da análise das cartas, o caráter de ligação que estas estabeleciam levou-me a instituir o eixo entre Governador Valadares e Boston/ Newark/ New York como o “local” da pesquisa. O que me colocava a questão: como articular os dois campos?

Portanto, a realização da pesquisa, assim como as relações que envolvem os emigrantes e suas famílias, atravessou fronteiras o que implicou numa ampliação do campo tradicional do antropólogo, centrado em um território. Num primeiro momento me perguntava: como realizar uma pesquisa entre dois campos, que estavam em torno de 8 mil milhas de distância ?

Para pensar a articulação destes lugares, o “lugar antropológico” e o campo deixaram de ter uma única referência - Governador Valadares - para se espalhar por onde estão os emigrantes. O

que dá sentido a lugares aparentemente tão distantes são as redes de relações que se mantêm por carta, telefone, retratos, idas e vindas.

No plano metodológico, esta experiência de estar entre dois lugares colocou-me a questão de uma antropologia sem lugar fixo. Rial (1992) desenvolveu esta idéia ao analisar os fast-foods, tomando-os como não lugares num mundo globalizado. Os valadarenses objetos deste estudo, assim como outras temáticas, como é o caso das pesquisas sobre Aids, sobre trabalhadores no circuito de grandes obras, também estão espalhados por vários lugares através da migração. As migrações contemporâneas colocaram para os antropólogos uma nova questão: a realização de um trabalho de campo cujas fronteiras nacionais são mais fluidas, levando a pesquisa a se desdobrar em vários lugares tornando-se transnacional.

Mais do que um lugar, um campo, o universo pesquisado constituiu-se de indivíduos - nativos de Governador Valadares - que possuem parentes, amigos(as) ou esposos(as) nos Estados Unidos.

Em maio de 1993, retornei a Governador Valadares para realizar o que, na época, chamei de pesquisa exploratória. Havia uma relação de pessoas a entrevistar, mas busquei contatar apenas com aquelas das quais dispunha cartas ou que poderiam fornecer-me informação sobre o histórico da imigração. Nesta fase de coleta de dados foram realizadas entrevistas, observação participante, e coleta de fotos que os emigrantes enviam para suas famílias.

Foram momentos instigantes e, por vezes difíceis. Vivi momentos de emoção, dúvida, angústia. Entrevistei um vizinho, cujo irmão estava nos Estados Unidos desde a década de 60, que me entregou as primeiras cartas; um proprietário de uma empreiteira que me falou sobre o impacto da migração na vida econômica da cidade; uma mãe orgulhosa de sua filha nos Estados Unidos que estava construindo um prédio e já havia levado os pais aos Estados Unidos para visitá-la e conversei ainda com Dirley Márcio, editor do programa Conexão USA, na TV Rio Doce que forneceu-me todos os programas que dispunha gravados. Eram informações diversificadas que demonstravam como a emigração ultrapassava a vida os indivíduos e articulava-se a vida cotidiana da cidade em várias instâncias.

No total foram realizadas 08 entrevistas e coletadas mais cartas. Os dados significativos coletados, tanto do histórico da imigração, quanto das trajetórias de vida de emigrantes da década de 80, fizeram com que a pesquisa exploratória adquirisse dimensões de trabalho de campo. Estes

dados conduziram-me a repetir a trajetória do emigrante e deslocaram-me no tempo e no espaço para encontrar o Brazuca¹², o que implicou numa viagem aos Estados Unidos.

Agora com estes dados que me pareciam tão fragmentados, sentia uma vontade enorme de observar o cotidiano do emigrante, sentia que faltava alguma coisa. Estas entrevistas deram-me uma visão geral do processo, mas queria resgatar os sentimentos que estavam nas cartas, as relações de gênero, as relações familiares que as cartas apontavam. A última anotação do diário em Governador Valadares de 08-06-93 dá a dimensão deste desejo :

<i>Governador Valadares, 08.06.93</i>	58
<i>“São histórias fragmentadas... Narrativas incompletas... Com inclusões e esquecimentos conscientes ou não. Gostaria de poder extrair o máximo delas do seu significado subjetivo para apontar para algumas visões do que representa a emigração para os valadarenses. Que ocorrem modificações todos concordam, mas qual a natureza e a extensão destas é que procurarei evidenciar ao analisar estes relatos. Como disse o Programa Conexão USA “quem são, o que pensam, como vivem os emigrantes e suas famílias”. Agora, mais do que quando elaborei o projeto da ANPOCS, gostaria de ir aos Estados Unidos, pois quando vejo as fotos e relatos quando conversei com o emigrante que estava em Governador Valadares para vender suas coisas, ou quando ouvi de todos os que moram dos Estados Unidos que não gostam de lá mas que precisam ficar lá, acho que gostaria de conversar com estas pessoas além de suas cartas. Preciso pensar... Lembro-me de Paulo Monteiro (1985) ao afirmar que “o que se precisa estranhar são as próprias explicações que são dadas pelas pessoas” e é isto que vou procurar interpretar”</i>	

ESTAR LÁ - PERCORRENDO A TRAJETÓRIA DO EMIGRANTE

A partir de Governador Valadares, uma outra viagem, para encontrar com os emigrantes valadarenses nos Estados Unidos¹³. Este foi o meu rito de passagem, viajar para os Estados Unidos significou experimentar o deslocamento no tempo e no espaço pelo qual passam os emigrantes, percorrer sua trajetória encontrá-los em sua tribo, a “América”. Esta experiência de alteridade completaria o trabalho de campo pois, ampliava a análise iniciada nas cartas e as entrevistas realizadas em Governador Valadares.

¹² Denominação êmica dada ao imigrante brasileiro nos Estados Unidos, que vive entre os Estados Unidos e o Brasil (Bicalho, 1989).

¹³ A viagem aos Estados Unidos tornou-se possível através do financiamento da Ford/Anpocs, que viabilizou economicamente a viagem. Tal financiamento, associada à rede de apoio com a qual contei nos Estados Unidos, foram fundamentais para a realização do trabalho de campo.

Nos dias que antecederam a viagem, estava muito ansiosa. tinha medo de não conseguir o visto para ir aos Estados Unidos¹⁴. Quando chegou a hora de partir sentia-me tomada por expectativas: daria tudo certo na Imigração? encontraria com todas as pessoas com quem planejava? como seria a vida lá?

A chegada a campo é sempre para o antropólogo um ritual que, desde Malinowski (1984) provoca reflexões, expectativas, pois é o momento da observação participante¹⁵ questionava-me: sentiria o *Antropological Blues* de que nos fala Da Matta (1974)? Chegar aos Estados Unidos para reencontrar os valadarenses significava o momento de encontro com o “outro” para estranhá-lo e iniciar uma viagem no sentido de reconhecê-lo.

A viagem a campo realmente é uma experiência de descoberta, pois revela, desnuda, deslocando nosso olhar para além de nossa experiência cotidiana e nos colocando em contato com a diferença, a alteridade - o outro. Da necessidade de compreender e assimilar tal experiência, o relato etnográfico emerge revelando os vários sentimentos desde o espanto às descobertas, possibilitados pela viagem (Leite, 1994).

Neste trabalho, minhas viagens, tal como os relatos de viagem de etnógrafos analisados por Massi (1992:187-89), foram uma experiência de alteridade, um deslocamento no tempo e no espaço que, ao mesmo tempo que me aproximou do emigrante, permitiu-me estranhá-lo. Massi ao analisar os relatos dos antropólogos e os significados de suas viagens descreve a viagem como:

“... experiência constitutiva (e instituinte do trabalho antropológico): a viagem sonhada (como aventura) e a viagem vivida (como decepção); a viagem como possibilidade de exploração da alteridade (e, logo como constituição da identidade), como experiência sociológica, como diálogo com o imaginário sobre os “exóticos” e sobre o viajante, como memória, como narrativa”. (Massi, 1992:188).

Neste sentido, experimentei um pouco do que Massi chamou de, “a impossibilidade da experiência pelo qual passa todo antropólogo”. Ao chegar no campo encontrei uma realidade

¹⁴ Sendo natural de Governador Valadares, temia não conseguir o visto, pois os mineiros de Governador Valadares que não comprovam renda, nem motivos muito fortes para retornar ao Brasil não obtêm visto para entrar nos EUA. Para exemplificar, em 93, quando estava preparando-me para viagem, tive notícia de um colega biólogo que iria fazer uma conferência nos Estados Unidos e que teve seu visto recusado sobre esta alegação. No mesmo período, a coordenadora da PPGAS, em viagem de férias, quase foi barrada nos Estados Unidos apenas por que era mineira. Portanto, meus temores eram fundamentados. Desta forma, reuni toda documentação referente a bolsa Ford/Anpocs, além de cartas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC e da UNIVALE onde trabalhava como professora licenciada. Ainda contei com a colaboração da Sra. Eva Reichamn, que trabalhando no Consulado em São Paulo, orientou-me como encaminhar-me ao Consulado em Porto Alegre. Com todas estas providências, numa época em que o Consulado fornecia vistos de até 04 (quatro) anos, consegui um visto de apenas 03 meses!

¹⁵ Sobre esta reflexão ver: item introdutório do “Argonautas do Pacífico Ocidental”; Da Matta (1974) ou Cardoso (1986).

diferente daquela imaginada. O encontro com o objeto, no caso os emigrantes valadarenses, foi marcado pela discrepância entre o que imaginava antes da viagem e a decepção provocada pela viagem vivida, onde foram revelando-se os custos afetivos, as decepções e contradições do projeto de “fazer a América”. A observação participante nos Estados Unidos levou-me a reler as cartas e ampliar alguns dados provenientes das mesmas. É importante ressaltar que decepção aqui tem sentido criativo pois, é fruto do conhecimento empírico do “outro” transformando a viagem numa experiência sociológica.

A viagem aos Estados Unidos realizou-se da seguinte forma: três semanas em New York e quatro semanas em Boston. O objetivo era entrar em contato com as pessoas das quais dispunha cartas ou entrevista com os familiares em Governador Valadares. Para realizá-lo hospedei-me na casa de três valadarenses. As cidades selecionadas para o trabalho de campo foram New York, Newark e Boston, pois concentram imigrantes valadarenses e eram as que dispunha o maior número de endereços. Além disso, os estudos¹⁶ realizados, até o momento, indicam que estas cidades concentram o maior número de mineiros.

O campo foi se configurando de uma outra forma pois, como estava hospedada na casa de valadarenses, acabava por participar das redes de relações que possuíam, o que significou entrar em contato com outros emigrantes, às vezes de outras localidades. Por outro lado, dispunha de apenas um mês para localizar 30 (trinta) pessoas. O ponto de partida foram os remetentes das cartas, as demais pessoas foram indicadas por amigos, parentes e emigrantes em geral, localizei na medida do possível.

Aos poucos percebi que não seria tão fácil encontrar os emigrantes, isto porque trabalhavam até quinze horas por dia, muitas vezes em dois empregos, o que significava deixar vários recados na secretária eletrônica antes de ser atendida, marcar um encontro para os dias *off*¹⁷ ou no próprio trabalho. Aconteceu ainda de procurar pessoas por seus nomes¹⁸ e não as localizar porque estavam

¹⁶ Ver Margolis (1994); Goza (1992); Sales (1991,1992,1995); Bicalho (1992); Forjaz (1993).

¹⁷ Os emigrantes utilizam a expressão em inglês para se referir ao dia que têm folga; o que geralmente ocorre uma vez por semana.

¹⁸ Esta questão é interessante e merecia uma investigação sobre o que acontece com as identidades pessoais quando se é identificado sempre como outra pessoa. João é José, Márcia é Cristina e as pessoas tem que estar sempre se policiando para “não chamarem pelo nome errado”, o que fiz algumas vezes com os amigos que encontrei e tinham outra identidade. Num extremo dessa situação encontrei em Valadares recentemente uma jovem de 23 anos, que vive há 05 nos Estados Unidos, que voltou para o Brasil para casar e foi barrada pela Imigração na volta aos Estados Unidos. Já tentou ir três vezes com passaportes montados, cada um com um nome diferente e, numa destas vezes, ficou presa, foi a julgamento e teve que ficar o tempo inteiro sendo identificada como outra pessoa, com outro nome, outra idade, outra cidade. Não conseguiu ficar nos Estados Unidos, foi deportada para o Brasil e agora está fazendo tratamento psicológico por todas as dificuldades que tem passado - entre estar nos Estados Unidos, onde o marido a espera, e ficar no Brasil - e o fato de, às vezes, como ela mesmo disse, se esquecer quem é.

utilizando os nomes falsos, com os quais emigraram e permaneceram usando na “América”. Por último, alguns emigrantes haviam se mudado dos endereços que dispunha e encontrá-los dependia de conseguir o endereço ou telefone recente com outros emigrantes.

Além destas dificuldades, encontrei também os meus limites de locomoção. Como era estrangeira e não tinha um inglês fluente, precisei aprender os mapas das cidades, as rotas de ônibus e metrô para poder “sair a campo” e nem sempre isso deu certo. Embora tenha me perdido apenas duas vezes; em New York, quando devido a minha pronúncia mandaram-me para East ao invés de West e em Boston, quando não consegui localizar a casa de um padre e tive que remarcar a entrevista para outro dia. Estes deslocamentos, às vezes, dificultaram-me encontrar com as pessoas.

Por outro lado, à medida que encontrava os valadarenses, deparava-me com outras vidas e histórias. Isto porque geralmente os imigrantes de certa localidade trabalham nos mesmos lugares¹⁹. Este fato levou-me a ampliar meu campo e entrevistar outros valadarenses além daqueles dos quais dispunha cartas. Desta forma, realizei entrevistas informais e observação participante da vida cotidiana dos valadarenses e outros emigrantes brasileiros, realizando um total de 15 (quinze) entrevistas formais das quais 05 (cinco) em New York, 04 (quatro) em Newark, 06 (seis) em Boston.

Acompanhar a vida destas pessoas significou: acordar às 07:00 para o café da manhã, ajudar na lavagem da louça, encontrá-los algumas vezes no trabalho, participar dos seus momentos de tristeza e saudade, assistir às fitas do Brasil Up Date²⁰, comer em fast-food, fazer comida brasileira comprando produtos em lojinhas especializadas em produtos brasileiros, ir à festa de Nossa Senhora Aparecida na Igreja Católica, caminhar pelas ruas de Boston no outono, encontrar pessoas que não via há anos, ir à discoteca brasileira, assistir aos jogos de futebol com times formados por valadarenses, encontrar crianças. Estas experiências contribuíram para que tivesse uma dimensão qualitativa de como este fluxo se espalha e aos poucos está criando pequenos “Brasis”, geralmente próximos às comunidades de emigração portuguesa.

¹⁹ Por exemplo, em uma pizzeria ou lavanderia você encontra “valadarenses” (natural de Governador Valadares), “cariocas” (nascidos no Rio) “capixabas” (nascidos no Espírito Santo) o que evidenciou como a emigração se faz em rede onde o Brazuca auxilia quem está chegando. Numa lavanderia, onde realizei entrevistas, dos 20 funcionários, 08 eram imigrantes brasileiros, todos valadarenses.

²⁰ Fitas de vídeo que trazem um compacto das notícias da semana no Brasil. Chegam às quartas-feiras com o resumo do Fantástico, dos Jornais da semana, das novelas da Globo e de alguns programas de outros canais como o Aqui e Agora. Nos Estados Unidos, em várias casas que estive as pessoas aproveitavam os seus dias *off* para acompanhar a novela das seis de sucesso naquele momento: o “remake” de Mulheres de Areia.

Boston, sábado 23-10-93,

120

Hoje acordei de estalo e na maior depressão, uma angústia me inquieta faltavam 05 dias para eu ir embora e fico pensando nas coisas que tenho que fazer. Pensei mil maneiras de esticar o tempo. Lembrei-me de Maria Marta com quem havia encontrado apenas uma vez e falado por telefone outras tantas, da Maria Antônia em New Jersey, de outra emigrante em Monticelo. Olhei para trás e fiquei perguntando se havia feito as coisas direito, mas falta tanta coisa! Bom, o objetivo do meu trabalho era ver o cotidiano do imigrante, o trabalho, onde mora, como vive esta experiência de estar aqui e estar lá, quais as redes de relações que tece... Através das pessoas que fui encontrando estas foram mapeando para mim este universo diversificado e rico da vida do migrante. Certo imigrante disse-me “no trabalho sou imigrante, mas fora do trabalho sou outra pessoa qualquer” foi demais! A minha angústia vinha do fato de que não conseguia ir fundo com essas pessoas como gostaria. O que chamo de relações afetivas, subjetividade aparece nos sonhos destas pessoas de retornarem ao Brasil, nas casas que constroem na qual cada alicerce é levantado no Brasil fotografam e enviam para cá. Se encontra também nos bens que adquirem aqui, cable TV, vídeo, som, secretária e na “cidadania” que desfrutam mesmo sendo ilegais. Tudo isso faz com que essa vida disciplinar que a maioria leva seja encarada como temporária ou parte do processo. A questão é que este temporário pode se tornar 5 ou 7 anos e é aí que começa a se vislumbrar as mudanças no plano da afetividade, casamentos por procuração aqui encontrei vários, as famílias que vieram para ficar embora invistam no Brasil, os planos da volta de emigrantes solteiros homens e mulheres. Foi aqui que, estar entre dois lugares, foi se configurando como a identidade do emigrante, será que poderei retomar isto quando estiver pensando em transnacionalização?

Esta profusão de dados fez-me desejar retornar às cartas, necessitava de um fio condutor que costurasse tantas experiências e informações. Os trechos do diário de campo acima descrevem estes sentimentos.

A minha sensação era que, quando estava mais segura das entrevistas, deslocamentos e começava a encontrar pessoas que ainda não havia localizado, estava na hora de partir. Por alguns dias, tive muitas dúvidas sobre o momento certo do retorno, mas ao mesmo tempo percebi que havia um limite que precisava ser colocado senão ficaria muito complicado retornar às cartas que tinham sido o ponto de partida desta pesquisa. Afinal, como disse o Pe. Bob: “a vida aqui é vida, não está em estado de suspensão como imaginam alguns emigrantes, a vida não pára quando eles estão aqui para recomeçar quando voltarem ao Brasil!”. Creio que este foi o grande complemento às cartas: o movimento, a dinâmica, as relações, que nas cartas são relatos e nos Estados Unidos são vidas. Este foi o contraponto que forneceram!

Nos últimos dias nos Estados Unidos fui ao Museu de Imigração em New York. Ao visitá-lo, fiquei muito emocionada, pois era uma memória viva de todos os imigrantes que “fizeram a América” no início do século. Percorrer todos aqueles salões ouvindo as narrativas dos descendentes daqueles emigrantes, ver as fotos... os passaportes... as cartas os objetos pessoais me transportaram

ao meu próprio trabalho. As cartas que dispunha, o diário que estava elaborando, as horas de fitas gravadas, as fotos que tirei. Durante minha viagem também havia construído numa dimensão qualitativa, uma memória dos imigrantes valadarenses nos Estados Unidos. Havia passado um mês e vinte dias, era hora de partir.

AS ENTREVISTAS

O objetivo inicial do trabalho era entrevistar apenas as pessoas das quais dispunha cartas. Entretanto, quando cheguei a Governador Valadares para o trabalho de campo outras fontes conduziram-me a ampliar este universo.

Os informantes são pessoas do meu convívio direto. Através da minha mãe, recebi as cartas dos emigrantes e os endereços dos mesmos em Governador Valadares e nos Estados Unidos. Junto com as cartas que me enviava, sempre incluía uma cartinha sua com as informações que havia coletado. O meu pai conhecia emigrantes da década de 60 e indicou-me amigos de sua juventude que haviam emigrado que forneceram dados importantes sobre o histórico do fluxo. Amigos, vizinhos e parentes sempre tinham uma história de alguém que esteve na “América” e também indicaram pessoas com quem poderia conversar.

Ao identificar estas fontes, amigos, vizinhos, parentes e conhecidos que emigram estava alerta para os riscos de analisar um fenômeno no qual estou tão envolvida. Entretanto, os relatos de intimidade contidos nas cartas só me foram confiados porque também pertencia a esta rede de relações familiares e afetivas. Portanto, estas pessoas quando abordadas por “*alguém que é da terra*” e que, conseqüentemente, não iria distorcer os fatos e classificar todos como “*aventureiros que sobrevivem com subemprego nos Estados Unidos*” (Diário Catarinense 16.05.93) sentiram-se à vontade para selecionar as cartas e fornecer os endereços.

Uma das questões que o trabalho de campo levou-me a investigar foi o histórico da migração. Neste sentido, realizei entrevistas com pessoas das quais não dispunha cartas, mas que possuíam relatos significativos sobre o histórico da emigração. Para tanto, foram realizadas 05 (cinco) entrevistas com pessoas que viviam na cidade na década de 50 - os quais denominei Historiador I, II, III, IV e V - constituindo-se relatos orais que, juntamente com os dados da história da cidade, contribuíram para explicar como foi se construindo as relações Governador Valadares -

Estados Unidos. Para completar estes dados conversei com dois emigrantes da década de 60 e o irmão de um emigrante do mesmo período.

Estas entrevistas semi-estruturadas se somaram às 07 (sete) realizadas na primeira etapa do trabalho de campo em Governador Valadares, mais 04 (quatro) entrevistas realizadas por minha mãe com emigrantes que se encontravam temporariamente na cidade e não havia tempo para deslocar-me de Florianópolis para entrevistá-los e às 15 (quinze) realizadas nos Estados Unidos. Quando voltei a Governador Valadares ainda realizei 06 (seis) entrevistas com emigrantes retornados e com pais de emigrantes que havia encontrado nos Estados Unidos. No total foram realizadas 33 entrevistas semi-estruturadas.

Ao perceber a dimensão que esta coleta de dados havia tomado, e que as entrevistas tinham apenas o caráter de dado complementar às cartas, selecionei quais seriam incluídas na trabalho. Procurei incluir fitas referentes ao histórico, os relatos dos emigrantes e de seus familiares. Os relatos *sobre* os emigrantes e emigrantes retornados não foram utilizados em sua totalidade, permanecendo como material para estudos mais aprofundados. Decidi, portanto, priorizar os relatos contidos nas cartas

UMA VALADARENSE ESTRANHANDO O FAMILIAR

Explicitar os fatores de ordem subjetiva significou realizar a reflexão que Grossi (1991), sugeriu ao analisar o trabalho de campo a partir da experiência subjetiva do pesquisador. Neste artigo, a autora demonstra como a subjetividade tornou-se uma questão relevante para a produção do conhecimento antropológico, destacando que pensar na subjetividade não significa transformar a Antropologia em Psicologia, mas perceber a especificidade da relação entre o investigador e o objeto. Segundo Grossi (1993), na Antropologia a discussão acerca da subjetividade está presente nos itens iniciais das dissertações, fazendo parte dos itens metodológicos das mesmas. A autora sugere que, para compreendermos melhor a subjetividade que envolve a relação pesquisador/pesquisado, causa de muitas de nossas angústias e inquietações em campo, investiguemos os “textos à margem” fora dos textos ditos legítimos, mas “visceralmente constitutivos destes” - ou seja, as cartas, diários, biografia e outros relatos definidos pela autora como relatos de intimidade.

Neste trabalho, utilizar os textos “à margem” não foi fácil, pois significava explicitar minhas próprias ambigüidades e temia ao fazê-lo, construir um texto menos legítimo academicamente. Neste sentido, conforme observou Grossi, este “mergulho na subjetividade” era visto até bem pouco tempo atrás como “auto exposição ridícula”. Ao evidenciar este dado, pretendia seguir a trilha de Grossi, que questiona o princípio da objetividade como fonte única de conhecimento científico. Segundo esta autora, o que move os pesquisadores é a subjetividade, “pois, quando procuro conhecer o outro, estou querendo compreender minhas próprias escolhas”. Explicitar este dado não significa fazer um relato confessional e abdicar da Antropologia como processo que nos ajuda a conhecer o outro, mas demonstrar que o conhecimento é construído permeado de desejos, aspirações e frustrações de ordem subjetiva.

Na coletânea Trabalho de Campo e Subjetividade (Grossi, 1993), as autoras procuraram analisar as implicações de suas relações, no plano subjetivo, no desenvolvimento da pesquisa. As reflexões formuladas por estas autoras foram importantes, pois, assim como estas, também estava identificada com o objeto e tal fato implicou num olhar e numa relação com o mesmo.

Schwade (1992), ao identificar-se politicamente com o projeto dos sem-terra, seu objeto de estudo, salientou que esta identificação exige do antropólogo um posicionamento que é decisivo no olhar sobre o objeto e na relação com o mesmo. Como Schwade, o fato de ser valadarense aproximou-me muito dos emigrantes e criou uma relação de confiança, pois sendo “filha da terra não iria piorar a imagem da cidade” e de certa forma havia um compromisso implícito de demonstrar que “não somos um bando de aventureiros”.

Lagrou (1992) demonstrou a importância de dar alguma coisa em troca das informações, da estada e de viver entre os Kaxinawá. Durante minha estada nos Estados Unidos, havia um princípio de reciprocidade com relação às pessoas que me receberam, ajudava nas tarefas domésticas, nas compras, trouxe uma encomenda para o Brasil de uma imigrante para os seus familiares, fazia jantares nas casas onde passei, conversava após as entrevistas com as pessoas que queriam diminuir sua saudade e solidão, algumas pessoas não queriam ser entrevistadas mas desejavam falar de sua condição de migrantes. Procurei retribuir da melhor maneira possível, mas creio que o grande compromisso construído nesta relação era de, ao falar da vida cotidiana do imigrante valadarense nos Estados Unidos, não piorar a imagem destes “lá e aqui”.

Buffon (1992) vivenciou a identidade pelo contraste ao estudar homens solteiros, seus projetos afetivos e o jogo de sedução como forma de conhecimento. Especificamente nesta

pesquisa, uma mulher solteira “sozinha nos Estados Unidos” fazendo pesquisa suscitava a curiosidade, o desejo e, às vezes, a desconfiança. O fato de estar na casa de famílias, casais jovens que me conheciam desde Governador Valadares, era uma forma de introduzir-me em suas redes de relações. Às mulheres, identificava logo que tinha namorado no Brasil, e aos homens mais afoitos e carentes também. A sedução também envolvia disposição para ouvir e para fazê-los falar de suas experiências quando chegavam cansados do trabalho, ou achavam que não havia nada de interessante em suas vidas a relatar. Estas foram pequenas conquistas diárias.

As seduções foram várias e mútuas, desde de me chamarem para ficar nos Estados Unidos “*difícil é entrar, agora que você já está aqui para que voltar?*” para trabalhar de *go-go girl* “*you pay your passage in one week*”, ou ainda, convites para sair, para me enamorar. Estas deixavam-me preocupada, o que me fazia colocar limites e refletir sobre como o antropólogo, para conseguir suas informações, utiliza-se da sedução e depois precisa sair dela com delicadeza para que seus entrevistados não se sentissem usados. Desta forma estabeleceu-se uma relação de proximidade e distanciamento que foi se alternando ao longo do trabalho de campo. Um dos amigos que reencontrei em Boston, que pediu-me para não fazer parte da pesquisa como objeto de estudo disse-me quando já me encontrava no Brasil: “*mas você estava muito séria aqui nos Estados Unidos, muito preocupada com o trabalho que a gente se aproximasse mais*”. O trabalho de campo foi cheio de múltiplas seduções e transformá-las em parte do processo de conhecimento foi a tensão e o jogo desta viagem.

Refletir sobre a subjetividade no trabalho de campo, conduziu-me a retornar ao diário e às minhas anotações e pensar em como esta minha presença aparecia no texto etnográfico. Caldeira (1988:134-135)²¹, ao situar a questão da presença do autor no texto etnográfico, trouxe uma importante contribuição a esta problemática. Partindo da crítica que a antropologia americana contemporânea faz ao texto etnográfico questionando sua legitimidade, a autora começa por caracterizar a presença ambígua do autor no texto e aponta para os limites desta crítica demonstrando as dificuldades inerentes a “reinvenção da etnografia”.

²¹ Segundo Caldeira (1988), diferentemente de outras áreas das ciências sociais onde o pesquisador procura estar ausente da análise e da exposição dos dados, o antropólogo nunca esteve ausente de seu texto e da exposição de seus dados. Ao contrário, produtor ele mesmo de seus dados, instrumento privilegiado de pesquisa, a presença do antropólogo profissional, tanto no trabalho de campo, quanto no texto etnográfico foi essencial para a constituição do conhecimento antropológico. Baseando a sua produção de conhecimento na experiência pessoal de uma outra cultura a antropologia legitimou seus enunciados na fórmula: “eu estive lá portanto, posso falar sobre o outro”.

Segundo Caldeira (1988:135), esta presença se caracterizaria pela ambigüidade pois, ao mesmo tempo que é produto da experiência de trabalho de campo que nos conduz ao conhecimento do “outro”, toda a relação pesquisador/pesquisado de meses de trabalho de campo é diluída no relato, onde em nome da objetividade científica esta experiência pessoal tem que ser abstraída para construir um conhecimento objetivo sobre o “exótico”. Para a crítica pós-moderna, esta seria a única presença efetiva no texto, presença caracterizada como excessiva, embora muitas vezes oculta, uma vez que está ausente do texto o questionamento sobre a inserção do antropólogo no campo, no texto e no contexto em que esteve e neste sentido, seria uma presença insuficiente à medida em que não foi capaz de criticar a respeito de si mesmo.

O texto resultante do trabalho, às vezes, apresentará as ambigüidades referidas nestas reflexões, pois em vários momentos oculto-me no texto; em outros, a minha presença embora tímida, é mais explícita e está incorporada às várias narrativas que compõem o que denominei cartografia da emigração. Bem como alguns trechos do meu diário de campo, cartas recebidas ou escritas durante o processo. Neste sentido, embora não seja um texto pós-moderno, tentei construí-lo da forma mais polissêmica possível, buscando combinar as várias vozes e textos dos emigrantes e suas famílias com minhas observações e relatos.

Trabalhar levando em consideração a experiência subjetiva não é fácil, o cuidado metodológico é importante para que este mergulho na subjetividade propicie dados substantivos para compreender o processo migratório. Para entender a subjetividade dos emigrantes nesse processo, tornou-se fundamental refletir sobre minhas implicações de valadarense pesquisando o familiar.

O fato de ser valadarense foi decisivo na escolha do tema pois, sempre que me identifico como de Governador Valadares as pessoas me olham com certa curiosidade e perguntam: “*mas por que tanta gente vai para os Estados Unidos?*” Na seleção do mestrado fui perguntada sobre o que estava fazendo em Florianópolis e não nos Estados Unidos. Os amigos sempre que assistiam alguma notícia de brasileiros “barrados” na Imigração também me questionavam. Portanto, esta experiência construía a minha identidade de valadarense: “*Ela é daquela cidade que todo mundo vai para os Estados Unidos*”. A emigração era uma das minhas identidades contrastivas, pois todo mundo me identificava como emigrante, embora eu particularmente nunca tivesse pensado em migrar.

Neste espaço liminar de pesquisadora, viajante e emigrante que foi-se construindo o objeto, pois ao questionar as trajetórias dos emigrantes deparei-me com minha própria escolha de ir para

Florianópolis fazer o mestrado seguir carreira acadêmica e não emigrar para os Estados Unidos. Ao formular esta questão percebi o quanto o ato de migrar me fascinava: a coragem de largar tudo e ir “fazer a América”. Descobri o “outro” naquilo que me era tão familiar, o objeto havia me seduzido, queria desvelá-lo e para tanto, teria que reconstruir a trajetória do imigrante em Governador Valadares e partir para os Estados Unidos. Questionava-me: por que estas pessoas decidiam emigrar? O que as movia?

Ao analisar as narrativas sobre emigração, o conhecimento dessa realidade (a partida, a vida nos Estados Unidos, as mudanças nas vidas que emergiram das cartas), coloquei-me a questão do segredo. O que poderia revelar destes relatos de intimidade e mesmo do trabalho de campo em Governador Valadares e nos Estados Unidos, tornou-se uma questão que acompanhou toda a trabalho. O que estava implícito era que eu, como valadarense, “não pioraria a imagem da cidade” associada a imigrantes clandestinos, *go-go girls*, falsificação de passaportes.

Ao receber as cartas e entrevistas estava implícito o compromisso de não revelar os problemas e implicações deste projeto ou ainda demonstrar que “*o lugar das pessoas é aqui no Brasil e não lavando pratos nos Estados Unidos*”. Uma outra dificuldade era como falar das transformações nas relações familiares e de gênero. A emigração é associada pelos valadarenses à desestruturação familiar, pois as pessoas partem e voltam diferentes: os casamentos não “funcionam” mais, os filhos e filhas tornam-se independentes, maridos e esposas têm outras experiências, mudam-se alguns papéis de gênero. É claro que o processo de mudança na organização familiar é um fenômeno da sociedade brasileira, mas creio que a emigração torna este processo mais rápido pelo contato com outros valores, outra cultura. A sociedade experimenta esta tensão que, para aqueles que ficaram, é percebida como algo negativo, como perda de valores, entretanto, não é necessariamente isto que ocorre, a emigração gerou outras formas de relações familiares e afetivas. O que revelar destas transformações e o que manter em segredo foi o desafio que se colocou quando comecei a analisar os dados. Apenas quando estas questões foram sendo desenvolvidas, a medida que fui analisando o material coletado consegui organizar a experiência de trabalho de campo que considero o momento mais difícil desta pesquisa. Percebi que, falar das modificações familiares envolvia elaborar minhas próprias modificações de emigrante em Florianópolis, que também vivia e vive dividida entre estar aqui e estar lá; e consegui compreender os relatos subjetivos dos emigrantes, demonstrando o “texto a margem” das motivações da migração - o projeto familiar e afetivo envolve e viabiliza o projeto

econômico de migrar. Conforme anotação do diário de 17.09.94, que transcrevo a seguir, discuto um pouco sobre os ditos e não ditos desta modernização da família a partir do processo migratório.

O limite deste trabalho estaria nesta tentativa de compreender este fenômeno a partir das cartas, combinadas com outros depoimentos e através das observações apontar para os pontos de inflexão com uma discussão da inserção do Brasil no contexto das migrações contemporâneas. O trabalho acabou expressando esta preocupação de compreensão do fenômeno a partir de um caso particular - a cidade de Governador Valadares - ao mesmo tempo que investigava as possíveis ligações com outros fluxos migratórios. Os resultados da pesquisa estruturaram-se em cinco itens que expressam as tentativas de compreender este fenômeno.

Governador Valadares, 17.09.94.

Hoje conversei com Estela Grazzioti (que está realizando um levantamento em Governador Valadares sobre histórias de vida de emigrantes para ver a possibilidade de se rodar uma parte, de um filme dirigido por Hector Babenco e outros, sobre o final do milênio onde um dos enfoques seria a migração contemporânea e na qual pensaram em talvez incluir algumas histórias de valadarenses emigrados). Quando conversamos ela revelou-me o quanto estava espantada pela maneira como a emigração estava presente no cotidiano e que as cenas que haviam imaginado hipoteticamente ela havia encontrado “na vida real” aqui. Acabou perguntando-me sobre o que eu achava da “crise na família” provocada pela emigração e falei-lhe que mais do que crise na família que é a primeira coisa que as pessoas falam estaria havendo também recriação da família, pois as pessoas, em sua maioria, não emigram sem o apoio familiar nem emocional, nem financeiro com o que ela concordou. (...) Por outro lado, Míriam [minha orientadora] quando esteve aqui, disse-me que havia um não dito na cidade sobre a emigração e imagino que estivesse relacionada a idéia do segredo. Desta forma, ao mesmo tempo que o fenômeno é tão visível nas ruas pelos doleiros, agências de turismo, construções existe um cuidado das pessoas com a dimensão da vida privada que exige confiança para que se fale do processo. sobre a confiança para que se fale esta observação me foi feita por telefone pelo jornalista Marcos Sá Correa que afirmou que, após alguma desconfiança sobre o que iria dizer dos valadarenses, foi muito bem acolhido por aqueles que queriam contar suas histórias. Durante o período que passamos em Governador Valadares quando Míriam me fazia observações acerca deste “não dito” pensei nestas questões. No curso que ministramos as alunas quase não falaram sobre esta experiência e o curso era sobre Gênero e Família. Apenas uma aluna falou sobre como o pai, sua mãe e sua família haviam se modificado sobre o impacto desta experiência com a mãe aprendendo a ser mais independente tendo que cuidar do banco e das contas. E eu sabia, apenas de conhecidos que esta que outras pessoas haviam passado por esta experiência mulheres cujo noivo havia emigrado para depois retornar e casar, ou cujo irmão havia emigrado só para citar algumas. Na reunião do departamento de Ciências Sociais esta questão não aparecia como problemática quando poderia suscitar um grande projeto de pesquisa. (...) Quando de sua partida Míriam falou-se novamente desta questão dos não ditos, pergunta que ficou presente no sentido de explicitar melhor estes aspectos da vida familiar na trabalho.

III - ESTAR AQUI E ESTAR LÁ

GOVERNADOR VALADARES - HISTÓRICO DA CIDADE ²²

Governador Valadares é uma cidade situada na região leste do Estado de Minas Gerais a 303 km de Belo Horizonte (capital do Estado). É conhecida como pólo econômico regional, exercendo significativa influência no leste e nordeste de Minas Gerais e no Espírito Santo. A cidade possui 22 bairros²³ e faz parte da meso-região do Vale do Rio Doce. A história de Governador Valadares poderia ser semelhante à de várias outras pequenas cidades mineiras que surgiram à margem da estrada-de-ferro ou da rodovia.

Na década de 1930, o distrito de Figueira do Rio Doce (atual Valadares) era um entreposto comercial, impulsionado por atividades econômicas extrativas - exploração da mica, madeira, carvão vegetal, ligada desde 1910 ao Porto de Vitória (ES) pela estrada de ferro. Em 1936/37, a estrada de ferro Vitória Minas foi conectada com a Central do Brasil colocando o distrito em ligação com grandes centros consumidores - Rio de Janeiro e São Paulo.

Em 1938, o distrito já havia ultrapassado em importância comercial e concentração populacional a sede do município que era a cidade de Peçanha. Desta forma, conseguiu sua emancipação tornando-se município de Figueira. Passando a denominar-se Governador Valadares em homenagem ao interventor do Estado, Benedito Valadares, que na época assinou o decreto de emancipação.

Na década de 1940, a cidade constituiu-se num importante entroncamento rodo-ferroviário transformando-se em centro regional de prestação de serviços, comercialização e distribuição de produtos. Experimentou um período de crescimento econômico e rápida urbanização constituindo-se numa rota privilegiada de fluxos migratórios no sentido Nordeste-Sudeste (PMGV/IBAM, 1991:13; Costa, 1991:14-15) e de imigrantes estrangeiros como demonstrou Pimentel (1986). Este afluxo de migrantes fez com que a população apresentasse taxas de crescimento populacional de 4,84% nos anos 40 e 7,08% nos anos 50 (Costa:1991:14).

²² Os dados sobre a história da cidade podem ser encontrados na tese de mestrado de Siman (1988) e no Plano Diretor de Governador Valadares (1991).

²³ Fernandes Tourinho, Frei Inocêncio, Galiléia, Governador Valadares, Itambacuri, Itanhomi, Marilá, Nacip Raydan, Nova Módica, Pescador, São Geraldo da Piedade, São José da Safira, São José do Divino, Sobralia, Tumiritinga, Matias Lobato e Virgolândia.

Neste período, tanto a construção da BR-116 (Rio-Bahia), quanto o comércio de madeira, de pedras preciosas e de mica constituíram-se em oportunidades de trabalho para os contingentes migratórios que eram absorvidos por uma economia em franca expansão; era uma terra de fronteiras abertas onde muitos vieram tentar a sorte.

A economia era sustentada por atividades extrativas. Durante a II Grande Guerra, Valadares tornou-se um dos maiores centros mundiais de exportação, beneficiamento e comercialização de mica. A mica era considerada material estratégico para a indústria bélica e trouxe companhias americanas para a cidade que passava por um período de prosperidade econômica e crescimento da malha urbana.

Nos anos 60, apareceram os primeiros sinais de esgotamento deste modelo. Com a destruição das matas da região e a perda da importância econômica e estratégica da mica, desfazem-se os centros propulsores da economia local. Este quadro provocou modificações nos setores primário, secundário e terciário como demonstrarei a seguir:

Setor Primário²⁴

A decadência das atividades extrativas deslocou os investimentos inicialmente para o setor primário. A pecuária desenvolveu-se nas terras desmatadas pelas madeiras e tornou-se a principal atividade econômica do setor. As terras ocupadas por pastagem ocupam aproximadamente 83% do solo do município, enquanto apenas 7% é destinado à agricultura. Por sua característica extensiva, também não absorveu a mão-de-obra excedente das atividades extrativas.

A agricultura, por sua vez, caracteriza-se pelo baixo índice de modernização e de inovações tecnológicas, a produtividade é baixa e os pequenos e médios produtores enfrentam ainda as dificuldades de escoamento, de armazenamento e do alto custo dos insumos. A atividade de mineração permanece sustentada pelos veios de feldspato e granito na área de Governador Valadares. Além disso, as pedras preciosas e semipreciosas são muito comercializadas no Brasil e no exterior.

Setor Secundário

Governador Valadares tem o setor secundário caracterizado por uma capacidade limitada de industrialização, o que pode ser explicada como decorrência da dificuldade de obtenção de

²⁴ Dados extraídos do Plano Diretor de Governador Valadares, PMGV/IBAM, 1991:14-18. Este trabalho foi realizado pela Prefeitura Municipal de Governador Valadares com a assessoria do IBAM - Instituto Brasileiro de Administração Municipal.

financiamentos, da falta de acesso a incentivos governamentais; da dificuldade para colocação de recursos no mercado. A atividade predominante é a indústria alimentícia.

Em meados da década 80, a indústria da construção civil foi intensificada em função da expansão da migração de valadarenses para os Estados Unidos, pois os emigrantes passaram a enviar dólares às suas famílias para a construção de casas e apartamentos. As remessas de dólares deram à construção civil um dinamismo que durante a década de 80, um período de crise no Brasil, permitiram que este setor gerasse empregos e movimentasse, junto com as agências de Turismo, a vida econômica da cidade.

Setor Terciário

Com a decadência das atividades extrativas, o comércio e a prestação de serviços configuram-se como as atividades mais importantes da região. A cidade, desde a década de 50 até meados da década de 80, foi um importante pólo de atração migratória. Este contingente contribuiu para o crescimento da população urbana e possibilitou a terceirização da economia valadarense.

A cidade concentra um grande número de estabelecimentos atacadistas, varejistas e unidades prestadoras de serviços absorvendo a maior parte de mão-de-obra existente na micro região. Portanto, de cidade de economia extrativa durante a década de 60, Governador Valadares transformou-se nas décadas de 70 e 80 direcionando sua economia para o setor terciário. Estes dados ficam mais claros no quadro apresentado a seguir:

QUADRO I - Crescimento do número de pessoas ocupadas, por setores econômicos no Município de Governador Valadares - 1975/87

Setor	1975*	1987**	Crescimento %
Indústria	4.817	6.892	43.10
Comércio	6.817	8.161	28.70
Serviços	4.855	16.220	252.00

Fonte: DPP/SEPLAN-PMGV

Notas: * FIBGE, Censos Econômicos de Minas Gerais

** Dados Originais - Lei n 4.923 - CEBAT/MTB - Ajustes: DPP/SEPLAN-PMGV

O fato da cidade transformar-se em pólo regional continuou a atrair muitos imigrantes ao longo dos anos 70 e até meados da década de 80. Segundo dados preliminares de estudo realizado pela Companhia Vale do Rio Doce - CVRD²⁵, pode-se ter uma dimensão deste afluxo: 67,9% da composição da população de Governador Valadares seria de migrantes e o período mais forte desta emigração foi entre 1950 e 1980, com pico nos anos 60.

Complementando estas informações, um rastreamento realizado com os dados do Censo de 1980 demonstra que a cidade transformou-se em ponto de partida para vários fluxos migratórios dentro do Brasil. A tabela 1 demonstra como os valadarenses espalharam-se pelo território nacional, ao mesmo tempo que diminuíram os fluxos migratórios para a cidade.

TABELA 1 - O FLUXO MIGRATÓRIO DE GOVERNADOR VALADARES

UF de origem/ destino	Imigrantes. G. V.	Emigrantes de G.V.	Saldo migratório
Rondônia	83	1377	-1294
Pará	118	1724	- 1606
Outros - R. Norte	7	92	- 85
TOTAL REGIÃO NORTE	208	3193	- 2985
Bahia	1225	950	275
Outros Nordeste	489	420	69
TOTAL REGIÃO NORDESTE	1714	1370	344
MINAS GERAIS	33894	35693	-1799
RM Belo Horizonte	3188	16883	-13695
Vale do Aço	1733	8169	-6456
Minas - Outras	28973	10621	18352
ESPÍRITO SANTO	1286	5377	-4091
RIO DE JANEIRO	1446	3853	-2407
RM Rio de Janeiro	1184	3164	-1980
R. Janeiro- Outras	262	689	-427
SÃO PAULO	1895	11479	-9584
RM São Paulo	1627	9693	-8066
São Paulo - Outras	268	1786	-1518
TOTAL REGIÃO SUDESTE	38441	54402	-17961
TOTAL REGIÃO SUL	523	399	124
Mato Grosso	138	1414	-1276
Outros-C. Oeste	364	1879	-515
TOTAL REGIÃO CENTRO OESTE	523	399	124
TOTAL DO BRASIL	41388	64657	13269

Fonte: FIBGE, Censo demográfico 1980, Minas Gerais

Nota: Amostra de 25%

²⁵ Projeto Projeção Econômica e social da CVRD. SUCEM/GIDEL - UNIVALE - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS. p. 12.

Este mapeamento é interessante, pois sugere que a imagem da cidade mudou de terra de imigrantes para de emigrantes. Estes dados contribuem para evidenciar que os fluxos migratórios fazem parte da experiência da cidade e que, para os valadarenses, deslocar-se para um outro lugar faz parte de sua experiência de vida.

No que se refere ao crescimento populacional, pode-se observar que a partir de 1970 houve uma diminuição do ritmo de crescimento demográfico, pois de 4,2% nos anos 60, caiu para 2,0% nos anos 70. Esta queda é apontada como consequência do menor dinamismo econômico (madeira e mica) e do baixo índice de criação de empregos (pecuária e pedras semipreciosas) (Plano Diretor de Governador Valadares. PMGV/IBAM, 1991). Estas mudanças podem ser observadas com as informações dos quadros a seguir.

QUADRO II - Crescimento da população de Governador Valadares

Ano	População residente
1960	108.755
1970	164.297
1980	196.115
1991	230.497

Fonte: IBGE, Resultados preliminares Censo demográfico 1991

QUADRO III - Taxa geométrica de crescimento anual da população

Ano	Taxa geométrica de cresc. anual
1960/1970	4,21
1970/1980	2,02
1980/1991	1,47

Fonte: IBGE, Resultados preliminares Censo demográfico, 1991

A diminuição das taxas de crescimento populacional observada a partir dos anos 80, segundo Soares (1993:20-22), guardaria íntima relação com o processo de migração de valadarenses para os Estados Unidos. O autor associa ainda a limitação do mercado de trabalho local que, por não apresentar capacidade para absorver totalmente a mão-de-obra, seria uma das principais causas dos fluxos migratórios. Entretanto, deixa-nos um questionamento: *“se podemos apontar a falta de oportunidades sociais e econômicas como uma das causas principais deste fluxo, isto não explica os contornos que ela assume: seu caráter clandestino e em direção ao estrangeiro”*.

Neste ponto, retornei à década de 40, ao período da mica para problematizar as relações Governador Valadares-Estados Unidos. O meu objetivo é demonstrar a constituição de uma cultura

migratória como um dos fatores que explica porque tantos valadarenses optaram migrar para os Estados Unidos. Desta forma, pretendo explicar o questionamento de Soares (1993:24) argumentando que: embora a crise econômica seja um fator que explica o fluxo para os Estados Unidos, o fluxo migratório Governador Valadares-Estados Unidos demonstra-nos que, no plano da subjetividade, foi se construindo um “desejo de migrar para América” e não para outro lugar, devido ao imaginário que se criou em relação à América ainda na década de 50 e à rede de relações que se estabeleceu entre os primeiros migrantes e os que os sucederam.

ESTAR AQUI - GOVERNADOR VALADARES

Este breve histórico evidencia o processo de formação da cidade do qual irei destacar o período da mica, pois foi nesta época que encontrei a primeira “Conexão USA”. Estes dados foram descritos de forma resumida, pois o que interessava-me aqui é demonstrar como no período de apogeu da atividade extrativa - a mica - estabeleceram-se os primeiros contatos dos valadarenses com os americanos.

O PERÍODO DA MICA - A PRIMEIRA CONEXÃO USA

Durante a II Grande Guerra, houve um aumento da demanda mundial pela mica que, sendo utilizada para isolamento na indústria bélica, era considerada material estratégico. Atendendo a expectativa da época, a cidade tornou-se um grande centro de beneficiamento de mica, cujas oficinas pertenciam a brasileiros e o apoio técnico e a comercialização eram realizadas por firmas americanas. A mica movimentava a vida comercial, colocando a cidade em contato direto com os Estados Unidos. A presença americana na cidade neste período é considerada pelos autores Bicalho (1989); Sales (1991); Goza (1992) e Margolis (1994) como a explicação mais provável para o fluxo posterior de valadarenses para os Estados Unidos.

Neste sentido, o programa “Conexão USA”, quando trata do histórico da imigração, também relaciona a emigração ao comércio da mica em Governador Valadares na década de 50. A emigração iniciaria o terceiro ciclo econômico da cidade, o ciclo do dólar. As imagens de grandes cidades americanas como Miami, com casas e carros luxuosos enfatizam muito o *welfare state*

americano. Além disso, entrevistem um emigrante brasileiro da década de 60 que, assim como os emigrantes que havia entrevistado em meu trabalho de campo, relata sua aventura na “América” realçando o seu sucesso.

Para reconstruir a história da cidade, no sentido de buscar suas conexões com o posterior fluxo para a América, cruzei os dados provenientes da bibliografia acerca da história da mesma, com os dados provenientes do trabalho de campo em Governador Valadares. Explorando um pouco estes dados, realizei cinco entrevistas²⁶ com pessoas que acompanharam o período, considerado pelos próprios moradores, como o apogeu do crescimento da mesma e ainda duas entrevistas com emigrantes da década de 60.

Os relatos extraídos destas entrevistas forneceram-me diferentes olhares sobre este momento e suas possíveis relações com a constituição de uma cultura migratória.

“Cheguei em 1941, fui o primeiro dentista do SESP no Brasil. Na ocasião, era o pique da extração da mica que era feita por firmas americanas juntamente com firmas brasileiras como os Santos Nogueira. Na época a mica era utilizada como material de isolamento. Quando eclodiu a Guerra dos Estados Unidos com o Japão, eles [os americanos] firmaram um acordo para o Brasil contribuir com o esforço de guerra. (...) Fruto deste convênio surgiu o SESP - Serviço Especial de Saúde Pública, com a finalidade de resolver o problema de saneamento básico e do atendimento hospitalar, fizeram trabalho em Vitória, Colatina, Aimorés e Valadares.” (Hist. I - 70 anos).

“Na década de 50, a Rio-Bahia era importante demais no cenário brasileiro, tanto que em 61 no movimento de asfaltamento da Rio Bahia, um dos maiores movimentos partiu daqui. Valadares era sede das operações da Rio-Bahia. Independente disso, Valadares, desde a época da Figueira, era entroncamento dos mascates, entroncamento dos tropeiros. Então o que aconteceu atraiu muita gente e, juntamente com a exploração da mica, vinha exploração da madeira, e começou a juntar muita gente e muita madeira (...) por que aqui tinha 22 serrarias, tinha serraria no centro da cidade e aqui o negócio que rolava era serraria mesmo. Aí, quando juntamente com isso as lavras também, a região já começou a ficar famosa pelas pedras o que já atraiu alguns estrangeiros.” (Hist. III, 55 anos).

“Os americanos vieram para Governador Valadares na época da mudança da estrada de ferro do centro da cidade para onde passa atualmente e para a extração da mica. (...) Para receber os americanos fizeram um acampamento de casas de madeira no estilo americano que ficou conhecido como - Acampamento da Vale - para os funcionários de maior categoria. (...) Quando os americanos chegavam era uma festa O dólar naquela época não circulava como hoje, quando você entra em qualquer butiquim e ouve cotação de dólar;

²⁶ Para as fontes sobre a história da cidade, utilizei a identificação Hist.I, Hist.I, Hist. III, Hist.IV e para os emigrantes da década de 60, EmigranteI e EmigranteII, como garantia de sua não identificação.

mas os americanos com sua moeda podiam comprar muito, e não pegavam o troco, inflacionaram muito o preço das coisas. (...) Nesta época foram os primeiros valadarenses para lá para aprender a manipular a mica, o que a gente notava que quando eles voltavam é que o sujeito chegava 'pisando mais alto', né? Chegava com uma roupa melhor, um jeito melhor de conversar e principalmente a imitação da conversa deles na época era "Hai do do" (How are you?), num sei o que lá, era um tal de "good-night", "Yes" que era muito engraçado." (Hist II, 60 anos)

"Naquela época, um dólar eram 19,00 cruzeiros. Eu engraxava um sapato a 1,50 cruzeiros. Eles, os americanos, davam um dólar e não pediam o troco, pediam para comprar cigarro ou jornal e não pegavam o troco, a gente pensava que o dólar era fácil de ganhar." (Hist IV, 55 anos)

"O SESP foi criado em 1943 por um convênio Brasil-USA, com a finalidade de extinguir a malária que assolava a região. Na direção do SESP os principais cargos eram exercidos por americanos, os outros por brasileiros. (...) Todavia, atribuo o gasto do americano com a extinção da malária se prendesse ao interesse pela obtenção da mica." (Hist V, 70 anos)

As palavras ditas em inglês, os dólares que chegaram ao comércio, a ajuda na construção do SESP (1942), além da construção de algumas casas no estilo americano são indicativos desta influência. Embalados no sonho de ganhar "verdinhas" os primeiros valadarenses foram para os Estados Unidos.

São dois os momentos da história da cidade em que os entrevistados se referem à presença americana: o período da mica e a duplicação da linha da Vale do Rio Doce. Na memória destes valadarenses, a lembrança dos americanos está relacionada ao progresso, a melhoria das condições de vida, a ganhar dólar. Na década de 40, Governador Valadares era uma cidade pequena, possuía cerca de 25.000 habitantes que experimentaram esta interseção de culturas, não apenas com os americanos, mas também com outros imigrantes.

Mas porque a "América"? Assim como observou Feldman-Bianco (1993:48) sobre as memórias de emigrantes portugueses, a América foi transformada em utopia. No caso de Valadares, as lembranças que associaram a presença americana à melhoria de condições de vida e ao progresso, contribuíram para que se criasse esta utopia. Embora, segundo os relatos, os americanos não se misturassem muito com os brasileiros, a língua diferente, as casas de madeira e as notas de dólar permitiram que se imaginasse o que era a "América". Os relatos dos que viajaram ajudam a inventar uma ligação com os Estados Unidos, a tornar presente os Estados Unidos em Governador Valadares.

“Esses jornalistas, esse pessoal sempre quer falar comigo e eu nunca me interesso em responder porque eles querem que eu diga que os americanos tinham interesses imperialistas e por isso nos ajudaram. Eles nunca conseguiram incutir no valadarense sentimentos anti-americanos, pois foram eles que nos deram saneamento básico, água, esgoto. Além disso o SESP realizou também pesquisa sobre doenças endêmicas. Eles ajudaram as firmas de mica fornecendo material e pessoal técnico, mas as firmas eram brasileiras.(...)Esta identificação já faz parte de nossa identidade. Governador Valadares é uma cidade de interior voltada para o exterior, para o oceano, antes da guerra eram os alemães e os japoneses depois os americanos - estes só trouxeram progresso. Nós hoje somos uma cidade internacionalizada, tanto é que você vê qualquer pé de chinelo sai destas cidadezinhas aqui perto vai para o Galeão pega um avião chega no Kennedy e se sente em casa.” (Hist I - 70 anos)

Estes relatos são significativos para evidenciar a construção de um imaginário que naturaliza a presença americana em Valadares, da mesma forma que recria um certo mito da identidade valadarense internacionalizada. A presença americana na cidade portanto, embora temporária, deixa na memória dos moradores a idéia de modernidade, de progresso. Por isso, a América vai se tornando utopia e *‘qualquer pé de chinelo chega no Kennedy’* (Hist I). Faz parte da perspectiva de vida do valadarense ir para a América. Todo o valadarense, inclusive esta pesquisadora, já ouviu muitas aventuras, estórias de passagens pela imigração, as primeiras viagens ao Rio de Janeiro, *‘o primeiro trambique para tirar o visto’* (Emigrante II).

Quando a crise econômica se aprofundou na década de 80, a partida de valadarenses para os Estados Unidos tornou-se significativa, por que já fazia parte de nossa subjetividade esta possibilidade: a utopia americana. Já conhecíamos as oportunidades de emprego, onde ficar e possuímos pessoas para nos ajudar, por isso a escolha dos Estados Unidos.

“Eu cheguei em Valadares em 56. A Morryson não teve influência alguma na cidade. Basicamente a Morryson não ficou na história a não ser quando algum remanescente de vez em quando lembra, mas você não encontra o fio condutor, ela é mais uma que esteve aqui como os milhares de pioneiros que vieram de todos os lugares, mas ela não era uma matriarca (...) tinha o acampamento da Vale e os americanos tinham uma certa influência porque numa época de pioneiro quando nem português se falava direito, o americano com aquela língua nativa dele, não tiveram nenhuma influência a não ser na instalação do Rotary (...) Essa história que um ou outro funcionário levou então criou uma lenda não tem nada disso foi só na década de 60 que as pessoas começaram a migrar.” (Historiador III, 55 anos)

Este relato é interessante, pois ao mesmo tempo que quer desenfaturar a presença americana fala-nos do mito que se criou em torno dos que foram trabalhar com os americanos nos Estados Unidos, colaborando para indicar a construção de um imaginário acerca da imigração.

Neste contato com os americanos encontra-se uma das explicações para o fluxo migratório Governador Valadares - Estados Unidos. Na década de 60, com uma população constituída basicamente de imigrantes, a idéia de “fazer América” era uma “aventura”, assim como a vinda dos imigrantes para Valadares na boléia de caminhão, ou diretamente de um porto no Rio ou São Paulo para esta cidade (Pimentel, 1986:10). Também podemos observar a construção de um imaginário que valoriza a migração e contribuirá para a criação de uma cultura migratória na cidade.

Segundo Margolis (1994:93-94), uma “cultura de migrar para o exterior” (grifo da autora) existe em Governador Valadares e nas cidades do Vale do Rio Doce. O termo, elaborado pelo cientista político Wayne Cornelius, é aplicado para comunidades que têm amplos padrões de migração internacional estabelecidos por longo tempo; muitas crianças esperam, ao crescer migrar, como parte de sua experiência de vida. Portanto, padrões de migração de longo tempo levam ao fortalecimento de laços entre a comunidade de envio e a de destino no estrangeiro, neste caso, entre Governador Valadares e algumas cidades americanas. Ainda de acordo com Portes (1990), pessoas emigram para onde elas encontram conexões e uma certeza de familiaridade. Fatores econômicos são importantes na decisão de migrar, mas informações acerca das oportunidades são igualmente cruciais na decisão para migrar.

Partindo destas observações, pode-se afirmar que em Governador Valadares esta “cultura de migrar para o exterior” está presente, pois percebemos através dos relatos, das cartas, dos depoimentos dos emigrantes da década de 60 e na forma como se construiu historicamente a presença americana na cidade, como ir para a “América” tornou-se parte do imaginário de vários valadarenses. Assim, quando partem para os Estados Unidos movidos pela esperança de “fazer América”, contam com aqueles que já estão por lá esperando.

Os relatos dos primeiros imigrantes permitem-nos compreender por que “ir para a América” adquiriu esses contornos em Governador Valadares. Criou-se um imaginário sobre as possibilidades na “América” de trabalhar e, ao mesmo tempo, foi se articulando uma rede de apoio, tanto nos Estados Unidos para receber os emigrantes e auxiliá-los nos seus primeiros meses, como na cidade para ajudá-los na execução do projeto de migrar.

Numa cidade formada basicamente por imigrantes internos e também internacionais, a criação de tal imaginário impulsionou a primeira “Conexão USA”: a emigração dos primeiros valadarenses para os Estados Unidos. O depoimento de um morador da cidade revela como ocorreu este desdobramento:

“Então acabado o período da mica e da madeira ficamos com uma cidade, um município que havia inchado baseado numa economia onde corria muito dinheiro . A Zona Boêmia aqui era uma zona boêmia de capital, você mede o progresso de uma cidade, o eldorado de um lugar, pelo que ele reúne de atrações que exigem dinheiro. Então, Valadares possuía casas de jogos, casas de tolerância, todo mundo tinha dinheiro. Mas, de repente secou a mica, secou a madeira, tudo junto, um atrás do outro. E o que restou? Um grande contingente humano nascido naquele período acostumado a ganhar esse dinheiro. Porque a indústria extrativa tem esse problema ela bloqueia a mente das pessoas para outros fins (...) Então, isso aqui deixou de produzir. Nós sempre importamos 65% do que nós consumimos, por que não houve um direcionamento os pioneiros que vieram para cá do Espírito Santo, italianos, alemães, seja lá quem for e dos outros lugares, eles vieram simplesmente para extrair e não assentaram raízes e transformaram em agricultura, transformaram em indústria. Então a cidade ficou parada . Ela chegou a ser terceira no ICM no Estado, hoje ela é a décima oitava, resultado da falta de planejamento de quem tá ganhando muito dinheiro, quem não se preocupa com o amanhã, o negócio tá bom, foi Deus que deu, era madeira e mica.” (Hist III- 55 anos)

Esta explicação êmica para os problemas que a cidade passou a enfrentar, com o fim período da mica, destaca algumas características que explicam os limites do crescimento da cidade, confirmando os dados do histórico da mesma. Sugere ainda que a “falta de raízes” característico de quem vive da atividade extrativa explicaria os rumos que a economia da cidade tomou e as alternativas de seus moradores. É interessante observar que a “falta de raízes” foi apontada em outras explicações para este fluxo, entretanto, quem não tinha raízes? Segundo o relato do historiador III e dos próprios emigrantes da década de 60, os “primeiros aventureiros” tinham condições econômicas e emigrar era quase uma “aventura”, a grande maioria da população, permaneceu enraizada na cidade e foi incorporada no setor terciário.

“Aí alguns rapazes uns por farrá, outros queriam estudar nos Estados Unidos, como o caso do Toninho Coelho que passou lá um ano estudando, outros por que tinham condições por que o visto era fácil e a passagem não era tão cara, numa seqüência assim foram uns dez. Aí foi um depois foi outro aí o outro escreveu e desses dez aí uns cinco ou seis voltaram um ano depois. O, por exemplo trancou a matrícula dele em Belo Horizonte e trabalhou um ano foi ser garçom, “bus boy”, voltou com dinheiro para comprar um carro. Aquela garotada que estava por aí zanzando na dependência de pai e mãe sem saber o que

fazer aqui no Brasil com empreguinho medíocre , aquela mão-de-obra ávida para ganhar dinheiro, viu aquilo e começou.” (Historiador III, 55 anos)

Os primeiros que foram escreviam e acabavam chamando outros. As redes de relações começam a se delinear e outro depoimento contribuiu para demonstrar como foi se configurando este fluxo:

“Há vinte oito anos atrás [1965], trabalhava na Aerolíneas Peruanas Sociedade Anônima APSA, em Governador Valadares. A firma era gerenciada pelo Sr. Roberto White, tinha um tipo de galã nem sei porque o sobrenome é White, ele introduziu um estilo ‘yuppie em Valadares na época. Ele vendia passagem e mandava o pessoal para lá eu batia atestado de residência para tirar documentos para tirar passaporte. Eu batia vários atestados daqueles por dia. Acho que o valadarense nasceu com a mala pronta.” (Historiador VI)

Na seqüência destes depoimentos, os relatos dos emigrantes demonstram como foi se configurando este imaginário acerca da “América” quando as primeiras levas de emigrantes iniciaram a experiência de viver num outro lugar - os Estados Unidos. Os primeiros emigrantes eram homens, jovens e solteiros e emigravam temporariamente.

OS PIONEIROS - EMIGRANTES DA DÉCADA DE 60

Os primeiros emigrantes valadarenses, que na década de 60 foram para os Estados Unidos, tinham como objetivo “ fazer a América”. O que significava trabalhar e ganhar dólares suficientes para retornar ao país de origem, comprar uma casa, um carro e montar um comércio. Este projeto é semelhante ao de outros grupos de migrantes para os Estados Unidos, como os dominicanos, haitianos e caribenhos (Schiller, 1992), portugueses (Feldman-Bianco, 1992 e Monteiro, 1985) e outros.

Os valadarenses emigravam temporariamente, alguns trancavam matrículas por um ano nos cursos superiores que faziam, ou deixavam um “negocinho” aqui e “lavavam prato durante um ano “ ou dois, no máximo. Num momento mais favorável da economia americana, os emigrantes faziam parte de programas de trabalho mantidos pelo governo e arrecadaram uma poupança que lhes permitiu voltar. Hoje são donos de postos de gasolina, edifícios ou terras em Governador Valadares.

“Tudo foi em 1964. Eu era bancário, constituí a primeira turma de emigrantes valadarenses. A idéia surgiu através de um amigo, que fazia curso de inglês comigo. Pensávamos em ir para conhecer e não para trabalhar. Este meu amigo,....., em 1964,

depois da Revolução, foi a Belo Horizonte visitou o consulado e recebeu a seguinte informação: Era fácil ir, passagem custava seiscentos dólares (não sei se era ida e volta) éramos tão bobos que não sei se fomos lesados. Tínhamos que apresentar um mil dólares e todos os documentos pessoais. Não havia problema para emigrar e contamos esta idéia para mais dois amigos que deram a entrada nos papéis juntos. Mas meu amigo, que tinha situação financeira melhor, (pai empresário, dono da primeira fábrica de macarrão da cidade) foi primeiro. Ele também era bancário e foi o primeiro a pisar em solo americano. Houve antes apenas um caso de intercâmbio cultural: o Toninho Coelho. Para irmos, nós voltamos a Valadares para tentarmos levantar os mil dólares para cada um, mas não conseguimos. Demos então início ao primeiro trambique: juntamos o dinheiro dos três e cada um entrava e apresentava o mesmo dinheiro. Naquela época estávamos fazendo a maior façanha do mundo, pois, Valadares era interior. Minha mãe achava que eu estava indo para o fim do mundo.” (Emigrante II)

“Eu não precisava ir para América, tinha um negócio aqui, um açougue e umas terrinhas, mas naquela época era muito fácil e eu queria ver como era, queria ganhar o dólar, voltar e contar a aventura. Juntamos eu e uns amigos e fomos era uma farrá, eles voltaram eu fiquei.” (Emigrante I)

Os relatos apresentam duas estórias que tomaram rumos diferentes, ambos emigraram na mesma época, em meados dos anos 60, com amigos. A emigração é relatada como uma aventura, quase um rito de iniciação, para quem dispunha de algum dinheiro e queria trabalhar por um ano para comprar um carro novo, aprender uma língua e voltar para o seu país contando as aventuras e desventuras.

Tanto o emigrante I quanto o II fizeram nos Estados Unidos os serviços destinados a trabalhadores emigrantes, lavaram pratos e, embora “enrolassem a língua”, não dominavam o inglês. Ambos foram com passaportes com visto de turista e ficaram como trabalhadores ilegais, mas por pouco tempo, pois logo conseguiram o “green-card”²⁷. O emigrante I retornou ao Brasil e já ajudou muita gente a ir para os Estados Unidos, mas atualmente deseja ficar rico com as riquezas de sua terra “as pedras”. O emigrante II permaneceu nos Estados Unidos e casou-se com uma americana. Viveram juntos por vários anos e depois por diferenças culturais “a mulher americana é muito independente” separaram-se, ficou com o filho morando nos Estados Unidos e vindo sempre ao Brasil, ocasião em que o encontrei. Os primeiros emigrantes, ao retornarem com seus relatos, contribuíram para alimentar o sonho de outros valadarenses de ir para a América.

²⁷ Este cartão autoriza ao estrangeiro residir e trabalhar nos Estados Unidos e, após 05 anos, pleitear a cidadania americana. Conseguir o “green-card” é o grande sonho dos imigrantes ilegais.

Perguntei ao Hist. III, se em sua perspectiva por que Valadares havia se tornado foco de imigração para os Estados Unidos? Eles não poderiam ter ido para outras localidades no país?

“Mas foram e os que foram, e eu registrei isso numa reportagem minha, para Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Entretanto, quando voltaram não contaram vantagem alguma, em comparação com aqueles que chegavam com carro novo, chegavam falando diferente, tinham andado de metrô, eles não traziam um tênis novo e nem falavam o nome dos artistas de cinema com a pronúncia correta para impressionar os outros, nem compravam um carrão. Então o que, esse cara de Belo Horizonte e que teve em BH [Belo Horizonte] estudando ou trabalhando em Rio e São Paulo, tem para acrescentar? Nada, absolutamente nada, é comum. A realidade é essa, eu, cheguei do Rio em 56, nunca ninguém perguntou: ‘Ah é? E como é que é a sua vida?’ Ninguém queria saber de onde eu era. Mas, o cara chegava dos Estados Unidos sentava no bar, ali na Broadway (barzinho da cidade que já chamava Broadway), e contava assim: - ‘Ah, eu peguei o subway’, o cara perguntava: - ‘Subway? Ele dizia: - ‘É, metrô’. - ‘Como é que é? Eu posso pega ele?’ Aí, o sujeito pedia: ‘traz o uísque aí’...[e os causos rolavam]. Aí a simbologia foi criada. E você sabe que quem ia eram os rapazes, não iam mulheres, depois é que a coisa ficou tão escancaradamente boa que qualquer um ia cara de 60, 40, 20 anos” (Historiador III).

“Acredito que nós quatro fomos pioneiros, inauguramos uma nova fase de relacionamento entre Governador Valadares e a América. Abrimos a América para os valadarenses, assim como para o Brasil. Valadares era notícia apesar de ser interior. Chegamos quatro e sessenta dias depois foram mais dez. As idas começaram a se multiplicar. Ligados por parentesco e amizade” (Historiador II).

Estes depoimentos contribuem para explicar como “América” tornou-se parte do das perspectivas de vida, fazendo parte do imaginário dos valadarenses. Às primeiras levadas de emigrantes foram sucedendo outras, os parentes, amigos (as), filhos(as) nos demonstrando a importância da rede de relações para que este fluxo entre Governador Valadares e os Estados Unidos se estabelecesse.

OS EMIGRANTES DA DÉCADA DE 80

Na década de 80, “ ir para América “ - é a expressão utilizada pelos próprios valadarenses - tornou-se a opção de vida de um número cada vez maior de pessoas. As histórias de sucesso na década de 60 e 70, a possibilidade de algum parente ou conhecido ajudar nos primeiros meses de América, associados ao agravamento da crise econômica brasileira e a estagnação econômica da cidade, fizeram desta um ponto de partida significativo para migrar. Criou-se uma ampla rede de

relações em Governador Valadares, que envolve companhias de turismo, despachantes, doleiros e redes de parentesco que se articulam nos Estados Unidos numa verdadeira corrente migratória.

E a cidade tomou uma nova face. Na década de 90, a emigração de valadarenses para os Estados Unidos já faz parte do cotidiano da cidade. Nas agências de turismo encontramos pessoas de diversas classes sociais munidas de sua identidade para receber os dólares provenientes da América. O slogan destas agências é: *“aqui seu dólar vale mais”*. Nas casas de materiais de construção ou em algumas lanchonetes também encontramos estes avisos. Nos cartórios da cidade, casamentos e divórcios por procuração são dados desta relação e também existem advogados especializados em ir aos Estados Unidos para realizá-los.

Esta migração temporária de homens e mulheres envolve as famílias neste processo, na medida em que o sonho destes emigrantes é juntar dinheiro na “América” para retornar ao Brasil, contando com as famílias para cuidar dos filhos, dos negócios, da vida que fica aqui. Neste sentido, o projeto torna-se familiar, afetivo e econômico, envolvendo até aqueles que não migraram. A viagem dos pais para os Estados Unidos para auxiliarem os filhos “Brazucas” a aguentarem *“mais um tempo na América”*, também demonstra uma intrincada rede de relações que mantém este fluxo.

O estranhamento desta questão está nesta fronteira ampliada que coloca Governador Valadares em contato com Boston, Newark, New York e outras cidades americanas já inseridas numa economia mundializada, e nestas relações que se mantêm no Brasil. Este processo apontaria para culturas em contato que colocam em questão valores, normas e padrões.

ESTAR LÁ - A VIDA NOS ESTADOS UNIDOS

A viagem para os Estados Unidos colocou-me em contato com a vida de alguns destes emigrantes. Nos Estados Unidos encontrei-me com José Mário e sua irmã Maria Lúcia, José Arthur e sua esposa, Maria Marta e seu esposo, e ainda com Maria Antônia, que é tia de José Júlio. Na partida, o encontro com as trajetórias que buscava retratar. Viajei com D. Maura (nome fictício) uma senhora de Governador Valadares que estava indo para os Estados Unidos encontrar-se com a filha. A primeira vez que viajei foi com o objetivo de ajudar no casamento da filha. Agora, estava indo para auxiliar no nascimento do netinho e ficar com a filha nos primeiros meses após o parto. Declarou-me, enquanto esperávamos o vôo, que não gostava de viajar de avião e não fala uma

palavra de inglês. A viagem foi rápida, fiquei mais tempo no aeroporto do Rio de Janeiro esperando o voo para New York do que viajando: saímos à 01:00h da manhã e às 09:00hs estávamos no aeroporto JFK em New York. Assim foi o meu rito de passagem, cheguei na “América” numa manhã ensolarada de sexta-feira, um dia de primavera.

A rapidez da viagem fez-me recordar do depoimento de um emigrante no Programa Conexão USA. Quando questionado sobre por que deixara a Nova Zelândia por Boston respondeu: *“porque aqui o dólar vale mais e também é mais perto”*. Realmente, a integração do mundo promovida pela globalização possibilita que as pessoas se desloquem com maior facilidade e frequência e os imigrantes bem sabem disso.

No caso de D. Maura, ela já não estava tão tranquila pois não queria colocar o endereço da filha temendo a Imigração e por mais que eu tentasse convencê-la de que não haveria problema ela deixou o local destinado ao endereço em branco. Conclusão, eu passei pelo guichê onde checam o passaporte e D. Maura “caiu” na entrevista. A situação ficou difícil pois, não falo inglês fluentemente e como se tratava de uma senhora de idade, fiquei sem saber o que fazer. Ao questionar os oficiais estes perguntavam-me se ela era minha parente e diante da minha resposta negativa diziam apenas - “wait”. Já imaginava que ela seria deportada, quando para meu alívio, ela apareceu no corredor completamente lívida.

Após esta primeira etapa, pegamos nossas malas e nos pusemos a caminhar as portas pareciam não se acabar. Quando imaginava se ainda teríamos alguma outra entrevista, qual não é minha surpresa e alívio ao abrimos uma porta imensa e nos deparamos com o saguão do aeroporto onde nos aguardavam ansiosos Maria Marta e seu marido.

José Mário apareceu um pouco depois e fiquei muito feliz pois, faziam 03 anos que não nos víamos, quanta saudade! Eles seguiram o seu caminho de volta a Haynnes, não sem antes fazer uma visita a estátua da liberdade. José Mário e eu seguimos uma cidadezinha próxima a Manhattan.

REENCONTRANDO VALADARENSES EM NEW YORK E NEWARK

A primeira etapa da viagem foi contatar os valadarenses dos quais dispunha cartas ou endereços na região de New York e Newark. Durante a primeira semana hospedei-me no apartamento de um valadarense que está há 07 anos na “América”, e fez o seguinte relato:

“A primeira vez que vim para os Estados Unidos era muito novo, embora tivesse minha irmã para apoiar-me aqui, perdi muito tempo. Nos Estados Unidos é assim, se a gente não junta dinheiro nos dois primeiros anos depois fica difícil. Eu dei azar, quando meu irmão morreu no Brasil fiquei meio perdido, sem estímulo para nada. Logo resolvi voltar tentei montar alguma coisa, um açougue, e não deu certo. Quando voltei pela segunda vez, passei ilegalmente pelo México e se tivesse que tentar de novo faria tudo novamente, pois que chance teria eu no Brasil? Não tenho estudo e aquela crise danada ... Mas eu amo demais aquele país e quero voltar se Deus quiser eu vou juntar dinheiro comprar uma casinha simples e voltar” (José Mário - 26 anos).

Está casado há quatro anos com uma brasileira de São Paulo, Joana (nome fictício - 33 anos). Já na chegada comecei a perceber que havia diferença nos projetos de “fazer a América”, José Mário vivia nos Estados Unidos com o coração no Brasil, mas sua esposa não possuía o mesmo tipo de ligação. Ao longo do trabalho, estes sentimentos ambíguos em relação a ficar nos Estados Unidos ou voltar para o Brasil apareceram em vários depoimentos. Para Joana, a vida no Brasil já não tem o mesmo significado e há, inclusive, o medo da volta.

“Estou há 07 anos nos Estados Unidos e nunca pensei em voltar, Não tenho muitas ligações afetivas com o Brasil a família é meio desligada. Agora com o nosso filho Nick e esperando o segundo, penso em voltar para Governador Valadares, pois gostaria que a criança crescesse no meio da família, o José Mário é muito ligado em casa. Acho isso muito bom, mas tenho muito medo de voltar. Se não der certo já vai ser mais difícil arranjar trabalho, pois vou estar mais velha a gente não tem o mesmo pique” (Joana - 33 anos - esposa de José Mário).

O casal, segundo a irmã, Maria Lúcia leva “vida de americano”. Isto porque têm certo conforto dois carros, *baby-sitter* portuguesa para o filho (é mais barato), não dividem apartamento com mais ninguém, pois querem dar tranquilidade ao filho e afirmam que o pior problema que enfrentaram foi o de moradia, então hoje se “*dão a este direito*”. Quando conversávamos sobre esta diferença, entre os primeiros tempos em que migraram e o momento atual, atribuíram o maior conforto ao fato de terem um filho e também de, passado alguns anos nos Estados Unidos, as pessoas cansam de levar uma “*vida provisória*”, que significa para aqueles que chegam morar com várias pessoas, trabalhar em subempregos, não ter vida social ou momentos de lazer. Joana trabalha num escritório e José Mário numa firma de material de construção .

Ambos têm papéis - o *green-card* - documento que autoriza o imigrante estrangeiro a trabalhar, tornando legal a sua situação no país. Também freqüentaram escola e falam inglês bem, embora não escrevam com a mesma fluência. No dia em que cheguei fomos visitar uns amigos de

Governador Valadares que moram numa cidadezinha próxima e no domingo fomos a uma reunião com migrantes brasileiros.

A vida destes imigrantes, que estão há mais tempo nos Estados Unidos, é diferente, pois já começaram a estruturar suas vidas nos Estados Unidos e não investem tudo o que ganham no Brasil. Realizei entrevistas informais com estas pessoas, que também se mostraram muito curiosas em relação ao meu estudo. Nestes primeiros contatos impressionou-me o número de crianças e um dado curioso: o casamento de brasileiras com americanos - não aqueles casamentos forjados para arranjar o *green-card* como ouvimos falar no Brasil -, mas casamentos de fato. Segundo estas amigas de Joana, os americanos gostam mais das brasileiras por que são “mais carinhosas”.

Ao longo da viagem perceberia que é mais comum encontrarmos mulheres brasileiras casadas com americanos do que o inverso. Não quer dizer que não ocorra, mas ouvi diversos depoimentos em que os homens falaram que a americana é muito “fria e independente”.

Em New York entrei em contato com Maxime Margolis, antropóloga que realizou um estudo sobre imigrantes brasileiros em New York e publicou o livro “The Little Brazil” (1994). Margolis esteve em Governador Valadares por cinco dias realizando parte de sua pesquisa e saiu de lá se perguntando o que acontece quando as pessoas retornam para o Brasil. A conversa com Margolis foi muito oportuna pois, em New York indicou-me três pessoas com quem poderia manter contato e que eram imigrantes valadarenses que estavam há muitos anos nos Estados Unidos. Destas, uma havia retornado ao Brasil, outra eu não localizei e a terceira recebeu-me calorosamente quando finalmente conseguimos nos encontrar, dando-me um depoimento muito interessante de uma mulher há 12 anos Estados Unidos.

Ainda em Mineola entrevistei o Pe. Thomas, responsável pela Igreja portuguesa, que me forneceu um relato sobre os valadarenses, comparando-os a outros imigrantes latino-americanos. Segundo o Pe. Thomas: *“Para estes imigrantes - migrar é um projeto de toda a família - o filho que emigra tem o compromisso de ajudar a família que permanece no país.”* (Pe. Thomas).

Pe. Thomas trabalha há 18 anos com a comunidade portuguesa na Igreja de Mineola e reza missa todos os domingos em Português (de Portugal). Disse-me que quando chegou nos Estados Unidos vindo de São Paulo, nunca tinha ouvido falar de Governador Valadares e que foi lá que conheceu os “valadarenses”. Não desenvolve nenhum trabalho específico com a comunidade brasileira que é atendida juntamente com a comunidade portuguesa. Disse-me ainda que brasileiros e

portugueses vivenciam a fé de maneira diferente, têm outros valores, como mulheres mais liberais, e que as mães têm pavor de ver seus filhos “enrabiados por uma brasileira”. Esta informação foi confirmada quando conheci duas brasileiras: uma noiva, outra casada com portugueses que contaram-me como foram “vistas” inicialmente pela família dos noivos. Conheci Pe. Thomas através de José Mário e Joana que vão à missa todos os domingos, pois, segundo eles o conforto espiritual é importante para “aguentar a barra”.

José Mário possui atualmente uma irmã nos Estados Unidos. Maria Lúcia, que tem 21 anos, está há um ano e meio nos Estados Unidos e mora numa cidade próxima - Newark - com uma amiga e trabalha como garçonete. Maria Lúcia e Mônica levam uma vida dura, trabalham muito, não falam nada de inglês e têm pressa de voltar para o Brasil, pretendendo retornar até o final de 1994.

Na segunda semana fui à Newark, cidade que concentra um grande número de brasileiros especificamente valadarenses, novamente tentei contato com as pessoas das quais dispunha endereços e consegui localizar algumas, pois muitas mudam com frequência ou não atenderam ao chamado telefônico. Em Newark, entrei em contato com pessoas solteiras, e por trabalharem à noite me fizeram literalmente trocar o “dia pela noite”.

A vida de Maria Lúcia é bem diferente da do irmão, pois trabalha à noite como garçonete num bar e, portanto não tem vida social. Trabalha intensivamente, pois deseja voltar em 94 para o Brasil e com a ajuda da amiga estão comprando as coisas para voltar. Por isso, não têm vida social, não namoram, não saem. Às vezes, quando estão muito cansadas, tiram uns dias de férias, pra poderem relaxar e depois voltam com “força total”. Sua amiga disse-me de forma contundente que:

“Eu não gosto daqui, quero ir embora no ano que vem, estou trabalhando para isso, quero montar um “Business” [negócio]. Trabalho à noite por que ganho mais dinheiro e quero voltar logo. Para aguentar, ligo sempre para casa e escrevo também. A minha vinda pra cá mudou minha relação com meus pais, não que antes fosse ruim, mas hoje a gente se respeita mais” (Mônica-35 anos).

“ Isto aqui não presta, passei dois anos horríveis, 02 anos sozinha Perdi os melhores anos de minha vida aqui, mas aprendi e ganhei o respeito da minha família que achava que eu não fazia nada certo. Vim para América e venci, eu comprei tudo o que tenho em Governador Valadares apartamentos, carro, e um negócio, só voltei por causa de Maria Lúcia para dar-lhe uma força e pegar um capital de giro para o meu negócio em G.V.” (Mônica -35 anos).

São dois depoimentos que expressam não apenas o desejo de emigrar para juntar dinheiro, mas de conseguir independência em relação à família, e ao mesmo tempo revelam a solidão, a saudade, as dificuldades de realizar este projeto e suas implicações para a vida pessoal. Durante nossa conversa, Maria Lúcia falou-me que quando retornar ao Brasil pretende continuar morando com sua amiga, não vai voltar para casa e já está conversando com os pais sobre isso. Para estas emigrantes, a estada na “América” funcionaria como um momento em que a vida entra em estado de suspensão. Elas trabalham bastante para poder retornar ao Brasil e “voltar a viver”, pois afirmaram várias vezes “*isso aqui não é lugar para se viver, é lugar para juntar dinheiro e se começamos a relaxar levar vida de americano a gente não consegue voltar nunca*” (Mônica). Esta ambiguidade de sentimentos percebi posteriormente em outros depoimentos.

Assim, ao chegar em Newark por volta das 13:00hs, elas estavam acordando da noite de trabalho e levaram-me para conhecer Newark e comer comida brasileira. Em Newark a comunidade brasileira é bastante visível: são várias lojas de “secos e molhados” que vendem desde CDs brasileiros e creme de leite Nestlé à sabonete Phebo e leite de Rosas. O inglês fala-se pouco, pois a cidade inicialmente atraiu imigrantes portugueses e a facilidade da língua é uma explicação importante para o contingente de brasileiros que lá se aglutinou. O programa “Conexão USA”, realizou uma longa reportagem sobre a cidade apresentando inclusive os pontos onde se concentram os emigrantes valadarenses.

A vida dos imigrantes solteiros diferencia-se da vida dos casados. Pois, estas pessoas têm mais presente a perspectiva da volta e sentem-se muito sozinhas nos Estados Unidos, o que coloca a importância das relações familiares e afetivas. Afirmam que “*é no Brasil que se vive*” juntam todas as suas economias para voltar. Realizei quatro entrevistas com dois homens e duas mulheres além da observação da vida cotidiana daquelas que me receberam.

Segundo os entrevistados, em Newark encontram-se os imigrantes de menor poder aquisitivo e nível de instrução. Um imigrante comparou a cidade a um garimpo onde as pessoas vão para tirar tudo e não querem saber o que vai acontecer. Esta cidade concentra um grande número de *go-go girls*, dançarinas em *night clubs*, a maioria imigrantes; entre elas encontrei várias valadarenses.

Particpei de uma festa realizada para os brasileiros, um show com os cantores Sá & Guarabyra, pois devido a concentração de mineiros sempre tem show de músicos regionais. Havia

churrasquinho na porta e ensaio de uma escola de samba mirim ao lado do clube. Parecia uma tentativa de recriar o clima e alegria do Brasil e amenizar a saudade.

A VIDA COTIDIANA DOS EMIGRANTES EM BOSTON

Depois de Newark, outra viagem, desta vez à Boston. Peguei o trem numa segunda-feira, estava ansiosa para encontrar com as pessoas as quais havia programado.

Na estação, Maria Carolina e José Arthur, outro casal de Governador Valadares, me aguardava. Fui novamente muito bem recebida, pois era uma tarde *off* para eles e tomamos o trem em direção a Allston. Aprender a andar por onde passei foi um desafio constante, pois sempre tinha que ir sozinha aos lugares, uma vez que os imigrantes estavam sempre trabalhando e apenas nos finais de semana saíamos juntos.

Em Boston, a comunidade brasileira se espalha por várias cidades próximas: Framingham, Soumerville, Cambridge, Allston e outras. Segundo estimativas da Arquidiocese Católica existem 150.000 emigrantes brasileiros na grande Boston. Considerando que este estudo foi realizado em 85 e que a comunidade continua crescendo, estima-se que este dado já está defasado.

Diferentemente da observação de Margolis, que colocou os imigrantes brasileiros visíveis apenas em pequenos espaços na rua 46 em New York e em Boston, pude perceber a presença brasileira espalhada por várias localidades. Na área de Allston, onde fiquei, os estabelecimentos comerciais concentravam-se em alguns quarteirões, lojas de produtos brasileiros, agências de remessa de dinheiro, pequenas lanchonetes. A maioria dos estabelecimentos exibia uma bandeira brasileira na porta e, dentro destes podia-se encontrar desde coxinha e pão de queijo a jornais brasileiros. Da mesma forma, encontrei em outras localidades, Cambridge, Soumerville, Framingham estas mesmas lojinhas. Além do comércio, pude também observar que se organizam festas religiosas, tanto católicas, quanto protestantes, e as noites brasileiras nas boates de Boston e em alguns bares são evidências de uma comunidade que, de forma espalhada e dispersa, começa a se organizar.

Novamente me lembrei da referência aos não-lugares de Augé (1993) e da observação de Rial (1992) sobre os *fast-foods*. Segundo a autora, os *fast-foods* constituem-se para o turista, lugares de referência com os quais se identifica quando está no estrangeiro, porque é um lugar conhecido (lembremo-nos do alívio que sentimos ao encontrar um Mac Donald's no exterior).

No caso dos imigrantes, estas recriações de espaços²⁸ e de identidade em Boston sugerem que a ampliação desta comunidade, devido não apenas ao crescimento do fluxo, mas ao aumento do tempo de permanência, criam “localismos”. Estes espaços onde se pode re-encontrar um pouco da nação brasileira na “América” é um dado importante para entendermos a contraditória vida dos brasileiros nos Estados Unidos.

Estes adoram a sociedade de consumo americana, o “status econômico” que adquirem, a vida moderna que esta sociedade lhes oferece em relação ao Brasil. Entretanto, permanecem sentindo saudades da “Terra” como os emigrantes portugueses Feldman-Bianco (1991), recriando assim espaços brasileiros na sociedade hospedeira.

O casal que me hospedou vivia há dois anos nos Estados Unidos. Ambos são de Governador Valadares e trabalham numa pizzaria como *bus boy* e *bus girl* (fazem entregas de pizza em locais próximos e limpam as mesas para os garçons). É considerado um bom emprego, pois estão na “linha de frente” o que significa “fora da cozinha”, colocação reservada àqueles que falam um pouco melhor o inglês e, portanto, mais valorizada.

José Arthur (26 anos), filho de fazendeiro em Governador Valadares, já havia tentado de tudo no Brasil; trabalhando até em garimpo onde ganhou e perdeu muito dinheiro. Em Governador Valadares, após retornar de uma temporada em Rondônia conheceu Maria Carolina e após 2 anos de namoro queriam se casar. Entretanto, faltava-lhes condições financeiras e numa conversa informal com a sogra, cujo marido havia migrado para os Estados Unidos, disse-lhe que : “*a maior prova de amor que você pode dar para minha filha é ir para 'América' juntar dinheiro e voltar para casar*”. José Arthur partiu e, com dois meses de trabalho, mandou o dinheiro para a noiva ir também para fazerem uma poupança e retornarem em 4 ou 5 anos.

Maria Carolina (24 anos) passou dois meses preparando-se para viajar e, após um casamento por procuração e a promessa que voltaria para casar na Igreja, migrou para os Estados Unidos.

“Nunca havia pensado em emigrar. Sempre fui muito agarrada com minha família, nunca desejei ganhar muito dinheiro, não quero ser rica! Mas, não podia deixá-lo aqui sozinho batalhando pelo nosso futuro. Agora estamos construindo uma pousada na Bahia e, assim que terminarmos retornamos ao Brasil. No início, planejamos fazer uma

²⁸ Feldman-Bianco (1992) ao analisar as múltiplas camadas de tempo e espaço que os imigrantes portugueses reconstróem quando vivem entre duas culturas, também pode contribuir a compreensão destes espaços brasileiros na “América”.

casa grande, mas com a saudade, os nossos planos econômicos foram diminuindo” (Maria Carolina).

Com este casal mantive os objetivos da pesquisa acompanhando o seu cotidiano e, através deles entrei em contato com outros valadarenses. Novamente procurei localizar os outros imigrantes, o que às vezes foi frustrante, pois quase sempre uma secretária eletrônica atendia ou então tinha que esperar um dia *off* (sem trabalho) para realizar o contato. Desta forma, algumas pessoas que tinha como certo entrevistar só pude encontrar na minha última semana em Boston.

Particpei também dos eventos que envolviam a comunidade e dos quais os imigrantes com quem estava participavam. A festa de Nossa Senhora Aparecida foi um destes eventos que reuniu os católicos das comunidades brasileiras e ainda portugueses e cabo-verdianos. Nesta festa, encontrei com vários valadarenses os quais mais tarde entrevistei e pude observar a importância da igreja como um dos elementos aglutinadores dos emigrantes nos Estados Unidos. O programa Conexão Usa fez uma reportagem especial sobre as Igrejas evangélicas, demonstrando imagens de pessoas que se converteram quando foram para a América, para fugir das tentações como as drogas ou da solidão.

Maria Carolina afirmou que, desde que começaram a frequentar a Igreja Católica, as coisas ficaram um pouco melhores, pois encontram-se com outras pessoas e a vida não fica reduzida a apenas trabalho: “é uma força importante”. Quando acompanhei-os à Igreja, observei que era grande o contingente de jovens e sempre havia uma confraternização após a missa. No caso das igrejas protestantes, infelizmente acabei não acompanhando, apesar de uma tentativa frustrada. Através de 05 “irmãs” que trabalhavam juntas numa lavanderia, pedi para contatar com o pastor que disse-lhes que havia gente do Departamento de Imigração disfarçado de brasileiro, que falava português sem sotaque e que estava querendo “pegar os ilegais”. É claro que as meninas confirmaram todas as minhas informações: que eu não era da TV, nem de Jornal, nem da Imigração, apenas uma estudante de mestrado fazendo uma pesquisa. Quando pude finalmente falar com o pastor, desisti de entrevistá-lo, pois estava próxima a minha partida e pensei que a organização da vida religiosa nos Estados Unidos mereceria um estudo mais aprofundado.

Na verdade, não apenas os padres mas também os pastores dão apoio aos emigrantes nos Estados Unidos. Algumas igrejas protestantes vão até Governador Valadares realizar encontros para

auxiliar os familiares que ficaram. Isto revela a importância da Igreja, não só àqueles que partiram como àqueles que ficaram e fornece outro indicativo do caráter transnacional da emigração.

Ao longo das três semanas que permaneci em Boston encontrei com os imigrantes em suas casas ou em seus locais de trabalho, onde realizava entrevistas informais para depois selecionar as pessoas as quais retornaria a contatar. Durante este período, também realizei entrevistas com pessoas que lidam com a comunidade brasileira em Boston, como o Pe. Bob, que é coordenador da arquidiocese de Boston e a Irmã Barbara que realizou o único levantamento quantitativo sobre a população brasileira em Boston. Outras pessoas que trabalham com os imigrantes brasileiros que relataram-me suas experiências, com os brasileiros em geral e com os valadarenses mais especificamente.

Ao final das três semanas sentia-me extremamente angustiada. Aproximava-se o momento da partida e havia muitas entrevistas a fazer. Outras oportunidades foram se delineando ao longo da minha estada em Boston, pois percebi que o objeto era muito maior do que imaginava: ultrapassava as cartas e os seus emitentes.

Com vontade de retomar a pesquisa num doutorado para estudar a comunidade brasileira e não apenas os valadarenses, regressei para New York como escala para o Brasil.

O Retorno a New York – A partida

Em New York, retornei a campo. Desta vez fui a Queens encontrar-me com a emigrante que havia tentado localizar logo da chegada aos Estados Unidos. Andréa (nome fictício), é uma valadarense que emigrou para os Estados Unidos em 1981. Vive há 12 anos nos Estados Unidos e, como já dispunha do depoimento de um homem há longo tempo nos EUA, queria como contraponto o depoimento de uma mulher. Ao conversar com ela percebi que, também no caso das mulheres, o fato de outras pessoas emigrarem estimulava-as a migrar. Assim relatou-me:

“A idéia de vir para os Estados Unidos eu sempre tive desde que eu tive uma amiga que foi para a Austrália. em 75. Meu negócio era sair do Brasil, eu queria conhecer uma cultura diferente, quando essa minha amiga veio da Austrália eu quis ir e minha mãe não deixou, eu era menor. Então aquela idéia ficou, conhecer uma cultura diferente. Por que eu acho que você ir a um país a passeio você não conhece o país realmente, você conhece o lugar, mas a cultura você não conhece”.(Andréa)

Quando perguntei-lhe sobre sua vida antes da emigração, assim respondeu:

“Fiz magistério e nunca exerci a profissão e logo que me formei fui trabalhar na Telemig eu fiz um concurso e passei muito a contragosto. Foi o primeiro e único emprego que eu tive no Brasil, era um bom emprego. Trabalhei lá 03 anos e nove meses. Aí em 81, uma amiga queria vir para cá, aí eu pensei que dessa vez ia dar, eu era maior de idade, minha mãe tinha falecido. Aí eu vim para cá com aquela idéia de ficar uns dois anos. Vim conhecer e aperfeiçoar o meu inglês”.

Os dois anos imaginados por Andréa transformaram-se em 12 anos onde muita coisa aconteceu. Inicialmente trabalhou como faxineira, considerado por ela o período mais difícil pois *“no Brasil trabalhava na Telemig era serviço burocrático, aqui eu tive que colocar uniforme e cada vez que eu me olhava na frente do espelho era um desespero.”* A entrevista foi excelente e como era o seu dia off, levou-me a um passeio por Queens. Neste passeio pude visualizar sua afirmativa:

“Quando cheguei aqui não tinha nada jornal, revista só a rua 46 em Manhattan, agora tem lojinha brasileira por tudo quanto é lugar aqui em Queens (...) há três anos atrás, quando a Maxime Margolis esteve aqui, não havia este comércio todo voltado para os brasileiros. Agora você tem salão de beleza, lanchonetes, lojas de produtos brasileiros ... a vida da gente ficou bem mais fácil” (Andréa).

Andréa atualmente é uma imigrante legalizada, possui o *green card* que conseguiu em 1986, através de um casamento arranjado por um amigo. Disse-me que não teve nenhum problema para fazê-lo, pois pagou US\$5,000.00 para o seu futuro “marido” e nunca mais o viu. Quando se passaram os dois anos e estava para se divorciar, soube que o “marido” havia morrido. O truque de casamento com americano naquela época era mais fácil e o *green card* saía rapidinho. Segundo Andréa, o Departamento de Imigração investiga com muito rigor o casamento de americanos com estrangeiros, confirma todas as informações e a qualquer suspeita o processo de concessão de *green card* é suspenso. Atualmente vive com Jorge, também valadarense, e juntos alimentam o sonho de retornar para Governador Valadares. Compraram uma chácara e pensam que já dá para voltar.

Interessante é que, assim como em Valadares se mantém uma rede de informações sobre os Estados Unidos, o mesmo ocorre na “América”. Os parentes, amigos, pais, esposas(os) enviam cartas, fitas de vídeo que muitas vezes mostram como vão as obras no Brasil e, ao mesmo tempo, dão notícias das famílias no Brasil. Nas casas onde estive, quando chegavam fotos ou cartas, estas eram sempre recebidas com emoção. Na divisão de tarefas no Brasil geralmente são as mães que enviam as fitas, as cartas e cuidam dos netos, e os pais recebem o dinheiro e administram as obras.

Além das narrativas, impressionou-me a importância dos telefonemas. Para os americanos é uma irracionalidade o dinheiro que os brasileiros gastam com ligações telefônicas.

Estava me despedindo do campo e os fatos continuavam a ocorrer. Era minha última semana e também aniversário do filho de José Mário e Joana, que fizeram uma festinha. Como estava próximo do dia das bruxas, as crianças foram todas fantasiadas. Nesta festa, acabei encontrando com um brasileiro que trabalha como intérprete para uma companhia aérea quando algum brasileiro é detido na Imigração. Ao conversarmos obtive informações importantes e histórias sobre as pessoas deportadas. Uma delas, demonstra bem o desespero e a falta de informação de muitos que vão tentar a vida nos Estados Unidos:

“O cara foi detido para entrevista pela Imigração porque havia suspeita de passaporte montado, o sujeito tinha um jeito bem roceiro mesmo e o passaporte tinha várias entradas nos Estados Unidos. Perguntaram-lhe: - O senhor já esteve em New York? Ao que ele prontamente afirmou: sim. Veio então a segunda pergunta: - Que lugar o senhor conhece em New York? O candidato a turista respondeu: a Estátua da Liberdade. Continuaram a perguntar: - E como o senhor foi para a Estátua? ao que o pobre homem respondeu: De táxi. Só com esta resposta, dava para perceber que ele não fazia a mínima idéia de como chegar à estátua, mas ainda refizeram a pergunta para se certificar e, diante da afirmativa, deportaram o sujeito. O rapaz, mesmo sabendo que tinham descoberto tudo, continuou afirmando que conhecia New York e que era a pessoa que estava no passaporte, com um detalhe, ele não falava uma palavra de inglês nem para despistar!” (Emigrante que trabalha como tradutor na American Airlines)

A Ilha de Ellis, até o final da Segunda Guerra, era o local que recebia os imigrantes de todo mundo que chegavam de navio em New York para “fazer a América”. Funcionava como uma espécie de centro de triagem daqueles que tinham condições de ingressar na América os doentes, criminosos, inválidos ou que não demonstrassem capacidade de trabalho eram deportados.

Atualmente abriga o Museu da Imigração que conta as trajetórias que os imigrantes percorriam antes de chegar a América. O Museu foi estruturado para que as narrativas dessem vida aos salões: são passaportes, cartas, fotos, malas e objetos pessoais que ajudaram a reconstruir a história da imigração para os Estados Unidos. Muitos americanos se reencontram em fotos... relatos... malas e utensílios espalhados pelo Museu. A ilha que ficou abandonada durante tantos anos, oferece com estes relatos uma memória viva da imigração. Conhecer este museu foi como encerrar o ritual da viagem como aventura, como experiência de conhecimento do outro.

IV - OS EMIGRANTES E SUAS NARRATIVAS

AS CARTAS COMO NARRATIVAS DA EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA

As cartas trazem para o nível local - Governador Valadares - relatos da experiência da vida na “América”, ao mesmo tempo que mantêm as ligações com o Brasil. A importância destes relatos é que permitem reconstruir a memória coletiva²⁹ através das diversas trajetórias de vida que se cruzam quando comparamos as cartas.

Desta forma, constituem-se em dados etnográficos relevantes pois, ao ilustrarem o cotidiano, ultrapassam a própria família, construindo uma memória coletiva da imigração. Ao perceber qualidades comuns nestes relatos individuais, tornou-se possível a reconstrução das diversas trajetórias dos emigrantes. As cartas emergem portanto, como documentos essenciais para evidenciar os aspectos subjetivos da migração (Baily e Ramella, 1988).

A idéia de tomar as narrativas dos emigrantes como drama foi suscitada pela própria estrutura dos relatos, semelhantes às narrativas sobre outros relatos, conforme analisou Maluf (1993:60) as narrativas sobre bruxas comportam-se da mesma forma que àquelas narrativas descritas e analisadas por Vitor Turner (1981), como dramas sociais. O drama significa uma “quebra de norma”, um momento de “virada nas relações entre os componentes do campo social” (Turner: 1981:146)

As cartas contam histórias da vida num outro lugar: “a América” relatada em casos e situações cotidianas. Estas histórias podem ser tomadas como narrativas, pois assim com as histórias de bruxas analisadas por Maluf (1993:57-63), possuem, além do conteúdo expositivo e explicativo característicos do discurso, um componente essencial à narrativa que é o drama. O seu conteúdo dramático explicita-se pelo relato confessional do estranhamento diante de outra cultura, do desejo,

²⁹ -Halbwachs (1990), para este autor a memória coletiva difere-se da história porque esta retém o passado que está vivo nas lembranças dos sujeitos sociais, por isso não está fixada no espaço e no tempo como a história e expressa um olhar do grupo acerca de si mesmo, visto de dentro, rico em detalhes, em tradição. Neste contexto, quando tomo as cartas como relatos da experiência migratória, como memória autobiográfica, estou buscando fazer falar sujeitos sociais inseridos em quadros sociais. O registro contido na carta expressa os dois níveis da memória: o individual - as lembranças interiores, pessoais, individuais e, ao mesmo tempo, como componente de um grupo. É importante ressaltar que classificar as cartas como relatos de memória coletiva da migração, constituiu-se num recorte que realizei por considerar que os dados etnográficos que emergiram das mesmas, ajudaram-me a compreender práticas sociais, que fizeram e fazem a vida do emigrante e suas famílias.

da saudade, das dificuldades, das alegrias envolvendo aqueles que permaneceram nessa trama de partir, permanecer, retornar que as cartas explicitam.

As narrativas se estruturam tendo o drama como foco central, pois ele expressa a desordem, o rompimento de um equilíbrio anterior. Esta caracterização das narrativas é válida para as histórias, os contos de fada, as narrativas sobre bruxas. O que podemos tirar para análise das cartas?

As cartas escritas pelos emigrantes podem ser tomadas como narrativas à medida que encontrei nas mesmas algumas das estruturas encontradas nas lendas, histórias, contos de fada. As cartas ao contarem a experiência migratória passam por essas etapas. Desta forma podemos procurar nas cartas o esquema seqüencial proposto por Todorov:

1. A situação de equilíbrio inicial
2. A degradação da situação
3. O estado de desequilíbrio
4. A procura e a descoberta
5. O restabelecimento do equilíbrio inicial

A situação de equilíbrio inicial pode ser classificada como o período anterior à emigração. Isto não quer dizer que a vida das pessoas era um “ mar de rosas “ no país de origem, entretanto, as situações que o emigrante vivencia na sociedade americana, a partir da emigração, rompe com este equilíbrio inicial e a situação torna-se problemática.

A degradação da situação e o estado de desequilíbrio podem ser analisados nas cartas como os períodos que sucedem a chegada: as dificuldades de adaptação, a procura do emprego, as dificuldades com a língua, a saudade, a condição de imigrante ilegal, a moradia, as dívidas no Brasil, as justificativas para a família acerca de decisões tomadas. A frase “ *a gente só sabe o que é a América quando chega lá* ” é um indicativo deste processo de desencantamento do sonho de “fazer a América” .

A procura e a descoberta seriam as alternativas a esta situação. As cartas evidenciam esta busca de solução para além destas dificuldades. Nesta experiência de interseção de culturas o emigrante relata estratégias e planos que auxiliam a “fazer a América”. Estas estratégias envolvem ações que são relatadas nas cartas como: trazer a namorada, esposa ou os pais para ajudar a “*aguentar a barra*”, avaliar a sua situação na América, refletir sobre o projeto ao emigrar, planejar o retorno.

O retorno à situação inicial não é tão claro como nas histórias onde ocorre um desfecho, um final. As cartas e o próprio trabalho de campo revelaram-me que o retorno à situação inicial seria o

grande mito daquele que emigrou, pois mesmo quando retorna ao Brasil, “nada é como antes”. As pessoas, tanto aquelas que partiram como as que ficaram, participaram de uma experiência que transformou suas vidas e que coloca uma situação em aberto quando ocorre o reencontro - seria uma “carta aberta” na qual ainda não sabemos o que vai ser escrito, ou vivido. Nesta seqüência narrativa, as cartas, assim como a vida dos emigrantes, não terminam como as histórias, à medida que sendo relatos da vida cotidiana não possuem um desfecho, um final. As cartas contam trajetórias de vida em curso e diante delas sempre temos a sensação de algo inacabado que está por vir como uma nova missiva.

Portanto, as cartas, ao relatarem o drama de partir, viver na América e retornar criam um imaginário acerca da própria experiência migratória podendo ser tomadas como narrativas. Narrativas que entre o mito e a realidade nos permitem conhecer o olhar do ator acerca de sua experiência.

AS CARTAS DOS “VELHOS MIGRANTES” -

A expressão “velhos migrantes” se refere as cartas escritas pelos imigrantes que partiram da Europa para a América no final do século XIX. Este movimento de migração de massa ocasionou grande impacto social, cultural e demográfico, tanto nos EUA quanto no Brasil no início do século XX. Utilizo essa expressão para diferencia-las das cartas dos emigrantes valadarenses do final do século XX.

Os “velhos migrantes” escreveram muitas cartas. Tais correspondências representavam o elo de ligação com as famílias que ficavam na terra natal. Nos relatos sempre estava implícito o desejo do retorno, do reencontro, e as dificuldades para fazê-lo. Thomas e Znaniecki (1984), Baily e Ramella (1988) e Monteiro (1985) analisaram as cartas destes emigrantes trazendo relatos que cobrem longos períodos de correspondência entre as famílias emigrantes e aqueles que permaneceram nos países de origem.

Para Barthes (1981) quem envia a correspondência sempre espera uma resposta. Estas cartas portanto, re-ligavam lugares e temporalidades. É interessante observar nestes estudos que alguns emigrantes nunca retornaram definitivamente à sua terra natal, alguns o fizeram apenas a passeio e, mesmo assim, com intervalos às vezes irregulares, não deixaram de se corresponder com parentes e amigos mais próximos. O estudo pioneiro sobre cartas de imigrantes foi realizado por Thomas e Znaniecki (1984) que representou o esforço de traçar a experiência subjetiva de imigrantes e outros

grupos minoritários priorizando cartas, relatos autobiográficos e histórias de vida como fonte de conhecimento.

As cartas foram escritas por camponeses poloneses que emigraram para os Estados Unidos e Alemanha. Segundo estes autores, as cartas tem a função de manter a solidariedade familiar (Thomas e Znaniecki:1984:98). Além desta atitude, as cartas relatavam os problemas e dificuldades dos camponeses diante das novas tendências e influências externas, às quais as famílias não estavam adaptadas, uma vez que saíram do campo para as cidades que cresciam naquele momento, nos Estados Unidos e na Alemanha. A análise da mudança provocada pelo processo é centrada na dicotomia modernização *versus* tradicionalismo. Partindo desta perspectiva de análise, os autores contribuíram para uma percepção do processo migratório como rompendo os laços de solidariedade social e gerando a desorganização social. As cartas foram os instrumentos que evidenciaram as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes em viver numa outra sociedade sem o suporte do grupo de origem.

Baily e Ramella (1988) realizaram um estudo sobre a correspondência de uma única família, a família Sola, cobrindo cerca de 20 (vinte) anos de correspondências entre aqueles que permaneceram na Itália e os que emigraram para a Argentina. Para estes autores, as cartas têm o grande mérito de relatar acontecimentos da vida diária, revelando qualidades universais da experiência migratória que, embora envolvendo o dia-a-dia de uma única família, expressam com algumas variações experiências de outros grupos em outros lugares. Além disso as cartas da família Sola, associadas ao levantamento da história familiar, demonstraram que a migração vinha de gerações, ou seja, era uma experiência constitutiva da vida daqueles que partiram, pois tinham avós e outros parentes que também tinham feito esta trajetória, mesmo que em deslocamentos sazonais.

Desta forma, os autores enfatizaram não a desorganização familiar como Thomas e Znaniecki, mas as cartas como um importante meio de comunicação entre as famílias, revelando notícias de Buenos Aires e Valdeno e vice-versa. Os relatos contidos nas cartas demonstraram também que havia um fluxo contínuo de pessoas, em ambas as direções, contribuindo para manter as ligações. Todo ano pessoas retornavam... Todo ano pessoas partiam... Por estas características, a emigração não representava um rompimento com a família e amigos, mas um rito de passagem para os jovens que passavam pela experiência de viverem sozinhos em outra parte.

Monteiro (1985), também realizou um estudo de cartas de emigrantes - os portugueses. O objetivo de Monteiro era trazer o ponto de vista dos atores em situação, para tanto, realizou um

estudo de caso, tendo como ponto de partida as cartas escritas por um casal de emigrantes. As cartas são reveladoras do processo de emigração e abandono dos lugares da Serra de Lousã. Entretanto, para o autor, mais do que relatos míticos de lugares que passaram por um processo de depopulação, as cartas, combinadas com outras fontes de dados das vagas migratórias, possibilitaram problematizar e reconstituir este processo. Os dados que emergiram destas conduziram Monteiro aos destinatários, que também são os atores desta história, ou a seus descendentes. Dessa forma, com esses fragmentos de informações associados a outras fontes documentais, o autor foi reconstruindo o próprio processo que ocorreu nestas localidades.

Wolff (1991), analisou cartas, memórias e outros documentos dos imigrantes alemães para a colônia Blumenau. Esta autora diferencia-se dos autores anteriores por destacar nestas narrativas, além das dificuldades de adaptação, o trabalho, as esperanças em relação à nova terra, a importância da participação das mulheres nesta empreitada *“Uma esposa aqui é tão necessária como o pão de cada dia”* (Wolff, 1991.:25) apontando para a importância do recorte de gênero na análise dos fluxos migratórios.

Embora tais estudos diferenciem-se na forma como analisam a mudança social, todos contribuem para demonstrar a importância da utilização de documentos pessoais como fonte de dados para trazer a perspectiva dos atores em situação. Estes estudos contribuem também para ressaltar que os migrantes são atores nessa trama e não se movem apenas pelo cálculo racional para emigrar. Ao centrarem-se nos emigrantes evidenciaram os desejos de mudança, os laços que se mantêm, a migração como experiência constitutiva da vida de muitos emigrantes e a importância das redes de relações. Desta forma demonstram a importância de todas estas redes, para que migrar torne-se parte da experiência de vida das pessoas. Enfim, são estudos de natureza qualitativa, reveladores do processo migratório e captam sentimentos, desejos, frustrações, fragmentos de histórias registrados nos relatos, que a análise quantitativa não priorizaria e que também fazem a história dos fluxos migratórios.

As cartas dos “novos migrantes” se assemelham as cartas dos camponeses poloneses, dos imigrantes portugueses e alemães analisados pelos autores citados, quando nos trazem o relato individual da experiência migratória, evocando a intimidade, a vida privada³⁰. Tais estudos constituíram-se no ponto de partida da análise, entretanto, as cartas dos valadarenses são relatos de

³⁰ - Tais relatos apontam para o que Ranum (1991) denominou espaços privados, espaço do imaginário de si mesmo, espaços das relações entre duas interioridades, que constituem a intimidade dos tempos modernos..

indivíduos inseridos num mundo cada vez mais globalizado culturalmente e nos colocam o caráter transnacional dos movimentos migratórios, diferenciando-se no tempo, no espaço dos atores dos primeiros relatos. No caso dos “velhos migrantes”, as cartas foram escritas por emigrantes que, em sua terra natal, eram camponeses e cujos fluxos em direção aos Estados Unidos ocorreram no início do século XX. Portanto, referem-se a fluxos migratórios que deixaram de ser temporários e se tornaram permanentes e encontram-se na segunda ou terceira geração - como é o caso dos portugueses, poloneses, italianos e outros grupos deste período que migraram para a América.

No caso dos “novos migrantes”, mais especificamente os valadarenses, estamos nos referindo à cartas que trazem em seus relatos uma contemporaneidade que lhes confere um ar de história inacabada pois estes fluxos migratórios ainda estão ocorrendo, expressando uma historicidade que atualiza-se cotidianamente. Além disso os narradores já não são os camponeses que saíram de uma Europa no início do século para “fazer a América”, mas sim, emigrantes urbanos em sua maioria - homens e mulheres que se deslocam e vão trabalhar temporariamente num outro país. Tanto para os “velhos migrantes” como para os “novos migrantes” as cartas trazem lembranças e tornam-se memória viva desta experiência.

As cartas permitiram a reconstrução de trajetórias de imigração a partir destas lembranças-objeto muito particulares que pertencem a alguém único no tempo e no espaço (Ranum, 1991:211). Esta literatura autografa (Ariés, 1991:5) é destinada aos filhos, esposas, parentes e amigos e, assim como as cartas escritas no decorrer dos “Séculos das Luzes” (período em que se popularizou a escrita de foro privado), quando não são destruídas, são guardadas por aqueles que as receberam com cuidado de preservar a intimidade daqueles que as escreveram.

No caso dos “novos migrantes”, o objeto de estudo não são pessoas distantes no tempo, mas sim atores do processo migratório que ainda ocorre. Esta qualidade da carta - ser um relato quase confessional da experiência migratória e o seu limite - estar nas mãos de pessoas que temem por expor narrativas íntimas, determinaram a forma como foram coletadas e analisadas as mesmas.

O universo de análise também ampliou-se em relação às referências citadas, porque não são apenas os filhos ou os maridos que partem, mas também, mães, esposas e filhas que vivenciam e

narram suas experiências. A população que emigra é constituída de gênero, classe e etnias³¹ diferentes, fazendo com que as cartas retratem diferentes olhares sobre o processo migratório.

A inquietação diante destas narrativas é quanto ao seu duplo aspecto: ao mesmo tempo que estas narrativas informam sobre a saudade, perguntam sobre a cidade, a família e amigos; também relatam o cotidiano na América, informam sobre o que fazer com o dinheiro, que dívidas pagar, onde investí-lo orientando as ações concretas daqueles que permaneceram.

Ao final da leitura de cada conjunto de cartas, fiquei sempre com uma sensação de vazio, perguntava-me: o que viria depois? Na verdade fiz um recorte no tempo, pois a correspondência continua ocorrendo. As cartas não estão numa caixinha, enroladas como se as histórias estivessem encerradas e amarradas com laços de fita como as cartas de amor. Abrir e ler cada carta foi mergulhar em trajetórias de vida que ainda estão em aberto e, a cada momento, uma nova carta, um retorno ao Brasil ou aos Estados Unidos pode modificá-las.

AS CARTAS DOS EMIGRANTES VALADARENSES

Os emigrantes valadarenses escrevem cartas, muitas cartas estas podem tornar-se mais esporádicas com o passar do tempo, ou ser substituídas por fitas cassete, vídeo, ou telefonemas. A permanência desta forma de ligação é muito significativa, pois neste mundo de tantas facilidades de comunicação, a carta continue a ser um registro estimado pelos emigrantes.

As cartas ainda vêm acompanhadas de fotos, vídeos, às vezes fitas que criam uma comunicação virtual que permite que as pessoas se conheçam e reconheçam ao longo do processo migratório. Esta comunicação possibilita aos familiares aqui no Brasil assistirem aos casamentos,

³¹ É importante destacar que esta característica de diversidade de gênero, classe e etnia dos fluxos migratórios contemporâneos, tem gerado atitudes xenófabas nos países de recepção. Como demonstraram Stolcke (1992) ou Abdalmalek (1992), ambos analisando a situação na Europa em relação aos emigrantes que vem das ex-colônias africanas ou das ex-repúblicas do Leste. que políticas migratórias restritivas têm sido adotadas nestes países em relação a vários grupos étnicos. No caso dos Estados Unidos recentemente, a aprovação no Senado de uma lei que impede o acesso à escola de filhos de imigrantes ilegais também é um indicativo do recrudescimento de sua política migratória. No caso desta pesquisa, a questão de classe e etnia não foram priorizadas, pois como estava procurando fazer uma análise da ligação dos emigrantes com o Brasil, a vida nos Estados Unidos foi analisada em relação ao Brasil. Além disso, as cartas analisadas fazem poucas referências a contatos com outros emigrantes e a conflitos com os mesmos. Quando esta referência apareceu, em dois relatos o conflito étnico era ocasionado pela relação de trabalho, expressando a distintividade brasileira numa briga com um americano e numa briga com um português. Já quando estive nos Estados Unidos, estas questões tornaram-se mais evidentes, assim como outros pesquisadores já sugeriram os brasileiros não gostam de ser identificados com os latinos "cucaracha", embora vivam e trabalhem próximos a estes, pois os hispânicos ou latinos têm uma imagem negativa nos Estados Unidos e o brasileiro imigrante quer afirmar sua identidade, sua língua e até uma certa superioridade em relação a outros imigrantes latino-americanos. Alguns imigrantes brasileiros falaram que seu bairro piorou, depois que alguns latinos se mudaram para lá.

batizados e festas nos Estados Unidos e vice-versa nas fitas de vídeo³², conhecerem seus netos(as) ou noras e genros através de fotos, os amigos, o trabalho, o lugar onde moram.

Todos estes elementos que acompanham as cartas fazem dela um elo significativo entre os emigrantes e suas famílias. Estes relatos subjetivos ajudaram-me a compreender as estratégias dos emigrantes para ficar nos Estados Unidos e se manterem ligados ao Brasil. Neste sentido, assim como as cartas dos emigrantes poloneses, portugueses e italianos são cartas que ajudam a manter a solidariedade familiar.

Como Znaniecki e Thomas (1994:98-100) demonstraram, podemos classificar as cartas como “bowing letters”, cartas escritas por aqueles que estão distantes da terra natal para manifestar a permanência da solidariedade familiar a despeito da separação.

As narrativas são, portanto, os elos de ligação entre estes vários níveis de relações característicos da transnacionalização. Além deste caráter de ligação familiar, as cartas são uma evidência significativa das redes de emigração que mantém este processo, pois mesmo com os constantes relatos de dificuldades de “fazer a América”, os emigrantes sempre estimulam aqueles que querem ir para os Estados Unidos.

No que se refere à estrutura, as cartas têm semelhanças com as cartas dos emigrantes poloneses. Assim como estas, seguem uma estrutura determinada, algumas iniciam com saudações religiosas, perguntam pela família e informam da saúde - o que Thomas e Znaniecki denominam cartas de vênica. Assim como estes autores, não analisei nem o início, nem o final das cartas, pois estruturavam-se da mesma forma falando da saúde, perguntando dos familiares e terminavam pedindo notícias dos familiares e desejando recomendações. Algumas cartas aparecem com versículos bíblicos, como por exemplo:

“Que a paz do senhor esteja sempre com todos vocês e lhes dê muita saúde. É com todo carinho e amor que início esta com versículo: Clama a mim e responder-te-ei e anunciar-te-ei cousas grandes e firmes que não sabes” (Maria da Conceição carta destinada à mãe, 14/09/88).

³² Para tornar claro este exemplo basta lembrar que alguns netos que nasceram nos Estados Unidos conhecem seus avós por fitas de vídeo e a partir desta imagem que começam a conversar com eles por telefone. Quando ocorre o falecimento do avó ou avô no Brasil, a família nos Estados Unidos chora esta perda como se efetivamente tivessem conhecido, se encontrado com o avô. Um outro exemplo, é que as filhas geralmente filmam o parto para enviar à mãe e à família para conhecerem o neto e é esta ligação afetiva e efetivada através de telefonemas, fotos e vídeos que tornam presentes aqueles que estão ausentes. Também ficou evidente esse fato no Programa Globo Repórter de 16/12/94, onde um emigrante DeKassegui conheceu pelo vídeo o filho que havia nascido no Brasil.

As cartas que iniciam com versículos são geralmente escritas por protestantes, demonstrando fé e subordinação a Deus, indicativos de uma religiosidade muito forte, além de demonstrarem a importância da religião como ponto de apoio emocional neste projeto.

Os temas tratados centram-se no mundo privado e nas redes de relações familiares, evidenciando a importância das relações com o Brasil para a sustentação do projeto de “fazer a América”. Conforme foi observado na metodologia, quando necessário recorri a outras fontes - as entrevistas, o programa Conexão USA , a peça “O último que sair apegue a Luz” e periódicos, foram utilizados em alguns momentos para completar as informações fornecidas pelas narrativas.

A leitura das cartas demonstrou um encadeamento de temas recorrente nas mesmas que foram distribuídos em dois grandes núcleos temáticos :

- A vida cotidiana nos Estados Unidos: onde aparecem os relatos sobre as primeiras impressões, o trabalho, a moradia, os bens adquiridos nos Estados Unidos, as dificuldades e os projetos de “fazer a América “, os planos de retorno, as possibilidades de legalização, os momentos de lazer;
- As relações com o Brasil: onde aparecem referências à saudade dos familiares e da vida no Brasil, as relações afetivas e orientações sobre questões da vida cotidiana em Governador Valadares. As variações deste encadeamento temático podem ser atribuídas às diferenças de destinatário.

As cartas enviadas pelos emigrantes, muitas vezes são acompanhadas de encomendas³³, pequenos presentes como: bonés, óculos de sol, blusas de malha, batons etc que é a maneira que estes encontram de trazer um pouquinho dos Estados Unidos para Governador Valadares e demonstrar que estão conseguindo realizar o seu projeto e ainda se manter ligados aos familiares. Portanto, as cartas têm um valor simbólico muito grande para os emigrantes. Lembro-me da expectativa dos emigrantes em receber as cartas que vinham do Brasil, enquanto realizava o trabalho de campo nos Estados Unidos. Lembro-me também, de minha alegria ao receber notícias de casa. Quando se está tão longe, a carta traz o registro de que você foi lembrado. Ao mesmo tempo, ao escrever o emigrante mantém a sua língua, pois tem que pensar e elaborar em sua língua nativa e conecta-se com sua identidade. Lembro-me ainda que, em várias cartas, os emigrantes pediam desculpas pelos erros de português, por estarem esquecendo os ss e ç.

³³ No correio local, obtive a informação que efetivamente a correspondência entre os Estados Unidos e a cidade é intensa. Para exemplificar, o chefe do setor de distribuição domiciliar, Sr. Adalton Pascoal Bispo, informou que são recebidas diariamente 400 a 500 cartas dos Estados Unidos e que também o número de encomendas especiais é grande, dos 4.417 documentos recebidos no mês de fevereiro de 94, 372 vieram dos Estados Unidos.

Por outro lado, ao relatar o cotidiano na “América”, as dificuldades, as alegrias, os projetos de retorno, onde investir os dólares, os sentimentos em relação ao Brasil, as saudades, o sentimento de solidão, a luta - a carta e a resposta da mesma ajudam o emigrante a “agüentar a barra”, pois as respostas dos familiares, mães e pais, esposas (os), filhos (as) os ajudam na luta, demonstrando a importância das redes de apoio para que o projeto de “fazer a América” se efetive. Para compreendermos melhor como se articulam estas vidas entre dois lugares, a partir das cartas e entrevistas, elaborei um pequeno histórico de vida dos emigrantes (Anexo I) que nos permite traçar um perfil dos emigrantes dos anos 80 e 90 dos quais analisei as cartas.

UMA CARTOGRAFIA DA MIGRAÇÃO

Ao analisar as cartas dos emigrantes, seus relatos sugeriram que o processo migratório desterritorializa os sujeitos, tirando-lhes as referências conhecidas. As cartas ajudariam a perceber esta desmontagem. Organizando as cartas em núcleos temáticos, busquei elaborar uma cartografia da emigração no sentido proposto por Rolnik e Guattari (1986:13), “onde os relatos dão pistas... linhas... as linhas foram surgindo: puxei algumas, deixei outras de lado”. Ao buscar nas cartas os significados subjetivos da experiência migratória, elas foram revelando as múltiplas relações, desenhando um mapa desses desejos, sonhos, saudades. Assim, delineou-se uma cartografia. Cartografia aqui, significou remapear os sentimentos que apareciam nas cartas, traçando um mapa dos sentimentos, desejos, que perpassam a vidas destes emigrantes.

O mapeamento começa com o impacto da chegada. Os emigrantes de todos os tempos relatam com sentimentos intensos de emoção, alegria, temor da imigração, a chegada e a decepção com “cidades frias” sem vizinhos, o impacto da diferença.

Desde os imigrantes que vieram para o Brasil aos que emigram hoje para os Estados Unidos, “fazer a América” significa a realização de um sonho, uma utopia de ascensão social, de liberdade, de uma nova vida. Sakurai (1993), exemplifica estes desejos ao analisar romances³⁴ sobre a migração japonesa:

“ E por que você não vai para o país estrangeiro? Lá tudo é possível, a terra é rica e não falta trabalho para ninguém. Dizem que lá os costumes são diferentes, os pais não são

³⁴ Para a autora, “embora obras de ficção, os romances sobre a imigração japonesa no Brasil possuem um lastro de realidade muito forte e são vários aqueles que os narradores e os personagens são os imigrantes pioneiros de origem japonesa (...) são reconstituições, um recontar de vidas que têm pontos comum” (Sakurai, 1993:19-20).

tão severos como os nossos e as mulheres são muito independentes. Quem sabe até se, convivendo com aquele povo, o meu pai não mudará um dia de opinião?” (Mukamura, 1988:17 apud Sakurai, 1993:41)

Este trecho, embora seja um relato escrito por um imigrante japonês, assemelha-se às cartas dos emigrantes valadarenses, pois revelam sonhos, desejos, estranhamentos de emigrantes de todos os tempos e, por isso, inicia esta cartografia. São impressões de viagem que descrevem o impacto da chegada enfatizando a diferença e convidando para ir à nova terra - “a terra de oportunidades”, os Estados Unidos.

Em Governador Valadares, a peça teatral “O último que sair apague a Luz” (1988) trouxe este imaginário para a década de 80 quando o fluxo intensificou-se. João Tostão e Maria dos Réis representam este desejo de ir para o estrangeiro quando falam deste sonho:

João Tostão: - Maria dos Réis, vou para a América. Enfim eu vou, chegou a minha vez. Vou encontrar com o Zé da Maria Sila, com o tio da Eulaia com o compadre Roberto Carlos, com... O Beto, a Zefá, o Cleto, A... Todo mundo! Eu sonhei, hoje, Maria dos Réis com a estátua da Liberdade, com a Marilyn Monroe com uma linda Peruca loura...Ah. vou trazer dólares, dólares, dólares...

Ainda no sentido de ajudar a traçar esta cartografia, o programa “Conexão USA”, com suas imagens da América para o Brasil, mais especificamente para Governador Valadares, compõem este mapeamento. O objetivo era contar quem são, como vivem e o que pensam os brasileiros nos Estados Unidos, relatando o cotidiano da vida na América. O programa durou 1 ano e 6 meses e, num determinado momento, passou a ser produzido nos Estados Unidos, quando a TV Rio Doce assinou contrato com a RTP - Rádio Televisão Portuguesa.

Segundo a entrevista com Dirley Márcio (editor responsável), os programas tinham grande audiência e, embora não tivessem sido realizadas pesquisas de opinião, as pessoas ligavam pedindo para reprisar, ou enviavam fitas para copiar a parte onde havia aparecido algum parente ou amigo, bem como davam sugestões (o que foi tomado como indicativo desta audiência). Dirley ressaltou ainda que, quando os programas passaram a transmitir outras reportagens que não tratavam da vida dos emigrantes, as pessoas ligavam criticando, pois queriam notícias da América que enfocassem os valadarenses ou brasileiros e suas vidas. Nos Estados Unidos outro programa foi produzido pelos mesmos jornalistas, denominado “Cantinho Brasileiro” que é feito para o emigrante, fazia a viagem contrária levando notícias do Brasil para os Estados Unidos.

O Conexão USA significou um relato feito de “dentro”, uma explicação do próprio valadarense para sua experiência, e esta sua qualidadeêmica faz dele um registro importante sobre o significado da migração e suas implicações na vida dos valadarenses. A abertura do programa, cuja imagem é o mapa dos Estados Unidos combinada com cenas de Boston, brasileiros em igrejas evangélicas e em outras atividades cotidianas demonstra a preocupação do programa de ligar estes dois lugares: os Estados Unidos e o Brasil.

O primeiro programa procurou realizar o histórico da migração. O segundo programa é sobre New York, a cidade onde chega a maioria dos emigrantes. O comentário da apresentadora nos leva de volta as cartas: *“você vai conhecer Boston e Nova York e, falando em sonho, quem nunca sonhou em morar em Nova York?”*. Aqui, as entrevistas do conexão USA se misturam com as cartas analisadas, contribuindo para delinear esta cartografia. Por isso, procurei inserir estas narrativas junto com as cartas, pois relatam também experiências de brasileiros nos Estados Unidos. “No programa passado você viu alguém conhecido? Seu pai, irmão, namorado? Então você pode encontrá-lo nos próximos programas.” Com esta chamada começamos a narrar as impressões dos emigrantes quando chegaram nos Estados Unidos. Como já foi ressaltado na metodologia, as cartas foram transcritas literalmente corrigindo-se apenas os erros que prejudicavam a compreensão das mesmas e contendo algumas informações esclarecedoras entre colchetes.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES DA “AMÉRICA” ... DO ENCANTAMENTO À SOLIDÃO

Os relatos do momento da chegada revelam o encontro com esse imaginário, é a realização da utopia. Os sentimentos que descrevem a chegada são de deslumbramento, liberdade, alegria, vitória, vida nova. Ao mesmo tempo começam a perceber as diferenças entre estar nos Estados Unidos e no Brasil.

“É realmente uma experiência maravilhosa. Aqui tudo é diferente. Do carteiro até o povo, casas de madeira parece velha por fora, mas por dentro parece com casa de rico (...) Aqui [cidade onde se encontrava próxima a New York] tudo é muito triste e feio a impressão que se tem é que é tudo abandonado, nem uma pessoa na rua, não se anda a pé, há uma tristeza característica no lugar. (...) realmente ninguém tem idéia do que é a América ... New York é linda, mas muita gente feia e crioulo bobo.” (José Antônio - carta destinada à esposa).

“Aqui tá massa cheguei dia 10/09 aqui em New York, dia 11-09 fui dá umas voltas e conhecer Manhattan, é massa bicho aqueles predinhos de 116 e 120

andares, o central parque é grande para caramba e é lindo, a 5 avenida é “indecente”, mas o resto é diferente, também subúrbio o que eu queria também, né?” (José Mário - carta destinada ao amigo, - 16/09/85).

“Agradeço as orações da senhora e a ajuda dos demais que tornaram possível a minha vinda e ajudaram a dar um novo sentido a minha vida, graças a Deus, sei que vou enfrentar muitas dificuldades (...) as fantasias os sonhos de grandes salários que criamos acabam quando chegamos aqui... Precisa do inglês e da carteira de motorista” (José Carlos - carta destinada à mãe, - 25/12/88).

“Quando cheguei, senti uma força enorme, uma sensação de vitória de liberdade, de paz, coisa que nem sempre sentimos aí, também senti uma saudade enorme de todos os que amo e que ficou para traz” (Maria Aparecida - carta escrita para mãe).

As palavras utilizadas para descrever as cidades como New York - maravilhosa, indecente, “massa”, linda - evidenciam este encantamento com a modernidade e revelam este impacto. Há também um sentimento de vitória, à medida que percebem a “América” como uma perspectiva de mudança de vida, vitória da liberdade, dar novo sentido a vida; são expressões que indicam este sentimento e esta esperança de vida melhor. Neste momento, a “América” é a realização da utopia. Entretanto, à medida que caminham pela cidade começa o desencanto, vão descobrindo outros lados - o subúrbio - onde o emigrante vai morar como tantos outros migrantes. As cartas vêm endereçadas do Bronx, outras de Queens, bairros que concentram outras etnias imigrantes .

Nas cartas aparecem poucas referências a outros grupos étnicos, no entanto, quando estava em trabalho de campo nos Estados Unidos, pude entender o porquê da afirmação de José Antônio acerca de “criolo bobo” Vários emigrantes falaram-me a mesma coisa logo que cheguei nos Estados Unidos. *“Aqui os negros são todos metidos, andam com aqueles aparelhos de som no metrô e ninguém mexe com eles, são muito preconceituosos, têm a loja de roupa deles, programas de TV só para eles”.* Assim os negros americanos, ao afirmarem sua distintividade, valorizando sua raça, tornam-se “metido a besta”, explicitando o preconceito que em geral no Brasil é escondido pelo. o mito de nossa “democracia racial”. Por outro lado, o imigrante brasileiro, diante dos padrões americanos de classificação étnica, não é branco, e este não gosta de ser classificado nem como negro, nem como latino, como já foi destacado anteriormente. Assim, imigrantes brasileiros vêm-se diante da questão da identidade étnica, que no Brasil muitos não pensavam em questionar.

É no campo das relações sociais que este impacto transforma-se em tristeza e solidão: a ausência de vizinhos, amigos, a indiferença do povo americano. Ao perceber que as redes de sociabilidade não são como em sua cidade, o emigrante classifica as cidades como tristes e vazias. Neste momento, a família torna-se importante ponto de apoio como veremos nos tópicos a seguir. A “América”, enquanto terra de oportunidades, aparece árida, sem rede de relações, solitária, inóspita e o emigrante se sente só. Os sentimentos de depressão, o choro, o desejo de voltar explicitam este desencantamento.

“Quando cheguei achei tudo maravilhoso e tudo para mim foi festa, mais depois quando você conhece bem vê que as coisas são muito difícil, falta o inglês documentos adequados, ajuda dos amigos que você nunca tem de verdade, a solidão” (Maria Cristina - carta destinada à pesquisadora, dez. 1993).

As cartas revelam como este lugar familiar - através das fotos e relatos de outros emigrantes - foi se mostrando estranho, desconhecido. Neste momento, as idéias que possuíam da “América” são contrastadas com a realidade no relato do próprio emigrante, é o fim da fantasia.

“Acho que você sofreria muito aqui. Não tem amizade, vizinhos nem se conhece, não pode dar confiança para brasileiro. Acho que você não se adaptaria neste lugar, é melhor sentir minha falta que sofrer por aqui, apesar de querer você aqui comigo” (José Antônio - carta destinada à esposa – 11/.05/.85).

Neste momento de desencanto, a “América” transforma-se num lugar difícil de viver, devido a este sentimento de estar fora de seu lugar. O fato das pessoas se encontrarem numa outra cultura, a falta de conhecimento da língua inglesa, de documentos adequados para trabalhar, onde se concorre com outros imigrantes por trabalho, onde as pessoas pouco se encontram, apenas trabalham, moram e juntam dólares para pagar as dívidas no Brasil, indicam que “fazer a América” não será como nos sonhos que antecederam a partida. Neste momento, surge o desejo de trazer alguém do Brasil para ajudar a agüentar a barra, a solidão, a saudade.

Desta forma, as narrativas, ao mesmo tempo que evidenciam um deslumbramento com a modernidade americana, beleza das cidades, a altura dos edifícios, destacam a solidão destas grandes cidades onde não conhecem ninguém, onde as ruas ficam vazias à noite, onde se sentem sozinhos e anônimos. *“Ninguém sabe o que é a América até chegar aqui”.*

Embora em alguns destes relatos apareça a decepção, ao enviarem um cartão postal as imagens escolhidas são aquelas que os encantam: as belas e luminosas cidades, o outono, a neve. O

postal traz esta imagem para quem está em Governador Valadares. Foi interessante quando entrevistava os pais, perceber a familiaridade com que falavam de lugares que não conheciam. Este é um dos traços da globalização cultural, que diminui as distâncias e aproxima localidades distantes mas, as fotos, cartões postais bem como as imagens veiculadas pelo programa Conexão USA, onde são mostradas as principais cidades às quais se destinam os valadarenses, contribuem para que este imaginário cambiante faça parte do cotidiano daqueles que ficaram. “*A cidade é muito bonita no verão fica tudo movimentado, parece Guarapari*”³⁵ (Maria Marta - carta destinada aos pais agosto de 1991).

Conforme salientou Feldman-Bianco (1993:53), o impacto do novo, muitas vezes é dramático, como no caso das emigrantes portuguesas que, sendo camponesas, têm que se adaptar ao ritmo do trabalho fabril na “América”. Neste contexto, os emigrantes começam a lembrar-se da terra natal como utopia, esquecendo-se por vezes, dos limites que os fizeram migrar. O sentimento de saudade da terra natal, ao mesmo tempo que proporciona significados às vidas marcadas por mudanças abruptas, representa uma estratégia para resistir à imersão total ao tempo industrial.

No caso dos emigrantes brasileiros, a experiência na América também é dramática, à medida que se depara com outros padrões de comportamento, com a “frieza americana”, os valores diferentes, outras condições de trabalho e moradia - morar em apartamentos com várias pessoas, trabalhar lavando pratos, engraxando sapatos, cuidando de crianças, serviços que não fariam no Brasil, sem tempo para descanso, pois são 12 a 15 horas de trabalho por dia, é também traumático. Este desencanto - “*you only know what America is when you get here*” - contribuirá para transformar a terra natal em utopia; a saudade é o sentimento que permeará os dias do emigrante valadarense e tornando-se quase um lamento que o acompanha cada dia e permeia o desejo da volta.

AS VÁRIAS SAUDADES DO BRASIL

As cartas dos emigrantes estão carregadas de saudade! A palavra saudade aparece em todas as narrativas, tanto de homens como de mulheres. Nas cartas, a palavra saudade permeia toda a narrativa desde o início após as saudações ou na conclusão, quando se pede notícias do Brasil, este sentimento navega por todas as linhas ligando lugares e pessoas ao longo da carta.

³⁵ Balneário turístico localizado no estado do Espírito Santo distante apenas 400km de Governador Valadares onde os mineiros passam suas férias.

As cartas analisadas estavam endereçadas, em sua maioria, às mães. Esse dado revela a importância da mãe como aquela que centraliza as relações familiares e indica distintas funções de gênero na migração, pois se as mulheres circulam a informação, são os homens que administram os dólares e outras decisões como veremos a seguir. Esse dado confirmou-se ao longo do trabalho de campo. Quando me dirigia à casa dos pais dos emigrantes para conversar com eles sobre a experiência de seus filhos, mesmo com o pai presente, era a mulher que contava com mais detalhes as experiências dos filhos(as), seus planos e suas dificuldades. Apenas um pai conversou comigo, pois sua esposa e filha encontravam-se nos Estados Unidos.

No caso das mulheres, tanto as solteiras quanto as casadas, o sentimento está mais direcionado à família, aos pais, particularmente à mãe, tanto nas cartas que pedem “colo”, quanto nas que estruturam a vinda da mãe para “dar uma força”. Isto é bem evidente. As mulheres solteiras, ao escreverem para os pais, falam pouco de sua vida antes da emigração.

Nas cartas escritas por homens, principalmente quando jovens e solteiros, s aos amigos, além da alusão à família, aparecem os amigos, as farras na cidade, as namoradas e o Brasil. No caso de José Júlio e José Mário, que emigraram solteiros e pouco mais de 18 anos, as gírias e a saudade das farras estão explícitas nos relatos. No caso dos homens casados, a referência é à saudade da esposa relacionando-a ao sentimento amoroso, ao temor da perda, ao pedido de espera, ao desejo. Como compreender este sentimento? O que nos revela sobre a experiência migratória?

“Saudade” é uma palavra que define um estado d’alma e um sentimento de dor, de angústia, de nostalgia provocado pela distância, pela ausência, pelo desejo de estar num outro tempo e lugar. Saudade é uma palavra da língua portuguesa que foi incorporada à cultura brasileira, palavra que afirmamos com orgulho só existir em nossa língua (Da Matta, 1992). Com ela exprimimos forma sentimos saudade da infância, do primeiro amor, da comida da mãe, de pessoas, lugares e eventos.

As palavras recorrentes nas cartas que aparecem associadas à saudade são: família, Deus, esposa, amigos, Brasil, farras, futebol, mulheres, aniversários, expectativa de reencontro. Os sentimentos que aparecem junto a estas palavras são depressão, baixo astral, tristeza, impotência em relação a distância, sofrimento, amor.

“(...) só falta a senhora aqui perto da gente , a saudade que sinto é muita parece que vai mim sufocar, parece que vai me tirar o ar, a distância parece não ter fim, as vezes penso que estou no fim do mundo, mais sei que não é, e sei que tenho a senhora

cada vez mais perto do meu coração” (Maria Cristina - carta destinada à mãe, 22/07/92).

“Saudade, Baixo astral devido a mais um natal sem vocês (...) Assim esta o meu coração partido no meio e preto de saudades por viver em busca de um futuro melhor para vocês” (José Felipe - carta destinada à esposa, Natal de 1990).

“Que saudades eu sinto de tudo por ai bicho, você, a turma, Igreja, week-end's, Antárticas, bate-papos, a family, mano, zona metropolitana de G. V. [Governador Valadares] BRASIL (grifo do autor) É, é a vida” (José Mário - carta para o amigo 06/05/86).

“Hoje esta fazendo um frio, que quase não dá para suportar, falamos muito do Brasil, sinto muita saudades daquela boa comidinha caseira, feita pela senhora” (amiga de Maria Lúcia - carta destinada aos seus pais 16/11/92)

“Hoje foi jogo do BRASIL com a Costa Rica e eu só fiquei pensando na festa que estão fazendo aí, e claro aumenta a saudade de vocês” (José Mário - carta destinada à mãe, - jun 1990)

O sentimento de saudade do país fica mais evidente nos dias de jogo do Brasil: são realmente de muita emoção. Acompanhei a torcida de José Mário e seus amigos no jogo da classificação do Brasil para a Copa de 94. Os depoimentos aproximam-se das cartas, pois estes emigrantes, como outros brasileiros, têm sua identidade nacional reafirmada no contexto da migração.

“Quando o Brasil joga e vence em alguma coisa somos bons, quando o Brasil vence é como se nós ganhássemos, mas ao mesmo tempo dá uma saudade, uma vontade de estar naquela festa no Brasil, aqui americano não liga para futebol” (José Mário depoimento em dia de Jogo do Brasil, 19/09/93).

Quando estava escrevendo sobre este sentimento, já em Florianópolis, ligou-me um amigo que havia reencontrado em Boston. Neste dia, estava eufórico, orgulhoso, o Brasil havia ganho o tetra-campeonato mundial de futebol. Na ocasião, contou-me que tinha feito o possível para, pelo menos, ouvir os jogos quando tinha que trabalhar e da experiência de assistir a um jogo nos Estados Unidos - *“foi demais”*. Disse-me ainda que:

“uma mulher passou por mim na rua e gritou BRASIL, eu sorri e gritei também, era uma americana, mas os americanos gostam muito do futebol brasileiro e neste dia eu fui trabalhar feliz, pois aqui só sai notícia ruim é o Vigário Geral, a chacina da Candelária, a morte do Senna, que deixou a gente muito triste e de repente com esta vitória a gente volta a

sentir orgulho de ser brasileiro, no meu trabalho todo mundo me cumprimentou e aí, bate aquela saudade...” (amigo valadarense, ex-bancário, há 5 anos nos EUA)

Foi um relato informal de um amigo que não deseja ser citado no trabalho, mas cujo sentimento é semelhante ao de tantos outros brasileiros nos Estados Unidos e que havia me ligado para falar de sua felicidade e matar a saudade...

“Eu morro de saudades de tudo isso cara todos os dias não tiro o Brasil da cabeça só penso nos amigos, família e nas mulheres, é claro! Mas tudo bem eu volto um dia, não sei quando, mais volto” (José Júlio carta escrita para o amigo 01/92).

São as várias saudades do Brasil. País de tantos contrastes e que os emigrantes sonham em voltar para rever a família, os amigos e as mulheres...A carta de José Júlio repete uma expressão que ouvi várias vezes nos EUA . *“mulher, como a mulher brasileira não tem igual!”* .

Falar da saudade traz o pedido de espera... de não ser esquecido... A saudade alimenta o desejo e o sonho da volta... descrever este sentimento é demonstrar para aqueles que estão aqui que o tempo não passou. O estranhamento, e talvez um certo vazio, acontece quando o próprio emigrante percebe que os seus sentimentos vão se modificando.

“Sabe bicho eu tava ouvindo a fita cassete que você e o pessoal me mandaram no ano passado e senti uma coisa estranha. Depois de um ano as únicas pessoas que eu realmente sinto falta são; você, fulana, ciclana, e beltrana (...) O lance de que a distância e o tempo não separam é papo furado... Um ano passa rápido” (José Mário - carta destinada ao amigo em 17/09/86).

“Sabe bicho, estou morrendo de saudades de você, apesar do pouco contato nos últimos tempos, aí você sabe que a nossa ligação está muito além disso” (José Mário - carta destinada ao amigo, 24/11/88).

“É com muitas saudade que lhes escrevo para dar as nossas notícias que espero em Deus de agora em diante sejam melhores, por que tenho passado tempos difíceis” (Maria da Conceição- carta destinada à mãe e irmã 03 de maio de 1992)

As fitas cassetecassete, fitas de vídeo e fotos são utilizadas pelos emigrantes como outros recursos narrativos. No caso da fita de vídeo, ela traz a imagem do Brasil para os Estados Unidos e vice-versa. Fitas de aniversários, casamentos, da própria obra no Brasil são freqüentemente enviadas aos emigrantes que sempre se emocionam ao vê-las. As fotos também representam esta ligação. Era com muita emoção que emigrantes, quando mostravam fotos de seus pais ou sobrinhos falavam *“olha como ele está crescendo ou como meu pai está envelhecendo, olha o Ibituruna (Pico da cidade) como está*

verdinho!” Da mesma forma, pude observar na casa dos parentes fitas enviadas dos Estados Unidos da vida cotidiana lá. Reviver estes rituais, mesmo que através de fitas, é muito importante para os emigrantes como demonstram os relatos a seguir:

“Mamãe querida eu vi a fita do seu aniversário e chorei muito com muita saudades da senhora e de todos vocês, dos meus filhos, netos, sobrinhos, cunhados nem sei se um dia voltarei a vê-los de novo, só Deus sabe” (Dulcinéia carta destinada à mãe 16/04/90).

“Diz para Gildete mandar fotos dos meninos para mim estou com saudades e o afilhado lembra da madrinha? Eu amo muito todos vocês, adorei as fotos que a senhora mim mandou, so a saudade aumenta cada vez mais.(...) Quanto maior a distância maior a saudade” (Maria Cristina carta destinada à mãe 23/01/92).

“Saudades mil!... Eu estou feliz e gostaria que entendesse que eu sei que a saudade é muita, mas infelizmente a pessoa que eu amo não tem condições de ir embora. (Maria Marta 18.06.91 carta destinada aos pais).

“Eu estou louca de saudade se eu pudesse iria junto com essa carta, mas não posso e a senhora sabe disso, quem sabe consigo trazer a senhora aqui é bem mais fácil do que eu ir aí, a senhora viria?” (Maria Cristina - carta destinada à mãe - 02.03.92).

“A saudade aqui é muito grande, pois amo muito você e por isso sinto tanta falta. Mãe fala um pouco para mim de todos pai, irmãos, sobrinhos, nossa só Deus sabe como sinto saudades de todos, quando escrever para mim quero que fale um pouquinho de cada um, pois amo demais todos eles” (Maria Lúcia - 29.09.92 - carta destinada à mãe)

Em vários relatos aparece a referência a Deus, assim como no início das cartas estas alusões demonstram a importância da fé como sustentação espiritual para a permanência na América. Estes são indicativos da importância da vida religiosa como uma das formas de apoio encontradas pelo emigrante. Estas referências puderam ser confirmadas também no programa Conexão USA. Um dos blocos deste programa foi dedicado às Igrejas protestantes. Nos Estados Unidos, os emigrantes encontram apoio das Igrejas para agüentar a solidão, muitas delas auxiliam a arranjar emprego e ajudam nos primeiros meses. Os emigrantes dizem que a Igreja ajuda a *“suportar a solidão e também não se voltar para a droga ou perder a cabeça, pois nos Estados Unidos tem de tudo”* relatou-me uma mulher que trabalha com a comunidade católica em Boston. Neste ponto, a ausência, a saudade, transformam-se também em saudade da fé.

“ passei a noite chorando e clamando pelo senhor ainda resta tristeza... sinto saudades da Igreja, saudades do senhor, necessidade de Jesus, sinto que é o ministério que

me espera.. Alguma coisa ainda não foi liberada”(José Antônio - carta destinada à esposa, 15/06/86).

Em alguns relatos a saudade é associada a um sentimento de provação das relações amorosas e familiares. Ao falar da ausência, Barthes (1981:27) afirma que “todo episódio de linguagem que põe em cena a ausência do objeto amado - quaisquer que sejam a causa e duração - tende a transformar a ausência em prova de abandono”.

O emigrante, quando fala da saudade, que traz a presença de quem está ausente de forma tão sentida, coloca em “cena” essa transformação sugerida por Barthes. Quando pedem à esposa(o), namorada(o), aos familiares que esperem por sua volta, que suportem a ausência, que não os abandonem, as cartas revelam esse medo de ser esquecido ou abandonado.

*“Estou distante mais vocês estão presente em minha mente a todo instante”
(José Felipe carta - destinada à esposa, 1991).*

“Querida, eu amo você. A saudade está presente a todo instante. Penso medito, vivo, você. Te amo, te adoro, te quero para sempre. Tenho vivido esmagado pela saudade. Sei que você sabe o que estou passando porque tenho certeza que o mesmo passa com você” (José Antônio - carta destinada à esposa, 26/04/86).

“Minha querida esposa, amo você. Como tenho sentido sua falta. Tenho contado os minutos para nos encontrarmos. Estou pensando seriamente em fazer um voto de nunca mais ficar distante de você tenho saudade” (José Antônio - carta destinada à esposa, 13/. 05/86).

“Cada um que viaja para o Brasil quase nos mata de saudades e tristeza, é muito difícil... Outro dia achei um mapa olhei, coloquei o dedo sobre Governador Valadares, meu coração bateu forte, muito forte: resumo: NÃO CONSIGO VIVER SEM VOCÊ. Queria pelo menos sentir seu cheiro”(José Antônio - carta destinada à esposa, 15/.05/86).

“Os dias passam, a saudade aumenta, hoje é sexta-feira, contei os dias e passaram apenas 07 dias; meu deus!... E agora? Fico ou vou? R: - Moralmente tenho que ficar. Estou lutando para ficar preciso ficar” (José Antônio - carta destinada à esposa, 11/.05/.85).

“A saudade tem me machucado dia e noite. Fecho os olhos e penso em você.. Tenho muitas lindas recordações... Sabe naquelas duas últimas noites você foi demais! Ainda vivo as emoções das duas últimas noites, você foi demais! Ainda vivo as emoções daquelas horas” (José Antônio - carta destinada à esposa, 06/87).

“A saudade veio comigo, sai daí com ela. Quando cheguei em B.H, [Belo Horizonte] quase mudei de idéia, se não fosse a convicção que Deus queria que viesse (...) Não sei quanto tempo o senhor quer que eu fique aqui, já estou quase maluco de saudades.. Sonho com você todas as noites” (José Antônio - carta destinada à esposa,- 1992).

A saudade dos emigrantes de suas esposas, relatada de forma tão emotiva por José Felipe e José Antônio, revela esse temor de serem esquecidos quando ausente. São cartas amorosa e cheias de desejo, que pedem a correspondência, a promessa de reencontro breve. Estas cartas amorosas foram o ponto de partida para que fosse se delineando os “Fragmentos do discurso amoroso” como demonstra Barthes (1981): *“Como desejo, a carta de amor espera sua resposta; ela impõe implicitamente ao outro de responder; sem o que a imagem dele se altera, se torna outra”*. (Etimologia segundo Freud apud Barthes, 1981:33).

Pode-se ainda dizer que as cartas explicitam um sentimento de amor romântico³⁶, ideal que permeia os casamentos e relacionamentos amorosos em nossa sociedade, onde a aliança com um outro significa a busca da felicidade, da alegria, da ternura e do amor. Por isso, a ausência é vivenciada de forma tão dolorosa, as pessoas sentem-se “esmagadas” pela saudade e pelo desejo do emigrante de estar próximo à pessoa amada. É interessante ressaltar que as cartas escritas pelos homens são muito carinhosas, sensuais, carregadas de sentimento, o que muitas vezes se considera uma atribuição do gênero feminino. Nos Estados Unidos, entre outras coisas, os homens se descobrem frágeis e, por que não dizer, sensíveis³⁷. Ouvi de alguns homens nos Estados Unidos depoimentos comoventes, sentimentos que em nossa cultura, muitas vezes, não são expressados porque *“é coisa de mulher”*. Quando estava na casa de José Júlio, ele me falou:

“A vida aqui não seria nada sem Maria... Quando cheguei aqui fiquei louco de saudade trabalhei feito um louco juntei o dinheiro e mandei para ela vir combinamos o seguinte: se ela não passasse na Imigração eu estava com dinheiro no bolso e a mala pronta para voltar para o Brasil. A gente aqui fica muito sozinho, a saudade machuca, eu fiquei muito chorão, me aproximei mais da minha família e faço tudo por ela. Hoje eu digo para minha mãe e para os meus pais que os amo e choro quando falo com eles ao telefone”. (depoimento de José Júlio nos EUA)

³⁶ Sobre a construção social do amor romântico e do casamento como valores em nossa sociedade ver Viveiros de Castro (1978), Vainfas (1978), D'Incão (1987), Dauster (1987), Giddens (1993).

³⁷ Buffon (1992) nos fala de homens sensíveis em classes média intelectualizada de São Paulo, onde o ideal do amor romântico vem se confrontando com novas experiências de conjugalidade, como por exemplo, o casal igualitário. No caso dos emigrantes, os princípios igualitários não vêm de um discurso intelectualizado, mas do próprio choque com a outra cultura, onde as mulheres, em princípio, são mais independentes. Além disso, as circunstâncias de trabalho em conjunto, a divisão de tarefas domésticas, faz com que alguns homens redefinam alguns de seus valores em relação à conjugalidade.

“Telefone e saudade. Amanhã nosso dia D. Estou contando as horas, os minutos porque minha vida não é completa sem você. Já estou sentindo o cheirinho de casa, sei que muito em breve estaremos junto se aqui ou aí não sei, oremos. (José Antônio - carta destinada à esposa, 1993)

Este sentimento, provocado pela distância do Brasil faz com que os emigrantes recriem uma idéia mítica do país e, nesse caso, de Governador Valadares. Esta saudade explica certas atitudes - os inúmeros telefonemas para o Brasil e os retornos temporários para matar as saudades - ou, quando isso não é possível, levar os parentes, normalmente os pais (que não pretendem emigrar, apenas dar o apoio aos filhos), para ajudar a “agüentar a barra”. Estas atitudes, às vezes, vão contra os princípios de acumulação que motivaram a migração, representando uma quebra da racionalidade econômica desse projeto pelos gastos que geram, demonstrando a importância das relações familiares para sua realização.

“Tenho andado muito triste e preocupada com vocês. Estou numa saudade que só Deus quem sabe. Minhas queridas quando eu saí daí, pensei que voltaria em 15 dias, mas acho que não foi o que Deus quis aquele salafário me enganou e me fez vir correndo para os USA (...) Tem dia que fico com uma depressão, numa saudade de vocês da minha família da minha casa e começo a chorar (...) Tem dois meses que saí daí e parece que tem um ano” (Maria Antônia, - carta destinada às filhas – 03/07/92).

Assim a saudade é um sentimento que ao mesmo tempo que fala-nos da ausência implica na tentativa de re-ligar de manter em contato com a terra natal. Os emigrantes ao partirem não imaginavam que este sentimento atravessaria seus dias e tornaria muitas vezes difícil a permanência nos EUA. Ao mesmo tempo este sentimento, que marca a percepção da ausência, recria quando se está distante, a terra natal, transformando os sentimentos em relação a mesma como já foi salientado anteriormente.

A carta portanto, traz este sentimento que procura manter o desejo, a promessa do retorno e os laços afetivos entre aqueles que partiram e aqueles que ficaram. A emigração seja talvez a experiência que ao promover este deslocamento no espaço torna a saudade, uma marca deste sentimento nostálgico em relação aos amigos, parentes, lugares e eventos que ficaram num outro tempo e lugar e ao mesmo tempo uma reafirmação da identidade.

Como analisar este sentimento? Fernando Pessoa, grande poeta português, disse certa vez que os portos são lugares repletos de saudade. Desta forma, a saudade é explicada como produto da experiência empírica da nação portuguesa, que desde o séc. XV constitui-se como uma nação de viajantes, daqueles que partem, que emigram e cada porto definiria este sentimento português de

ausência, de saudade da terra. Assim, a nação portuguesa constituiu-se como “Nação espalhada pelo mundo” - uma nação de emigrantes. A saudade é vista como elemento constitutivo da identidade portuguesa, sentimento que é utilizado não apenas pelos imigrantes quando se referem nostalgicamente a experiências anteriores à emigração, mas pelo próprio Estado português.

Para Feldman-Bianco (1992) que analisou a saudade entre imigrantes portugueses, a saudade não estaria ligada a este sentimento de nostalgia em relação ao passado, mas como rearticulação do passado com o presente. Desta forma, os portugueses utilizam-se de suas memórias anteriores à experiência migratória para viverem numa outra cultura ainda como portugueses. Assim a saudade da terra é um mecanismo de reconstrução da identidade portuguesa em outros lugares. Se a saudade dos portugueses, de sua terra, está relacionada a experiência empírica de cruzar os mares, desde o período das grandes navegações, o que dizemos da saudade dos Brazucas que não tinham a experiência empírica de emigrar?

Segundo Da Matta (1992), os vários conceitos portugueses ao evocarem a experiência empírica como constitutiva do sentimento de saudade não perceberam a sua capacidade performativa, que significa que “*tal como as palavras de ordem, as senhas, os juramentos, as pragas, as promessas - ao ser dita ou invocada, promove e implica um fazer, um empenho, uma perspectiva ou um compromisso, definindo um estado interno e permitindo ou desculpando uma ação externa.*” Na cultura brasileira a saudade não está relacionada a experiência empírica da emigração, uma vez que a emigração é um fenômeno recente em nossa história, pois sempre nos caracterizamos por atrair imigrantes. Quando pensamos nos sentimentos relacionados à saudade, as primeiras lembranças que temos nos remetem ao “banzo”, sentimento mortal dos negros africanos de saudade de sua terra. É claro que este sentimento é diferente do emigrante, que parte por vontade própria e não na condição de escravo, mas o banzo, assim como a saudade, ajudaram a construir socialmente este sentimento na nossa cultura.

Portanto, o emigrante ao contar os minutos para reencontrar-se com a esposa, ao sentir saudade quando alguém parte para o Brasil, ao ter saudade da comida da mãe, ao ter saudade dos amigos, das farras e das mulheres, está vivenciando uma experiência universal em nossa cultura. Conforme DaMatta (1992), a saudade nos fala de um tempo por dentro, que sentimos e por isso trazemos de volta com certa nostalgia e mitificação os tempos passados. Neste sentido, ouvir um brasileiro falar do Brasil, da família, das relações pelas cartas é fazer esse diálogo idealizado que

constrói o projeto de retorno, o desejo de voltar ao Brasil “*que é o país para se viver*”. Neste ponto, a terra natal surge como utopia e reinventa nossa identidade.

O programa Cantinho Brasileiro, realizado pela mesma equipe do Conexão USA, e exibido nos Estados Unidos (Rádio Televisão Portuguesa) e no Brasil, retrata bem esta reinvenção da terra natal ao falar dos brasileiros e a convivência com a saudade. Nas entrevistas realizadas os sentimentos são semelhantes aos relatados nas cartas - solidão, tristeza, comparação com o povo americano. E nos relatam a importância das cartas e telefonemas como solução para “matar a saudade”. Um destes relatos traduz bem a ambigüidade do emigrante na América “*aquí a única coisa que ultrapassa a saudade é o trabalho*”.

Para amenizar esta situação que pode causar “tique-tique nervoso” (música tocada no programa), a jornalista sugere que se pegue retratos da família, escreva uma carta, ou ouça música que deixe alegre. As lembranças do país de origem tornam-se portanto, uma forma de religar com a terra natal. O programa encerra com várias imagens do Brasil. É interessante observar que estas são de lugares representativos da imagem de país tropical como as cataratas do Iguacu, o Pantanal, as praias, imagens geralmente vendidas a turistas estrangeiros. E o olhar do emigrante carregado de saudade se perde nessas imagens...

ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E O BRASIL: UMA LIGAÇÃO

As cartas referem-se com freqüência aos telefonemas que são dados pelos emigrantes ao Brasil. O telefone é um canal de comunicação de ordem diferente da carta, pois permite que as pessoas conversem e como os emigrantes dizem “*tem coisas que são difíceis de escrever precisa-se falar*”, (afirmou José Mário em carta para seu amigo). Ouvir a voz de quem ficou no Brasil não significa apenas matar a saudade, mas religar pessoas, reforçar laços, receber respostas, tem um caráter de imediato que torna, por alguns minutos ou até horas, pessoas que estão tão distantes próximas.

O telefone tem um caráter de aproximar múltiplas temporalidades e espaços, sendo uma comunicação imediata, basta discar para contactar com o outro, aquele que ficou e que também deseja notícias. Mais do que isso, o telefone possibilita extrapolar as cartas ao permitir o diálogo.

“Mãe este mês não liguei para a senhora porque com a vinda da Dulcinéia e a conta deve vir muito alta , mas no mês que vem vou ligar para a senhora. Este mês liguei para a Felícia e pedi notícias do Ricardo. (Maria Conceição carta destinada à mãe 14/09/88).

“Este mês liguei para... E ela me disse que no dia 25 de agosto uma assistente social tinha ligado para ela dizendo que no dia de seu aniversário, o meu filho... apareceu no centro de recuperação chorando e pedindo ajuda e disse que sua mãe estava nos E.U. e que não sabia o endereço (...) Mãe, depois de três tentativas consegui falar com meu filho aquele centro de recuperação e ele me disse que esteve preso muito tempo por agressão” (Maria Conceição - carta destinada à mãe, 14/09/88).

“Hoje 5ª feira eu tô de folga, tentei discar para você no horário do almoço, mas deu ocupado na casa sua e depois não consegui linha.” (José Mário - carta destinada ao amigo no Brasil, 10/1085).

“Esta semana eu tentei entrar em contato com você, mas isto não foi possível (também na grande Governador Valadares eu nunca poderia te achar em casa) e pôr carta é fôda conversar” (José Mário - carta destinada ao amigo, 20/11/86).

“ Quando eu falei com a irmã estava tudo ótimo. Por isso estou escrevendo ao invés de telefonar porque agora que quase terminamos de montar o apartamento, ficamos sem dinheiro” (José Mário - carta destinada à mãe, 14/06/90).

As cartas referindo-se aos telefonemas estabelecem uma continuidade entre o que foi falado e o que estava escrito. Nesse sentido, muitos assuntos iniciados nas cartas são concluídos ou complementados por telefone: as notícias de filhos, transações para compra de casas, felicitações por aniversários. Por isso os telefonemas demonstram como o dia-a-dia aqui no Brasil torna-se presente na vida daqueles que estão lá nos Estados Unidos. Esse caráter de religar simbolicamente aproximando estas temporalidades expressa-se pelo pedido nas cartas que as pessoas liguem para matar a saudade, ou tratar de assuntos referentes à vida no Brasil, ou mesmo pelas justificativas que aparecem com frequência nas cartas quando se diminui o número de telefonemas.

“Mãe agora vou ficar sem ligar um pouco para a senhora porque fica muito caro para mim ligar toda semana. Vou ligar de 15 ou 20 dias, mas escrevo sempre, ok? (Maria Lúcia - carta destinada à mãe 19/01/93).

Os emigrantes ligam com frequência, como se pode observar pelas cartas, em média a cada 15 ou 20 dias. Os destinatários são os pais, amigos e cônjuges.

“Mãe assim que receber as coisas liga para mim, e por favor não liga da casa da Beth leve a Odete, Benedita e quem mais quiser ir liga o mais rápido possível e pede a irmã para ir também com todas as informações que pedi a ela”(...) se caso ligar para mim e não conseguir tente sempre, se for preciso todos os dias eu não consigo ligar aí vocês tem

que ligar para mim é importante” (Maria Cristina - carta destinada à mãe, 14/04/91).

“Mãe a senhora como está? (...)aquele dia que falei com vocês por telefone, não deu para conversar direito, tinha gente querendo ligar, era a tia Maria e uma moça que veio com ela infelizmente tivemos que falar muito pouco” (Maria Cristina - carta destinada à mãe, 19/11/91).

“Mãe aquele dia que falei com a senhora, não deu para a gente conversar direito, eu estava muito nervosa e comecei a chorar com a história da casa” (Maria Cristina - carta escrita para a mãe, 02/03/92).

Através dos telefonemas, os emigrantes procuram obter notícias daqueles que ficaram, transmitem orientações para os filhos, mães, esposas, matam as saudades, falam das remessas de dinheiro, da administração de bens no Brasil, solicitam documentos, relatam os desejos amorosos. Ao ligar, o emigrante aproxima-se do Brasil e das pessoas que participam do seu projeto de fazer a América. Ao mesmo tempo, colocam quem está aqui em contato com a vida nos Estados Unidos, como podemos ver nesta descrição de um telefonema recebida no Brasil, no qual entre pedidos de presentinhos para demonstrar que “*não se esqueceu dos seus no Brasil*” e informações sobre o que fez com o dinheiro se mantém um bom bate-papo. Portanto, o telefone liga efetivamente duas temporalidades, dois espaços.

“Como ele está... Que gracinha!... Não credito ..Ele fala enrolado?... Grava ele falando e manda para nós ver... ninguém vai acreditar... Não ensina ele nossa língua não... \$400,00 dólares... Tá, vou ver se dá para comprar a geladeira duplex para mãe... E se sobrar? Tá, dou entrada numa T.V. a cores ... Você manda mais até dia 30?... Vê se lembra do Zé com carquê (qualquer) coisinha, ele disse que você ficou metida, não lembra dele... Ah! Um relógio? Ele vai adorar... O nosso primo foi mas vortou. Foi só chega lá e eles botaram ele em outro avião. Ele vai tentar de norvo” (descrição de um telefonema entre Maria Cristina e sua irmã Terezinha que foi registrado pela mesma informante que me enviou as cartas, pois o telefonema foi recebido em sua casa em março de.93).

As ligações telefônicas internacionais são caras. Por isso, quando não dispõem de telefone para ligar, muitos emigrantes recorrem à “rede espertinho”³⁸ sistema utilizado geralmente por emigrantes recém-chegados que dispõem de pouco dinheiro e querem falar com o Brasil. O

³⁸ É um sistema criado pelos brasileiros para burlar as companhias telefônicas americanas. O Brazuca compra um cartão roubado que custa em torno de US\$ 10,00 faz a ligação de um telefone público e a conta é enviada para o dono do cartão. Quando a companhia telefônica descobre, o número é cancelado por isso aparecem as expressões nas cartas “falta de números para ligar”.

programa “Conexão USA” realizou um bloco sobre essa rede, associando-a a outras ilegalidades de brasileiros nos Estados Unidos demonstrando que estas ligações causavam prejuízos enormes às companhias americanas. Em New York, Newark e Boston informaram-me que um “cartão para ligação” custava na época US\$10,00 para falar o tempo que desejasse. Entretanto, as pessoas que estão há mais tempo nos Estados Unidos evitam ligar desse sistema, preferem alugar um telefone e pagar suas ligações e não correr riscos com a Imigração.

Além disso, as companhias telefônicas americanas já descobriram o filão lucrativo que são os emigrantes brasileiros. Na festa do dia da Independência do Brasil em 05.09.93³⁹, três companhias americanas instalaram stands oferecendo linhas telefônicas. Embora os cartazes estivessem escritos em espanhol, o que demonstra o pouco conhecimento acerca dos brasileiros, este fato evidencia que as companhias sabem que os emigrantes gostam de falar ao telefone.

“Sabe bicho, deu uma vontade danada de saber como você vai indo. Aí pensei que já não está tendo números resolvi rabiscar está folha” (carta de Jose Mário ao amigo, 08/86).

“Não sei quando vou poder ligar para vocês e por favor não ligue a cobrar para a casa da tia por que não moro mais lá. Sei que estão querendo conversar comigo e eu nem se fala mas minhas filhas quando a conta chega quaze cai de costas” (Maria Antônia carta destinada às filhas 03/07/92).

Segundo as pessoas que me forneceram as cartas, quando os emigrantes deixam de telefonar é indicativo de que estão distanciando-se da família ou do cônjuge. Este fato é motivo de preocupação para quem está no Brasil. A ausência de telefonema pode ser seguida da interrupção das cartas e da remessa de dinheiro. A combinação destes três fatos é indicativo que o Brazuca não vai voltar mais.

As ligações para o Brasil geralmente ocorrem no final de semana, quando as tarifas internacionais estão reduzidas e é mais fácil encontrar a família em casa. As ligações são demoradas, chegando, às vezes, a passar de uma hora (observação do trabalho de campo nos Estados Unidos), pois procura-se conversar com cada membro da família. As contas telefônicas mensais giram em torno de US\$300.00 a US\$ 400.00 dólares.

³⁹ Data em que foi realizada a festa da independência do Brasil nos Estados Unidos. A festa é realizada na rua 46 entre a 6^a e a 7^a av em Manhattan, onde se concentram os mais antigos pontos de comércio de produtos brasileiros. É denominada a rua brasileira em New York. O relato da presença de companhias americanas foi-me fornecido por Rucy Balgley, que está realizando uma pesquisa sobre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos.

Numa entrevista com um padre em Boston ele afirmou que fica espantado com a necessidade que os brasileiros têm de falar com os familiares. Informou que mora a 03 horas de sua mãe e liga-lhe, em média, uma vez por mês, e quando sua conta telefônica chega a US\$ 50.00 acha-a muito cara.

“No caso dos brasileiros, já vi contas de até US\$ 1,000.00, embora o mais comum seja entre US\$300.00 a US\$ 400.00. Vivo dizendo que ajudariam muito mais aos seus familiares se enviassem o dinheiro das ligações para o Brasil, mas a resposta que obtenho é que sentem muita saudade de suas famílias e necessitam saber se estão todos bem, e que isso é uma coisa que o dinheiro não paga” (Pe. Bob)

A necessidade de falar com a família contraria a lógica que analisa apenas a racionalidade econômica do projeto migratório, pois demonstra que para realizar este projeto é importante o apoio familiar. Ligar portanto, traz para os Estados Unidos um pouquinho do Brasil. Neste sentido, os telefonemas dos emigrantes brasileiros constituem-se numa estratégia de manter contato com o Brasil que juntamente com as cartas, os presentinhos enviados, as fotos, são as evidências de suas ligações no plano da afetividade reforçando a idéia do projeto familiar, econômico e afetivo que é a migração.

A VIDA COTIDIANA NOS ESTADOS UNIDOS

O Trabalho

A primeira preocupação de quem chega aos Estados Unidos é arranjar trabalho, pois as dívidas ficaram no Brasil. Ao escrever sobre o trabalho, os emigrantes fazem com que aqueles que ficaram participem de sua luta e angústias nos períodos de pouco emprego. Estes emigrantes, em sua maioria, como outros grupos, são trabalhadores ilegais, não possuem documentação que autoriza a trabalhar, e o conhecimento de inglês é mínimo.

“Comecei a trabalhar no dia 11 de janeiro, é uma americana com um filho de 1 ano e meio divorciada, entrei ganhando só 125 dólares por semana, mas ela já me disse que vai aumentar. Estes 3 meses atras posso dizer que quase nada ganhei fiquei 15 dias em Boca Raton na casa de um casal de Valadares trabalhei na noite de Natal e na noite de ano novo e não recebi até hoje (...) então a mulher que minha amiga trabalha arranhou esta casa” (Maria Conceição - carta destinada à mãe, 30/01/88).

“Aí dia 13.09 comecei a trabalhar o serviço é na peixaria onde meu amigo trabalha, aí dia 17 um outro amigo nosso arranhou emprego num big supermercado de varredor da parte de frutas e verduras” (José Mário - carta destinada ao amigo, em 05/1985).

“Hoje fui olhar emprego. Começo a fazer teste para ver como é de 21:00 vai até 07:00hs. (...) Carro aqui não é luxo. A 1 pergunta que me fizeram quando arranhei emprego é se eu tinha carro, já pensou? Inicialmente pagam US\$ 120,00 por semana até eu fazer 8h completas depois dará uma faixa de US\$200,00 a US\$250,00.” (José Antônio - carta destinada à esposa, maio/1985)

Os emigrantes brasileiros submetem-se a trabalhos que oferecem salários baixos e longas jornadas, que muitas vezes são noturnas e ocupam os finais de semana. O emigrante é o trabalhador típico deste segmento porque geralmente não possuía documentação necessária para trabalhar. No caso dos valadarenses, pelas descrições nas cartas, tanto homens como mulheres fazem parte deste mercado. As cartas portanto, confirmam as informações de alguns estudos sobre os novos migrantes. (Margolis, 1994; Portes, 1990; Sales, 1992 e Ribeiro, 1992).

Geralmente os emigrantes espalham-se pelos setores de serviços gerais ou limpeza. Os restaurantes concentram vários destes trabalhadores, pois pagam em média US\$ 5,00 a hora e existe uma convivência com trabalhadores indocumentados e social security falso. Segundo relatos que obtive nos Estados Unidos, nos restaurantes os emigrantes vão trabalhar “atrás da Linha”, na disha (máquina de lavar pratos) , na preparação (cortar e separar legumes e verduras) e, à medida que vão aprendendo o inglês, podem ir avançando na hierarquia e chegar até o caixa ou a servir, o que significa também aumento de salário.

Todos os emigrantes dos quais disponho cartas eram trabalhadores assalariados no Brasil. Embora tivessem em sua maioria, pelo menos o nível secundário e alguns nível universitário, todos foram para o mercado de trabalho secundário nos Estados Unidos, não exercendo as mesmas colocações que exerciam no Brasil. Nos Estados Unidos, encontrei também os profissionais qualificados que estavam fora de suas habilitações. Um faxineiro com o qual conversei, no Brasil tinha sido engenheiro de uma estatal, secretárias executivas tornaram-se faxineiras, ex-bancários, ex-professores, ex-comerciários todos fora de suas funções.

Esta mudança de função entretanto, não significa para o emigrante mudança de status social. Quando estive nos Estados Unidos, esta contradição tornou-se evidente, pois nas cartas a

comparação quando ocorre é sempre em relação ao Brasil. Esta questão é instigante, pois sendo os emigrantes em geral de classe média, média baixa, estes têm que aprender a limpar banheiros, lavar pratos, roupas, cozinhar, serviços que não faziam no Brasil, principalmente os homens. Nas camadas médias brasileiras, onde ainda se utiliza de trabalhadores domésticos, herança de nossa sociedade escravista, este choque é ainda maior.

Esta questão já abordada por Sales (1992) e Margolis (1994) revela que para o emigrante é muito difícil reconhecer sua mudança de condição social, quando passa a realizar serviços que no Brasil não fazia e que são vistos socialmente com desprestígio, são “revalorizadas” nos Estados Unidos. Assim comentam sobre o trabalho que fazem: “*Os produtos de limpeza americanos são ótimos*”, “*limpeza de americano é mais fácil*”, “*algumas dishes são boas, a gente não tem contato direto com a comida*”, “*no trabalho sou emigrante, mas quando saio sou uma pessoa como outra qualquer*”. Vindos de uma sociedade que não valoriza o trabalho manual, só depois de alguma conversa demonstraram reconhecer como é difícil adaptar-se ao trabalho. Segundo os relatos, as humilhações sofridas têm como compensação o fato de que ganham com estes serviços o que jamais ganhariam no país de origem com suas profissões e a possibilidade de ascensão social no Brasil, através dos investimentos realizados na terra natal.

Os vários relatos demonstram que, para conseguir trabalho, sempre ocorre a interferência de alguém com mais tempo de América e que indica àquele que chegou qual o melhor caminho, ajudando na procura de emprego. Esta estratégia é diferente de outros brasileiros emigrantes, como por exemplo os Dekassegui, que emigram para o Japão com os contratos de trabalho realizados com pequenas e médias firmas Japonesas e os emigrantes (Mori,1992:141).

“A Maria Conceição continua em seu trabalho, a Dulcinéia trabalha numa lavanderia, a Eliane arrumou na mesma lavanderia para começar daqui a uns dias, o salário da Dulcinéia é \$200,00 por semana e da Eliane vai ser o mesmo, o da Maria Conceição é \$150,00, só que é livre não gasta com transporte, comida e dormida(...) eu realmente estou ganhando pouco, por ser homem e pelos serviços que tenho feito” (José Carlos - carta destinada à mãe, 18/01/90).

Através das cartas ficou claro que a rede de migração atua de maneira informal, o auxílio é prestado por um amigo ou parente. Por isso, quem chega geralmente começa a trabalhar no mesmo serviço de quem o acolheu. Essa rede de apoio informal é responsável pelos emigrantes arranjam emprego rapidamente quando chegam. Há aqueles que, quando estão retornando ao Brasil, vendem

seu serviço, ou melhor, os clientes. Isso acontece particularmente com os serviços domésticos, onde as faxinas são “passadas” àqueles que vão ficar, pelo valor médio de US\$ 2.000,00.

As mulheres, ao descreverem os seus trabalhos, evidenciam a concentração desse contingente principalmente no serviço doméstico: limpeza de casas (*house clean*), cuidado de crianças (*baby-sitter*), arrumadeiras em hotéis (*house keeper*) e também aquelas que trabalham como garçonetes (*bar-maid*) e *go-go girls* (dançarinas em *night clubs*) confirmando as observações de Margolis (1994:122).

“Comecei a trabalhar no hotel Harbview como house keeper (limpeza de quartos). A minha supervisora me adora (...) Trabalho todos os dias (menos segunda-feira) de 09:00hs até 15:00 ou 16:00hs. Eles pagam 06 dólares a hora. Estou gostando muito só no início meu corpo sentiu achei que não fosse aguentar mas Deus me sustentou” (Maria Marta - carta destinada à família, 27/06/91).

“Agora comecei a trabalhar num outro hotel chamado Regency; trabalho demais tem dia que faço 15 quartos, ou seja, arrumo 30 camas, lavo 15 banheiros, tiro poeira em 15 móveis, mesa, televisões, camas objetos de decoração e etc. Saio de lá quebrada (...) Quero arranjar outro serviço para a noite, porque quero ir embora no final do ano” (Maria Marta - carta destinada aos pais, 07/04/92).

“Estou trabalhando muito e tentando de todas as formas acertar as coisas que ficaram pendentes aí. Estou trabalhando em bares e restaurantes servindo drinks. É um bom serviço e dá para tirar um bom dinheiro por semana” (Maria Lúcia - carta destinada à mãe, 29/09/92).

“Fiquei sem trabalho fixo por um ano e meio e de último estava morando na casa da Grace e olhando os filhos dela para que ela pudesse trabalhar e devido a eu não poder ajudar a Dulcinéia mais no aluguel e demais despesas acarretou varios problemas decidimos trabalhar live-in e assim disfazemos o apartamento e eu conssegui este trabalho onde ganho 200,00 dólares livre... Só assim podemos fazer economia” (Maria Conceição - carta destinada à mãe)

“Compramos um carro para nós aqui, tudo é muito longe, sem carro se perde muito serviço” (Maria Lúcia carta destinada à mãe 29/09/92).

Os salários declarados pelas mulheres giram em torno de US\$ 125,00 a US\$ 400,00 semanais. Destes, os trabalhos que pagam melhor são a faxina e as *go-go girls*. Segundo uma *go go*, numa noite ruim ganha-se no mínimo US\$ 200.00. As faxinas pagam muito bem, tanto que alguns homens estão migrando para este serviço e montando firmas de faxina com suas esposas. Pelos relatos, constata-se que os períodos de trabalho e desemprego alternam e a falta de emprego fixo é um problema para

quem tem projeto de retornar. Devido a estas oscilações, os emigrantes não conseguem executar o plano de 2 ou 3 anos para o retorno, nem enviar com frequência o dinheiro para a família.

“Mãe perdoe a demora em te escrever e não ter mandado dinheiro que te promete. A lavanderia que eu trabalhava fechou e fiquei 2 ou 3 semanas sem trabalhar agora ela reabriu e me disseram que eu vou voltar a trabalhar, nestas semanas eu saia todo dia de boutique em boutique procurando trabalho”(Maria da Conceição - carta destinada à mãe, 16/04/90).

Algumas emigrantes, para economizar, optaram por morar *live-in* (morar dentro) isto significa uma economia, pois diminui os gastos com moradia, transporte e alimentação.

Das profissões exercidas por brasileiros nos Estados Unidos, as *go-go girls*, embora sejam as melhores remuneradas, são as que enfrentam maior preconceito. Segundo as mulheres entrevistadas, para os brasileiros, ser dançarina *go-go* e prostituta é a mesma coisa, “as mulheres se perdem”... “não precisa fazer isso para ganhar dinheiro” relataram. Uma mulher que trabalha como faxineira descreveu desta forma o trabalho e a presença das *go go*:

“Às vezes, quando tudo fecha vamos ao bar de go-go girl. É tudo cheio de valadarense, são essas meninas que querem ganhar dinheiro rápido, tem umas muito escrotas. Você pergunta de onde ela é, e respondem: São Cristovão ou algum bairro pobre de Governador Valadares. Tenho vontade de tirar umas fotos e colocar no Diário do Rio Doce, vê se elas aprendem, é um absurdo! (...) Valadares é conhecida por essas go-go aqui em New Jersey, em vez de vir e arranjar um trabalho honesto, não ficam aí” (Depoimento Maria Antonia).

O depoimento acima evidencia o preconceito em relação às *go-go* partindo do princípio que não é um trabalho honesto, pois no plano da moralidade, estas mulheres infringiram os valores de recato, honra e vergonha tão significativos às sociedades mediterrâneas (Pitt-Rivers, 1988) dos quais nossa moralidade é herdeira, pois “*usam o corpo para ganhar os dólares*”, quebrando com a conduta que se espera do gênero feminino. Para os emigrantes tanto homens como mulheres, estas seriam as responsáveis pela “má fama” e desonra da cidade. As *go go*, embora afirmem que é um trabalho como outro qualquer, sentem o reflexo da exclusão quando são abordadas pelos próprios valadarenses ou outros emigrantes, fora do local de trabalho como “mulheres que ganham dinheiro fácil”. Por isso não confiam nas aproximações e acabam escondendo da família no Brasil o que fazem nos Estados Unidos.

Observa-se que o fato de ser a cidade lugar de falsificação e montagem de passaportes, contravenções reconhecidas por lei, o que caracteriza uma situação de ilegalidade, tanto de homens quanto de mulheres emigrantes, não é tão significativo para a auto-imagem da cidade, quanto o fato das mulheres serem dançarinas de *go-go* em outro lugar. Colocar a foto no jornal local, tornar público seu trabalho seria uma forma de recolocar estas mulheres “na linha”. Há ainda o preconceito de classe ao informar que as *go-go* são dos bairros mais pobres da cidade o que não correspondeu às observações de campo.

Os contatos foram feitos em New Jersey, onde pude conversar com algumas delas. Os trechos abaixo são de entrevistas informais feitas num bar de *go go girls*. As mulheres, depois de se certificarem que não era jornalista, pediram para que não fossem identificadas e nem fotografadas trabalhando, pois a maioria não revelava aos pais, e procuraram amenizar o preconceito afirmando que o trabalho era “provisório” e que ao chegar ao Brasil logo resolveriam suas vidas.

“Primeiro eu escrevia à minha mãe dizendo que trabalhava com faxina ou de baby-sitter, mas com o tempo eu acabei contando à ela, não me prostituo apenas danço na passarela” (Dançarina I- diário de campo, p.35).

“A minha família sabe menos o meu pai e minha mãe, é um serviço muito cansativo, outro dia um cara rasgou uma nota de \$100,00 dólares e colocou em mim e disse-me que se eu quisesse a outra metade teria que fazer um programa ele está com a nota até hoje, algumas mulheres fazem programa outras são casadas com filhos, é apenas mais uma forma de ganhar dinheiro rápido e como quero ir embora logo, eu faço” (Dançarina II - diário de campo, p.35).

“A vida afetiva a gente resolve em dois tempos quando chegar ao Brasil. Aqui, ou a gente namora ou junta dinheiro, os dois não dá pra fazer, os homens aqui não dá pra confiar.” (...) (Dançarina I - diário de campo, p.36).

Nos relatos fica explícita a ambiguidade de ganhar um dinheiro que para a família e a cidade representam um ganho imoral. A *go-go* justifica-se dizendo que, embora os irmãos não concordavam com esta forma de ganhar dinheiro, ela tinha pressa de retornar ao Brasil e com esse trabalho seria mais rápido. Apesar de triste com a discriminação, o desejo de voltar para o Brasil parecia naquela época mais forte do que os problemas enfrentados. Assim, a vida afetiva, familiar, os amigos ficam para um futuro próximo - o sonho de retorno ao Brasil. Um relato emocionado dessa experiência evidencia como é difícil para as próprias *go-go* conviverem com esta discriminação:

“Isto aqui não presta, passei os dois primeiros anos sozinha, dois anos horríveis, (...) perdi os melhores anos de minha vida, cultura, conhecimento, se tivesse casado e tivesse filhos talvez não tivesse vindo, mas adquiri o respeito da minha família, não gosto daqui” (Dançarina I – diário de campo, p.37).

As cartas ainda revelam o significado do trabalho que é descrito como pesado, cansativo e com longas jornadas de 10 a 12 horas por dia “trabalho feito burro de carga” - é a expressão que uma delas utiliza para descrever sua situação. As faxinas são realizadas em duas ou três casas por dia e, mesmo sendo “limpeza de americano”, com aspirador de pó potente, produtos de limpeza muito fortes e sem tanta água como no Brasil, era considerado um trabalho muito cansativo.

“Estou trabalhando mais do que burro de carga. Estou fazendo faxina de segunda a sábado. Tem dia que trabalho de 07 da manhã às 10:00 da noite e o dinheiro não tá dando. O Júnior começou a trabalhar e está ganhando uma micharia (...) Estou ficando cada dia mais magra e feia de tanto trabalhar. Estou arranjando mais serviço e vou ganhar mais, agora estou decidida a trabalhar dia e noite pois só assim vou pagar minhas dívidas e e poder sustentar meus filhos”. (Maria Antônia - carta destinada às filhas, 03/07/92).

No caso dos homens, a partir dos relatos, observa-se que eles trabalham majoritariamente nos restaurantes, na construção civil e em supermercados, freqüentemente em dois empregos. A justificativa para trabalhar em dois empregos é que aumenta a renda e conseqüentemente reduz o tempo de permanência na América. As cartas ao informarem a renda, fornecem para aqueles que estão no Brasil uma dimensão de quanto tempo será necessário para concretizar o sonho. Os salários variam entre US\$ 125.00 e US\$ 500.00 por semana.

“Este emprego é provisório, já estou preocupado quando ele terminar, pois as coisas por aqui não é tão fácil, portanto mamãe pede em suas orações que não falte trabalho (José Carlos - carta destinada à mãe, 18/01/90).

“Eu estou sem saco para escrever por que tem 10 dias que eu tô desempregado e no emprego anterior eu trabalhava das 06 da noite às 06 da manhã e dormia o reto do dia” (José Mário carta destinada ao amigo – 05/07/86).

Nas relações de trabalho há apenas um relato de conflito com o chefe. Um emigrante solicita aumento de salário e o chefe pergunta-lhe se quem vai varrer a loja é ele. Este ao abandonar o emprego por alguns instantes sente a força de seu trabalho desqualificado mas necessário e consegue uma pequena

vitória que, para quem está em desvantagem por ser trabalhador secundário e imigrante ilegal “é massa”. Em geral os emigrantes não reclamam, pois têm pouca segurança no emprego.

“Bicho hoje eu tive o maior quebra-pau com o meu chefe, pois, eu não queria mais varrer a loja ganhando tão pouco, aí ele me perguntou quem iria varrer a loja se era ele? Ai eu perguntei se ele podia me pagar mais? Ai ele me disse que talvez daqui a duas semanas, mais como eu tava meio atacado eu disse para ele esquecer e peguei minha jaqueta e fui embora, aí ele mandou um amigo que trabalha comigo e o gerente da loja atrás de mim disse que eu podia voltar a trabalhar que ele iria me dar aumento na próxima semana(...) Foi massa bicho, voce precisava ver” (José Mário - carta destinada ao amigo, 1985).

No caso das mulheres que trabalham no serviço doméstico as reclamações são quanto aos baixos salários, a estupidez das patroas e o cansaço.

“Eu agora trabalho com uma americana muito bôa perdi um ano e nove meses com a outra que pagava mal e era muito estúpida, agora fica me telefonando para eu voltar. A Dulcinéia continua no Seven Eleven e trabalha a noite de garçomete em um teatro restaurante” (Maria da Conceição - carta destinada à mãe, 16/11/ 89).

Um outro dado que emerge das cartas são as construções acerca do bom lugar para ganhar dinheiro. Quem está na Flórida quer ir para Boston ou New York, pois dizem que lá se consegue mais trabalho e o salário é melhor. Quem está em New York ou Boston quer ir para Flórida, porque o frio diminui o emprego. É interessante observar que os homens referem-se à mudança de cidade com mais frequência que as mulheres.

“No mês de abril vou mudar para o Norte aqui está muito ruim de emprego esse mês não tirei mais que \$ 60,00 minha tia está retornando do Brasil e disse que vai me dar uma força está em New Jersey” (José Júlio carta destinada ao amigo 1992).

“Está muito frio não tem emprego. O jeito é ir para a Flórida encontrar com meu amigo, tem muito serviço lá. I have to go” [Destacado pelo autor] (José Antônio carta destinada à esposa, 09/92).

Em ambos os casos emergem as dificuldades de fazer a América: a situação de trabalhador não documentado (ilegal), o pouco conhecimento do inglês e, no caso dos mais velhos, a diminuição da resistência física e o fato de não saber dirigir. As redes de apoio aparecem novamente como ponto fundamental, pois a mudança para um outro lugar é sempre motivada para mais perto de algum amigo ou parente.

“As coisas são difíceis para quem não fala inglês e não sabe dirigir, sonhos de altos salários, é só para quem fala inglês e dirige, ou quem vai para New York ou Boston onde existe todo meio de transporte e muito emprego, aqui não emprega mais quem não tem cartão que autoriza a pessoa a trabalhar” (José Carlos - carta destinada à mãe, dez 1988).

“O Adilson trabalha de 15:00 às 23:00hs e sempre traz alguma coisa para mim. Outro dia ele trouxe um bolo de chocolate delicioso e outro dia trouxe uma pizza de camarão feita por ele” (Maria Marta- carta destinada à família, 18/06/91).

“Estou trabalhando a uma semana na casa de um americano (...) é uma ótima pessoa, nos entendemos por gestos, e somos auxiliados por uma espanhola amiga dele, o meu salário é 125 dólares livre de tudo (José Carlos - carta destinada à mãe, 12/88).

“Recebi convite para ser co-pastor o salário é de US\$ 200,00 por semana. Fiquei muito satisfeito por que não vim buscar fortuna e sim reintegrar o ministério (José Antônio - carta destinada à esposa.1992).

“As coisas aqui não são fáceis, são dois empregos 07:30 A.M às 05:00 P.M. Carro wash e à noite value park (estacionar carro). Não estou agüentando mais, trabalho para caralho e não tem folga, um dólar no Brasil é muita grana mas, aqui não vale nada” (José Júlio - carta destinada ao amigo, 1991).

“Já estou aqui com meu amigo, voltei a trabalhar de noite, não preocupe estou agüentando muito bem, se tudo correr deve dar no mínimo US\$ 300,00 por semana. Se não der pelo menos \$300,00 vou ficar procurar outra coisa mas, não vou sair sem arrumar outro trabalho” (José Antônio - carta destinada à esposa 15/05/85).

“Levanto 06:30 trabalho a 15 km de onde moro, vou de carona. O serviço é arrumar quartos num hotel e fazer limpeza o horário de saída é 18:30. Queria arrumar outro emprego mas não agüento de dor nas costas” (José Antônio - carta destinada à esposa, 06/87).

“Estou trabalhando muito e muito feliz com sua mãe é um restaurante; é muito divertido nosso trabalho” (José Antônio - carta destinda aos filhos, 06/87).

Nas cartas sempre aparece referência ao total de horas trabalhadas, sendo um indicativo importante para quem está no Brasil, que o Brazuca está realizando o que foi planejado. O trabalho é estruturado em torno de metas: pagar dívidas, montar um negócio, comprar uma casa e retornar ao Brasil.

“Na verdade, depois de dois anos acaba o ânimo de trabalhar em dois serviços, isso acontecesse quase com todos aqui, ou vão para o Brasil ou ficam vivendo apenas com um emprego, o qual não dá para economizar nada” (José Carlos - carta destinada à mãe, com bilhete para mana sobre os filhos nos Estados Unidos, jun de 1992).

É muito significativo o relato de José Carlos, quando afirma que ao final de dois anos acabam-se as energias e as pessoas não conseguem mais trabalhar em dois turnos, tornando-se mais difícil juntar dinheiro. O ritmo de trabalho é muito intenso, sobrando muito pouco tempo para lazer. A vida do emigrante portanto, é disciplinada pelo tempo do trabalho. Toda a vida é estruturada sobre as horas a serem trabalhadas, deixando para os “dias off” os momentos de lazer.

Dois sentimentos explicitam-se nas cartas: a decepção, *“as coisas aqui são difíceis para quem não fala inglês e não sabe dirigir... As fantasias que criamos acaba ao chegar aqui”* e esperança, *“a América não tem sido bôa, mas para mim, futuramente, é bem melhor do que o Brasil”*. Estas situações vão adiando os planos da volta pois, em relação ao Brasil, na concepção de José Carlos, ainda se vive melhor. Com relação ao encadeamento do tema no texto, o trabalho sempre aparece associado com outros dois temas: as dívidas e as tentativas de legalização.

É importante ainda salientar que toda esta experiência de trabalho árduo é vista como temporária e que vários destes emigrantes, com o aprendizado adquirido, pensam em montar um comércio no Brasil. Em Governador Valadares, alguns ex-emigrantes montaram com o capital trazido dos Estados Unidos, lanchonetes, pizzarias, e lojas de importados entre outros (Soares, 1995).

DÍVIDAS E AS REMESSAS PARA O BRASIL

Depois de arranjar emprego, a preocupação seguinte do emigrante é pagar as dívidas que fez no Brasil para executar o projeto de migrar, para assim começar a juntar dinheiro para concretizar os planos que os levaram à “América”. Como já foi salientado, com a dificuldade de conseguir vistos para viajar aos Estados Unidos os emigrantes recorrem a passaportes falsificados, o que eleva os custos da viagem⁴⁰. Os primeiros meses de trabalho são para pagar as essas dívidas, como no relatos de um dos emigrante, *“só se sente o gosto de chegar na América depois de pagar as dívidas”*.

⁴⁰ Em setembro de 1993 um passaporte “montado” custava US\$ 3.000,00 e em 1994 já estava custando entre US\$ 5.000,00 e US\$ 6.000,00. Informação fornecida por uma pessoa que providenciava estes passaportes e que complementou a informação dizendo que “quando esse pessoal coloca na cabeça que quer ir faz qualquer coisa”. “Eu paguei minhas dívidas no Brasil e comprei a casa que tenho hoje com dinheiro de mandar gente para a América”, disse-me a pessoa que “montava” os passaportes.

“Eu só vou mandar mais dinheiro fim de fevereiro agora eu estou pagando a Marli, \$200,00 e \$200,00 ao Sr. José Inácio” (Maria Conceição - carta destinada à mãe, 30/.01/88).

“Eu estou devendo aqui \$2.100,00 dolares mas assim que eu terminar de pagar o que eu devo eu ainda vou ajudar os que estão precisando pois melhor coisa é dar do que receber” (Dulcinéia - carta destinada à mãe, 14/04/90).

“Às vezes sinto um grande desânimo quando vejo que a dívida não ajusta nem um tostão.”(José Antônio - carta destinada à esposa, 15/05/86).

“Com este salário (125,00) em três mezes eu pagarei a Maria Conceição os US\$ 1.500,00 dolares que lhe devo e por estes dias vou mandar 100 dolares para pagar 97.000,00 mil cruzados que fiquei devendo (...) Quando eu mandar o dinheiro eles vão para o nome de Maria Dias os meus credores são Terezinha 40 dolares, Nenê 20 dolares, Fatinha 20 dolares, Amâncio 10 dolares” (José Carlos - carta destinada à mãe, 25/12/.88).

“Diga ao Marcelo que vou ajudá-lo na carta anterior já havia dito isso, pois vou levar uns três meses para pagar os 1.500,00 que devo a Maria mas não esquecerei de forma alguma” (...) domingo dia 17 dei por conta \$300,00 a Maria Conceição com 30 dias dou a ela mais \$500,00 dólares e no mês seguinte mais 500,00 até pagar tudo se Deus quizer eu devia de todo o dinheiro que ela me emprestou desde São Paulo, um total de 1390,00 mas eu vou pagar 1.500.(...) só vou ter o sabôr da minha chegada aqui quando tiver pago a Maria Conceição e poder embolsar os dolar” (José Carlos - carta destinada à mãe, 18/01/89).

As dívidas estão diretamente relacionadas à quantidade de dinheiro que é remetida ao Brasil. Para enviar o dinheiro recorre-se às casas de câmbio de brasileiros nos Estados Unidos. Especializadas em mandar dinheiro para o Brasil, estas agências cobram 5% sobre o valor enviado. As cartas mencionam também o envio de dinheiro por pessoas que estão vindo ao Brasil.

“Toda quarta semana do mês você vai no Banco do Brasil e pergunta se chega ordem de pagamento dos USA na conta” (José Antônio, carta destinada à esposa 11/05/87).

“Fofinha, eu não sabia que a Suzete estava indo primeiro que a Marina, aí, quando mudei para aqui deixei com a Irmã Marina uma carta, 800,00 dollars, e fotografias chegarão aí no final do mês, mais ou menos dia 25. Estou enviando 100,00 dollar você guarda junto com os outros vai chegar com a Marina, tá? Muito cuidado, arranja um bom lugar para guardá-lo” (José Antônio - carta destinada à esposa, 15/05/86).

O dinheiro vai para pagar despesas de manutenção da casa e comprar comida. As remessas maiores são para a poupança, os emigrantes recomendam muito para que não se troque este dinheiro.

“Estou mandando US\$500,00 dólares e mais o US\$ 150,00 que o Célio vai entregar aí em casa. Preste bastante atenção que quero que pague: o Country, o Filadélfia, Luz, água e telefone. O que sobrar paguem a Jandira, e façam compras pois, não sei quando vou poder mandar mais dinheiro” (Maria Antônia - carta destinada às filhas, 03/.07/92).

“Vendi o carro e estou inteirando o dinheiro e na outra carta coloquei US\$600,00 mais é US\$1600,00, OK. Por favor, não troque esse dinheiro. O dinheiro da despesa vai pelo banco” (José Antônio, carta destinada à esposa – 22/05/86).

“Estou enviando US\$ 800,00 dólares para você, você guarda esse dinheiro, não troque e assim que eu tiver mais mandarei pela Suzete. Vou ajuntar para pagar o Guilherme porém vai demorar mais um pouco para pagá-lo” (José Antônio carta destinada à esposa, 12/05/86).

No caso das cartas destinadas às esposas, são elas que administram o dinheiro, no caso de dinheiro enviado para a família no Brasil, geralmente é o pai que administra, como as recomendações que aparecem nos pedidos de José Mário. A mãe aparece como administradora quando não há a presença do pai (falecido ou separado). No caso de Maria Antônia, quem administra o dinheiro é a irmã e o parente. Estes dados demonstram que a administração dos recursos é circunstanciada. Às vezes, a remessa de dinheiro é interrompida por falta de emprego ou baixos salários.

*“Não estou mandando dinheiro para a senhora é porque não tenho, não estou trabalhando e já faz um bom tempo e o que o Rick ganha é a conta de **pagar as contas**, tudo é muito caro, e além do mais temos que comprar as roupas do netinho isto é sem contar com o hospital que está sendo particular imagini quanto vai custar isto para nós se aí é caro aqui é 4 vezes mais” (Maria Cristina - carta destinada à mãe, 19/11/91).*

“Estou mandando pelo Wilson 150 dólares que é para pagar os 97.000,00 que aí fiquei devendo, destes dolares, 20 dolares é para a senhora e 30 dólares é para a Nete comprar o óculos, lamento não poder mandar mais mas assim que eu puder pagar tudo o que devo não esquecerei de mandar mais para a senhora” (José Carlos - carta destinada à mãe, 18/01/89).

AS DIFICULDADES DE FAZER A “AMÉRICA”

Nas cartas analisadas as referências diretas às dificuldades na América não são tão freqüentes quanto a referência a saudade ou ao trabalho. Entretanto, aparece associada a questões que para o emigrante são problemáticas para concretizar o projeto de fazer a América: as relações afetivas, a moradia e as dívidas.

A “barra fica pesada” segundo os próprios emigrantes quando situações cotidianas interferem nos projetos de fazer a América. As cartas ao descreverem estes momentos evidenciam uma mistura de decepção e esperança.

“A barra aqui este meio pesada sabe. Carol e amiga apoiadas emocional e financeiramente em mim; a morte do mano ainda me abala muito você deve imaginar (...) Tô numa insatisfação fudida. Você que conheceu minha vida aí e sabe o que estou passando por aqui dá para imaginar meu estado psicológico. Mas agora estou bem melhor. Mudei de apartamento tô morando eu e Carol e um casal os dois têm 20 anos. Paguei minhas dívidas” (José Mário - carta destinada ao amigo, 06/05/.85).

“Hoje sei que é uma barra o que você está passando, por que ficar longe da pessoa que você gosta é foda. Acho que nós dois estamos passando por situações bem parecidas; você longe de Valadares, da sua família, dos seus amigos, só trabalhando, trabalhando e agora sem a namorada e eu idem” (José Mário - carta destinada ao amigo, 06/07/85).

“Sei que não tem sido fácil para você tomar conta das crianças, da casa e de tudo, mas tem sido difícil para você saiba que também estou sofrendo. A sua ausência é um martírio. Não vejo a hora de voltar para casa e me lançar nos seus braços e.. Você sabe” (José Antônio - carta destinada à esposa, 15/05/86).

José Mário e José Antônio partilham com o amigo e a esposa respectivamente, a complexidade de se manter na “América” e “dar conta” dos relacionamentos amorosos. No primeiro caso, a namorada emigrou para ficar junto dele o que culminou na primeira experiência de conjugalidade de José Mário, para espanto da família no Brasil. No caso de José Antônio, como veremos adiante, sua esposa também emigrou para dar-lhe uma força. O que revela como a emigração rearticula relações afetivas entre os dois lugares.

A decepção pode ser caracterizada pelas afirmações que classificam o momento vivido como de martírio, como “barra pesada”, relacionados geralmente às dificuldades de conseguir emprego,

problemas afetivos, saúde e moradia. No plano afetivo é significativo que os homens narrem suas dificuldades e as mulheres falem de sua solidão, embora não entrem em maiores detalhes. Esta discrição pode ser atribuída ao maior controle moral das mulheres, pois como as cartas são escritas para os pais, existe o cuidado de não revelar os problemas da vida afetiva. Por outro lado, narrar estas dificuldades cria no Brasil a confiança de que estas pessoas estão lutando e que por isso vale a pena esperá-las.

“A um mês atrás adoeci com uma infecção na bexiga que cheguei a urinar sangue, fiquei segurando para não ir ao médico para não gastar, mas por fim não aguentei e tive que procurar um médico e gastei quase \$500,00 dólares foi esta a 1 vez que fui no médico aqui” (Dulcineia - carta destinada à mãe, 16/.04/90).

“A vida aqui também não é fácil pois, o trabalho é muito pesado e o inverno é muito doloroso. Mas não é por isto que eu vou ficar reclamando da vida, pois tudo se passa e tudo se resolve” (Maria Cândida – carta destinada à mãe, 01/04/92).

“Cara irmã não sei mais o que fazer para juntar dinheiro nesta terra. Espreme esse dinheiro até quando puder, pois já estou desistindo de tentar.(...) Todas as noites durmo pensando em vocês eu sei que estão sem dinheiro quase passando dificuldades mas minha filha eu sou sozinha e está muito difícil para mim. A partir do mês que vem as coisas vão melhorar para mim se Deus quiser” (Maria Antônia - carta destinada às filhas – 03/07/92).

“Tudo aqui é muito difícil, despesa nem se fala, nesse país a gente já chega gastando, sem dólar morre de fome e frio. Por falar em frio ele está chegando bravo. Domingo vou ao lixo da Igreja buscar roupa e roupa de cama” (José Antônio - carta destinada à esposa,- 11/.05/85).

O desespero e tristeza tornam-se evidentes nos relatos de Maria Antônia e José Antônio que, retornando mais uma vez à “América” sentem não apenas falta da família, mas dificuldade de ganhar dinheiro e bom trabalho.

Esta forte ligação com o Brasil também sugere que, mesmo quando enfrentando dificuldades, os emigrantes decidem ficar, pois o que os mantém na América é a possibilidade de realizar o projeto mesmo que “no momento a América não esteja muito boa”. A perspectiva é de melhora, por isso e pelos compromissos assumidos no Brasil, os emigrantes afirmam “apesar de tudo tenho que ficar”. Neste sentido ainda estimulam as pessoas que desejam ir e auxiliam nos primeiros momentos.

“Apesar de tudo sinto que preciso ficar , tenho que ficar , preciso aproveitar essa oportunidade , me ajude em oração porque realmente tem me faltado forças para ficar aqui.” (José Antônio carta destinada à esposa 13.05.86)

MORADIA

A moradia é apontada pelos emigrantes como um dos maiores problemas. Isto porque, depois de longas horas de trabalho, a casa é o lugar que acolhe as pessoas. É o lugar da vida privada, dos momentos de descanso e de lazer. Por isso, quando a casa não propicia estes momentos, viver na “América” torna-se muito difícil. Até encontrarem o lugar adequado mudam-se com frequência.

Nas cartas, as descrições dos lugares onde moram os migrantes também funcionam como um termômetro da situação nos Estados Unidos. Quando estão empregados e ganhando bem, os emigrantes tendem a morar com um número menor de pessoas e vivem mais confortavelmente para compensar as longas jornadas de trabalho. Por isso, períodos de desemprego ou de salários muito baixos refletem-se diretamente na moradia. Como pode-se observar no caso de Maria Conceição, que morava num bom apartamento com as amigas e, depois de passar vários meses sem emprego fixo, optou por morar *live-in* desmanchando o apartamento ou de Maria Antonia que alugou um quarto para morar com o filho.

“Os meninos já mudaram e ela já está morando comigo. Devagarzinho estamos ajeitando as coisas, comprei televisão, aspirador de pó, telefone, ar condicionado e também um carro melhor do que nós tínhamos” (Jose Mário - carta destinada à mãe, 16/06/90).

“Estou lhe escrevendo para lhe dar o meu novo endereço, agora mudamos para um apartamento maior com uma sacada na frente para a rua, porque antes morava-mos em uma Kitinete de um cômodo só e nos fundos e pagávamos \$400,00 agora pagamos \$450,00 mas é bem melhor” (Maria da Conceição - carta para a mãe, 16/11/89).

“E assim desfizemos o apartamento e decidimos trabalhar live-in e ela também... Moro na casa e ela também conseguiu um trabalho em uma casa das 3 horas em diante e dorme na casa” (Maria da Conceição - carta destinada à mãe, 03.05.92)

“Eu e o Júnior estamos morando num quarto. Pagamos US\$ 100,00 dólares por semana. Aluguel aqui está muito caro e só aguento pagar por um quarto. Moramos numa casa de família que aluga quartos. Assim que eu puder vou alugar um telefone e assim eu ligo para vocês” (Maria Antonia - carta destinada às filhas e irmã, 03/07/92).

Um outro dado sugestivo que as cartas revelam, é que as mulheres, com maior freqüência, trabalham *live-in* (morando no emprego) esta tendência pode ser explicada pelo fato de se concentrarem no serviço doméstico.

“Marcia, estou morando numa casinha linda, cheia de bichos de pelúcia; na sala tem cortinas românticas brancas, vídeo cassete e tudo mais. As meninas são muito caprichosas. A Carla é a machona da casa e a Kátia é a insegura, vive pelos cantos chorando” (Maria Marta - carta destinada aos familiares, 27/06/91)

Os relatos dos locais onde moram demonstram que está ocorrendo uma modificação no padrão de moradia do emigrante. Pois, se nos relatos dos emigrantes da década de 70 início da década de 80 os mesmos viviam em *kitnets* com 10 ou 15 pessoas para diminuir as despesas, atualmente os emigrantes procuram morar em grupos menores, quando solteiros e se casados procuram viver sozinhos. Observa-se também a busca de um mínimo de conforto com a compra de utensílios domésticos, aparelhos eletrônicos, carro, numa tentativa de melhorar as condições de trabalho e vida. Esta tendência que observei nas cartas foram confirmadas no trabalho de campo nos Estados Unidos e também nos retratos enviados pelos emigrantes ao Brasil para demonstrarem que estão bem.

As fotos das casas geralmente mostram os bens adquiridos, a casa montada, o carro adquirido, passeios e até a geladeira cheia “para acalmar as mães mais preocupadas” informou-me um emigrante. Neste sentido as cartas ao informarem da casa e dos bens demonstram para quem está no Brasil a situação do emigrante.

A maior preocupação com as condições de moradia também é indicativo de um outro dado - o aumento do tempo de permanência nos Estados Unidos, pois quando os emigrantes ficavam apenas por dois anos “dava para aguentar morar de qualquer jeito, fazia parte do sacrifício”. Agora que o tempo de permanência vai dilatando-se, a melhoria das condições de moradia é a própria contradição do projeto e evidência de sua ambigüidade pois, começa a se construir nos Estados Unidos um lugar para poder ficar enquanto permanecem o sonho e os investimentos de construir uma casa no Brasil.

“Estou mudando para... Hoje começo a trabalhar graças a Deus. Vou dar assistência a congregação de... É uma cidade vizinha a esta” (José Antônio- carta destinada à esposa, 13/05/86).

BENS ADQUIRIDOS NO BRASIL

As cartas colaboram para evidenciar o que Margolis (1994:95) chamou um padrão comum entre os emigrantes. Segundo a autora “Três valadarenses, vivendo a longo tempo em New York, afirmaram que os seus conterrâneos agora nos Estados Unidos são de classe média baixa 'migrantes econômicos', definidos como pessoas que não têm 'casa própria'”. Esta seria a mais importante razão para o valadarense partir para os Estados Unidos, e foi explanada repetidamente - migrar para ganhar dinheiro e comprar dois imóveis: “ um para o seu uso pessoal e um para alugar ou como uma reserva extra”.

Os relatos demonstram a importância da casa própria como razão para a emigração. Entretanto, indicam também dados significativos em relação aos investimentos dos emigrantes em sua terra natal e os conflitos e impactos destes, nas vidas das pessoas que ficaram, demonstrando o caráter transnacional desta ligação entre os Estados Unidos e Governador Valadares.

Os relatos demonstram que a idéia de emigrar e investir na compra ou construção da casa na terra natal envolve os familiares no processo, são eles que recebem o dinheiro e investem no solicitado. Os filhos geralmente recorrem aos pais, ou a pessoas das suas relações que consideram de confiança, que vão administrando e informando sobre as obras e os gastos. Essa administração ou compra muitas vezes gera conflitos entre os emigrados e aqueles que permaneceram, como no caso de Maria Cristina cujo “próprio irmão” levou vantagem no negócio.

“Quanto as minhas coisas que estou comprando aí, eu creio que não devo me preocupar, pois tenho certeza que vocês estão olhando para mim. E também o Abílio sabe o que está fazendo, pois ele é uma pessoa muito séria e responsável” (Maria Cândida - carta destinada aos pais, 23/01/92).

“E o Adelson meu irmão, como está quanto a casa, já mandei o resto do dinheiro só falta passar a escritura, mim dê notícias de tudo que tiver acontecendo... Estou longe mais quero saber as novidades” (Maria Cristina - carta destinada à mãe, 23/01/91).

“Mãe, a deixei ele mora lá este tempo todo e não comprei (cobrei) nada, acho meu irmão muito injusto comigo, em comprar (cobrar) juros, a Ana escreveu uma carta muito grossa e mal educada, a respeito da compra da casa, mais não quero que a senhora comente nada com ninguém e nem com ela deixa para lá, mais ela foi injusta comigo, nunca mim escreveu nada quando escreve, escreve coisas desagradável, o importante é que agora está tudo acabado já paguei tudo só falta passa a escritura pro meu nome, e farei isso o mais rápido possível” (Maria Cristina - carta destinada à mãe,- 02/03/92).

“Mãe já liguei para a nossa cidade várias vezes e falei com o mano , sabe que ele teve a coraça de dizer que faltava \$100,00 dólares ainda , mais uma vez mandei só espero não inventa mais algum dinheiro, porque tenho certeza que já paguei tudo... Só estou falando para a senhora ficar tranqüila.” (Maria Cristina - carta destinada à mãe, 29/04./92).

“Ela (a sogra) falou com uns amigos do Rick que eu ia ficar com a casa só para mim a casa que compramos do Adelson meu irmão e eu apelei e brigamos.” (Maria Cristina - carta destinada à mãe, 29/04/92).

“Cara irmã peça ao Claudino para ir lá em Guriri⁴¹ e olhar minha casa. Fale para ele botar aquela casa no nome dele e acertar as coisas lá para mim. Ou eu pago ele depois e se eu não aguentar ele fica com a casa para ele(...) Aquele danado do carro ainda está enrolando não é? Peça ao Claudino para olhar minhas coisas prá mim tá?” (Maria Antonia - carta destinada à irmã e filhas, 03/07/92).

“Tenho pedido orientação a Deus orientação desde a reforma do barraco até o dia de minha volta” (José Antônio - carta destinada à esposa, 11/ 06/86).

“Com relação a casa espero mandar o dinheiro pelos meus amigos que vão em dezembro e eu espero que o senhor consiga comprar a nossa casinha por no maximo uns vinte mil dólares” (José Mário - carta destinada ao pais, 12/93).

Nesse sentido, a compra da casa aparece como a concretização dos sonhos dos emigrantes e a possibilidade de seu retorno, estando a evidência desse projeto espalhada pela cidade. Essas casas significam o sucesso ou o fracasso do projeto, a dor da espera e a alegria dos reencontros. Durante toda a minha infância acompanhei as trajetórias de vida destes emigrantes que se espelhavam nesta casa, era uma casa alegre e exótica pois, quando os filhos de D. Jandira (nome fictício) chegavam e sempre traziam novidades da América: aparelhos de som, bonés, crianças falando inglês, roupas e pinturas extravagantes, tudo americano... passados alguns anos os filhos retornaram ao Brasil, mas não conseguiram viver bem aqui, e retornaram à “América”. Mais tarde, a casa foi alugada por um casal cujo marido, depois de um tempo desempregado, descobriu a solução para sua vida - ir para a “América” deixando a mulher e o filho.

No período que ainda residia em Governador Valadares, acompanhei a espera de sua esposa e do filho que sempre falava dos presentes e dos telefonemas do pai que nunca voltou. Eles se

⁴¹Praia do litoral do Estado do Espírito Santo.

mudaram e a casa foi ficando abandonada. Em 93, depois de fechada há mais de um ano, a casa foi colocada à venda, pois o proprietário havia falecido e a família, que estava nos Estados Unidos, precisava do dinheiro. A venda já está acertada com um rapaz que está nos Estados Unidos e vai comprá-la para os pais.

Quando estive nos Estados Unidos, vários os emigrantes que encontrei estavam construindo no Brasil. Um casal construía uma pousada e enviava cerca de US\$ 3,000.00 a cada 15 dias para o pai administrar a obra. as fotos de cada etapa da obra funcionavam como estímulo para pensarem em “*menos um dia na América*” Outros participavam de consórcios para a construção de prédios que fizeram surgir bairros novos e inflacionaram o mercado imobiliário⁴² na década de 80. Em várias casas que estive vi fotos e fitas das obras, algumas descritas minuciosamente pelos narradores do Brasil.

Dessa forma, a construção ou aquisição de uma casa própria é a realização do projeto de ascensão social que mobilizou toda a família para o projeto de migrar e transformou o cotidiano da cidade, ao longo da década de 80, com os investimentos em dólar na construção civil. É na terra natal que o emigrante pode tornar visível seu sucesso, sua mobilidade social. As casas geralmente são construídas nos bairros de origem dos emigrantes. Assim, as reformas e casas novas modificaram a face dos bairros traduzindo, nos espaços urbanos, a desejada mudança de “status social” que dificilmente ocorreria na América devido à condição de imigrante ilegal, mas que pode ocorrer no Brasil por meio desses investimentos.

O DIA OFF: OS MOMENTOS DE LAZER

“No domingo almoçamos juntos toda família Altino, Carmem, Karine, André e Dulcinéia em um restaurante brasileiro perto da casa de Carmem rimos muito das mancadas que damos aqui, o André estava um pouco triste por não poder estar perto do seu filho, mas isso passará” (Maria da Conceição - carta destinada à mãe).

“Dulcinéia acaba de sair para a igreja e manda dizer que esta orando pela saúde da senhora aos domingos ela vai a igreja de manha e de tarde. No mais eu não tenho muito que contar de mim porque não saio para lugar nenhum é de casa para o trabalho e do trabalho para casa” (Maria da Conceição carta destinada à mãe, 18/03/90).

⁴² Sobre o impacto da emigração no mercado imobiliário, Weber Soares está concluindo uma tese de mestrado onde trata desta temática. (Ver Soares, W: 1993, 1995)

“Nós saímos muito, vamos a vários lugares diferente, outro dia nós fomos à um restaurante brasileiro lá eu conheci o filho do Manoel, aquele que trabalha na prefeitura junto com a Carmem, nós conversamos muito e ele já trabalho no restaurante onde o Rick trabalha, eles são amigos foi divertido” (Maria Marta - carta destinada à mãe, 91).

Nas cartas há poucas referências a momentos de lazer. Quando estive nos Estados Unidos pude compreender porquê. É que os dias *off* são aproveitados para fazer todas as tarefas pendentes, limpar a casa, lavar a roupa, fazer compras, depois o descanso. É um ritmo que observei em várias casas, embora entre os solteiros existam outras opções como, ir a discoteca por exemplo. Ir à Igreja é também considerado um momento de relaxamento. No caso da Igreja Católica, depois da missa há um cafezinho onde as pessoas conversam e se encontram. É interessante observar que as pessoas encontram-se pouco fora destes lugares porque todos trabalham muito e os horários *off* nem sempre coincidem. Coletei ainda o depoimento de um emigrante que há 05 anos está na América e hoje separado de sua esposa, que ficou no Brasil, disse-me que detesta dias *off* porque sente-se sozinho. Os emigrantes que estão há mais de 02 anos nos Estados Unidos descobrem que “*precisam aproveitar mais a vida e já não conseguem trabalhar no mesmo ritmo e aí começam a aproveitar mais as horas de folga*”.

OS LAÇOS COM O BRASIL: AS RELAÇÕES FAMILIARES

As cartas e os telefonemas revelaram esse caráter de ligação entre parentes e amigos, esposas(os) e namoradas(os). Poderíamos dizer que estão indicando relações transnacionalizadas, na medida em que mostram o envolvimento dos que ficaram na manutenção e na realização do projeto migratório.

À medida que lia as cartas, em suas linhas traçaram-se tramas, redes e laços. As ligações familiares foram se explicitando de forma que não imaginava, pois sempre nos referimos ao emigrante no singular e as cartas mostravam um projeto familiar de migração. As ligações familiares se revelaram em múltiplos relatos, no pedido de desculpas por ter emigrado para se casar sem informar a família, ao pedido de ajuda para comprar uma casa ou orientação para os que desejam emigrar. Os nomes que aparecem nas cartas são nomes fictícios, deixei-os porque ajudam também a evidenciar redes de relações, quando um emigrante da notícia de outro.

Ao iniciar a pesquisa de campo duas situações concretas me chamaram atenção e instigaram-me a buscar compreender a relevância dessas relações: a importância da família para os emigrantes quando estão nos Estados Unidos e o pedido recorrente para cuidarem das questões no Brasil.

“Término com o coração cheio de amor, e muitas saudades, o Rick gosta muito da senhora. Ele disse que vai trazer a senhora para mim, eu acredito nele, ele mim trouxe, sei que conseguirá trazer a senhora na América.” (Maria Cristina - carta escrita para mãe, 02/03/92).

“A força para trabalhar, vem de vocês - para que u possa voltar logo para pertinho de vocês” (Maria Lúcia - carta destinada aos pais -1992)

“No dia 1 de julho eu e o Adilson ficaremos noivos. Gostaríamos muito da presença de nossas famílias, mas como não é possível, peço que nos dêem a benção e orem por nós.” (Maria Marta - carta destinada aos pais, 27/06/91).

Os trechos acima relacionados demonstram como a presença dos pais se faz importante como apoio moral nos Estados Unidos e também para ajudar a concretizar os sonhos no Brasil. Nas cartas também aparece o pedido para resolver algumas questões que ficaram pendentes no Brasil, resisão de contrato de trabalho ou o início da construção. É interessante observar que estes pedidos são feitos especificamente ao pai ou a um irmão na falta deste, às mães os pedidos são para ajudar no casamento ou no parto.

Ao mesmo tempo, quando falava que estava realizando a pesquisa sobre os Brazucas, vários valadarenses falavam-me da “deseestruturação da família” como a consequência mais trágica do fluxo migratório para os Estados Unidos. Para comprovar esta situação problemática, os valadarenses citaram-me casos de divórcios, separações, traições, filhos com problemas escolares. Destacando a importância desta temática para a pesquisa, fui até convidada para falar na rádio sobre a família. Era um programa da Igreja Católica destinado à família valadarense dentro do tema da campanha da fraternidade - “E a família, como vai?”. No programa perguntaram-me sobre o impacto da emigração nas relações familiares.

Os dados provenientes das cartas e os depoimentos dos emigrantes nos Estados Unidos, demonstram que efetivamente a emigração provoca transformações e sugere que estas não são necessariamente negativas, à medida que, em alguns casos, aproximam as famílias. São estas que, no Brasil, ajudam a concretizar o projeto resolvendo desde questões relativas ao cuidado dos filhos, ou netos, até pedidos de documentos, ou pequenas encomendas.

Um dado que mereceria uma investigação mais aprofundada é o impacto sobre os filhos. Não entrevistei crianças ou filhos de emigrantes, pois não faziam parte dos objetivos deste trabalho, embora deva destacar que observei situações muito sugestivas nos Estados Unidos. Se no Brasil o cuidado dos filhos fica a cargo dos avós ou das esposas que permaneceram, quando estes vão para os Estados Unidos juntamente com os pais a situação é diferente. Lá, os filhos desde pequenos entram em contato com a sociedade americana, quer seja pelas escolas ou através das *baby-sitter*; aprendem o inglês muito mais rápido e, quando maiores, chegam a desafiar os seus pais que não dominam a língua, pois estes passam a depender de seus filhos para ir ao médico, por exemplo. Diante deste fato, a relação de autoridade é invertida e os pais têm dificuldades de orientar seus filhos.

Uma outra diferença observada é com relação à criação dos filhos. Devido às condições nas quais se trabalha, as mulheres tem quase sempre a mesma jornada de trabalho dos maridos. Assim, os brasileiros têm que recorrer a *baby-sitter* para cuidar de seus filhos. As mulheres disseram-me que preferem as portuguesas ou brasileiras, por causa da língua. Quando os filhos estão no Brasil, aos cuidados dos avós, a vontade de se fazer presente e de compensar a ausência faz com que os pais mandem inúmeros presentes e procurem agradar os filhos com festas e passeios, como veremos.

“Fernandinha escreva falando como foi o seu aniversário. Querida eu prometo fazer uma festa bem bonita para você igual a da sua irmã tá! Pergunte alguém que faz filmagem quanto estão cobrando. Quero fazer uma fita sua e de sua irmã bem bonita. Mas é para daqui a uns dois meses tá! Escolha uma excursão em dezembro que é para você e sua irmã irem pode ser em qualquer lugar do Brasil e me diga quanto vai ser eu quero fazer uma festa para você mas eu quero estar aí, tá!... Minhas filhas quero pedir a vocês mais uma vez quero que vão à missa todo domingo e rezem muito por nós. Fiquem perto de Deus, tá!” (Maria Antônia carta - destinada às filhas e à irmã, 03/07/92).

No exemplo que se segue, José Mário está tratando com os pais a ida do seu filho de 04 anos para o Brasil para ficar de dezembro a fevereiro, período em que sua babá, que é portuguesa, tem férias e vai para Portugal. Para não ter que arranjar outra babá ou não diminuir o ritmo de trabalho, o filho foi para o Brasil com dois amigos e, em fevereiro ele aproveitaria suas férias para buscá-lo, visitar sua família e comprar a casa.

“Com relação a ida do Juninho estamos procurando passagem no mesmo vôo dos meus amigos ele talvez fique uns dois meses aí” (José Mário - carta destinada aos pais, 93).

“Mãe estou bem e tudo correu maravilhosamente bem no meu parto.. O Rick ficou o tempo todo comigo, na sala de parto, só Deus sabe o quanto ele é maravilhoso e muito atencioso comigo, filmamos todo o parto, ficou muito chique.. Aqui é permitido ter duas pessoas na sala de parto.. Quando a senhora ver a fita vai entender tudo o que eu quero dizer, quando eu puder eu mando” (Maria Cristina - carta para a mãe, 23/01/91).

Existe ainda uma outra evidência desta ligação, quando as cartas trazem notícias dos Estados Unidos e pedem novidades do Brasil . No caso das notícias dos Estados Unidos, informa desde o casamento ou nascimento do filho - geralmente acompanhada de fitas e fotos - ao emprego ou informações de outras pessoas que estão nos Estados Unidos. No caso de pedido de novidades do Brasil, aparece uma preocupação importante que pude presenciar nos Estados Unidos - saúde dos pais. Quando estive nos Estados Unidos, coletei relatos que confirmaram esta preocupação. Diante da perspectiva de doença de um dos pais, os emigrantes afirmavam *“que não valeria a pena ficar e voltariam para o Brasil”* ou que, *“é muito triste ver que os pais estão envelhecendo e que talvez da próxima vez que puderem ir ao Brasil não possam encontra-los mais”*.

“Por favor não esconde nada de mim, preciso saber a senhora esta bem de saúde? As vezes tenho a impressão que a senhora não mim conta a verdade em relação a saúde, só para não mim preocupa, pode falar tudo que senti para mim, quero ter certeza que esteja bem, te amo demais não mim esconda nada.” (Maria Crsitina - carta destinada à mãe, 22/04/92).

“Ela me disse que a assistente social tinha ligado para ela dizendo que (...) Ricardo apareceu naquele centro de recuperação chorando e pedindo para ajuda ele disse que a mãe dele estava nos E.U. e ele não sabia meu endereço para me escrever.” (Maria da Conceição - carta destinada à mãe).

“Eu recebi uma carta da irmã Lúcia, me contando que Ricardo vai as vezes duas vezes na semana visitá-la está sempre sobrio e com boas perspectivas mas por outro lado me disse que o mesmo mora debaixo de um viaduto, o que me deixou muito triste, porque aqui a gente tem muito conforto come do bom e do melhor so não da para guardar dinheiro.” (Maria da Conceição - carta para a mãe, 18/03/90).

Maria da Conceição em seus relatos evidencia esta ligação com dois lugares de forma bastante significativa. Ao mesmo tempo que se propõe a ajudar alguém que deseja emigrar, revelando as redes que se tecem entre os emigrantes e seus familiares no Brasil, solicita notícias do filho que deixou no Brasil.

“Esta tudo bem com o bebê e comigo também tenho ido ao médico e o médico me disse que o bebê deve nascer dia 19 de dezembro, espero que Deus possa estar mais perto de mim do que nunca, acho que vou precisar (...) depois que o bebê nascer e se Deus ajudar com que eu consiga um serviço aí sim vou poder mandar algum dinheiro para a senhora(...) gostaria que a senhora pudesse estar aqui comigo, mais é muito difícil, o importante é que a senhora esteja o tempo todo perto de mim.” (Maria Cristina - carta destinada à mãe, 19/11/91).

“Mãe, quanto ao Sérgio e o casamento dele eu quero saber tudo, onde, quando, com quem, se é na igreja brasileira quero saber tudo... A carta que vocês disserão ter escrito que ele ia casar, eu não recebi até hoje(...) mãe faça o possível e o impossível para saber a respeito deste casamento, e mim escreva, preciso muito saber estou muito curiosa.” (Maria Cristina - carta escrita para mãe, 19/11/91).

“A senhora está feliz com o neto? Ele é muito lindo só não tem olho verde, cada dia o olho dele é de uma cor, ele é cara do Rick, só tem o meu nariz (...) Bryan é o nome do seu neto.” (Maria Cristina - carta para a mãe, 23/01/92)

“Sabe mãe tem sido uma experiência diferente esta de está sendo chefe de família, mas estou muito feliz.” (José Mário - carta destinada à mãe, 16/06/86).

“Favor mandar minhas bluzas de linho e minhas bermudas. Deixei dois panos para fazer bermuda aí. Manda fazer (a costureira de sua tia) as duas bermudas para mim (na medida da bege de linho). Fernanda manda para mim aquele anel de brilhante que comprei da Patrícia, aquele que te pedi até pelo amor de Deus para guardar bem guardado pra mim.” (Maria Antonia- carta destinada às filhas, 03/07/92).

“Querida filhas sempre que puderem vão passar o final de semana com o vovô e sempre que estiver lá, dê de vez em quando um beijo e um abraço nele e diga que é por mim. Curtam seu vovô, pois ele está doente e vocês sabem. Eu o amo muito e estou muito machucada por não estar perto dele. Dê carinho também a querida vovó ela está passando uma fase muito difícil na vida dela. Procure fazer o máximo por eles, como se fosse eu tá!” (Maria Antonia, carta destinada às filhas, 03/07/92).

“Diga a querida mana que seus filhos realmente não estão bem financeiramente, os mesmos só trabalham na fábrica, tudo que o Jackson tem é este lote e nenhuma economia, e o Janelson tem com o Jackson uma quantia que não chega a \$2.000,00, o qual a Jackson não tem condições de pagar e o Janelson não tem um dólar se quer(...) isto que estou escrevendo é a pura verdade como eu avia prometido para a mana.” (José Carlos - carta destinada à mãe com bilhete para irmã, 22/06/92).

Estes relatos explicitam as referências constantes às famílias, demonstrando a importância para a concretização do projeto nos Estados Unidos. As famílias desses imigrantes não se restringem ao núcleo mulher, marido e filhos, tendo nos parentes, particularmente pais, importante referência emocional e financeira.

Partindo dessa constatação, procurei compreender como um projeto individual – “fazer América” – se vincula a projetos familiares.. Abreu Filho (1981) realizou um estudo com famílias de camadas médias no interior mineiro que, embora tivessem trajetórias sociais diferentes, apresentavam homogeneidade no que se refere à questão do parentesco. O autor realizou uma análise do parentesco e criticou os estudos das sociedades modernas que reduzem o parentesco à família nuclear, propondo ao final que se entenda o parentesco como um domínio específico que articula um sistema de representações com um sistema de práticas.

Nesse contexto, o parentesco define o lugar da pessoa na sociedade, sendo que é através do sangue, da raça e do nome de família que herdamos um nome que circula externamente e que, carregá-lo, exigiria luta. Este projeto de luta, no contexto da migração, nos coloca a questão de como as famílias dos emigrantes, muitas vezes fundadas numa lógica hierárquica, incorporam princípios individualistas no sentido proposto por Dumont (1985). Desta forma, temos uma pista importante para entender como projetos individuais vinculam-se a projetos familiares e, no caso da emigração, compreender todo o investimento dos pais no projeto dos filhos.

O apoio dos pais se traduz no auxílio a concretização da ideia de migrar como alternativa para melhoria das condições de vida dos filhos, e nas “forças” aos filhos quando a saudade aperta, a fim de que estes não retornem antes de “fazer o pé-de-meia”. Além deste apoio afetivo, que é considerado fundamental pelos imigrantes para “aguentarem a barra”, ocorre ainda a administração pelos pais e irmãos dos investimentos no Brasil, procurando casas para comprar, gerenciando obras e empenhando-se para ajudar na realização dos projetos dos filhos para que estes voltem logo para casa.

Velho (1981) nos traz outra noção interessante ao examinar as acusações entre pais e filhos de camadas médias no Rio de Janeiro, analisando estas relações estruturadas entre dois lugares. A noção de projeto:

“de qualquer forma o projeto não é um projeto interno subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente

tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes.”

Neste sentido, a noção de projeto estaria relacionada à dimensão mais consciente da ação social, o que implicaria em planos para realizar metas e também dependeria de uma biografia individual.

Entretanto, enquanto Velho (1981) nos fala de conflitos entre pais e filhos, pois estes não querem realizar o projeto estabelecido pelos pais, aqui ao que parece, os conflitos entre pais e filhos não têm o mesmo caráter, pois os pais são as grandes forças destes projetos individuais. Isso não quer dizer que não haja conflitos, como pudemos ver nos relatos de Maria Cristina sobre os irmãos, ou das filhas que emigram sozinhas e têm maior controle social, mas ao mesmo tempo ocorre uma rearticulação entre os valores das famílias e as circunstâncias da emigração. Um exemplo destas modificações é a migração feminina, quando os pais permitem que suas filhas solteiras emigrem sozinhas ou para casar nos Estados Unidos. É interessante que, mesmo com a permissão dos pais, as filhas continuam escrevendo, justificando-se e pedindo desculpas.

“Por favor me entendam e não me julguem mal, eu tenho direito de ser feliz e é aqui que eu me sinto independente, ou seja eu mesma (...) não se preocupem a pessoa que amo não tem condições de ir embora nos vamos nos casar em breve e se Deus quiser seremos felizes para sempre.” (Maria Marta - carta escrita aos pais, 18/06/91).

“Gostaria que vocês estivessem presentes no meu casamento, seria a maior felicidade da minha vida, bem que o papai poderia te dar esta alegria, não é mesmo? É super fácil chegar aqui. A viagem de avião é uma delícia” (Maria Marta - carta escrita aos pais, 18/06/91).

“Mãe por favor não dê ouvidos as coisa que as pessoas aí falam deixem eles falarem o importante é que estou onde sempre quíz chegar (...) pena que a pessoa que mais amo não estão aqui perto de mim para que possamos dividir a nossa felicidade.” (Maria Cristina - carta destinada à mãe, 14/04/91).

“Mãe quero que a senhora me perdoe por tudo que está acontecendo não se preocupe estou muito bem, o Rick é uma ótima pessoa, como sempre eu só encontro pessoas maravilhosas espero que um dia a senhora possa vim a mim perdoe não quero decepcionar as pessoas que deixei aí, principalmente sabendo o quanto vocês gostam de mim, eu amo muito vocês não mim abandonam por favor quero que vocês sentão orgulho de mim... Não conte nada para ninguém é muito importante este segredo para mim, deixe tudo acontecer e depois contamos, faça como a minha vinda para America, lembra?” (Maria Cristina - carta destinada à mãe, 20/05/91).

*“Sabe eu mandei um cartão para senhora no dia 29.04.92, na data da outra carta, não sei porque voltou é porisso que estou triste, espero que a senhora me perdoe por não ter chegado no dia das mães, estou colocando do mesmo jeito que o correio mim devolveu, está amassada alguém abriu o envelope e eu estou mandando assim mesmo para a senhora ver que estou falando a verdade que eu não esqueci do nosso dia, jamais.”
(Maria Cristina - carta destinada à mãe, 19/05/92).*

“A senhora sabe que eu nunca deixei de ajudar as pessoas quando posso fazer ainda mais a senhora que foi aquela que lutou muito mais pela nossa sobrevivência do que o papai” (Dulcinéia - carta destinada à mãe, 16/04/90).

No caso dos migrantes valadarenses, parece que essa biografia individual, de certa forma, tornou-se um projeto coletivo das camadas médias em função da ascensão social daqueles que emigraram nas décadas de 60 e 70. Este projeto de ir “fazer a América” transformou-se num objetivo de vida para significativas parcelas da população.

Nesse sentido, a emigração realizaria o desejo dos pais de que a família continuasse ascendendo socialmente, concretizando o projeto individualizante de família moderna, daí a importância dos objetos de consumo e do sucesso material. No caso dos imigrantes, este projeto transforma-se no sonho da casa própria e na aquisição de produtos modernos: telefone sem fio, secretária eletrônica, aparelho de disco laser, forno de microondas e outros utensílios domésticos.

Ao realizar a análise da modernização da família brasileira, Figueira (1987) demonstra-nos os dois ideais de família que convivem no Brasil desde a década de 50 e que expressam a própria modernização pela qual passou o país. A modernização, como parte do desenvolvimento capitalista, trouxe modificações profundas nos modelos de família e de identidade pessoal. Desta forma, passaram a conviver dois modelos ideais de família: um modelo de família hierárquica baseado na diferença entre homens e mulheres, onde a identidade é posicional, sendo definida pela posição, sexo e idade; e a família igualitária, que emerge desse processo de modernização caracterizada pela nuclearização e privatização progressiva e cujo ideal é o igualitarismo, sendo a identidade idiossincrática, na qual homens e mulheres seriam iguais enquanto indivíduos.

Para entender melhor esta articulação, é importante compreender o que Figueira (1987) denominou como sendo a modernização reativa, a qual significa a articulação de valores modernos e arcaicos pelos indivíduos o que, em termos da prática social, faz com que os indivíduos tenham comportamentos de conteúdo moderno, mas o imaginário moral continua.

Esta perspectiva ajuda-nos a compreender como os imigrantes, mesmo distantes de suas famílias e numa sociedade pós-industrial como a americana, com todas as possibilidades de consumo, ainda participam da sociedade local e reificam, em alguns aspectos, seus valores e normas, ao mesmo tempo em que se modificam alguns padrões no convívio com a sociedade americana.

Para ilustrar a vida estruturada em dois lugares, os relatos de D. Antônia I e Sr. João II⁴³, são significativos. Estes levam-nos de volta ao Brasil, àqueles que esperam, e demonstram como percebem a emigração dos filhos, articulando o global e o local, complementando assim, a reconstrução da trajetória do imigrante.

D. Antonia I e Sr. João I moram em Governador Valadares desde 1959 e vieram do Nordeste para tentar a vida nesta cidade. Na época, conforme diz D. Antonia, a cidade *“era muito boa de comércio, o João trazia um caminhão de sapato e vendia tudo, resolvemos então mudar para cá, eram cinco dias de viagem na boléia do caminhão”*. Hoje D. Antônia acompanha a trajetória de seus filhos na América. Possui 7 filhos, dos quais 3 migraram, uma retornou e dois ainda estão lá.

A entrevista foi informal. D. Antonia I recebeu-me com muito carinho perguntou-me sobre o que estava fazendo e quando falei-lhe da pesquisa e do meu tema, a emigração de valadarenses para os Estados Unidos, foi logo dando-me informações sobre os filhos - José Mário e Maria Lúcia.

“José Mário está muito bem, agora em julho vamos lá conhecer sua esposa, Joana. Da primeira vez que ele foi em 1985, ele não deu muita sorte, não conseguiu juntar dinheiro comprou um ponto comercial no mercado e tentou montar um açougue, mas o ponto não era muito bom para vender carne e o João, meu marido, não tinha muita experiência com açougue para ajudá-lo agora as máquinas estão aí paradas. Além disso a morte do irmão aqui no Brasil o atrapalhou muito e ele acabou não aguentando e voltando para o Brasil antes da hora. Agora está num bom emprego, mora com conforto...Olhe as fotos como estão lindasAs foto que ela me mostrava eram de cenas da vida nos Estados Unidos: em casa, o quarto do filho, lugares onde foram passear, festas de aniversário.” (D. Antonia)

“A Maria Lucia também foi no ano passado e está muito bem lá. As cartas dela são lindas, você precisa ver. Ela encontrou Deus lá, pois toda carta ela fala da saudade e da força de Deus na sua vida, são graças às minhas orações e a dos outros também. A Joana também mandou muitas fotos, são emocionantes, principalmente pelo que vem escrito atrás: Amo vocês, saudades.” (D. Antonia I – 60 anos)

⁴³ Para garantir a identidade dos pais, todos os entrevistados serão chamados de Antonia e João, diferenciando-os apenas pelo número. Assim, os pais de José Mário e Maria Lúcia serão Antonia I e João I; os de Maria Célia - esposa de José Arthur – serão Antonia II e João II, e assim sucessivamente com os demais pais quando forem citados. Outros nomes que aparecerem são nomes fictícios de pessoas citadas ou que se encontravam presentes no momento da entrevista.

Estas são palavras recorrentes e as fotos mostram os lugares onde ela foi - praias, hotéis, retratos na neve, com bichinhos de pelúcia, em frente a carros modernos, com o irmão, o sobrinho e a amiga que mora com ela. Interessante é que não aparecem fotos nem do local de trabalho, nem do namorado, nem de muitos amigos; mora no porão com a amiga e só trabalha e come. Enquanto mostrava-me as fotos, a mãe foi falando que ela parece estar se saindo melhor que o irmão.

“Este não conseguiu juntar nada ainda, não sei por que.. A Joana não gosta de lá, mas se Deus quiser depois que nós formos lá, ela agüenta mais um tempo.” (irmão de José Mário)

Neste ponto, a irmã, que já esteve na América, disse que:

“Ela tem que quetar o facho lá, só tem vinte e um anos e é a oportunidade de fazer um pé-de-meia para voltar definitivamente com a vida arranjada.” (Amália - emigrante retornada).

Era mês de maio e os pais estavam preparando-se para viajar aos Estados Unidos com o objetivo de visitar os filhos e dar uma força para que agüentassem ficar mais um tempo, antes de decidirem retornar ao Brasil. O primeiro passo foi conseguir o visto, a passagem foi financiada pelos filhos que estão nos Estados Unidos (gastaram tantos telefonemas pedindo aos pais que fossem visitá-los que acabaram convencendo-os).

A primeira etapa dos preparativos da viagem foi a documentação - tirar o passaporte e o visto. O filho, legalizado nos Estados Unidos, enviou toda documentação que possuía para comprovar que tinha condições de levar os pais. Entretanto, Sr. João e D. Antonia com toda documentação de Governador Valadares não tiveram nenhum problema com o consulado no Rio de Janeiro: ambos atribuíram a facilidade de conseguir o visto a idade (70 e 60 anos respectivamente): *“No mesmo dia que nós fomos tirar o visto, oito rapazinhos daqui de Valadares voltaram” (Sr. João – 70 anos)*

Segundo a avaliação de Evaldo, o irmão que possui muitos amigos lá:

“O problema daqueles que voltam é que continuam com a cabeça na América e aí, não conseguem ficar nem lá, nem cá. Trabalhei numa loja do comércio e dos meus colegas, 06 foram para a América e a maioria não voltou, uns casaram lá, outros se separaram. Os que deixaram as esposas aqui se separaram. Eu pensei em ir para a América há oito anos atrás, não consegui visto e esqueci, não pensei mais em ir, mas a maioria que volta continua querendo a vida que tinha lá. Pois, trazem 50,000.00 dólares não conseguem mais do que

comprar uma casa média que custa em torno de 25 a 30,000 dólares e o resto não dá para montar um negócio.” (Evaldo - irmão que permaneceu em Governador Valadares).

Amália, a primeira filha a emigrar, também contou um pouco da sua história. É o relato de quem deu certo na América, pois conseguiu retornar ao Brasil junto com o marido “*seguramos a barra juntos*”.

“Fiquei durante dois anos nos Estados Unidos. Morávamos duas mulheres e 11 homens, num apartamento com 01 quarto, sala, banheiro e cozinha. O casal, que eramos eu e o Jose dormia no quarto e colocamos para dentro uma moça que não podia dormir na sala com um bando de macho” (Amália, migrante retornada).

“Trabalhava como faxineira, fui trabalhar numa casa onde o marido era antropólogo e a mulher também. Falavam português, pois moraram no Brasil um tempo. Então eles gostavam de mim por que eu mantinha o português das crianças fluente e, como eu tinha um nível de instrução, de cultura mais elevado que a maioria das faxineiras, as pessoas gostavam do meu trabalho porque eu arrumava a casa como se fosse minha.” (Amália – migrante retornada).

“Quando engravidei, trabalhei até o sexto mês e vim ter o filho no Brasil, deixando-o com minha mãe, pai e junto com os outros irmãos, isto era o mais difícil.” (Amália – migrante retornada)

A justificativa para ter o filho no Brasil é que sua gravidez foi um pouco complicada, havia risco de aborto e como não queria perder o filho “*nos Estados Unidos eles não pensam duas vezes antes de tirar, resolvi ter o filho no Brasil onde tinha médico de confiança e retornar para ficar mais um tempo*”, afirmou Amália.

D. Antonia I, a mãe, cuidou dos netos quando os filhos estavam nos Estados Unidos. A primeira filha ficou durante dois anos nos Estados Unidos e deixou os filhos aos cuidados da mãe. Quando retornou teve que passar algum tempo na casa da mãe, para que esta se acostumasse aos poucos com a partida dos meninos e vice-versa. José Mário e a esposa também deixaram o filho no Brasil por dez meses, pois estavam precisando trabalhar e não tinham com quem deixar o nenê. O pai, Sr. João I, cuida dos interesses financeiros dos filhos, paga as dívidas e olha as coisas que pretendem adquirir. Os filhos emigrados ajudam no orçamento doméstico, enviam presentes e participam da vida no Brasil, através de vários telefonemas que ocorrem, geralmente aos domingos, e fitas de vídeo que são enviadas para os Estados Unidos e vice-versa.

Num almoço de domingo, em meio as saudades dos filhos que estão na “América” e aos preparativos para a viagem dos pais, iniciou-se a primeira parte desta história que continuou nos Estados Unidos, onde localizei José Mário e Maria Lúcia e complementei este relato.

As histórias de José Mário e Maria Lúcia são semelhantes à de outros emigrantes e, para complementar estes relatos, acrescento o depoimento de Sr. João II que demonstra a participação familiar no projeto migratório. No momento que realizei a entrevista, a mãe, Maria II, estava nos Estados Unidos ajudando a filha Maria Carolina. O pai falou-me com muito carinho da filha, que está há dois anos e meio nos Estados Unidos e que emigrou para casar. Antes de falar de sua filha, João II falou-me também de sua experiência de emigrante durante meses nos Estados Unidos.

“Fui para arranjar capital de giro para o meu negócio, fiquei muito bem lá pois, estava no meio de outros brasileiros, mas sofria muito com a saudade. Nunca imaginei que agora estaria passando por esta experiência, mas minha filha foi para acompanhar o seu marido e a minha mulher depois de um ano e meio longe da filha foi também, por mais saudade que eu sinto acho que ela merece esta chance, pois eu gostei muito dos Estados Unidos.” (Sr. João II)

Embora tenha afirmado que gostou muito dos Estados Unidos, João II, que era imigrante ilegal, ficou apenas 08 meses, o suficiente para ganhar o dinheiro que desejava, pois não aguentou de saudade da família - a mulher e as filhas que estavam no Brasil. Chegou bem mais magro, pois trabalhava muito e num serviço duro para pessoas de mais de 40 anos que é a “dish”, máquina de lavar pratos. O dinheiro que trouxe não era uma poupança, como de emigrantes que ficam mais tempo na América, mas serviu para folgar a sua situação e eles preferiu voltar.

Quando sua filha mais velha resolveu ir para os Estados Unidos, ficou com o coração apertado. A idéia inicial era que o noivo emigrasse para comprar os móveis, e fizesse um pé de meia para o casamento. O namorado da filha tinha um negócio de laticínios, mas não estava dando muito certo, e numa conversa informal com a futura sogra sobre as dificuldades para se casarem e sobre o tempo que levariam para conseguir o que desejavam, a sogra lhe falou: *“Por que você não vai para os Estados Unidos? Seria a maior prova de amor que poderia dar à minha filha”*. A proposta, feita num tom de brincadeira, foi levada a sério pelos noivos. Em menos de um mês, José Arthur arranhou a documentação “montada”. O passaporte foi “montado” em Governador Valadares, o procedimento consistia em comprar um passaporte que tivesse visto de entrada nos Estados Unidos e trocar a foto. Na época custou cerca de US\$ 3.500 dólares, fora a passagem. Segundo José Arthur, ele tentou, mas não conseguiu visto para os EUA. Quando perguntei-lhe o motivo ele disse-me que foi por causa da sua idade, na época 25 anos, à falta de comprovação de renda e por ser natural de Governador

Valadares. Nos Estados Unidos, com outro nome e uma vida de muito trabalho, em dois meses, para a surpresa dos pais de Ana Carolina, mandou a passagem para a noiva ir.

“A minha filha, Maria Carolina, foi por causa do noivo dela, foi muito difícil para gente, pois ela é muito agarrada comigo e com a mãe dela, já havia tentado ir para São Paulo e tinha retornado agora tem mais de ano que tá lá' e é muito difícil para a gente.”(João II).

Mais uma vez, os filhos continuaram a trajetória dos pais em busca de uma vida melhor, de ascensão social. A filha casou-se no Brasil, por procuração e foi para os Estados Unidos ao encontro do noivo. No mesmo dia do seu casamento no Brasil, o noivo fez um casamento de brincadeira na pizzaria onde trabalhava, para comemorar a data. A promessa feita aos pais é de voltar para o Brasil para casarem-se no religioso⁴⁴. João II fala por telefone de 15 em 15 dias com a filha e o genro; as ligações, às vezes, passam de uma hora e é através destas que matam a saudade e mantém o contato com as notícias da família. No Brasil, João II está administrando o dinheiro que o casal remete com frequência e está construindo uma pousada para que os filhos tenham do que viver quando voltarem. Como o plano dos dois inicialmente era ficar 05 anos, e agora depois de dois anos de trabalho estão muito cansados, cheios de saudade e loucos para voltar, quando realizei esta entrevista a mãe de Maria Carolina já estava nos Estados Unidos para passar uma temporada com os dois, que se sentem muito sozinhos nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo procuram acelerar a obra e mandam sempre fotos da construção que são recebidas com muita alegria nos Estados Unidos, pois significam menos um dia na “América”.

Neste ponto as trajetória de José Mário e Maria Lúcia se encontram com as de Maria Carolina e José Arthur no projeto de “fazer a América” e são evidências importantes da participação dos familiares na execução e realização do projeto. Ao tomar estas famílias como exemplos de relações que se constroem entre dois lugares, pretendo apenas destacar o caráter transnacional desta migração que faz com que, estar aqui e estar lá sejam momentos da vida de várias pessoas em tantos locais do mundo e, particularmente, em Governador Valadares.

⁴⁴- Embora tenham se casado por procuração, Maria Carolina e José Arthur fizeram um ritual de casamento transnacional. No dia do casamento no Brasil, José Arthur casou-se de brincadeira no restaurante em que trabalhava, tirando fotos com colegas que se vestiram de noiva, padrinhos e madrinhas e inclusive um suposto padre. No Brasil, Maria Carolina também tirou fotos do momento em que assinava os papéis do casamento civil. Quando finalmente se encontraram nos Estados Unidos, as fotos dos dois casamentos foram para o álbum que registra desde a chegada de José Arthur até o momento do encontro no aeroporto Kennedy. Quando estive nos Estados Unidos receberam da mãe de Maria Carolina uma foto de um porta retrato, com as fotos da mãe e das filhas casadas, com a seguinte frase: “este lugar vazio é para a foto de seu casamento quando chegar ao Brasil”.

PROJETOS PARA RETORNAR AO BRASIL

Os migrantes de todos os tempos, quando partem para tentar uma vida melhor no estrangeiro, têm como projeto retornar, em algum momento de suas vidas à terra natal. Esse desejo revelado em suas cartas ou quando perguntados sobre a situação, se traduz na sua autodefinição como migrantes temporários. Assim, todos os emigrantes, quando perguntados sobre sua situação, falavam dos planos de retorno ao Brasil. Geralmente a volta é programada para o final do ano, pois é o período das festividades natalinas. A volta é programada para este período, pois é um momento de reencontro com a família. Para os emigrantes “*esta é a época mais difícil de permanecer nos Estados Unidos*”.

Entre o “desejo de ir embora para o Brasil” e o que efetivamente acontece existe um vácuo. Alguns tiram apenas férias, outros não conseguem, pois as pessoas não têm coragem de voltar sem conseguir alguma coisa; enquanto isso, o tempo vai passando....

Os trechos que se seguem indicam estes projetos e as dificuldades de execução dos mesmos:

“Queremos passar o próximo Natal juntinho de vocês, vamos fazer aquela festa. Diga ao Sr. ... que em breve estaremos aí, para contar tudo sobre os Estados Unidos.” (amiga de Maria Lucia - carta destinada a seus pais, 16/11/92).

“Aqui estamos todos bem de saúde graças a Deus. Trabalhando muito para podermos um dia voltar para o Brasil. (...) quanto a ir aí passear acho difícil, pois quando formos embora não pretendemos mais voltar aqui. Para mim ir aí e deixar o Estevão sozinho eu não posso porque ele trabalha muito e precisa de mim aqui para cuidar dele.” (Maria Candida - carta destinada à mãe, 23/01/92).

“Quero ver se vou mandando dollar até fazer a soma e comprar o táxi o mais rápido possível, não quero ficar muito tempo por aqui.” (José Antônio 12.05.86 carta destinada à esposa, 12/05/86).

“Eu tenho a impressão de que este ano vai ser decisivo para minha volta ao Brasil, mas como sempre eu vou precisar muito da ajuda de vocês aí. Primeiro para comprar a casa que vai ser o passo mais importante para a nossa volta; Segundo arranjar emprego para mim e para minha esposa; terceiro na nossa adaptação na volta ao Brasil. Sabe pai quando a gente deixa o Brasil a gente pensa que está fazendo a coisa mais difícil da vida, mas pode ter certeza que a volta é muito mais difícil que a vinda e é por isso que nós vamos precisar tanto do apoio de vocês e eu sei que sempre posso contar com vocês ... Com relação a casa espero mandar o dinheiro pela nossa amiga em dezembro e espero que o senhor consiga comprar a nossa casinha por no máximo uns vinte mil dólares.” (José Mário - carta destinada ao pai, 94).

As cartas e entrevistas realizadas com os emigrantes revelaram que as festividades do Natal são as que mais despertam a saudades da terra, pois o Natal é uma festa que se comemora em família. Por isso, quando se aproxima o final do ano, os emigrantes sentem-se deprimidos, desanimados, pois mais um ano passou e desejam retornar. Uma emigrante valadarense disse-me: *“todo final de ano é assim esse pessoal fica dizendo que vai no final do ano e ano que vem tá aqui de novo”*.

Entretanto, o retorno à terra natal está condicionado à realização dos projetos comprar um carro, ou uma casa e montar um negócio, bens que significam o sucesso do projeto de migrar. Além desses bens os emigrantes precisam evidenciar este sucesso, trazendo “qualquer coisinha” desde um óculos Ray-ban, a uma máquina de fax, uma secretária eletrônica ou aparelhos *compact-disc*. Estes presentinhos afirmam que os emigrantes estão “dando certo na América”. Por isso, mesmo que estejam voltando temporariamente, esta se torna um despesa necessária para demonstrar no Brasil sua mobilidade social ascendente. Segundo Feldman-Bianco (1992:42), faz parte da cultura migratória despende tempo e dinheiro com presentes para, por meio deles, afirmarem simbolicamente sua mobilidade social nos Estados Unidos e sua proeminência na terra natal.

Retornar, portanto, é um projeto que, para se concretizar, exige do emigrante uma vida disciplinada e muito trabalho nos Estados Unidos, para que possa - um dia - voltar ao Brasil. Após alguns anos nos Estados Unidos, assim como outros grupos de imigrantes, a terra natal se torna a terra da utopia mantendo os emigrantes divididos entre estar aqui... e estar lá...

Para voltar, os emigrantes contam com o apoio dos pais e amigos à volta, pois como já foi salientado, *“voltar é mais difícil que partir”*. Os Brazucas percebem que perderam contato com a realidade do Brasil, e a idéia de um país sempre em crise econômica os assusta. Além disso, temem também a readaptação ao Brasil, aos amigos, aos familiares. Embora a saudade seja o sentimento que mais incomoda nos Estados Unidos, o convívio com a sociedade americana *“onde a lei vale para todos”*, as *“pessoas ligam antes de vir a sua casa”*, a privacidade, o acesso a sociedade de consumo, onde *“posso comer morangos com o salário de entregador de pizzas”*, *“onde os homens aprendem a cuidar da casa e dividir tarefas com as mulheres”* fazem com que os emigrantes tenham sentimentos ambíguos em relação a volta para um sociedade relacional como a sociedade brasileira em contraposição à sociedade individualista e ao *American way of life*. Dois fatos ocorridos nos Estados Unidos exemplificam este temor.

Num jantar na casa de José Arthur e Maria Carolina, estando também presente seu primo José Felipe, conversou-se sobre a vida nos Estados Unidos e os planos de retorno ao Brasil. Quando começamos a falar sobre o retorno foi um momento particularmente emocionante. José Arthur e Maria Carolina casaram-se quando este já se encontrava nos Estados Unidos e pretendiam voltar ao Brasil com uma fonte de renda garantida, para realizar o sonho de casamento no religioso. Para isso, estavam construindo uma pousada no litoral. Embora a volta seja um projeto compartilhado em cartas e telefonemas com os pais que ficaram no Brasil administrando os investimentos, ambos falaram do temor de regressar e perder tudo que haviam investido, devido à instabilidade econômica do país.

José Felipe também falou da volta... estava construindo um prédio junto com o irmão e pretendia voltar até o final de 1994, tendo adiado o projeto para meados de 1995. Revelou também o temor do regresso e da não adaptação à vida daqui. Quando estava na casa de José Mário e Joana, assistimos uma fita da última vez que José Mário estivera no país e a esposa se perguntava: *“Estas pessoas sempre rindo com essa música (baiana), será que vou me acostumar com todo mundo assim participando da vida da gente?”*

“Será que vão se acostumar”? É a grande pergunta que todos eles se fazem. O desejo de voltar ao país se iguala ao medo que todos têm de fazê-lo, a grande pergunta que se fazem é: *“e se não der certo como começar tudo de novo?”*, disse-me Joana. Esta pergunta, que não foi feita no momento da partida, é colocada a todo instante por emigrantes que tentam voltar, uma das emigrantes disse-me ainda: *“quando estamos aqui, pensamos que o melhor lugar do mundo é o Brasil, lá temos os amigos, os parentes, a família, mas quando a gente chega lá está tudo diferente, sinto-me um peixe fora d’água”* (Joana).

Entre estar aqui e estar lá, o emigrante deixa de ser temporário ou permanente e vai construindo uma identidade transmigrante. Encontrei nos Estados Unidos pessoas que não desejam retornar, pois acreditam que a “América” é um bom lugar para se viver, embora sintam saudades do Brasil. Entretanto, mesmo que a volta não se concretize, este é o desejo predominante entre os emigrantes entrevistados e nas cartas analisadas. Nesse sentido, as cartas, os telefonemas, as viagens ao Brasil, a tentativa de legalização dos emigrantes através do *green card* (para poder ir e voltar quando quiserem) revelam que os migrantes estão construindo múltiplas relações entre os EUA e o Brasil.

V - OS EMIGRANTES BRASILEIROS NOS EUA - ALGUNS DADOS

Os estudos sobre a emigração de brasileiros para os Estados Unidos apresentam alguns pontos em comum tendo certamente o diálogo iniciado entre os pesquisadores em alguns encontros⁴⁵. A emigração é analisada como resultado da crise econômica centrando o estudo nas relações estabelecidas pelo imigrante com a sociedade hospedeira, onde podemos situar os trabalhos de Sales (1991, 1992), Goza (1992), Forjaz (1993) Margolis (1994). Destes, apenas Sales (1992:62) sugere um diálogo com a perspectiva transnacional, os demais não tem por objetivo analisar os migrantes como vivendo em duas temporalidades: os Estados Unidos e o Brasil. Embora considerem as motivações econômicas para a decisão de migrar, Moretto (1991) e Bicalho (1989) discutem outros fatores que se associam a estas. Soares (1994) diferencia-se dos demais, pois está direcionado para a cidade de origem deste fluxo - Governador Valadares - e as implicações no mercado imobiliário.

Bicalho (1989) realizou o primeiro estudo sistemático sobre a vida de brasileiros imigrantes em Boston, onde existem cerca de 150.000 brasileiros (dados estimativos da Arquidiocese de Boston). Os dados foram coletados em Framingham, onde vivem cerca de 6.000 brasileiros (dados estimativos). Os quadros IV e V e trazem dados que coletou sobre a procedência dos emigrantes:

Quadro IV - Procedência da População Entrevistada

Minas Gerais	89,0%
Espírito Santo	6,2%
São Paulo	2,4%
Rio de Janeiro	1,2%
Distrito Federal	1,2%

Fonte: Bicalho, 1989.

⁴⁵ Migrações Internacionais - Os novos fluxos da população brasileira. Conferência proferida pela Dra. Tereza Sales - NEPO/IFCH/UNICAMP - em maio de 1993; "Fazer América", foi um evento que discutiu as migrações internacionais para a América no início do século, realizado no Memorial da América Latina, agosto 1993; Seminário Emigração e Imigração Internacional no Brasil Contemporâneo. Evento do Programa interinstitucional de avaliação e acompanhamento das migrações internacionais no Brasil, realização NESUR-IE/UNICAMP, em setembro de 1994.

Quadro V - Distribuição da População no Estado de Minas Gerais por regiões

Vale do Rio Doce e outros municípios	74,0%
Belo Horizonte	8,6%
Vale do Mucuri	6,4%
Apenas Governador Valadares	42,0%

Fonte: Bicalho, 1989.

Embora os dados refiram-se a uma amostra pequena de 81 entrevistas que impedem maiores generalizações, são dados significativos para demonstrar o impacto da população mineira sobre o conjunto dos emigrantes e, especificamente, o contingente de valadarenses, evidenciando a importância dessa cidade como ponto de partida desse fluxo na conexão USA - Governador Valadares. Neste sentido, também o fato de Minas Gerais aparecer como o estado com o maior fluxo de imigrantes, sugere que a cultura migratória é uma explicação pertinente, não apenas para o fluxo Valadares-Boston, mas também para o estado que, como diz Forjaz (1993:70): *“Aspectos históricos e tradicionais da cultura de Minas Gerais talvez expliquem essa maior propensão de uma comunidade acostumada aos processos migratórios internos.”*

Além de traçar um perfil sobre os emigrantes em Framingham, Bicalho (1989:67) procurou destacar os fatores de ordem subjetiva que atuam juntamente com os fatores econômicos. Assim explica sua posição:

“Priorizo a pesquisa e estudo das motivações subjetivas (inconscientes) envolvidas na decisão de migrar (por exemplo, a crise de identidade do jovem e a emigração como busca de novos valores que funcionassem como facilitadores para a estruturação da identidade. As crises de relacionamentos afetivos, como a crise no casamento e nas relações familiares, etc) quase sempre presentes em tal decisão.”

No quadro abaixo o autor traça um panorama da vida afetiva antes da migração onde procurou classificar estas situações. A partir destes dados, o autor afirma que: *“Poucos são aqueles que buscam só o dólar. Por de trás do dinheiro existem muitas histórias. O dólar é apenas uma justificativa, uma artimanha que possibilita um corte, uma mudança”* (Bicalho, 1989:57), demonstrando que os fatores afetivos têm peso importante na decisão de migrar. Sugere ainda que os homens têm maior tendência de omitir suas dificuldades afetivas. Estes dados são sugestivos, entretanto, como o

trabalho é mais um levantamento do que um estudo aprofundado, tornam-se necessários estudos mais consistentes teórica e metodologicamente que ampliem as contribuições de Bicalho.

Quadro VI - Vida afetiva antes e por ocasião da emigração

De boa qualidade	25,9%
De qualidade razoável	32,1%
Ruim	29,6%
Péssima	12,4%

Fonte: Bicalho, 1989.

À crise afetiva, como um dos fatores que influenciam na decisão de migrar, somam-se um certo desencantamento com a nação. Os emigrantes quando perguntados no programa Conexão USA, sobre o que esperavam do Brasil revelavam esse desencanto, esta falta de perspectiva. Também nos Estados Unidos quando se referiam ao temor da volta, falavam da ausência de cidadania, da corrupção, das desigualdades sociais, alguns se perguntavam: - que país é este?. Estes dados revelam que, associados aos chamados determinantes macrossociais, a crise econômica e política conforme sugeriram Goza (1992), Sales (1992) e Forjaz (1993) este desencantamento com a nação influencia na decisão de partir. Assim a migração torna-se uma busca de melhores condições de vida que envolve o econômico, o político e o afetivo. Margolis (1994), realizou estudo sobre a comunidade brasileira em New York. Os resultados deste estudo estão reunidos no livro “Little Brazil: an ethnography of Brazilian immigrants in New York”. Para a autora, os brasileiros nos Estados Unidos constituem uma “comunidade invisível”, praticamente ignorada pelas autoridades americanas e caracterizada pelo fato de não se preocupar, como os demais imigrantes, em formar comunidades. A autora procura explicar tal fato (a característica temporária da migração) associando-o ao sonho de todos os Brazucas com o retorno ao Brasil.

“Durante a 5ª semana de minha pesquisa na cidade de New York, eu fui para um desfile na rua brasileira. Eu pressentia um forte sentimento de etnicidade e comunidade brasileira aqui, e anotei no diário de campo: Uma parada como esta não teria lugar numa comunidade dispersa sem percepção de sua própria distintividade. A Brasilidade está viva e bem em New York. A certa altura pressumi que todos os participantes no desfile eram brasileiros; de fato, a maioria, 20% dos dançarinos e músicos eram brasileiros. Entretanto, eu sabia que este era um evento superficial de comunidade. (...) Para os brasileiros imigrantes em New York a ausência de uma

tradição cultural de formação de clubes convive com a intenção próxima e universal de retornar ao Brasil (...) Portanto, participar de um clube ou uma organização poderia significar permanência, uma indicação que eles realmente planejam ficar nos Estados Unidos, uma sugestão que muitos brasileiros negam veementemente. Finalmente a ausência de coesão da comunidade pode simplesmente refletir a “novidade” desta emigração brasileira” (Margolis, 1994:196-7).

Para a autora, o fato de a migração ser tratada pelos brasileiros como temporária explicaria esta sua invisibilidade. Segundo Margolis (1994:241), os brasileiros poderiam ainda ser caracterizados como uma minoria invisível por causa da ignorância americana sobre o Brasil e sua etnicidade. Isto gera uma confusão no momento de classificar os brasileiros que são englobados na categoria “hispanico”, referente aos emigrantes da América Latina. O fato dos brasileiros falarem português e historicamente não se identificarem como latinos, afirmando sua distintividade cultural, faz com que recusem esta classificação e procurem afirmar que constituem uma “raça” brasileira. Além de confundidos com os hispânicos, a “invisibilidade brasileira” pode ser observada por não formarem, como outros grupos emigrantes, uma estrutura culturalmente distinta como Chinatown ou Little Italy, acrescentando um novo ingrediente étnico na cidade. O trabalho de Margolis sugere ainda que há necessidade de estudos sobre as transformações provocadas pelo emigrantes na cidade de origem, pois eles mudam em contato com outra cultura e aqueles que ficaram também se modificam, provocando situações surpreendentes dentro deste reencontro de culturas.

Diferentemente da observação de Margolis (1994) que colocou os imigrantes brasileiros visíveis apenas em pequenos espaços na rua 46 em New York, em Boston pude perceber a presença brasileira espalhada por várias localidades. Na área de Allston, onde realizei parte do trabalho de campo, os estabelecimentos comerciais se concentravam em alguns quarteirões, em lojas de produtos brasileiros, agências de remessa de dinheiro, pequenas lanchonetes. A maioria dos estabelecimentos exibia uma bandeira brasileira na porta e dentro destes podia-se encontrar, desde coxinha e pão de queijo, a jornais e revistas brasileiros. Da mesma forma, encontrei em outras localidades Cambridge, Soumerville, Framingham estas mesmas lojinhas. O aspecto destas lojas contrasta com a modernidade das lojas americanas, pois se assemelham em estrutura aos armazéns brasileiros conhecidos como “secos e molhados”, nestes locais encontrava-se de tudo um pouquinho. Ao entrar nelas atravessamos uma fronteira ao encontro de nossa brasilidade.

Além do comércio, pude também observar que já se organizam festas religiosas, tanto católicas quanto protestantes. Presenciei em Cambridge, uma festa de Nossa Senhora Aparecida, na qual a imagem da Santa Padroeira do Brasil foi carregada por uma criança vestida com a camisa da seleção brasileira. As igrejas protestantes, por sua vez, enviam pastores a Governador Valadares para dar conforto espiritual ao parentes que vivem a espera.

Por fim, as noites brasileiras nas boates Newark, onde pode-se encontrar alguns petiscos bem brasileiros, como o churrasquinho, ouvir música brasileira ou ainda assistir ao show de algum músico brasileiro. Em Boston também ocorrem noites brasileiras em alguns bares e boates. Estas são evidências de uma comunidade que de forma espalhada e dispersa começa a se organizar.

Pode-se sugerir que o estabelecimento de redes de sociabilidade através das Igrejas, de pequenos comércios, de agências de remessa de dinheiro, de bares, assim como, as fitas de vídeo que chegam toda semana com notícias e os telefonemas e cartas enviadas ao Brasil revelam a constituição de uma comunidade brasileira nos Estados Unidos. Essas redes de sociabilidade apontam para a recriação de um “lugar brasileiro nos Estados Unidos” possibilitando aos emigrantes permanecerem nos Estados Unidos e manterem suas ligações com o Brasil.

Segundo Sales (1995), essas redes de sociabilidade indicariam que o fluxo estaria deixando de ser temporário e tornando-se permanente. Para a autora, o emigrante brasileiro que, em meados da década de 80, só pensava em juntar dólares para retornar, hoje já está mais realista quanto a sua condição de estrangeiro, o que pode ser evidenciado pela solidificação dessas redes de apoio.

Se por um lado, o estabelecimento destas redes pode indicar que o fluxo está se estendendo no tempo, perdendo seu caráter temporário, o fato que gostaria de salientar é que, segundo os depoimentos dos emigrantes, alguns há mais de 30 anos nos Estados Unidos - a perspectiva do retorno está presente - por isso, investem em sua terra natal e mantêm o contato com os familiares.

Sales (1995) traz uma contribuição importante aos estudos sobre a emigração brasileira, à medida que procura articulá-lo com as migrações internacionais recentes. A revisão bibliográfica apresentada pela autora sobre o assunto permitiu situar o recente fluxo caracterizando-o como - brasileiros imigrantes da “década perdida”. Além disso forneceu dados sobre sua inserção no mercado de trabalho, destacando também a ausência de políticas governamentais para lidar com esta problemática. Estes artigos baseados em revisões bibliográficas e entrevistas realizadas em Boston

(que fazem parte de um projeto maior de pesquisa) demonstraram o quanto a emigração brasileira é um fenômeno ainda por conhecer.

Moretto (1991:50-51) realizou um estudo sobre a tensão pré e pós-migratória entre imigrantes brasileiros vivendo na área de Boston. Segundo a autora, as explicações dadas até o momento, pelos estudos acadêmicos realizados, não são muito claras sugerindo que eles apontam em dois sentidos: alguns estudos relacionaram a emigração com a crise econômica brasileira, outros sugeririam o estado psicológico de muitos brasileiros como um fator igualmente importante. Para estes últimos, sentimentos de impotência, desencanto, frustração e desapontamento com o país levariam muitos brasileiros a pensar que estas condições nunca melhorariam e então decidiram migrar. Para a autora, estes dados devem ser adicionados aos fatores econômicos e considerados no estudo sobre migração.

Soares (1993) está realizando uma pesquisa sobre a relação/articulação que se estabelece entre a dinâmica de compra e venda de imóveis e a emigração de valadarenses para os Estados Unidos. A pesquisa tem como foco a sociedade de onde parte o fluxo - Governador Valadares - diferenciando-se dos demais estudos cujo foco é a sociedade de destino - os Estados Unidos. Neste sentido, os dados provenientes do levantamento realizado com uma amostra representativa da população são reveladores por fornecerem a dimensão quantitativa do fenômeno. Através desta pesquisa, tem-se o primeiro levantamento realizado na cidade para saber o número de valadarenses no exterior, seu investimento na cidade, o que poderá auxiliar na elaboração de políticas locais para lidar com a questão, até então, ausentes.

Segundo os dados de Soares (1994), o total de valadarenses emigrados 27.210 o que representaria 11,81% da população da cidade baseando nos dados do censo de 1991 de 230.487 habitantes. As categorias que aparecem na tabela elaborada por Soares representam a maneira como o autor, a partir das entrevistas, caracterizou os emigrantes: Pendulares (6,3%) aqueles que ficam entre os Estados Unidos e o Brasil, geralmente emigrantes legalizados que possuem “green card”, Temporários (27,7%) aqueles que pretendem retornar ao Brasil, Definitivos (30%) - aqueles que efetivamente emigraram e não retornaram à cidade e Retornados (15%)- aqueles que voltaram a cidade e não pretendem retornar. Como podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 2 - Distribuição absoluta e percentual dos emigrantes valadarenses de acordo com a condição migratória

CONDIÇÃO	ABSOLUTA	PERCENTUAL
Pendulares	1714	6,3
Temporários	7537	27,7
Definitivos	8163	30,0
Retornados	4082	15,0
Outra	544	2,0
Condição Ignorada	3265	12,0
**Não forneceu informação	1905	7,0
TOTAL	27210	100,0

FONTE: Soares:1995.

Estes dados demonstram que há características transnacionais na emigração valadarenses, uma vez que parte dos emigrantes vive entre os Estados Unidos e Governador Valadares, pois se somarmos as categorias Pendulares e Temporários perceberemos que constituem uma parcela significativa (30%) do movimento migratório. Neste trabalho, diferentemente de Soares caracterizo todo o universo com o qual trabalhei como transmigrante (Schiller, Blasch e Blanc-Szaton 1991), pois considero que vivenciam duas temporalidades, os Estados Unidos e o Brasil, que colocam em relação tanto aqueles que partiram como aqueles que ficaram. O que corresponderia às categorias Pendulares e Temporários juntas.

Também no sentido de levantar questões para pesquisa sobre os novos fluxos da população brasileira, Ribeiro (1993:16) realizou uma breve síntese sobre os estudos conhecidos até o momento. O autor salienta que esses segmentos populacionais se inserem como minorias étnicas, o que configuraria, para a análise antropológica, um tipo de estudo centrado na questão das novas identidades.

Ribeiro associa os fluxos migratórios para o Paraguai, Bolívia, Estados Unidos e Japão como mais uma faceta do “encolhimento do mundo” provocado pelas transformações no capitalismo mundial. Tais transformações, por colocarem contextos locais cada vez mais em relação com os contextos globais, propiciariam um aumento das alteridades reais ou virtuais com as quais cada indivíduo ou grupo social interage, pois quer seja como viajante, espectador da TV a cabo ou migrante o aumento da carga de informações recebido torna possível encontrar com “outros” radicalmente diferentes de “nós”.

Assim apresenta o caso dos brasiguaios (Sprandel, 1992 apud Ribeiro:17). Os brasiguaios são definidos como brasileiros que extravasam as fronteiras agrícolas para o território paraguaio, o que gera problemas nas duas nações, pois os mesmos exigem novos assentamentos de terra do governo brasileiro, ao mesmo tempo em que entram em conflito com os sem-terra paraguaios.

Da mesma forma, os dekassegui, nipo-brasileiros que emigram para trabalhar no Japão, estudados por Diniz (1992), vivem momentos dramáticos de reencontro com sua “ identidade”. Esta crise de identidade acontece porque, quando saem do Brasil são considerados japoneses e ao chegarem no Japão descobrem que “não são japoneses”, pois embora fisicamente se pareçam com os japoneses, culturalmente não o são. No Japão o ideograma para identificá-lo é “homem bárbaro” o que traz muitas angústias para estes emigrantes que passaram toda vida afirmando sua distintividade em relação aos brasileiros, como japoneses e agora se percebem numa situação de falta de identidade. No caso da emigração de brasileiros para os Estados Unidos o autor retoma o trabalho de Margolis (1994), já comentado.

O presente trabalho procurou ir além das motivações de ordem econômica. No caso da emigração de valadarenses para os Estados Unidos, estes estudos nos conduzem a pensar que, embora a crise econômica seja o fator que desencadeia o processo migratório, esta não explica por que a cidade tornou-se ponto de emigração para os Estados Unidos. O que busquei explicar pela História de Governador Valadares, no item III.

Neste ponto uma observação de Baily e Ramela (1988) acerca dos estudos sobre migrações nos parece relevante. Para estes autores, os estudos sobre imigração freqüentemente apresentam o imigrante como vítima impotente de amplas forças estruturais impessoais, tais como ciclos econômicos e mercado de trabalho. Embora considerando que estes fatores estão presentes na decisão de migrar esta ênfase obscurece as motivações pessoais e ambições dos indivíduos bem como o impacto da experiência sobre os mesmos. Neste sentido, procura-se nas narrativas dos emigrantes - cartas, vídeos, fotos - o significado subjetivo desta experiência, dados importantes para compreender este processo e suas implicações na cultura valadarense .

Os fenômenos migratórios contemporâneos, devido à sua complexidade e implicações políticas, econômicas, sociais e culturais, constitui-se numa questão relevante para as ciências sociais neste final de século.

As imagens e notícias veiculadas pelos meios de comunicação de massa mostrando albaneses chegando em barcos frágeis na Itália, vietnamitas à deriva no mar da China, chineses viajando em porões de navio para os Estados Unidos e brasileiros deportados dos aeroportos internacionais indicam-nos um “planeta em movimento” (World Mídia, Folha de São Paulo, 1991). Os novos movimentos da população mundial constituíram-se ainda, num dos principais temas da Conferência Mundial da ONU (Revista Veja, 1994) sobre população realizada no Cairo, em setembro de 1994.

Os novos fluxos da população mundial, embora representem apenas 2% da população total do planeta (Revista Veja, 1994) deixam apavoradas as autoridades dos países que os recebem e são vistos como ameaça para os habitantes nacionais, muitos deles filhos ou descendentes dos fluxos migratórios do início do século. Desta forma, tanto em alguns países da Europa quanto nos Estados Unidos, nações constituídas em grande parte por contingente migratórios, adotam neste final de século medidas cada vez mais restritivas⁴⁶ aos “novos migrantes”. Mas, afinal quem seríamos novos migrantes? Em que se diferenciam dos imigrantes do séc. XIX?

A mobilidade populacional é um fenômeno que, desde às migrações provocadas pelos grandes descobrimentos, às migrações em massa da Europa nos anos que antecederam as duas grandes guerras mundiais, inquietam os governantes e pesquisadores que têm que lidar com a questão. Há sempre uma tentativa de categorizá-los respondendo a questões como: por que emigram, como, para onde, se são temporários ou permanentes.

As razões para emigrar, tanto no século XIX como neste final de século XX são inúmeras, entre elas: as perseguições políticas e religiosas, as crises econômicas ou o desejo de tentar uma vida

⁴⁶ Se na Europa as políticas restritivas expressam uma nova retórica de exclusão anti-imigrante - o fundamentalismo cultural conforme Stolcke (1993:27), nos Estados Unidos, país com políticas migratórias mais flexíveis, também tem procurado adotar medidas mais restritivas que vão desde maior rigor na fronteira com o México a mais recentemente o projeto de lei aprovado no estado da Califórnia que proíbe o acesso a escola pública dos filhos de imigrantes ilegais, bem como atendimento hospitalar. O projeto de lei é polêmico e gerou protestos dos migrantes nos Estados Unidos.

melhor em outro lugar. O lugar pode ser a “América”, para os emigrantes do século passado e início deste século, ou os países industrializados França, Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra que desde o final da II Grande Guerra recebem contingentes populacionais de suas ex-colônias ou de outros países do chamado “Terceiro Mundo”.

Tais lugares são carregados de significados para os que desejam mudar de vida. Os “novos” ou “velhos” emigrantes, ao partir para terras distantes, depositaram ao partir para estas terras distantes, a esperança e o desejo de uma vida melhor, seus projetos de poupança, o sonho de voltar. É interessante observar que a perspectiva da volta estava implícita no projeto de migrar. Nos vários relatos de emigrantes do final do século XIX e início do século XX a viagem imaginada - era de ida e volta - uma volta, que muitas vezes não se concretizou. Assim, com o passar dos anos, os emigrantes foram constituindo família, estabelecendo-se na sociedade de destino e escrevendo a outros amigos e parentes estimulando-os a vir para terras desconhecidas tentar a vida, e o tempo foi passando... O projeto de migração temporária transformou-se numa migração permanente. A história da migração é feita destes relatos de vidas que cruzaram fronteiras, identidades, línguas e culturas.

O termo novos migrantes, em geral se refere às migrações internacionais que ocorreram após os anos 50 e se intensificam no final do século XX. O novo caráter desses movimentos migratórios está intrinsecamente ligado ao fato de que tais fluxos ocorrem num mundo cada vez menor⁴⁷, com compressão do espaço pelo tempo como consequência do desenvolvimento dos meios de comunicação, transporte e informática. Desta forma, as relações entre aqueles que partiram e aqueles que permaneceram, os investimentos na terra natal, os movimentos de mão-de-obra se processam de maneira mais intensificada e complexa apontando para o contexto transnacional destes novos fluxos.

Ao analisar os recentes fluxos para os Estados Unidos, Portes (1992:08) demonstrou que existem similaridades e diferenças entre os emigrantes do início do século chamados “velhos migrantes” e os “novos migrantes”. As similaridades seriam: a migração para grandes centros urbanos, sua concentração em algumas cidades portuárias e sua capacidade de aceitar os serviços menos remunerados. No que se refere à composição étnica destes fluxos, os “velhos” migrantes eram em sua grande maioria europeus e brancos, já os “novos migrantes” constituem-se em larga

⁴⁷Para a discussão do encolhimento do mundo ver Wolf(1982) , Ribeiro(1994 :14), e Harvey (1993:25).

escala de não-brancos provenientes de países do Terceiro Mundo, evidenciando as diferenças entre os mesmos.

Portes ainda observou que os americanos em geral possuem uma imagem do emigrante como sendo “pobre e mal educado” quando, na realidade, a composição dos grupos imigrantes recentes é de vários países, de diferentes *back-grounds* econômicos e sociais e emigraram por várias razões. Portanto, aponta para a diversificação das migrações que procedem de vários países e com composições etárias, étnicas e de gênero muito amplas.

Esta diferença pode ser melhor compreendida, ao contextualizarmos as migrações internacionais no conjunto de transformações do capitalismo mundial. As migrações expressariam no nível da divisão internacional do trabalho, o processo da incorporação das periferias aos centros hegemônicos.

Sales (1992:51) e Ribeiro (1992), afirmam que as migrações internacionais estão relacionadas ao novo quadro de relações estabelecidas entre os países no pós-guerra. Neste cenário países não capitalistas e nações recém-libertas do sistema colonial foram incorporadas ao sistema econômico mundial, expressando a internacionalização cada vez maior da economia. Este fenômeno é decorrência do próprio desenvolvimento do capitalismo e resultou na expansão desse modelo econômico em escala global. Esta expansão foi denominada por Wallerstein (1976:346) como *“Sistema Mundial - uma arena, ou divisão do trabalho, dentro do qual mais de um grupo ‘cultural’ existe, mas que pode ou não estar politicamente unificado”*.

Uma das facetas dessa expansão capitalista foi a utilização de mão-de-obra dos países subdesenvolvidos ou ex-colônias recém-libertas como imigrantes temporários nos países do Primeiro Mundo. Esta imigração de mão-de-obra fazia parte de programas governamentais de recrutamento de trabalhadores imigrantes temporários, como argelinos para a França, turcos na Alemanha e indianos na Inglaterra (World Mídia:1992). Na França, Alemanha e Suíça foram denominados os “Guest Work Program”; nos Estados Unidos de “Bracero Program” (Sales, 1992).

A análise de Sayad (1991:88-89) sobre a emigração de argelinos para a França, exemplifica como estes programas de recrutamento de trabalhadores temporários transformaram trabalhadores imigrantes intermitentes para um estado permanente. A França foi o primeiro país a utilizar, para fins industriais, da mão-de-obra proletarizada dos países subdesenvolvidos, no caso sua ex-colônia mais populosa - a Argélia. Por outro lado, a Argélia profundamente transformada pela colonização, tornou-se o primeiro país a recorrer à emigração de homens, então disponíveis para o trabalho

assalariado, para países que demandavam mão-de-obra, como no caso da França. Diferente dos demais fluxos dos países subdesenvolvidos que o sucederam, os emigrantes argelinos possuem duplo estatuto - de colonizados na Argélia e de trabalhadores imigrantes na metrópole. Esta emigração representou o início de um tipo de fluxo migratório: a migração de trabalhadores temporários para os países desenvolvidos que, no pós-guerra, necessitavam de mão-de-obra, tornando-se uma forma de inserção destes países na economia globalizada.

No caso dos Estados Unidos, as duas últimas décadas do séc. XX têm se caracterizado pelo aumento qualitativo e quantitativo da imigração. A década de 80 marca o retorno da caracterização deste país como nação de imigrantes. Segundo Portes (1992:7-8), os estrangeiros nascidos nos Estados Unidos⁴⁸ representavam em 1980, 14,1 milhões da população americana, ou seja, 6,2% do total da população e, embora este número seja inferior aos do início do século, é um dado crescente.

Esses imigrantes temporários tornam-se, entre os anos 70 e 90, essenciais para as economias dos países importadores de mão-de-obra. Segundo Ribeiro (1992:32), tais trabalhadores imigrantes, recém-ingressos no mercado, ocupam posições inferiores aos trabalhadores nacionais o chamado mercado secundário. O imigrante seria contratado segundo suas características étnicas e ocuparia o mercado secundário caracterizado por serviços não qualificados, baixos salários, ausência de garantias sociais e longas jornadas. Portanto, o fator étnico atua como segmentador do mercado de trabalho. Estes programas de migração temporária são considerados por vários autores como causadores dos fluxos clandestinos que os sucederam (Sales,1991:24).

O presente estudo não tem por objetivo analisar a organização do trabalho, entretanto, tais dados são importantes para demonstrar o “lugar” do imigrante que vai “fazer a América”. Tal contexto interessa-me à medida que o emigrante valadarense faz parte do contingente de trabalhadores imigrantes ilegais e isto se reflete na vida pessoal dos sujeitos que vivem o processo, que analisei no item IV - uma cartografia da emigração.

Sassen (1988), partindo da perspectiva de sistema mundial analisa as transferências transnacionais de mão-de-obra sugerindo que as migrações contemporâneas têm motivações mais complexas que a relação superpopulação, pobreza, estagnação econômica, buscando suas origens tanto no global quanto no local.

⁴⁸- Diferentemente dos filhos de emigrantes nascidos na Europa, quando nascem nos Estados Unidos os filhos de imigrantes são considerados cidadãos americanos.

Nesse sentido, pode-se argumentar que a emigração de valadarenses para os Estados Unidos pode ser explicada como uma combinação de fatores locais - cultura migratória da cidade constituída basicamente por migrantes, as remessas dos primeiros emigrantes, as redes de relações estabelecidas entre os Estados Unidos e a cidade - em articulação com o contexto global: a forma particular de inserção desta cidade numa economia internacionalizada, ainda na década 50, quando se estabeleceram os primeiros contatos com os Estados Unidos (ver item III).

Portanto, as migrações contemporâneas são uma expressão contundente da re-articulação entre o global e o local criando um campo social entre os dois lugares - transnacional. A possibilidade de “estar aqui... estar lá...” permite ao emigrante contemporâneo atravessar fronteiras nacionais em busca de trabalho e, ao mesmo tempo, manter suas relações familiares, afetivas, econômicas e culturais com a terra natal, estabelecendo uma complexa rede de relações entre a sociedade de origem e a sociedade de destino.

OS EMIGRANTES BRASILEIROS E OS PEQUENOS BRASIS NOS ESTADOS UNIDOS

As migrações contemporâneas colocam para Antropologia uma importante questão: como o processo de interseção de culturas que caracteriza a globalização cultural ao mesmo tempo em que é homogeneizador (pois ao aproximar culturas nos dá a impressão que as diferenças entre os povos estão diluindo), possibilita também a reposição das diferenças? Esta noção de sistema mundial recoloca para os antropólogos a necessidade de articular o estudo do particular, da diferença sem perder a perspectiva do contexto global onde estas se processam.

Este processo de globalização econômica é acompanhado de modificações no plano tecnológico - melhoria das comunicações, dos meios de transportes, fazendo com que regiões distantes entrem em contato de forma rápida, que culturas se relacionem com tal intensidade que a impressão é que vivemos numa Aldeia Global. Entretanto, a globalização cultural não pode ser reduzida a consequência da globalização econômica. O seu processo parece bem mais complexo pois, embora a tendência da globalização seja a diminuição das diferenças num processo homogeneizador, no plano cultural ela convive com reinterpretações dos indivíduos que vivem estes processos de estar entre o local e o global.

Na antropologia, esta noção de sistema mundial foi introduzida por Wolff (1992), numa tentativa de trazer o nível global de análise para o estudo dos sistemas culturais. É importante ressaltar que esta transposição do conceito não foi realizada sem a crítica a Wallerstein e a forma como trabalha com o conceito de cultura⁴⁹. Entretanto, Montero (1993:165) reconhece que *“o conceito de sistema mundial coloca na pauta dos antropólogos a necessidade de reflexão a respeito de um duplo fenômeno, aparentemente contraditório: a expansão da lógica capitalista para outros sistemas culturais leva, por um lado, à aproximação das culturas, e gera, por outro, mecanismos de reposição das diferenças”* (ver também Friedman, 1990:311-328).

Isto significa que a tendência homogeneizante da expansão capitalista ao transformar o mundo numa aldeia global, não realiza no plano cultural a mesma homogeneização que ocorre no plano econômico, deparando-se com a própria dinâmica cultural das sociedades modernas. Isto implicaria não numa assimilação e aculturação passiva por parte dos povos que se inserem nesta nova ordem, mas na recriação das diferenças.

Este processo se evidencia, por exemplo, na explosão dos localismos étnicos e religiosos deste final de século, com cada grupo reivindicando a sua identidade local em detrimento da identidade nacional o que resultou em toda a fragmentação política na Europa. A emigração contemporânea, ao possibilitar que uma pessoa saia do interior de Minas Gerais pegue um avião e desça no aeroporto Kennedy em New York como se fosse algum lugar próximo e conhecido, evidencia também uma articulação entre o nível local - a cultura mineira e o global - a cosmopolita New York - possibilitando a estes emigrantes contemporâneos, múltiplas relações entre a sociedade hospedeira e a sociedade de origem. Estes fenômenos, embora expressem facetas diferenciadas do processo de globalização, demonstram esta característica da pós-modernidade que é a fragmentação.

Para o antropólogo, considerar o processo de globalização na análise modifica o “lugar antropológico”, à medida que este processo diminui as distâncias ao facilitar os deslocamentos no espaço, possibilita maior interação entre o local e global fazendo com que muitos de nossos objetos espalhem-se por vários lugares.

O lugar antropológico para Ponty (apud Augé, 1993:85) é o *“lugar existencial, lugar de uma experiência de relação com o mundo, de um ser essencialmente situado em relação com o meio”* que nos remete a

⁴⁹ Segundo Montero (1993:164) a análise wallersteiniana reduz a cultura a um conjunto de instrumentos ideológicos de um lado, e a um complexo de reações ao impacto cultural de outro. Para entender a crítica de Montero e o debate em torno do conceito de cultura num mundo global ver Wallerstein (1990:31-55, 63-66) e Boyne (1990:57-62).

idéia de identidade. A desterritorialização das relações sociais provocadas pelas experiências migratórias, uma vez que as relações ultrapassam as fronteiras espaciais e articulam lugares distantes, sugerem um lugar em que não podemos definir “*nem como espaço de identidade, nem como relacional, nem como histórico*”, lugar este que Augé denominou ‘não lugar’.⁵⁰

Neste sentido, o conceito de não lugar pode nos ajudar a compreender o fluxo migratório Governador Valadares-Estados Unidos, pois os Brazucas não têm um lugar muito claro e circunscrito nos Estados Unidos como outros grupos migratórios estabelecidos há mais tempo no país. A presença brasileira ainda é difusa nas cidades, concentrando ao redor de antigos núcleos de imigrantes portugueses e outros latinos. No entanto, ao mesmo tempo que não são um grupo muito visível - a ponto de serem chamados de “comunidade invisível” (Margolis, 1994) - os emigrantes, na região de Boston recriam pequenos Brasis. Nestas grandes cidades americanas pós-industriais repletas de não lugares - lugares de passagem onde todos são anônimos, os brasileiros recriariam espaços dentro das várias identidades americanas. Em alguns lugares como Allston, Sommerville, Cambridge, Framingham, Everett os brasileiros de diferentes regiões tornam-se mais visíveis. As lojinhas de produtos brasileiros, que podem ser consideradas como o que Georges (1992) classifica como *comércios étnicos*, se espalham pelas cidades americanas, o crescimento das igrejas brasileiras, tanto católicas quanto protestantes, os times de futebol formados por emigrantes, os bares e discotecas que tocam músicas brasileiras indicam essa presença brasileira nos Estados Unidos difusa, informal e fragmentada. Os brasileiros ao recriarem estes pequenos Brasis reelaboram suas identidades neste contexto de culturas em contato.

AS MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E O ENFOQUE TRANSNACIONAL

Para abordar os novos fluxos migratórios Schiller, Basch e Blanc-Szaton (1992) sugeriram a adoção da transnacionalização como um novo campo analítico para compreensão da migração. Este

⁵⁰ Segundo AUGÉ (1993:83), a pós-modernidade é produtora desses não lugares, desses espaços que não são em si antropológicos e que, ao contrário, não integram a modernidade baudeleriana, não integram lugares antigos (estes catalogados e promovidos à categoria de “lugares de memória”); ocupam ali um lugar circunscrito e específico, seriam lugares de passagem que por terem esta característica não permitiriam a criação de identidade, uma vez que não produziriam memória coletiva. Seria o caso das estações de trem, metrô, dos aeroportos, dos hipermercados, dos caixas automáticos expressões destes não lugares onde os indivíduos circulam.

conceito foi formulado a partir de pesquisas com vários grupos de migrantes para os Estados Unidos: caribenhos, haitianos e filipinos.

Realizando um breve histórico sobre os estudos de migração, as autoras afirmam que a palavra migrante evoca imagens de ruptura permanente, de abandono de velhos padrões e aprendizado difícil de uma nova língua e cultura. Ao olharem para o imigrante sob esta perspectiva, como rapidamente assimilados ou aculturados pela sociedade de destino, tais estudos obscureceram os dados sobre as ligações com o lar, o país de origem. Esta perspectiva é constatada também nos estudos brasileiros sobre imigração⁵¹. Entretanto, como as migrações internacionais assumem um novo caráter a partir da década de 50, não havendo a ruptura definitiva com o país de origem, conforme já foi salientado discussão sobre os novos migrantes, os sujeitos que vivem este processo também experimentam outro tipo de relação, tanto com a sociedade hospedeira, como com a sociedade local, construindo um singular campo social.

Diferentemente desses estudos, as referidas autoras ao compararem os dados de suas pesquisas perceberam que os novos migrantes mantêm múltiplas relações sociais entre o local de emigração e a sociedade hospedeira. Os imigrantes passam a ser chamados de transmigrantes quando desenvolvem e mantêm múltiplas relações - familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas que ampliam as fronteiras colocando em interrelação o global e o local (Schiller, Basch E Blanc-Szaton: 1992).

O enfoque transnacional enfatiza a emergência de um processo social que cruza fronteiras geográficas, culturais e políticas. No plano teórico, Schiller, Basch e Blanc-Szaton (1992) argumentaram que, embora na literatura sobre migração ocorressem algumas descrições e caracterizações no sentido de transnacionalização, estes estudos, por estarem centrados na sociedade hospedeira e na inserção do imigrante na mesma, não se constituíram numa nova abordagem para o estudo do fenômeno.

⁵¹ Fausto (1991) numa análise da historiografia sobre a imigração estrangeira para São Paulo, destaca que os estudos sobre a interação do imigrante com a sociedade nacional estão marcados pelos enfoques onde a assimilação e a aculturação são as premissas básicas para compreender os imigrantes. O autor analisa tendências recentes como o estudo de Giralda Seyferth que introduziu o conceito de etnicidade para analisar as relações entre os imigrantes e a sociedade local. O autor, neste ponto dialoga, com as modificações nos enfoques teóricos sobre migrações internacionais nos Estados Unidos onde saiu-se da noção de "Melting pot" para a de pluralismo cultural colocando-o como perspectiva adequada para os estudos migratórios por não partirem a priori da noção de assimilação ou aculturação.

A caracterização dos emigrantes como rapidamente assimilados pelas sociedades hospedeiras conduziu a uma perspectiva nas ciências sociais que procurava dar conta da mobilidade destes fluxos categorizando-os como imigrantes “temporários”⁵², “retorno de imigrantes”, migrantes “permanentes”. Para as referidas autoras, os estudos clássicos de migração, ao elaborarem estas categorias não perceberam que os emigrantes mantinham suas relações com a sociedade de origem, não em contradição, mas em conjunção com sua sociedade hospedeira. Por isso, os cientistas não passaram do nível descritivo ao enfatizarem o caráter singular e distintivo de tais fenômenos, mais do que percebê-los como parte de um fenômeno global.

Esta crítica da perspectiva transnacional ao enfoque tradicional sobre as migrações é fundamental para entendermos por que o fluxo Valadares-Estados Unidos faz parte deste processo e, por isso, embora os próprios migrantes se autodenominem temporários ou permanentes, pode-se caracterizar que a situação de grande parcela é de transmigrante. Neste sentido, também priorizei a literatura americana sobre migração, pois é a que contempla este enfoque, que procura articular o global e o local.

Esta é a grande diferença entre os “velhos migrantes” e os “novos migrantes” pois, ao viverem entre dois campos sociais que envolvem múltiplas relações e conexões entre a sociedade hospedeira e a sociedade de origem, não estão sendo forçados a abandonar velhos padrões e se adaptarem a novas circunstâncias, mas criando um singular campo social que só é possível dentro de um mundo globalizado.

Desta forma, o local e o global estão bem mais inter-relacionados que nas primeiras vagas migratórias. Isto não quer dizer que os primeiros fluxos migratórios ocorreram sem que as comunidades de origem se modificassem, mas que a natureza e intensidade das modificações

⁵² Num estudo sobre imigrações temporários Martins (1988:45) afirma que migrar temporariamente é mais do que ir e vir - é viver em espaços geográficos diferentes, temporalidades dilaceradas pelas contradições sociais. Ser migrante temporário é viver tais contradições em duplicidade; é ser duas pessoas ao mesmo tempo, cada uma constituída de relações sociais historicamente definidas; é viver como presente e sonhar como ausente. (...) Se em termos demográficos - o temporário - é essencial para o estudo das temporárias, em termos sociológicos o essencial é a concepção de ausência. É temporário, na verdade, aquele migrante que se considera a si mesmo “fora de casa”, “fora do lugar” ausente, mesmo quando em termo demográficos tenha migrado definitivamente. O migrante temporário não cumpriu e não encerrou o seu processo de migração nos seus dois momentos extremos e excludentes: a dessocialização nas relações sociais de origem e a ressocialização nas relações sociais de adoção. Esta idéia de ressocialização e dessocialização pode ser útil para compreendermos a ambiguidade que vive o emigrante valadarense nos Estados Unidos. Entretanto, embora perceba as ligações com o lar e o país de destino ao colocá-los como excludentes e extremos distancia-se do conceito de transnacionalização pois, este enfatiza a manutenção das relações e não a sua separação parecendo-nos portanto, mais adequado para tratar desta problemática.

alteraram-se profundamente, pois o processo de globalização cultural interfere nas percepções e sentimentos individuais em relação a esta experiência.

Segundo Jones (1992), quando os estudos sobre emigração categorizam os emigrantes como temporários ou permanentes não contemplam a complexidade dos fluxos contemporâneos. O autor também dentro do enfoque transnacional procura sintetizar algumas características dos imigrantes transnacionais: os migrantes mantêm ligações com a família na sua terra natal, não estabelecem residência permanente na sociedade hospedeira, as pessoas retornam para viver em seus países em algum momento de suas vidas; estão em mobilidade social ascendente. Analisar os investimentos, tanto na sociedade hospedeira como na sociedade de origem, é enfatizar mais os aspectos sociais e culturais que os aspectos econômicos fazendo uma exceção a Lessinger⁵³; a permanência da família extensiva cujas relações se mantêm além dos limites nacionais.

Partindo dessa caracterização, Jones (1992:219-220) afirma que o conceito de transnacionalização possui três premissas centrais: a primeira seria o problema dos limites da unidade social, a segunda é que a experiência do imigrante transnacional está inexoravelmente ligada às condições do capitalismo global e a terceira que a existência do migrante transnacional coloca-nos para re-conceitualizar as categorias de nacionalismo, etnicidade e raça. O autor destaca a ausência do conceito de classe social. Desta forma, sugere que a transnacionalização é ao mesmo tempo um produto do capitalismo e contribui para a expansão deste, sugerindo que se poderia situar a migração no contexto da transformação de classe, o que implicaria em reconhecer que a produção e reprodução de classe, não é simplesmente um fenômeno socio-econômico, mas também um fenômeno político cultural.

A caracterização de Jones evidenciou as possibilidades e limites do conceito de transnacionalização. As possibilidades estariam relacionadas a esta perspectiva perceber o emigrante entre dois lugares. O limite seria o fato desta análise contribuir para legitimar a forma de inserção excludente dos países do Terceiro Mundo nesta economia mundial, fornecendo mão-de-obra barata para ser explorada. Entretanto, creio que estes limites apenas nos alertam para que o conceito de transnacionalização não englobe estas diferenças. O fato do conceito nos permitir “olhar” para os

⁵³ LESSINGER, Johanna. Investing or Going Home? A transnational strategy among Immigrants in the United States. Discute partindo da análise dos investimentos dos indianos não residentes na terra natal as tensões geradas entre indianos residentes e não residentes sobre a questão da identidade.

dois lugares, a sociedade de destino e a de origem, possibilita-nos perceber que o emigrante ilegal, embora explorado, consegue tirar algumas vantagens de sua situação no caso usufruir de algumas prerrogativas do “*welfare state*” americano. Estar entre dois lugares por mais problemático que possa ser no plano das relações familiares e afetivas aciona novos valores, padrões e normas no contexto local que ajudaram-me a perceber como o fluxo de valadarenses guarda semelhanças com os fluxos de outros grupos emigrantes para os Estados Unidos.

Schiller, Basch e Blanc-Szaton apresentaram alguns relatos de imigrantes que evidenciam estas vidas estruturadas em dois lugares. Este exemplo contribui para explicitar possíveis correlações com a emigração de valadarenses para os Estados Unidos. Neste texto aparecem sentimentos de ambigüidade comuns também aos emigrantes valadarenses: a idéia de uma casa nos Estados Unidos e outra no Brasil e a constatação da falta de significado da vida porque se está fora do seu lugar.

“Um grupo de imigrantes haitianos realizava sua reunião regional. Na ocasião, o depoimento de um doutor de sucesso, expressou esta ambigüidade - embora tenha uma prática lucrativa, um confortável estilo de vida em New York e uma casa na sua cidade natal a qual ele regressa todo ano “ não importa ” afirmou o doutor. Como ele declarou “ Eu estou fazendo dinheiro, mas não estou feliz. A vida não tem significado.” (Schiller, Basch e Blanc-Szaton, 1992:02)

Este sentimento de “estar fora do seu lugar” é similar ao do emigrante valadarense. Um imigrante valadarense há sete anos na “América” expressou esta ambigüidade ao falar-me sobre o desejo de voltar e sua infelicidade nos Estados Unidos:

“Estou muito deprimido não tenho vontade de ficar em dois trabalhos desde que meus pais retornaram ao Brasil, sempre que vem alguém aqui a gente tem vontade de voltar. Aqui na América é lugar para juntar dinheiro, não para viver! Não sou feliz aqui. No final deste ano se tudo der certo vou comprar minha casinha e retornar, mas tenho medo da readaptação A gente acostuma com o estilo de vida aqui nos Estados Unidos tenho dois carros, um bom salário, como vou conseguir isto no Brasil? Tenho T.V., filmadora, compact disc, microwave, brinquedos para o meu filho não teria tudo isso no Brasil, mas lá é minha terra tenho saudade eu tenho que tentar voltar se não sempre ficarei pensando como teria sido.” (José Mario, depoimento concedido nos Estados Unidos)

Viver esta fragmentação representa para o emigrante ter este sentimento ambíguo em relação à terra natal e a de emigração fazendo com que esta nunca se efetive por completo. O emigrante mantém-se ligado com o local de origem: constrói uma casa, investe dinheiro, gasta “uma grana” com ligações internacionais, traz presentes, leva parentes e amigos, cria redes de emigração, tem

saudades da terra e a despeito de todas as dificuldades que possa enfrentar como emigrante ilegal: dificuldades com a língua, moradia, trabalho, vida disciplinada, a discriminação e o racismo, também constrói relações com a sociedade de imigração. Assim, o migrante cria as compensações: a possibilidade de voltar ao Brasil nas festas de fim de ano, o fato dos filhos freqüentarem escolas americanas, os bens “modernos” que possui em sua casa temporária nos Estados Unidos, o fato de ganhar um salário muito acima do que teria no Brasil. A comparação é sempre feita em relação ao Brasil e faz com que este projeto temporário se estenda, mas ao mesmo tempo, pelas características acima citadas, não se pode enquadrá-los como emigrantes permanentes.

Pode-se ainda argumentar que esta ambigüidade, estar aqui e estar lá é característica dos imigrantes da primeira geração. Com o passar dos anos, já não sentiriam tanta falta da terra natal e já se sentiriam mais integrados à sociedade hospedeira.. Entretanto, o que o enfoque transnacional propõe é justamente que, dadas todas as possibilidades de comunicação e transporte contemporâneos, torna-se efetivamente mais fácil manter-se em contato. Esta seria a identidade multifacetada do emigrante dos novos tempos.

Feldman-Bianco (1992), em estudo realizado com emigrantes portugueses e seus descendentes nos Estados Unidos, discute como o Estado Português e os próprios migrantes reconstróem sua identidade de nação portuguesa a partir do conceito de “saudade”. A autora ainda destacou que, num contexto de mundialização da economia, este processo de culturas em contato evidencia a intensificação e redefinição da transnacionalização.

Da mesma forma, a “saudade” é apontada pelos emigrantes valadarenses como uma das maiores dificuldades na América. É um sentimento que expressa a infelicidade de estar fora de seu lugar. Embora no caso brasileiro tenha diferentes significados em relação ao português, pois não somos uma nação cuja emigração seja constitutiva da nossa formação, a saudade também aponta para o sentimento de brasilidade de ligação com o local, com a terra. Uma emigrante relatou-me que a “terra chama” quando me falava da perspectiva da volta.

“THE BIRD OF PASSAGE ARE ALSO WOMEM” - GÊNERO, FAMÍLIA E EMIGRAÇÃO

Ao longo de todo o trabalho de campo e pesquisa teórica procurava entender, e era questionada - como relacionaria gênero e migração? Questão que me angustiava, pois não desejava

fazer um estudo sobre mulheres, como diziam algumas pessoas, mas das relações entre homens e mulheres, ou seja, das relações de gênero entendidas aqui como “a organização social das relações entre os sexos” Scott (1990:5). É importante deixar claro que as relações de gênero não estão pensadas aqui apenas como relações entre homens e mulheres, mas também nas relações familiares. Neste trabalho, falar de gênero é também falar de família, pois são nas relações familiares que as transformações dos papéis de gênero irão se evidenciar.

Além de pensar nas relações de gênero no processo de emigração, procurei também dar relevância ao crescente contingente de mulheres nas migrações internacionais complexificando as análises que ao englobarem a mulheres no termo emigrante acabam privilegiando o olhar masculino. Desta forma, procuro “desnaturalizar”, no sentido proposto por Flax (1992) onde o masculino engloba o feminino, a perspectiva de senso comum que trata o emigrante englobando o feminino e categorizando-o geralmente como homem e jovem.

Assim, quando Morokvasic (1984) parafraseou o trabalho de Piore afirmando que “os pássaros de passagem, também são mulheres”, a autora estava questionando invisibilidade das mulheres nos estudos de migração e destacando a importância das mulheres nos fluxos migratórios contemporâneos. Da mesma forma, Weiner (1976) e Grossi (1993) questionaram os autores clássicos da antropologia. Weiner (1976) demonstrou que Malinowski, ao realizar o seu famoso trabalho nas Ilhas Trobriand, percebeu apenas o cerimonial masculino – Kula - e não percebeu a existência de rituais femininos - o Dala - riqueza das mulheres, ligadas às cerimônias de vida e de morte realizado entre as mulheres trobriandesas. As autoras, ao retomarem estudos clássicos e procurarem dar visibilidade às diferentes formas de inserção das mulheres, convidam-nos a relativizar o olhar sobre o processo migratório e adotar uma perspectiva que contemple homens e mulheres migrantes e não apenas um olhar que coloca os homens e jovens como sendo “o migrante”.

Segundo Bilac (1994:01), o aumento da participação feminina nas migrações internacionais, a qual denomina “feminização” dos deslocamentos populacionais, seria uma característica dos “novos” processos de mobilidade territorial, associados às “novas formas de produzir” - em síntese ao “novo” momento de acumulação capitalista emergente da crise dos anos 70.

Estas reflexões que generificam o substantivo migração, remeteram-me a pensar o significado da experiência imigratória para homens e mulheres como rearticuladora das relações de gênero. As relações de gênero aqui são tomadas como categorias analíticas (Grossi, 1990) para

compreender processos sociais que levam a rearticulações de valores, normas e padrões e ajudamos a questionar o que ocorre com as relações familiares e afetivas, as novas subjetividades que esse processo vem gerando. Ainda procurando destacar a importância das relações de gênero, Feldman-Bianco & Huse (1993:47) analisaram a experiência de várias gerações de mulheres portuguesas emigrantes que vivem duas culturas propondo uma alternativa de análise ao enfoque sobre imigração. Criticando alguns estudos clássicos sobre emigração, as autoras afirmam que:

“(..) ao categorizar os imigrantes a priori enquanto operários ou grupos étnicos, ou então a impor paradigmas feministas, enfatizando a dupla jornada de trabalho feminino e relações de poder entre os sexos. À medida que não levam em consideração como homens e mulheres imigrantes reinterpretem e simbolizam seu passado anterior à emigração no contexto de suas trajetórias de vida entre culturas, grande parte destes estudos sobre imigrantes deixa de captar as complexidades que envolvem a (re)construção das posições de classe, da etnicidade e da relação de gênero no contexto da imigração.”

Num estudo sobre migração alemã para as colônias de Blumenau, Wolff (1991:10) demonstra que também nas emigrações do início do século o contingente feminino era significativo, constituindo quase metade dos alemães que vieram para o Brasil neste período. Ao fazer o recorte de gênero a autora percebe que :

“(..) tais mulheres, tinham formação diferenciada, lazeres e trabalhos específicos que eram vivenciados juntamente com os homens e contribuíram para o sucesso econômico das colônias embora não apareçam como os pioneiros alemães”.

Wolff (1991) procurou demonstrar que as mulheres da colônia de Blumenau tiveram suas vidas transformadas pela migração à medida que tiveram que trabalhar juntamente com seus cônjuges para o sucesso do empreendimento na migração. Esta invisibilidade já havia sido demonstrada por Michelle Perrot ao se propor a escrever uma história das mulheres como tentativa de tornar visível a participação feminina nos processos sociais dentro de uma perspectiva que considera as práticas sociais como permeadas por relações de gênero.

No caso brasileiro, embora o número de mulheres seja quantitativamente menor (Bicalho, 1989; Goza, 1992), observa-se um crescimento no contingente de mulheres migrantes. Quando ouvimos um pai falar com orgulho da filha que foi sozinha para os Estados Unidos e está construindo um prédio com dinheiro vindo da “América”, contar sobre o casamento da filha nos Estados Unidos dentro dos padrões americanos, os relatos de mulheres que se separaram e foram

reestruturar suas vidas nos Estados Unidos, os relatos de como as mulheres têm vivido a espera, criando novas situações como a infidelidade, novas conjugalidades e a homossexualidade feminina apontam para novas representações, tanto da experiência migratória, quanto do papel das mulheres na sociedade valadarense.

No caso dos emigrantes valadarenses, quais as modificações nas relações de gênero quando, diante do processo migratório transnacional, homens e mulheres vivenciam novas subjetividades? Esta situação, ao promover a transnacionalização das relações familiares implica também na transformação das relações de gênero. Ou seja, quais os novos papéis de gênero masculino e feminino que emergiram desta experiência? Como compreender esta rede de relações que se mantém entre maridos que deixam suas mulheres no Brasil ou vice-versa; mães que vão aos Estados Unidos para cuidar do casamento de suas filhas, ou nascimento dos netos; filhas que se casam por procuração e emigram - mas afirmam que vão regressar para casar no religioso no Brasil e pedem para guardar o enxoval - avós que ficam com os netos no Brasil enquanto os pais emigram? Para contribuir para esta reflexão os artigos de Georges (1992) e Feldman-Bianco (1993) trazem importantes questões para pensarmos a experiência migratória e as modificações nas relações de gênero.

O texto de Georges (1992) enfoca as modificações nos padrões de subordinação de gênero e classe a partir da experiência migratória de homens e mulheres na República Dominicana. Utilizando a abordagem da transnacionalização, a autora enfatiza as modificações que ocorreram numa vila a partir do processo de emigração, interferindo nas vidas de pessoas que nunca emigraram demonstrando a incorporação de uma vila dominicana dentro de uma economia global. No que se refere às relações de gênero, destaca como as remessas de dinheiro são utilizadas como forma de controle das mulheres casadas de classe média que têm que se “comportar bem” (manter-se fiel) - para receber os benefícios do marido emigrado. Por outro lado, as mulheres de classes mais baixas, que não teriam condições de emigrar, também se beneficiam destas remessas de dinheiro e bens de consumo através de ligações informais, tornando-se amantes de imigrantes. A contrapartida desta relação é que estas mulheres podem pedir ao governo dominicano que obrigue os amantes a reconhecerem os filhos destas relações ajudando-os financeiramente. Para ambos os grupos de mulheres, portanto, este processo transnacional tem provocado mudanças sociais e econômicas importantes que interferem nas relações de gênero.

Um estudo realizado em Governador Valadares enfocando as esposas dos Brazucas traz depoimentos ilustrativos das formas de controle da moralidade das mulheres quando os maridos emigram e das alternativas que estas criam para driblarem esta vigilância. Para o controle da moralidade, em alguns casos, assim como as mulheres dominicanas, as mulheres têm as remessas de dinheiro entregues nas mãos do sogro como forma do marido controlar sua fidelidade. Neste ponto devemos nos lembrar que nas atribuições de gênero feminina os conceitos de honra e vergonha são essenciais para definir o “lugar” das mulheres nas sociedades mediterrâneas. As mulheres para driblar esta vigilância encontram alternativas para escapar destes controles. Em um dos depoimentos deste estudo, uma mulher relata, por exemplo, que a homossexualidade pode ser uma solução ao problema “(...) *como não me permito arrumar um homem, passei a ter relacionamento com a minha cunhada. Quando meu marido regressar tudo voltará ao normal*” (Aiala, Goreth et alli, 1991:19).

Este estudo, associado aos dados do trabalho de campo demonstra que, as motivações para migrar também são diferentes para as mulheres. Muitas mulheres emigram para acompanhar seus noivos realizando casamentos por procuração, freqüentes na cidade, outras emigram para se livrar de padrões morais rígidos como virgindade ou ainda para fugir do preconceito em relação à homossexualidade feminina, outras ainda para se tornarem independentes financeiramente e conquistarem mais autonomia. Ao centrar nas mulheres quero apenas evidenciar que as mulheres têm um padrão migratório diferenciado dos homens, o que revela que o processo migratório é perpassado por gênero. Desta forma, as mulheres deixam de ser vistas apenas como “aquelas que esperam”, mas como parte desse movimento de “fazer a América” demonstrando a pertinência da análise do gênero para os novos fluxos da população brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agora de volta ao começo. Imagino-me quando recebi as cartas, quando iniciei a pesquisa parecia-me um caminho tão longo até chegar ao texto final, estava diante de um grande quebra-cabeça... Releio a pesquisa e percebo como esta cartografia da emigração dos valadarenses para os Estados Unidos foi se tornando um conjunto de “relatos de intimidade” dos emigrantes. Entre os objetivos iniciais, fazer um relato subjetivo da experiência migratória e o que efetivamente foi feito, uma cartografia da emigração, onde aparecem os sonhos, os desejos, decepções, espalhados pelos vários “relatos de intimidade” dos emigrantes, a pesquisa foi adquirindo outros contornos e colocando questões que percorreram a mesma, como a importância das relações familiares para a concretização do projeto de “fazer a América”. Até chegar a este ponto, fui montando os vários dados que emergiram a fim de realizar um mapeamento da emigração de valadarenses para os Estados Unidos o qual denominei - cartografia da vida entre dois lugares. É este mapeamento que me permitiu sair de Governador Valadares, passar pelos Estados Unidos, analisar as cartas e discutir o Brasil no contexto das migrações internacionais.

Assim esta cartografia começou com a reconstrução do histórico da imigração. A partir de relatos dos emigrantes da década de 60, percorri as trajetórias dos que foram e retornam até chegarmos aos emigrantes da década de 80. Para tanto, foram combinadas informações obtidas nas cartas, com entrevistas dos emigrantes pioneiros. Desta forma, apontei para as modificações na vida cotidiana da cidade, desde a dolarização até as mudanças nas relações familiares, bem como para explicações sobre por que a cidade tornou-se o ponto de partida para os fluxos migratórios na década de 80.

Desta forma, *“lá e aqui”*, reuni inicialmente dados sobre o histórico da imigração, entrevistei emigrantes da década de 60 e dos anos 80-90. Estar lá, que foi o trabalho de campo nos Estados Unidos, permitiu a ligação das histórias que estava lendo nas cartas com a vida cotidiana nos Estados Unidos, revelando as contradições e ambigüidades do projeto com relação a volta e indicando para novos padrões de gênero e família. Na realidade, os dados demonstraram que foi se construindo um relato acerca das trajetórias de emigrantes e suas famílias nos quais estes dois momentos misturavam-se, são valadarenses falando de suas idas e vindas. A ambigüidade do título do item

traduz a própria ambigüidade do projeto - “Fazer a América”. Portanto, ao percorrer a trajetória dos emigrantes, desde os pioneiros da década de 60, aos emigrantes da década de 80, pode-se concluir que se estabeleceu, desde a década de 50 em Governador Valadares, um campo de relações sociais que explicam a “conexão USA” na década de 80.

Com relação a viagem aos Estados Unidos, podemos caracterizar o emigrantes como de classe média, nível médio de escolaridade e jovens entre 20 e 40 anos, conforme apontam outros estudos. Além das entrevistas realizadas com os emigrantes, constatou-se que a comunidade brasileira vem crescendo. Neste sentido, a expressão “comunidade invisível” utilizada por Margolis (1992, 1994) deve ser questionada, pois os restaurantes, lojas de produtos brasileiros, igrejas católicas e evangélicas, escolas que procuram atender o crescente número de crianças brasileiras, são indicativos de que esta comunidade articula-se de forma fragmentada, não necessariamente invisível.

No item IV procurei reconstruir as trajetórias dos emigrantes a partir de seus relatos - cartas, fotos e outros documentos. As narrativas foram priorizadas para evidenciar o significado subjetivo desta experiência. À medida que as cartas foram sendo analisadas, estas revelaram que o que estava denominando subjetividade estava se configurando como relatos da intimidade, da vida privada. Estes dados foram reveladores, à medida que explicitaram sentimentos dos emigrantes que são relatados aos seus familiares, demonstrando que estas criam significados para os vários momentos da vida na “América”. Através delas pude reconstruir momentos como o impacto da chegada, que numa entrevista a posteriori, por exemplo, seria apenas uma reflexão sobre o que passou e não um relato do impacto da diferença, o “olhar do emigrante”. Estes significados ajudam a construir o imaginário da imigração e alimentam, tanto o projeto ir para a “América”, quanto a própria espera .

Partindo deste olhar que revelava o significado subjetivo da experiência migratória, as cartas permitiram um mapeamento do cotidiano na “América”, pois seus temas referiam-se ao cotidiano da vida nos Estados Unidos: o trabalho, a moradia, os projetos e as dificuldades de realizá-los e também perguntavam e orientavam sobre o que fazer no Brasil, quer seja na orientação dos filhos, ou nas contas a pagar, ou no pedido de espera.

No item V analisei um caso específico, que é a emigração de valadarenses para os Estados Unidos e sua relação com as migrações contemporâneas. Digo específico, porque devido ao grande número de mineiros de Governador Valadares nos Estados Unidos, esta cidade atrai a atenção e sugere explicações para o porquê desta particularidade, o que instigou a refletir, no plano teórico,

sobre as possíveis relações com outros fluxos migratórios para os Estados Unidos. Neste ponto, o conceito de transnacionalização mostrou-se o mais adequado para compreensão do fenômeno permitindo situar este fluxo no contexto dos fluxos migratórios do pós-guerra e analisar o fenômeno dentro de uma perspectiva global de análise.

Ao pensar nestas partes que compõem este trabalho, o trabalho de campo em Governador Valadares e nos Estados Unidos, a cartografia da emigração e análise do fluxo no contexto das migrações internacionais, percebi que existe uma tensão que percorreu o mesmo. Desde que iniciei a pesquisa, algumas questões inquietavam-me, queria explicar por que Governador Valadares tornou-se ponto de emigração para os Estados Unidos; relativizar as explicações que olhavam apenas para os aspectos econômicos da questão e demonstrar que outros fatores concorrem para esta decisão; e, por fim, que não era possível pensar neste fenômeno sem pensar em dois aspectos significativos: as conexões possíveis com outros fluxos e como os atores destes processo, homens e mulheres migrantes, vivem esta experiência de forma diferenciada apontando para a questão de gênero.

Para explicar por que Governador Valadares tornou-se o ponto de partida para emigração de brasileiros para os Estados Unidos, a idéia de uma cultura migratória, associada à rede de relações estabelecidas entre aqueles que foram e aqueles que permaneceram, justifica bem os primeiros fluxos migratórios. Os primeiros emigrantes eram homens, jovens e de classe média e, segundo os relatos, não possuíam problemas de ordem econômica que justificassem a migração, queriam apenas ver como era “essa tal de América”. Ao relato dos emigrantes da década de 60, foram anexados outros depoimentos de pessoas que viviam na cidade no período e revelaram como foi se construindo este imaginário acerca da “América”. Explicações êmicas que constroem não apenas a explicação, mas o próprio mito da “América” como terra de oportunidades e de Governador Valadares como terra de fronteiras abertas:

“A cidade já nasceu internacionalizada, primeiro a mica depois as pedras preciosas e agora o dólar (...) tanto que qualquer pé de chinelo pega um avião e chega no Kennedy.” (Hist. I)

“É o espírito aventureiro, depois que a mica secou restou uma mão-de-obra ávida em ganhar dinheiro... a emigração é tão comum que em toda casa você encontra alguém que tem um parente nos Estados Unidos ou deseja ir para lá.” (Hist. III)

Os relatos de imigração permitiram que se construísse um imaginário acerca da “América” que é compartilhado, não apenas pelos emigrantes e seus familiares, mas pelos demais habitantes da

cidade constituindo a chamada “cultura migratória”. Os dados reunidos, tanto do histórico da cidade, como através do depoimento dos emigrantes e dos moradores da cidade corroboram para esta explicação. Neste contexto, procurei dialogar com Soares (1993:20-22) , que está realizando o primeiro levantamento sistemático sobre o fluxo em Governador Valadares, e busquei desenvolver sua hipótese: *“se podemos apontar a falta de oportunidades sociais e econômicas como uma das causas principais deste fluxo, isto não explica os contornos que ela assume: seu caráter clandestino e em direção ao estrangeiro”* (Soares, 1993:20-22).

Para explicitar o que estou chamando de “cultura migratória” retornei à década de 40, ao período da mica, para problematizar as relações Governador Valadares-Estados Unidos. Este período já foi apontado por outros autores como o início da emigração de brasileiro para os Estados Unidos (veja-se: Sales, 1992; Goza, 1992; Forjaz, 1993; Siman, 1988; Margolis, 1994). O que procurei fazer foi recolher depoimentos para que este argumento pudesse ganhar fundamentação e desta forma, pretendo explicar o questionamento de Soares (1993:24) argumentando que, embora a crise econômica seja um fator que explica o fluxo para os Estados Unidos, o fluxo migratório Governador Valadares Estados Unidos demonstra-nos que, no plano da subjetividade, foi se construindo um “desejo de migrar para América” e não para outro lugar, devido ao imaginário que se criou em relação aos Estados Unidos como terra de oportunidades e à rede de relações que se estabeleceu entre os primeiros migrantes e os que os sucederam.

A idéia de uma “cultura migratória” demonstrou ainda que emigrar faz parte da experiência de vida dos valadarenses, à medida que, sendo uma cidade formada basicamente de imigrantes, os “filhos da terra” que hoje emigram possuem pais ou avós que haviam feito a mesma trajetória quando foram para a cidade. Agora os filhos e filhas refizeram a trajetória de migração dos pais rumo ao estrangeiro

Se emigrar fazia parte da experiência dos valadarenses, por que rumo ao estrangeiro? À cultura migratória, pode-se adicionar o que denominei o “imaginário da imigração”. Os relatos dos primeiros que foram e os bens que adquiriram no Brasil quando retornaram, criaram este imaginário. O relato de um carioca “naturalizado” valadarense, pois chegou à cidade em 56, deu-me esta dimensão *“Ninguém me perguntava de onde eu era como era minha vida, mas o cara que chegava dos Estados Unidos, não, deste eles queriam saber, ouvir, aprender” (Hist.III)* Este imaginário coloca a “América” “como a única alternativa para melhorar as condições de vida diante da chamada “década perdida”.

Desta forma, explica-se como o fluxo toma a direção ao exterior diante das condições macroestruturais de crise econômica e política que se instaurou no país na década de 80.

No que se refere às motivações para migrar, os dados revelaram que as econômicas são as mais importantes nesta decisão. Entretanto, ao conversar mais detalhadamente com os emigrantes observa-se, conforme Bicalho (1989), que muitas vezes o econômico foi apenas uma justificativa para o corte, a mudança. No caso das mulheres, estas vão para acompanhar os maridos ou namorados, outras emigram sozinhas porque separaram-se ou porque queriam tornar-se independentes em todos os sentidos de suas famílias. No caso dos homens, a pressão econômica parece ser mais forte. Mas o que é questionador, nesta emigração de brasileiros de classe média, é que muitos largaram empregos com bons salários apenas para realizar o sonho de acumulação mais rápida.

Com relação às narrativas, estas realmente forneceram um panorama amplo da experiência migratória. Estes relatos evidenciaram o sentimento de ambigüidade em que vive o imigrante. O relato de José Mário é indicativo deste sentimento, embora viva há sete anos nos Estados Unidos, ainda não perdeu a perspectiva da volta e elabora sua vida neste sentido. Sales (1995:90t) salientou que esta perspectiva da volta é ilusória. Entretanto, no caso de Governador Valadares, creio que a perspectiva da volta, dadas as características do fluxo, são concretas no sentido de que se pode sempre retornar ao Brasil, passar um tempo e retornar aos Estados Unidos, estabelecendo um campo de relação entre os dois lugares.

Os emigrantes valadarenses mantêm ligações familiares e afetivas com a terra natal, quando emigram solteiros, homens e mulheres comunicam-se com os pais e amigos, quando casados, com os pais e respectivos cônjuges, a comunicação se faz por cartas e telefonemas principalmente. Em sua grande maioria possuem o projeto de retornar ao Brasil, que se traduz em investimentos na terra natal, basicamente na construção de casas e edifícios; as remessas de dinheiro para a cidade são constantes, pelo menos uma vez por mês, tanto para administrar os negócios, como para sustentar a família no Brasil, mobilizando uma vasta rede de agências de turismo que operam na cidade. Todo esse projeto de ir para a “América” é realizado com a ajuda da família, no financiamento das passagens, na administração e compra dos bens no Brasil, no cuidado dos filhos quando os pais estão nos Estados Unidos. Portanto, pode-se afirmar que na cidade existe um campo social que coloca em relação as pessoas que permaneceram com a realidade da migração.

Este contexto de culturas em contato sugeriu-me pensar nas modificações no conceito de gênero. Neste trabalho o recorte de gênero revelou-se importante para demonstrar como nas práticas sociais homens e mulheres emigrantes vivenciam a experiência migratória e o que esta contribui para a modificação das relações de gênero.

No caso das relações de gênero, os depoimentos de homens e mulheres imigrantes indicam momentos de ruptura e permanência nos padrões da sociedade de origem em confluência com a sociedade hospedeira. Desta forma as relações entre pais-filhos, maridos-esposas, amigos, parentes neste processo foram reterritorializadas transformando o cotidiano valadarense, engendrando novos valores, padrões e normas de comportamento. Outro dado que emerge destas observações é que, quanto mais estruturadas afetivamente as pessoas encontram-se, mais difícil vai se tornando a volta, nos casais com filhos este fenômeno parece muito significativo.

Neste sentido, observar a vida cotidiana dos imigrantes está me instigando a pensar este contexto transnacional como um projeto econômico, afetivo, familiar que envolve aqueles que partiram e aqueles que ficaram nesta experiência. Poderíamos pensar numa transnacionalização no plano da afetividade quando percebemos que os emigrantes permanecem estruturando suas vidas nas duas sociedades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU-FILHO, Ovídio. Parentesco e Identidade Social. In: Anuário Antropológico - 80. Tempo Brasileiro/ UFC, 1982.
- AIALA, Goreth. Emigração = desintegração familiar?: um estudo de caso. UNIVALE. 1991. mimeo.
- ARIÉS, Phillipe. A família e a cidade. In: VELHO, Gilberto & FIGUEIRA, Sérvulo. Família, Psicologia e sociedade. Rio de Janeiro, Campus. 1981, p.13-23.
- AUGÉ, Marc. Los "no lugares" :espacios del anonimato. uma antropologia de la sobremodernidad. Barcelona, Gedisa, 1993. p 9-13 e 81-125.
- BAILY, Samuel L. and RAMELLA, Franco. One family two worlds: An italian family correspondence across atlantic. 1901-1922. Rutgers University Press, New Brunswick and London, 1988.
- BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa. Edições 70. 1979.
- BARTHES, Roland. Fragmentos do discurso amoroso. 2 ed. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1981. 198p.
- BASSANEZI, Maria S. C. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: Seminário de Emigração e Imigração no Brasil Contemporâneo. São Paulo. Programa de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais, 27 a 29.09.94
- BICALHO, José V. Yes, eu sou Brazuca. Governador Valadares, Ibituruna, 1989, 106p.
- BILAC, Elisabete. Gênero, família e migrações internacionais. In: Seminário de Emigração e Imigração no Brasil Contemporâneo. São Paulo. Programa de Avaliação e acompanhamento das Migrações Internacionais. 27 a 29.09.94
- BUFFON, Roseli. Encontrando o homem sensível?. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 1992a. (Dissertação de Mestrado)
- _____. Encontrando uma tribo masculina de camadas médias: a subjetividade na construção do objeto de pesquisa. Trabalho de campo e subjetividade. Publicação do Grupo de Estudos de Gênero e Subjetividade. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - UFSC. Florianópolis, 1992b, 70p.
- CALDEIRA, Tereza Pires. A presença do autor e da pós-modernidade em Antropologia. Novos Estudos CEBRAP. n 21, julho 1988 p 133-157.

- CARDOSO, Ruth. (org.) Aventura Antropológica. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1986.
- COSTA et alli. Mulheres no exílio. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- COSTA, Sérgio. Política para quem precisa de política: movimentos sociais urbanos, participação e democracia. Belo Horizonte:UFMG, 1991. 231p. (Dissertação de Mestrado)
- DAMATTA, Roberto. O ofício do antropólogo ou como ter “antropological blues” In: Publicações do Programa de pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, 1974.
- _____ Em tempos de dilaceração e desesperança , Roberto DaMatta tenta fixar a saudade no horizonte da sociologia brasileira “como categoria básica da nossa existência” e elemento de uma nova ética. Especial para Folha De São Paulo. Domingo. 28.06.92
- Diniz, Déborah. A busca das árvores dos frutos de ouro. Universidade de Brasília, 1992, mimeo.
- DAUSTER, Tânia. Amor, Sexo e Família em Camadas Médias Urbanas. In: FIGUEIRA, Servulo. (org.) Uma nova família? Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1987. p.99 - 111.
- DIARIO DO RIO DOCE - Como ficar legal nos EUA. Coluna State News.
- D'INCAO, Maria Ângela (org.). O Amor Romântico e a Família Burguesa. In: Amor e Família no Brasil. São Paulo, Contexto, 1989,. p.57 -71.
- DUMONT, Louis. O individualismo. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.
- FAUSTO, Boris. Uma historiografia da imigração para São Paulo. São Paulo. Ed. Sumaré, FAPESP. 1991.
- FERREIRA, Argemiro. Aventureiros sobrevivem com subemprego nos EUA. Saindo do Brasil (1), País, Diário Catarinense. 16/05/ 1993, p.17.
- Americanos atraem valadarenses. Saindo do Brasil (2). País. Diário Catarinense. 16/05/1993. p.17.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. Multiple layers of time and space: the construction of class, ethnicity, and nationalism among Portuguese immigrants. In: SCHILLER, N. G. BASCH, L. and BLANC-SZANTON, C. Towards transnational perspective on migration. Annals of the New York Academy of Sciences. New York, 645, 1992, p 145-73.
- _____ & HUSE, Donna. A saudade cultural e experiências de imigrantes portugueses na interseção cultural. Identidade, Imigração e Memória. Publicação do Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná, Maio, 1993, p.45-61.
- FIGUEIRA, Servulo. (org.) Uma nova família? Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1987

- FLAX, Jane. Pós-Modernismo e Relações de Gênero na Teoria Feminista. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. Pós-Modernismo e Política. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1991.
- FORJAZ, Cecília. Brasileiros Exilados da Década de 80. Revista de Administração de Empresas. Rio de Janeiro, FGV, 1993.
- FRIEDMAN, Jonathan. Being in the world: Globalization and localization. Theory, Culture & Society (SAGE, london, Newbury Park and New Delhi) vol 7, 1990 311-328.
- GEORGES, Eugenia. Gender, class and migration on the Dominican Republic womens experience. In: SCHILLER, N. G., BASCH, L. and BLANC-SZATON, C. Towards transnational perspective on migration. Annals of the New York Academy of Sciences, New York, v. 645, 1992, p 81-100.
- GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade. São Paulo. Editora da UNESP, 1993, 228p.
- GLICK-SCHILLER, Nina & FOURON, Georges. "Everywhere we go. We are in danger": Ti Manno and the emergence of Haitian transnational identity. American ethnologist. v.17, n. 2, may 1990 p. 329-47.
- GOZA, Franklim. A imigração brasileira para a América do Norte. Revista Brasileira de estudos de população. v.9 n.1 jan./jul. 1992.
- GROSSI, Miriam P. Em busca de outros e outras: gênero, identidade e representações em antropologia. ABRALIC. Florianópolis, 1991, mimeo..
- _____. Na busca do "outro" encontra-se a "si mesmo". Trabalho de campo e subjetividade. Publicação do Grupo de Estudos de Gênero & subjetividade. Programa de Pós Graduação em antropologia social UFSC. Florianópolis, 1992. p. 7-18.
- _____. (org.). Trabalho de campo e subjetividade. Publicação do Grupo de Estudos de Gênero e Subjetividade. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - UFSC. Florianópolis, 1992, 70p.
- _____. Fazendo etnografia pelas margens: diários de campo, cartas e biografias como constituidores da Antropologia. Program of methodology in human and social sciences. Florianópolis. Mimeo. Jun/93.
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Sueli. Micropolítica: cartografias do desejo. 2 edição, Vozes, 1986; 327p.
- HASSE, G. Bye Bye Brasil. Os caminhos da Terra. Anos 2 n.12 dez 93. P.25-29
- HALBAWACHS, Maurice. Memória Coletiva e Memória Histórica. In: Memória coletiva. São Paulo, Vértice, 1990.

- HARVEY, David. A Condição Pós-Moderna. Loyola, São Paulo, 1993. p 185-290.
- JORNAL HOJE EM DIA. Juiz de forano pesquisa fama de valadarense. 26.05.93.
- JONES, Delmos. Which Migrant? Temporary or Permanent? Towards a transnational perspective on migration. The New York Academy of Sciences, New York, 645, 1992, p 217-225.
- LAGROU, Else. Uma experiência visceral: pesquisa de campo entre os Kaxinawá. In GROSSI, Miriam P. (org). Trabalho de campo e subjetividade. Publicação do Grupo de Estudos de Gênero e Subjetividade. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - UFSC. Florianópolis, 1992, 70p.
- LEITE, Ilka B. As fronteiras do exótico, o antropólogo e o viajante. In: ANTELO, Raul (org). Identidade e Representação. Florianópolis, Editora UFSC. 1994.
- LEITE, Miriam M. Retratos de família: leitura da fotografia histórica. São Paulo, EDUSP, 1993, 192p.
- LESSINGER, Johanna. Investing or Going Home? A transnational strategy among Indian Immigrants. Towards a transnational perspective on migration Annals of the New York Academy of Sciences. New York, 645, 1992, p 53-80.
- MALINOWSKI, Brown. Os Argonautas do pacífico Ocidental. 3 ed. São Paulo, Editora Abril., 1984, 288p. (Coleção os Pensadores)
- MALUF, Sônia. Narrativas Sobre Bruxas. São Paulo, Rosa dos Ventos, 1993.
- MARGOLIS, Maxime L. An New Ingredient in the melting Pot: Brazilians in New York City” City and Society 3 (2): 179-187. 1989.
- _____ “An American in Governador” The Brazilians. 18 (september);4. 1990.
- _____ “From Mistress to Servant: Downward mobility among Brazilians in New York City” Urban anthropology 19 (3): 215-231. 1992
- _____ Little Brazil: an ethnography of Brazilian Immigrants in New York City. New Jersey, Princeton University Press, 1994, 329p.
- MARTINS, José S. “O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil”. In: Não há terra para plantar neste verão: o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo. 2 ed., Petrópolis, Vozes, 1988. p 43-62
- MASSI, Fernanda P. O nativo e o narrativo: os tristes trópicos de Lévi-Strauss e a África de Michel Leiris. Novos Estudos CEBRAP, n 33, julho 1992, p 187-198.

- MONTERO, Paula. Questões para a etnografia numa sociedade mundial. Novos Estudos CEBRAP, n 36, julho 1993, p. 161-178.
- MONTEIRO, Paulo. Terra que já foi Terra. Lisboa, Salamandra, 1985.
- MORETTO, Denise. Descriptive study of the brazilian immigrants, living in the Boston área and identification of the major pre and post immigration stress. Boston University; School of Education. Degree of Doctor of Education. 1991. Mimeo.
- MOROKIVASIC, Mirjana. Birds of Passage are also women. Internacional Migration Review. Vol XVIII number 4. Winter, 1984. p.886-907.
- MOROKVASIC, Mirjana. Mulheres são maioria em êxodos de curta distância. Folha de São Paulo, a World Midia. 19 de jul. 1991. p 16 especial.
- OLIVEIRA, Roberto C. A categoria da (des) ordem e a pós-modernidade da Antropologia. In: OLIVEIRA, Roberto. C. Et alli. Pós-modernidade. 3 ed. Campinas, UNICAMP, 1988 p 9-41..
- PERROT, Michele. Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo: Paz e Terra, 1988. p. 167-231.
- PIMENTEL, Denise et alli. Histórico dos empresários estrangeiros em Governador Valadares. Datilografado. 1986. PIORE, Michael J. Birds of passage: migrant labor and industrial societies. Cambridge, Mass., Cambridge University Press, 1979
- PITT-RIVERS, Julian. Honra e posição social. In: PERISTIANY, J. G. Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas. Lisboa., Fundação Calouste Gulbenkian, 1988
- PLANO DIRETOR DE GOVERNADOR VALADARES. PMGV/IBAM. 1991.
- PORTES, Alejandro. & RUMBAUT, R. Immigrant America: a portrait. Berkley: University of California Press. 1990.
- RANUN, Oreste. Os refúgios da intimidade. In: ARIÈS, Phillipe & DUBY, Georges. História da vida privada - da renascença ao século das luzes. São Paulo, Cia das Letras, 1991. vol 3.
- RIAL, Carmem. Os fast-foods não lugares em um mundo globalizado. Florianópolis. mimeo. 1992
- RIBEIRO, Gustavo L. Bichos-de-obra. Fragmentação e reconstrução de identidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais. n. 18, ano 7, fev/1992, p.30-40.
- _____. Explorando fragmentos das fronteiras da cultura. FONSECA, Claudia (org) Fronteiras da Cultura: horizontes e territórios da antropologia na América Latina. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1993. p. 09-21.

- SAAD, Nalu. Ambientalista obtém visto, mas diz que EUA discriminam mineiros. Hoje em Dia. 26.05.93.
- SCHILLER, N. G. BASCH, L. and BLANC-SZANTON, C. Towards transnational perspective on migration. Annals of the New York Academy of Sciences. New York, 645, 1992.
- SCHWADE, Elisete. O poder do “sujeito”, poder do “outro”: relato de uma experiência de pesquisa nem um assentamento de trabalhadores rurais. In: GROSSI, Miriam P. (org). Trabalho de campo e subjetividade. Publicação do Grupo de Estudos de Gênero e Subjetividade. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - UFSC. Florianópolis, 1992, 70p.
- SALES, Teresa. Novos Fluxos da população brasileira. Revista Brasileira de estudos de população. São Paulo. v. 8, n 1/2. Jan./dez, 1991.
- _____. Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas questões para pesquisa. Revista Brasileira de Estudos de População. São Paulo. v. 9 n.1 jan./jul. 1992, p 50-64.
- _____. O trabalhador brasileiro no contexto das migrações internacionais. In: Seminário de Emigração e Imigração no Brasil Contemporâneo. São Paulo. Programa de Avaliação e acompanhamento das Migrações Internacionais. 27 a 29.09.94
- SAKURAI, Célia. Romanceiro da imigração Japonesa. São Paulo, Editora Sumaré: FAPESP, 1993 (Série Imigração:v.4) . 110p.
- SASSEN, Saskia. The Mobility of labor and capital - A study in international investment and labor Flow. Cambridge, Cambridge University Press, 1988.
- SAYAD, Abdelmalek. Uma pobreza “exótica”: a imigração argelina na França. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Rio de Janeiro. N 17. Ano 6. out/1991 p 84-107.
- SIMAN, Lana M. C. História na memória: uma contribuição do ensino da história nas cidades. Dissertação de mestrado. Ciências sociais Aplicadas a Educação, Belo Horizonte, UFMG, 1988.
- SOARES, Weber. Emigrantes e investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarenses. Projeto de dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação do Instituto de Pesquisa e Planejamento urbano e Regional da UFRJ. Mimeo. Janeiro de 1993.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, Faculdade de Educação da UFRGS. 16 (2). jul-dez. 1990.
- STOLCKE, Verena. Cultura européia: uma nova retórica da exclusão? Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, ANPOCS, n. 22 . ano 8. jun-1993. p 20-31,

- THOMAS, William. & ZANANIECKI, Florian. The polish peasant in Europe and America. Chicago, University of Illinois Press, 1984.
- THOMPSON, Paul. A voz do passado. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- VAINFAS, Ronaldo. Casamento, amor e desejo no ocidente cristão. São Paulo. Ática. 1986:01-94.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Romeu e Julieta e a invenção do Estado Moderno. In: VELHO, Gilberto (org). Arte e Sociedade. Rio de Janeiro, 1978. p.130-169.
- VELHO, G. Observando o familiar. In: Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 2 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.
- WALLERSTEIN, Immanuel. A World-System Perspectives on the Social Sciences. British Journal of Sociology. vol. 27. N3. 343-352. 1976.
- _____ Culture as the ideological Battleground of the modern World-System. In: FEATHERSTONE, Mike (org) Global Culture. London. Sage. p 31-56. 1990.
- WEINER, Anette. La richesse des femmes ou comment l'esprit vient aux hommes: Iles Trobriand. Paris: Editions du Seuil, 1976.
- WOLF, Eric. Inventing society. American ethnologist. v.15, n^o 4, 1992, p.752-761.
- WOLFF, Cristina S. As mulheres da colônia Blumenau - cotidiano e trabalho 1850-1900. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1991 (Dissertação de Mestrado).

ANEXO

As trajetórias de vida dos emigrantes valadarenses

Os emigrantes percorreram caminhos diversos antes de partirem para a América. De diferentes classes sociais, níveis de escolaridade, sexo e idade, todos optaram por “ir fazer a América” carregando consigo diferentes sonhos. As mulheres solteiras foram para se encontrar com seus noivos ou para se tornarem independentes, os homens jovens para fazer “um pé-de-meia”, os mais velhos queriam ganhar mais do que a aposentadoria que recebiam no Brasil. Trajetórias diferentes que se cruzaram no desejo de uma vida melhor.

Estas trajetórias foram elaboradas a partir das informações extraídas das cartas e entrevistas informais com as pessoas que me forneceram as mesmas que contribuíram para a construção de históricos migratórios daqueles que partiram. Por isso, não constituem histórias de vida (Thompson, 1992) uma vez que são relatos fragmentados daqueles que ficaram no Brasil e ao narrarem as trajetórias de vida recriaram estas histórias, o que certamente, nos remete ao imaginário coletivo da imigração. No quadro que se segue sintetizo as informações que ajudam a caracterizar estes emigrantes dos quais através das cartas realizei a cartografia da emigração valadarense para os EUA:

EMIGRANTES VALADARENSES NOS EUA E SUAS CARTAS

Nome	N.º cartas	Idade(*)	Tempo de permanência	Destinatário
Maria da Conceição	08	61	06	Mãe e irmã
José Carlos	03	54	05	Mãe e irmã
Maria Antonia	01	45	22	Filhos e irmã
Maria Cândida	02	32	05	Pais
Maria Cristina	10	25	03	Mãe
Maria Débora	02	34	07	Mãe e filhos
Maria Marta	03	25	04	Pais
José Júlio	05	23	03	Primo
José Mário	08	26	09	Pais e amigo
Maria Lúcia	03	22	02	Mãe
José Antônio	40	28	06	Esposa
José Milton	06	44	11	Esposa

Nota: (*) No ano da coleta dos dados 1993

Maria Conceição (61 anos, semi-analfabeta, 6 nos Estados Unidos, 08 cartas). As cartas que disponho foram destinadas à mãe (06) e à irmã (02), num total de oito cartas. Emigrou em 1987 para os Estados Unidos instalando-se na Flórida. Com sua escrita simples e às vezes com muitos erros de português, nos insere na complicada trajetória do imigrante clandestino.

Em Governador Valadares, Maria Conceição era servente de um grupo escolar, ganhava o salário mínimo e tinha um filho para sustentar. Segundo sua mãe, emigrou para comprar uma casa. Através de suas cartas, outras páginas desta história foram se construindo.

As cartas dividem os assuntos entre os Estados Unidos e o Brasil. Sobre os Estados Unidos, os comentários concentram-se inicialmente nas dificuldades com o emprego pois, só depois de três

meses conseguiu seu primeiro trabalho para ganhar apenas US\$ 125.00 dólares por semana para trabalhar na casa de uma família e da demora em enviar dinheiro. Num segundo momento fala da solidão, da sensação de abandono pelos seus devido à falta de notícias e da importância da Igreja como ponto de apoio. O outro conjunto de temas refere-se a pessoas que estão no Brasil e, particularmente ao filho, fornecendo informações para aqueles que pretendem ir para os Estados Unidos e sobre aqueles que chegaram.

A dificuldade de manter-se num emprego fixo é tema recorrente em suas cartas. Após o primeiro emprego, sucedem-se períodos sem trabalho ou apenas com bicos. Na última carta que disponho, maio de 1992, está trabalhando *live-in*. As poucas palavras em inglês que aparecem nas cartas são termos aprendidos no cotidiano do trabalho, pois não frequenta escola e o conhecimento do inglês está relacionado à rotina do trabalho. Como não há trabalho fixo, o dinheiro também não vem com regularidade para o Brasil, o que leva Maria Conceição a não atender as solicitações da mãe por dinheiro e ainda impossibilita sua volta para o Brasil, pois para se manter sem dinheiro, vai endividando-se na América.

O terceiro tema que aparece é a evidência de que a emigração se faz numa rede de relações: são as orientações àqueles que pretendem emigrar e as notícias sobre aqueles que chegaram. É interessante que apesar das dificuldades enfrentadas, as cartas não dizem às pessoas para não irem, ao contrário, encorajam e indicam com quem pegar informações para arranjar o visto e os dólares, bem como relatam a ajuda nos momentos iniciais.

Toda a narrativa é feita de forma muito afetiva e ao mesmo tempo carente, revelando a solidão desta mulher de 60 anos vivendo nos Estados Unidos. As cartas ainda revelam a importância da Igreja, no caso presbiteriana, onde Maria Conceição encontra apoio material e espiritual nos momentos difíceis.

Quando estas cartas foram coletadas em 93, as histórias foram contadas informalmente pela mãe de 93 anos, com 2 filhos e uma neta nos Estados Unidos, à minha tia e minha mãe. Elas receberam as cartas e com um roteiro semi-estruturado, coletaram as informações substanciais sobre a vida de Maria Conceição que complementaram as informações encontradas nas cartas. Atualmente, Maria Conceição não escreve com a mesma frequência, nem telefona, o que para a mãe indica que não voltará mais.

José Carlos (54 anos, aposentado, 1º. grau, 5 anos nos Estados Unidos - irmão de Maria Conceição, 03 cartas). As cartas foram escritas para a mãe e irmã. A ideia de ir para a “América” surgiu logo que a irmã emigrou e a justificativa foi “porque o INPS estava muito baixo” (carta enviada à sua irmã, que comentou o motivo em carta escrita à mãe). A irmã ajudou emprestando US\$1,500.00 dólares e ainda forneceu todas as informações para conseguir o visto. Além desta ajuda, José Carlos pegou dinheiro emprestado com diversas pessoas, ou seja, chegou nos Estados Unidos endividado. Emigrou em 88 para a Flórida. Na época, segundo os relatos das primeiras cartas escritas para a mãe, imaginava que *“juntado uma média de US\$500.00 dólares por mês conseguiria retornar em 02 anos”*. Em 1992, última carta que disponho e já escrita de Massachussets, ainda não tinha juntado esta quantia, permanecia com dívidas e faz referência à falta de bens materiais. Mesmo com esta experiência aparentemente frustrante escreve *“a América não está muito boa mas para mim futuramente é melhor do que o Brasil”*. A sua rede de relações está centrada nas pessoas – amigos e parentes - que o ajudaram a migrar. Não há alusão a companheiras e passeios, pelo menos nestas cartas que disponho.

Maria Antônia (45 anos – 1º. grau incompleto - 22 anos de América, 01 carta). A irmã e a mãe relataram que Antônia emigrou com o marido em 1972, com passaportes legais, deixando os filhos com a avó materna. Depois uma irmã desquitada com problemas de epilepsia e sérios problemas financeiros ficou com a guarda das crianças em uma casa comprada, mobiliada e mantida pelos pais que de vez em quando vinham ao Brasil ver os filhos. Maria Antônia trabalhou como governanta de uma família riquíssima, organizava festas na casa, dirigia, aprendeu o inglês. Segundo a mãe de Maria Antônia, tanto o marido quanto a mulher trabalhavam muito, mas como viviam muito bem nos Estados Unidos - casa, carro, passeio - não juntaram nada aqui (Governador Valadares) mas viveram lá (Estados Unidos).

Em 1991, separou-se do marido e ficou com a guarda dos filhos. Em 1992, devido às dívidas que possuía no Brasil, retornou novamente para os Estados Unidos com a finalidade de “ dar conta de sustentar os filhos”.

Embora disponha de apenas uma carta de Maria Antônia achei importante incluí-la na análise por dois motivos: primeiro, porque é o relato de uma mulher emigrante da década de 70; segundo, por que descreve de forma contundente a ambigüidade de quem retorna mais uma vez para os Estados Unidos para realizar o sonho de “fazer a América” e como é difícil recomeçar. Neste sentido, sua carta é uma evidência de que os emigrantes contemporâneos vivem duas temporalidades, configurando uma identidade transnacional pois, embora esteja desde 71 na “América”, continua a manter seus laços com o Brasil.

A carta que disponho fala do último retorno de Maria Antônia ao Brasil. Nela se misturam a angústia de ter deixado os filhos no Brasil, a necessidade de economizar dólares para pagar dívidas, o dia-a-dia de trabalho duro morando num lugar apertado, não há referência a lazer, passeios, amigos, só trabalho e melancolia. É apenas uma carta, mas retrata um período muito difícil de readaptação à vida nos Estados Unidos.

O objetivo de Maria Antônia agora é levar os filhos para os Estados Unidos. Como possui o *green-card* está procurando regularizar a situação dos filhos. Entretanto, o processo é demorado e Maria Antônia acabou levando dois filhos com a documentação montada (passaporte falsificado) em 1992 e aguarda oportunidade de levar a filha que ficou no Brasil.

Maria Cândida (32 anos - nível secundário - 5 anos de América, 03 cartas). Em Governador Valadares era bancária, assim como o noivo. Este emigrou para juntar dinheiro para o casamento no Brasil. Com o tempo ela foi para ajudar o noivo no projeto de “fazer a América”. As cartas escritas para os pais foram-me fornecidas por sua tia materna que também informou-me sobre sua vida no Brasil e nos Estados Unidos.

Maria Cândida não imaginava migrar, mas como o noivo já estava há um ano na “ América”, este levou-a para ajudá-lo a juntar o dinheiro necessário para comprar casa e móveis para se casarem. Pensava em voltar em dois anos para se casar no Brasil mas até agora não retornaram. Nos Estados Unidos foi morar em Boston, casando-se por lá mesmo e trabalha em *fast-food* e faxina. Hoje possui um filho de um ano.

As cartas falam dos planos com relação à volta e das dificuldades enfrentadas no inverno com o frio, pois sentem depressão e falta trabalho. Além disso, demonstram preocupação com as pessoas que ficaram no Brasil, como o irmão que está desempregado, a saúde dos pais e o compromisso de ajudá-los, quando retornarem ao Brasil. Nestas cartas também evidenciam-se a importância das redes de relações pois, são os pais e mais uma pessoa de confiança que administram

os bens adquiridos no Brasil. Já adquiriram vários bens: 06 telefones, lotes, lojas e um apto em construção.

Um outro dado muito interessante é o pedido para cuidar do enxoval que está em um baú. A recomendação é feita para evitar o mofo, pois está guardado esperando a volta para o casamento religioso que continua sendo importante, embora tenha se casado na América. Esta atitude evidencia no plano simbólico o significado do casamento. Como pude observar nos Estados Unidos e nas várias fotos que coletei dos casamentos realizados lá, este ritual é muito significativo para as emigrantes.

Maria Cristina (22 anos – 1º. grau incompleto - 3 anos nos Estados Unidos - 10 cartas) As cartas escritas para a mãe e irmã foram entregues por sua irmã que contou a estória da “partida” para os Estados Unidos.

Maria Cristina foi incentivada por um primo que morava nos Estados Unidos há vinte anos e já legalizado. Todas as despesas de viagem foram pagas pelo primo. Emigrou em 18.02.91 como Solange da Bahia com passaporte montado, segundo descrição da irmã, “*ela é muito bonita, dentes lindos, cabelos pretos e longos. Por isso, no avião ela fez amizade com o “piloto” e passou pela porta dos fundos como namorada dele*”. Já fala inglês e, embora afirme que fez o que sempre desejou e esteja casada nos Estados Unidos, reclama da saudade e da solidão, tem vontade de vir, mas tem medo de não conseguir voltar.

Segundo sua irmã, o namorado foi como marinheiro de um navio e quase “matou” a mãe de preocupação. De porto em porto mandava notícias. Lá se casaram e têm um filho de 1 ano. Ele trabalha em restaurante, na preparação de saladas e lavando louça; e ela trabalha em hotel como faxineira e também numa lanchonete. Moram na Flórida, em Boca Raton, porque lá “não tem frio”.

As cartas escritas por Maria Cristina são destinadas à mãe e à irmã e revelam que mulheres têm maior preocupação de justificar sua decisão de migrar. Assim como Cândida, também emigrou para encontrar com o namorado e em várias cartas pede desculpas à mãe pedindo que não acredite no que as pessoas falam dela que está muito feliz. A mãe é a pessoa que centraliza suas relações e serve de mediação entre ela e os outros irmãos.

As redes de relações ficam evidentes quando Maria Cristina informa sobre a possibilidade de ajudar aqueles que desejam migrar. Para manter as ligações com o Brasil, Maria Cristina escreve muitas cartas e telefona com freqüência. Nas cartas pede, às pessoas que compareçam nos dias combinados para as ligações, para que possa conversar e matar as saudades.

Maria Marta (25 anos – 3º. grau - 4 anos de América - 03 cartas) namorou quatro anos com Adilson, ficou noiva e o noivo foi para os Estados Unidos “ganhar a vida”. Adilson era funcionário da companhia telefônica em Governador Valadares e, assim como Maria Marta, é formado em Administração de Empresas. Durante o período que permaneceu nos Estados Unidos, Maria Marta percebeu que ele “fazia a vida da família” (o que significava enviar o dinheiro que recebia para mãe, para dar-lhe casa, telefone, conforto e não investir no casamento como era o combinado) e acabou o noivado, devolvendo-lhe a aliança pelo correio. A ajuda dos filhos solteiros aos pais é reveladora sobre as ligações familiares e evidencia a emigração como um projeto econômico e familiar.

Maria Marta continuou com a sua vida no Brasil namorava e trabalhava como secretária, mas há quatro anos atrás resolveu ir “passar férias” nos Estados Unidos. Como é filha de pai fazendeiro que possui vários bens em Governador Valadares, foi fácil conseguir visto. Ao chegar nos Estados Unidos reencontrou “ por coincidência “ o ex-noivo, reataram o namoro e ela decidiu permanecer

nos Estados Unidos para ajudá-lo a “fazer a América”. A mãe conta emocionada esta história enquanto entrega a carta em que a filha comunica que decidiu ficar nos Estados Unidos por que o homem que ama não podia voltar.

Como é protestante e nos Estados Unidos a comunidade brasileira tem grande apoio das igrejas protestantes, Maria Marta encontrou toda uma estrutura de apoio na igreja, ficou na casa de outras “irmãs”, enquanto preparava-se para o casamento. A mãe, que nunca havia imaginado sair do Brasil, foi aos Estados Unidos para assistir o casamento. O vestido que foi feito em Governador Valadares e, segundo a mãe, ela teve “casamento de princesa”, com direito até a carruagem.

Atualmente trabalha em um hotel arrumando 200 camas por dia e numa fábrica de tapetes. Quando foi chorava muito e ficou deprimida com o frio: casas e comércio fechados, desemprego. “*Lá para visitar vizinho tem que marcar*”. Já tem casa e recursos financeiros em dólar para mobiliar a casa. Em setembro de 93, a mãe retornou aos Estados Unidos, desta vez para ajudar a filha no nascimento do primeiro filho.

Maria Débora (34 anos – 2º grau completo - 7 anos de América - 02 cartas). Os dados sobre Maria Débora e seu irmão foram fornecidos por sua mãe e pelo próprio migrante, quando estava de passagem por Governador Valadares. Maria Débora emigrou há 06 anos com o irmão (primeiro ela, depois ele) primeiramente para o Canadá, porque nesta época não exigia visto de entrada. Ganhavam pouco, pois lá o dólar não vale muito e tiveram que pagar a passagem financiada. Para a realização do projeto de ir para “América”, juntaram o salário de todos da casa e transformaram em dólares para passarem como turistas.

Para obter os recursos necessários para viajar, Maria Débora vendeu todas as jóias (poucas) e a família ficou na “pindura” (fiado) por quatro meses no armazém que fornecia o alimento. Segundo a mãe, diariamente tinha que dar satisfação no armazém para o proprietário confiar-lhe a venda (dívida era convertida em dólar). Por quatro meses, foi o maior sufoco.

No Canadá, o frio e a saudade eram “demais”. Telefonavam desesperados, desanimados, em depressão total. Trabalharam entregando jornal em uma Kombi com imigrantes argentinos.

Para irem para os Estados Unidos Maria Débora viajou de carro e o irmão atravessou a fronteira a pé numa viagem de 03 dias. Em Boston, os vizinhos de Governador Valadares os receberam. Ficaram quatro anos em Boston no trabalho de garçom e de chefe de cozinha - no Café Brasil - o dono é também proprietário de lanchonetes em Governador Valadares. Maria Débora trabalhava na faxina. O trabalho compensou financeiramente, ajudaram a família e na construção de casa para os irmãos; depois de quatro anos migraram para Flórida.

Na Flórida, o irmão trabalhava em estacionamento (o pior emprego em US\$) precisando trabalhar em mais 2 ou 3 empregos; ela em limpeza de uma construção e como faxineira de um pessoal da Revista Veja: “*só o quarto da patroa era maior que a casa dela aqui*”, afirmou em entrevista a sua mãe. Seu irmão conseguiu legalizar-se, namorou e casou com uma valadarense e juntos compraram o direito de uma firma de limpeza (de outro valadarense que vinha embora).

José Milton (44 anos – 1º grau - 11 anos de América - 06 cartas). As cartas são destinadas à esposa. Emigrou a primeira vez em 1983. Em junho de 1987 voltou para levar a família, levou apenas a esposa que ficou nos Estados Unidos com ele durante dois anos. No Brasil trabalhava como garçom e possuía uma boa renda, segundo sua esposa.

As cartas - escritas num português ruim com vários erros de ortografia e concordância, indicam pouco conhecimento da língua -, são muito emotivas e carinhosas para o que, às vezes, se considera como uma escrita masculina inclusive na apresentação, os envelopes e papéis são

desenhados. Como outros imigrantes, manda dinheiro para a mulher administrar a casa e os bens que adquiriu .

A história deste homem é que, entre as idas e vindas ao Brasil, a mulher depois de anos de espera arranhou outro homem. Isto depois que, trabalhando muito e ajudando o marido, conseguiram construir uma casa muito boa num bairro nobre da cidade. Ao contar-me a história, sua irmã disse que nessa casa Amália (nome fictício) “levava vida de madame”. Durante muito tempo ela ficou dividida entre o bem-estar que o marido proporcionava e o seu amante pobre. Acabou escolhendo o amante, divorciou-se e hoje mora numa casinha muito simples. Os filhos ficaram com ela, mas agora o pai quer levá-los para os Estados Unidos e ela concordou.

As cartas de José Milton são de um homem que na “América” sente-se sozinho e não quer perder o contato com a mulher e os filhos, mesmo depois de separado. A referência à saudade, à necessidade de vir ao Brasil é indicativo de como para ele é difícil estruturar a vida na América, afetiva e economicamente, pois nos primeiros dois anos não conseguiu juntar dinheiro.

José Júlio (21 anos – 2º grau incompleto - 3 anos - 05 anos --5 cartas). Emigrou para os Estados Unidos em 1991 com 18 anos e sem o acabar o 3º ano científico. No Brasil, trabalhou como menor estagiário no Banco do Brasil, um trabalho de 04 horas diárias. As cartas são endereçadas ao primo materno. Falam em geral da saudade do Brasil, da falta de mulheres, da dificuldade de arranjar namorada e de ganhar dinheiro. Comenta da temporada em Miami como um período difícil, onde trabalhou para “caralho” e não juntou dinheiro.

Em todas as cartas pergunta pela família - primos e tios - e manda recomendações. Ao falar da solidão, comenta que gasta US\$ 200.00 dólares com telefonemas, diz que não agüenta permanecer por muito tempo e que a idéia inicial era ficar quatro ou cinco anos, mas acha que não vai conseguir. “Se o pai tivesse condição financeira eu voltava”. Seus medos: “ficar muitos anos e não juntar dinheiro, ficar como os tios que acostumaram a ganhar em dólar e não se acostumam mais ao Brasil”. Solicita também fitas de músicas brasileiras. Nas cartas para o primo sempre pergunta pelas farras em Governador Valadares.

Ao informar que vai mudar para o Norte e que conta com o apoio da tia, aparece mais uma vez a importância das redes de relações, tanto nas estratégias para migrar, como quando já se está nos Estados Unidos e a “barra tá pesada” precisando de uma força para tentar trabalho em outro lugar. Afirma que vai mudar para o Norte, onde tem mais trabalho e o salário é melhor. Para isso, conta com a ajuda de sua tia que se encontrava no Brasil e estava retornando para New Jersey.

José Mário (26 anos – 2º grau concluído nos Estados Unidos - 9 anos de América - 08 cartas). As cartas são destinadas o amigo e aos pais. Emigrou em 1985, com 18 anos, largou o 2º ano científico para encontrar-se com a irmã que estava nos Estados Unidos há dois anos. Resolveu emigrar porque não queria estudar e não agüentava trabalhar para ficar ganhando salário mínimo. Na época trabalhava como escriturário numa imobiliária. A primeira vez que emigrou enfrentou, além dos problemas de adaptação com a língua e os costumes, o retorno da irmã ao Brasil (apenas três meses após sua chegada) e o falecimento do irmão no Brasil, com o qual era muito ligado afetivamente. Estes três fatores são apontados por ele como os que dificultaram o sucesso de sua primeira empreitada.

Junto com todas estas indefinições, sua vida afetiva também é transformada com o processo migratório. A namorada que possuía no Brasil, que era de outra cidade e estava fazendo curso superior, largou tudo e foi para os Estados Unidos ao seu encontro. Foi a primeira vez que morou junto com alguém e teve que “segurar a barra afetiva e econômica dela”.

As cartas escritas ao amigo relatam todas estas transformações de valores, os planos de casamento e retorno ao Brasil. Quando retornou ao Brasil no final de 86, ficou um ano aqui tentando montar um negócio e gastando o pouco dinheiro que havia juntado. Montou um açougue, mas a falta de experiência na área o fez comprar ponto numa localização que não era adequada e o negócio, mesmo com o apoio do pai, não deu certo.

Como não queria trabalhar como empregado no Brasil, retornou aos Estados Unidos e desta vez conseguiu, em 1987, o *green-card*. Atualmente é casado e tem um filhinho de 4 anos. Segundo sua irmã, Maria Lúcia, José Mário leva vida de americano. Já retornou três vezes ao Brasil, para passar férias ou deixar o filho com os avós paternos para poder trabalhar mais intensamente com a mulher e, da última vez, para comprar uma casa e voltar definitivamente para o país. Pelo menos são estes os seus planos.

Maria Lúcia (21 anos, segundo grau incompleto- 2 anos de América - 03 cartas). É irmã de José Mário. As cartas são endereçadas à mãe. Segundo sua mãe, ela sempre quis ir para os Estados Unidos e enquanto os pais puderam segurar o fizeram, mas quando viram que não tinha jeito, pois a filha não conseguia um bom emprego e queria se tornar independente, permitiram que fosse com uma amiga que garantiu aos pais que cuidaria de Maria Lúcia.

Maria Lúcia afirmou que em casa enfrentava alguns problemas por ser mulher, chegava muito tarde e saía muito. Isto gerava conflitos com os pais que, na sua perspectiva, queriam “controlar sua vida”. Maria Lúcia emigrou com uma amiga, Mônica (nome fictício), que viveu cinco anos nos Estados Unidos. Conheceram-se quando Mônica retornou ao Brasil para montar um negócio e, no momento em que Maria Lúcia viu tudo o que ela tinha conseguido no Brasil com seu trabalho nos Estados Unidos, quis emigrar e assim realizar o seu desejo de independência. A amiga se propôs a ir junto para ajudá-la e retornou mais uma vez à “América”. Moram juntas num *basement* (uma espécie de porão) e resolveram que realizariam o projeto juntas. Por isso, trabalham no mesmo lugar, compram presentes juntas, dividem tudo. O trabalho é duro, são garçonetes num bar e trabalham até tarde da noite, praticamente não têm vida social, têm poucos amigos e pretendem voltar logo para o Brasil.

José Antônio (28 anos - nível secundário - 6 anos de América - 40 cartas). Foi para a América pela primeira vez em 1985, para passar apenas 2 meses de férias, quando retornou havia perdido o emprego, deixou no Brasil mulher e dois filhos. O projeto era ficar pouco tempo, apenas para reformar a casa e comprar um táxi. A mulher participou do projeto de “fazer a América” ficando, inclusive, alguns meses com ele nos Estados Unidos. As cartas relatam estes anos de vida entre os Estados Unidos e o Brasil, pois José Antônio retornou ao Brasil várias vezes, nunca conseguiu se legalizar e também não concretizou seus planos no Brasil.

As cartas são verdadeiros discursos amorosos e demonstram as dificuldades deste pastor em realizar a “América”. É o relato mais contundente que possuo do impacto da experiência migratória sobre as relações de gênero. Quando sua esposa entregou-me as cartas o fez com muito medo e chegou a ligar-me pedindo-as de volta, pois não havia dito ao marido o que estava fazendo. Ao ler as cartas entendi seu temor, pois são relatos de intimidade. Mais do que da vida cotidiana na América, falam do desejo, da saudade, da dor provocada pela ausência, do ciúme, da espera, da volta.

O fato de ser um número significativo de cartas, 40 ao todo, permitiram-me uma visão de conjunto do processo migratório. José Antônio retornou definitivamente ao Brasil em 93 e atualmente mora em Governador Valadares consertando eletrodomésticos.

Destes emigrantes, encontrei-me nos Estados Unidos com Maria Antônia, Maria Marta, Maria Lúcia, José Mário e José Júlio. Os demais emigrantes não foram localizados ou porque não dispunha de endereço atualizado ou porque se encontravam na Flórida, o que ultrapassava os custos da viagem.